

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

Everton Terres Cardoso

O suplemento cultural como rede de relações

Os intelectuais no *Caderno de Sábado* do jornal
Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1981)

Porto Alegre

2016

EVERTON TERRES CARDOSO

O suplemento cultural como rede de relações

Os intelectuais no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (linha de pesquisa Jornalismo e processos editoriais) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

Orientação: Profa. Dra. Cida Golin

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso, Everton

O suplemento cultural como rede de relações: os intelectuais no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1981) / Everton Cardoso.

-- 2016.

255 f.

Orientadora: Cida Golin.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Jornalismo cultural. 2. Suplemento cultural.
3. Intelectuais. 4. Cardeno de Sábado. 5. Correio do Povo. I. Golin, Cida, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova a tese intitulada **O suplemento cultural como rede de relações: os intelectuais do *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)**, elaborada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Informação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas – UFRJ

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt – PUCRS

Profa. Dra. Marcia Benetti Machado – UFRGS

Profa. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow – UFRGS

Porto Alegre, 23 de maio de 2016

A meus pais, Virceu e Solema.

À minha orientadora Cida Golin.

Àqueles cujas memórias jamais nos
deixam esquecer como as coisas foram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que, de alguma forma, participaram deste percurso.

À família e aos amigos, por compreenderem minhas ausências.

Aos amigos Ricardo, Paulo, Bianca, Marina, Caroline, Bernardo, Marilise, Sandro, José e Wagner pelas presenças constantes e afetuosas.

À minha orientadora, Dr.^a Cida Golin, pelos saberes compartilhados, pelas muitas portas abertas, pela confiança, pela paciência e pela amizade.

Aos colegas Mariana, Anna, Luciano, Bianka, Maria Rita, Débora, Anelise, Gabriela e Sabrina pela amizade e por compartilharem as angústias.

À professora Dra. Marcia Benetti por suas contribuições na banca de qualificação e pela marca deixada em minha trajetória.

Ao professor Dr. Antonio Hohlfeldt pelos constantes testemunhos, pela participação na banca de qualificação e pelo empréstimo de sua coleção do *Caderno de Sábado*.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela possibilidade de realizar este sonho.

Ao secretário de Comunicação Social da UFRGS, Ricardo Schneiders da Silva, e aos colegas da equipe do *Jornal da Universidade* pela possibilidade de dedicar mais de meu tempo a este projeto.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela experiência enriquecedora da docência.

Ao Estado brasileiro pela formação em pós-graduação em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

A volta ao passado foi meu coração quem me ensinou, a gente pode fazê-la toda vez que quiser.

Paulo de Gouvêa

na capa da edição de 7 de abril de 1979
do *Caderno de Sábado*

Afinal, toda arte traduz uma época. A forma como o fez, em certo momento do passado, se não nos agrada nesse momento, nem por isso deixa de ser um fato de cultura.

Guilhermino Cesar

na capa da edição de 4 de março de 1978
do *Caderno de Sábado*

RESUMO

Os intelectuais são agentes sociais que – amparados no capital cultural e no poder a ele associado, no domínio da escrita e na circulação pública de suas ideias – ocupam uma posição de destaque no contexto social. Criadores e mediadores culturais, ou organizadores da cultura, constituem um campo que, marcado por lutas por um tipo específico de capital simbólico, apresenta hierarquias definidas de agentes e instituições. O jornalismo cultural, sobretudo por meio dos suplementos, se posiciona como sistema pretensamente perito e modo de conhecimento da realidade que cumpre funções de mediação entre essa elite culta e o público. Especializados e situados na interseção dos campos jornalístico e intelectual, os encartes dedicados à cultura acabam por fazer circular o pensamento desses intelectuais e se constituem, assim, em redes de sociabilidade. Este trabalho, então, parte da seguinte pergunta problematizadora: como o projeto editorial do *Caderno de Sábado* se configurou como uma rede de relações entre intelectuais de 1967 a 1981? Para tal, operou-se um processo inicial exploratório das 646 edições do suplemento e se chegou à lista dos dez colaboradores mais frequentes no período: o poeta e tradutor Mario Quintana; o funcionário público, professor, crítico literário e historiador Guilhermino Cesar; o crítico musical, livreiro e conferencista Herbert Caro; o professor, jornalista e crítico literário e teatral Antonio Hohlfeldt; o jornalista, poeta e teatrólogo Paulo de Gouvêa; a romancista, cronista e jornalista Clarice Lispector; o engenheiro, historiador e professor Francisco Riopardense de Macedo; o advogado, poeta e crítico literário Paulo Hecker Filho; o funcionário público, crítico literário e historiador Moysés Vellinho; e o jornalista Ney Gastal. A seguir, a fim de detectar indícios que pudessem servir para amparar a reflexão proposta, procedeu-se uma pesquisa de caráter longitudinal e panorâmico. Para tal, realizou-se a Análise de Conteúdo de 3.029 ensaios, artigos, crônicas, contos e poemas assinados por esses nomes. No processo de categorização, os textos foram classificados segundo as temáticas e as referências geográficas e temporais. A partir dos dados coletados no *corpus* e de pesquisa bibliográfica, foram traçados os itinerários desses indivíduos e se procurou, entre eles, cruzamentos na história da intelectualidade sulina. Chegou-se, então, a uma rede de sociabilidade que estava estruturada ao redor dos dois editores do *Caderno de Sábado* – P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich. O suplemento, naquele momento histórico, se posicionou como um articulador desse sistema de relações; hoje, resta como memória e como registro documental da movimentação cultural e da produção intelectual do período. Vislumbra-se, assim, uma dinâmica de recrutamento baseada em afinidades intelectuais e adesão ao projeto editorial. Percebe-se, também, um movimento de reconhecimento desses sujeitos, por parte da publicação, que se manifesta nas escolhas editoriais e num sistema de homenagens. Ainda, é possível entrever indícios de estratificação baseada no capital simbólico acumulado e na relação desses agentes com os movimentos e agrupamentos de intelectuais, as entidades de congregação e reconhecimento, os circuitos da escrita – sistema literário, mercado editorial e imprensa –, a academia e o Estado. O *Caderno de Sábado*, ao mesmo tempo que participava da dinâmica de consagração, angariava prestígio para si mesmo e também para o *Correio do Povo*, naquele momento um jornal de alcance e repercussão nacional.

Palavras-chave: Jornalismo cultural. Suplemento cultural. Intelectuais. *Caderno de Sábado*. *Correio do Povo*.

ABSTRACT

Intellectuals are social agents that – based on the cultural capital and the power associated with it, in the ability of writing and public circulation of their ideas – occupy a prominent position in the social context. Creators and cultural mediators, or culture organizers, they are part of a field marked by struggles for a specific type of symbolic capital and that has defined hierarchies of agents and institutions. Cultural journalism, especially by means of cultural supplements, is positioned as supposedly expert system and knowledge of reality that meets mediation functions between this educated elite and the public. Specialized and located at the intersection of journalism and intellectual fields, cultural supplements make the thoughts of these intellectuals public and form, this way, social networks. This work then aims to discuss the following question: how is *Correio do Povo's Caderno de Sábado* (Porto Alegre, 1967-1981), within the historical context in which it took root, configured as a network of relations between intellectuals? To achieve such objective, it was conducted an exploratory process that included all the 646 editions and a list of the ten most frequent authors in the period was elaborated: the poet and translator Mario Quintana; the civil servant, teacher, literary critic and historian Guilhermino Cesar; the music critic, bookseller and lecturer Herbert Caro; the professor, literary and theatrical critic and journalist Antonio Hohlfeldt; the journalist, poet and playwrighter Paulo de Gouvêa; the novelist, columnist and journalist Clarice Lispector; the engineer, historian and professor Francisco Riopardense de Macedo; the lawyer, poet and literary critic Paul Hecker Filho; the civil servant, literary critic and historian Moysés Vellinho; and journalist Ney Gastal. After this, with the objective of collecting indexes that could serve to support this reflection, a longitudinal and panoramic investigation was made. A Content Analysis was conducted with 3,209 essays, articles, chronicles, short stories and poems signed by those names. In the categorization process, the texts were classified according to their themes and geographical and temporal references. From these data and bibliographical research, the itineraries of these individuals were drawn and crossings in the history of southern intelligentsia were sought. This has resulted, then, in a network of sociability that was structured around *Caderno de Sábado's* editors – P. F. Gastal and Oswaldo Goidanich. The supplement, then, at that historic moment, has positioned itself as an articulator of this system of relations; today, it remains as a memory and as a documentary record of the cultural movement and the intellectual production of the period. It is noticeable, thus, a recruitment dynamic based on intellectual affinity and adhesion to the editorial project. It is noticed also a recognition movement of these people, by the publication, which is manifested in the editorial choices and an tribute system. Still, it is possible to glimpse stratification evidence based on accumulated symbolic capital and the relationship of these agents with the movements and intellectual groups, congregation entities and recognition, writing circuits - literary system, publishing and press -, academia and the state. *Caderno de Sábado*, while participating in the dynamic of consecration, garnered prestige for itself and also for *Correio do Povo*, at that time a newspaper that had national impact.

Keywords: Cultural journalism. Cultural supplement. Intellectuals. *Caderno de Sábado*. *Correio do Povo*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INTELLECTUAIS, JORNALISMO E SUPLEMENTOS CULTURAIS	25
2.1 Intelectuais e posição social	25
2.1.1 <i>Associação entre poder e conhecimento</i>	26
2.1.2 <i>Caso Dreyfus e o engajamento político</i>	30
2.1.3 <i>Intelectual total e visibilidade pública</i>	33
2.1.4 <i>Criadores e mediadores culturais</i>	35
2.1.5 <i>Campo intelectual como espaço de lutas e hierarquias</i>	43
2.2 Jornalismo cultural como instância de mediação e produção intelectual	51
2.3 Suplementos culturais, intelectuais e conhecimento especializado	56
3 INTELLECTUALIDADE NO BRASIL E NO RS: CADERNO DE SÁBADO	60
3.1 Intelectuais no Brasil: uma perspectiva histórica	60
3.1.1 <i>Modernismo e inovação estética</i>	66
3.1.2 <i>Vínculo com o poder estatal</i>	70
3.1.3 <i>Os suplementos culturais como lugar de reunião de intelectuais</i>	78
3.1.4 <i>Institucionalização e profissionalização</i>	81
3.2 <i>Correio do Povo e Caderno de Sábado</i>	87
4 O CADERNO DE SÁBADO E SEUS INTELLECTUAIS: TRAJETÓRIAS	99
4.1 Mario Quintana (1906-1994)	113
4.2 Guilhermino Cesar (1908-1993)	119
4.3 Herbert Caro (1906-1991)	125
4.4 Antonio Hohlfeldt (1948-)	130
4.5 Paulo de Gouvêa (1901-1988)	135
4.6 Clarice Lispector (1925-1977)	140

4.7 Francisco Riopardense de Macedo (1921-2007)	143
4.8 Paulo Hecker Filho (1926-2005)	149
4.9 Moysés Vellinho (1902-1980)	153
4.10 Ney de Araújo Gastal (1951-)	159
5 O CADERNO DE SÁBADO COMO REDE DE INTELECTUAIS	164
5.1 Os editores como mentores do recrutamento	165
5.1.1 <i>Oswaldo Goidanich (1917-1995)</i>	<i>169</i>
5.1.2 <i>P. F. Gastal (1922-1996)</i>	<i>170</i>
5.2 As instâncias do microclima intelectual	178
5.2.1 <i>Agrupamentos e movimentos</i>	<i>179</i>
5.2.2 <i>Entidades de congregação e reconhecimento</i>	<i>183</i>
5.2.3 <i>Sistema literário</i>	<i>184</i>
5.2.4 <i>Mercado editorial</i>	<i>190</i>
5.2.5 <i>Imprensa</i>	<i>193</i>
5.2.6 <i>Estado</i>	<i>194</i>
5.2.7 <i>Academia</i>	<i>196</i>
5.3 O suplemento e seu sistema reconhecimento e pertencimento à rede	201
5.4 A rede de intelectuais como sistema estratificado	206
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
REFERÊNCIAS	225
ANEXOS	247
Anexo I – Análise de Conteúdo	248
Anexo II – Tabela com dados biográficos dos autores analisados	250

1 INTRODUÇÃO

O economista, professor e crítico literário José Hildebrando Dacanal, durante entrevista para a realização de minha dissertação de mestrado, disse ter sido o suplemento semanal *Caderno de Sábado*, publicado pelo jornal *Correio do Povo*, o segundo grande momento da história da intelectualidade urbana do Rio Grande do Sul. O primeiro, conforme o também jornalista e ensaísta, teria sido a Sala de Tradutores da Editora Globo, que reuniu sujeitos de alta formação para um empreendimento que foi, ao mesmo tempo, comercial e cultural. No final dos anos 1960 e durante os anos seguintes, o que se veria em Porto Alegre era um processo em que essa geração mais antiga saía de cena e começavam a aparecer os jovens que se formavam nas universidades. O suplemento que veio a público no final dos anos 1960, assim, “reúne o Rio Grande antigo e o que estava nascendo” (DACANAL, 2008 *apud* CARDOSO, 2009). Teria sido o último suspiro de uma geração cosmopolita cuja formação estava ligada à Europa.

Também entrevistado para aquele projeto, o poeta, professor e pesquisador Armindo Trevisan (2008 *apud* CARDOSO, 2009) faz coro ao destacar que, nesse período, a cena gaúcha era dominada por tentativas de se entender os clássicos locais da literatura e da cultura, ao mesmo tempo em que se consolidavam a cultura acadêmica e a pesquisa universitária em Porto Alegre. Os relatos desses que foram alguns dos colaboradores mais frequentes do suplemento no período estudado naquela primeira incursão pela publicação – a gênese do *Caderno de Sábado* – restaram, após a conclusão do trabalho, como perguntas a serem respondidas por um novo projeto: afinal, que lugar ocupa o *Caderno de Sábado* na história da intelectualidade sulina? Esta tese, então, é uma forma de transformar aquela inquietação em uma possibilidade de nova reflexão sobre o objeto que, desde 2007, me acompanha no trabalho investigativo.

O *Caderno de Sábado* circulou semanalmente entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981¹. Foi idealizado por P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich. Projeto antigo deixado à espera, no *Correio do Povo*, foi posto em prática em poucos dias, depois de uma conversa com o proprietário da Caldas Júnior e diretor do jornal, Breno Caldas (DILLENBURG, 1997; GASTAL, 1996). Ambos os editores já tinham um histórico de vinculação com o campo da produção cultural da cidade em um momento em que este começava a se organizar de forma mais institucionalizada. Experientes jornalistas da área cultural da Companhia Jornalística Caldas Junior, Gastal – um homem de cinema, crítico e alinhado a uma ideia de cultura voltada para a elevação do espírito – e Goidanich – ligado à promoção do turismo, às artes visuais e à organização de instituições culturais – atraíram e fizeram orbitar ao redor de seu projeto um conjunto de intelectuais de perfis bastantes diversos. Ali, esses homens e mulheres de cultura – alguns consagrados, outros em processo de reconhecimento –, ao mesmo tempo em que se engajavam num projeto editorial marcado pela formação cultural do leitor, participavam de uma dinâmica que, simultaneamente, concedia-lhes notoriedade e também associava suas imagens ao suplemento. Eram, nesse espaço, nomeados e tinham seus perfis públicos construídos; eram, pois, reconhecidos e hierarquizados.

Abreu (1996), em seu estudo sobre o surgimento e a consolidação desse tipo de publicação no Brasil, diz terem sido os anos 1950 o seu auge; na década seguinte, já se modificavam e aos poucos foram incorporando a lógica do mercado de produtos culturais: voltavam-se mais para a dinâmica dos lançamentos que para a reflexão. Em Porto Alegre, no entanto, foram lançados, em 1967, dois suplementos que correspondiam ao ideal que esteve vigente, no

¹ Desde 1º. de março de 2014, o *Correio do Povo* – agora pertencente ao conglomerado de mídias Record – voltou a publicar um suplemento sabatino de cultura chamado *Caderno de Sábado*. Editado por Luiz Gonzaga Lopes e sob coordenação editorial de Juremir Machado da Silva, em seu número de estreia, a publicação trouxe uma reportagem de página dupla – também matéria de capa – que procurava ligar esta nova versão àquela homônima veiculada em décadas anteriores. O novo formato traz textos reflexivos sobre diversas áreas e estabelece relações com o campo acadêmico local, ainda que em textos menos extensos. Contém, porém, roteiro de cinema, resumos de novelas, programação de televisão e rádio, palavras cruzadas, colunas sociais e horóscopo. Estes são elementos típicos do jornalismo cultural nos cadernos diários – inclusive no caderno *Arte & Agenda*, do *CP* –, mas não faziam parte do repertório do suplemento editado nos anos 1970. Também diferentemente de seu antecessor, o novo encarte traz publicidade.

país, na década anterior. Constituíram-se em ‘arquivos’ que se contrapunham à efemeridade característica do fazer jornalístico: a partir de abril, circulou o quinzenal *Caderno de Cultura*, do jovem e popular *Zero Hora*; e, cinco meses mais tarde, o semanal *Caderno de Sábado*, do tradicional e hegemônico *Correio do Povo* (GOLIN *et al.*, 2013)². Por sua longevidade e por seu vínculo com uma publicação de renome e alcance nacional, este último acabou por ocupar posição dominante e passou à memória cultural de Porto Alegre como principal espaço aglutinador da intelectualidade e de circulação do pensamento, sobretudo em termos de cultura, no Rio Grande do Sul.

Tendo em vista esses traços do *Caderno de Sábado* e o contexto em que a publicação se inseria, o eixo central de problematização desta tese é construído ao redor de alguns pressupostos teóricos advindos da literatura sobre jornalismo, jornalismo cultural, suplementos culturais e intelectuais. Parte-se, assim, de uma perspectiva marcada pelo viés construcionista (TRAQUINA, 2005), segundo o qual a produção jornalística é, simultaneamente, uma construção social condicionada por um conjunto de fatores culturais, sociais, econômicos e profissionais; e construtora de uma versão da realidade que acaba por formar o imaginário social ao redor de temas, pessoas, situações e outros aspectos da experiência cotidiana. Nesse sentido, o jornalismo é um modo de conhecimento que se configura como uma instância capaz de reprocessar o discurso formal das ciências e os códigos artísticos em linguagem mais próxima do público, e que torna esse conjunto de saberes acessível de forma mais ampla (MEDITSCH, 2002). A partir dessa relação que estabelece com o público e do lugar social legitimado que ocupa, o jornalismo, então, se pretende como um sistema perito e cuja aparência de

² Também, nos anos 1970, o *Diário de Notícias* (Porto Alegre, 1925-1979) editou um suplemento chamado *DN Cultura*, ao qual tive acesso por meio de alguns exemplares isolados. Não foram encontrados, porém, dados e análises mais precisos sobre ele na literatura consultada para este projeto. É muito provável que não tenha tido a importância e nem tenha permanecido na memória porque era editado por um jornal que, nesse momento, já não tinha o prestígio da primeira metade do século XX. Pertencente ao conglomerado dos Diários Associados e fundado em 1930, o *DN* chegou a ser o mais importante da capital, mas desde que se opôs a Getúlio Vargas e foi depredado, em 1954, aos poucos foi perdendo força. Também a morte do proprietário da rede de veículos, Assis Chateaubriand, em 1968, e o conseqüente dismantelamento de suas empresas jornalísticas afetaram a posição ocupada pelo diário sulino. Fechou definitivamente em 1979.

excelência técnica lhe serve de amparo para um contrato de confiança com o público (MIGUEL, 1999; CHARADEAU, 2009).

Nesse sentido, quando dedicado aos temas culturais, o jornalismo assume um lugar de divulgação, criação e análise. Como é típico da prática jornalística apagar o seu modo de produção e se posicionar como um domínio capaz de reproduzir a realidade, o público tem, no veículo jornalístico, um registro que se apresenta como a totalidade da movimentação do campo da produção cultural em um determinado momento histórico. O jornalismo, também, com seu poder de dizer e silenciar, interfere na consagração de determinados produtos e agentes do campo de produção cultural, causando efeitos até mesmo no processo produtivo. Nessa luta por prestígio, a distinção, no sentido estabelecido por Bourdieu (2007), torna-se um capital que interessa, como uma das possíveis formas de consagração, aos agentes envolvidos na produção, montagem e circulação da cultura (GOLIN; CARDOSO, 2010).

Inseridos nessa lógica, os suplementos culturais se diferenciam do corpo principal dos periódicos por se dirigirem a um público mais restrito e por carregarem consigo, de forma mais marcada, a ideia de cultura como formação do sujeito por meio da leitura e do contato com as letras, artes e humanidades (GOLIN; CARDOSO, 2010). Configurados no Brasil em meados do século XX, esses encartes – voltados ora para a circulação de ideias, ora para os produtos e eventos culturais, ora para ambos – serviram como articuladores de redes de sociabilidade e participaram da construção do campo intelectual brasileiro (ABREU, 1996).

Historicamente, esse papel tem sido exercido por publicações literárias e culturais de diversos perfis – em alguns casos, inclusive, chegaram a operar como verdadeiros manifestos artísticos e literários. De modo geral, têm reunido ao seu redor agentes do campo intelectual que compartilham uma determinada visão de mundo e que, orbitando ao redor de um projeto editorial, formam um círculo de fidelidade e admiração. Constituem, assim, um sistema de cooptação, reconhecimento e hierarquização baseado em relações geográficas e afetivas que, em certos casos, apresentam certo grau de institucionalização (SIRINELLI, 1988; GOMES, 1993).

Intelectuais tem-se configurado, de maneira geral, como sujeitos que desempenham socialmente papéis de criadores e mediadores culturais. Enquanto aqueles participam da criação artística e literária ou do progresso do saber; estes contribuem para difundir, divulgar ou vulgarizar essa produção. Nesse sentido é que o processo que os envolve tem uma origem multiforme e uma circulação complexa e ramificada. São, pois, vetores nos processos internos e externos ao campo da produção cultural (SIRINELLI, 1998).

Inseridos em um campo de lutas, esses agentes adotam estratégias que podem resultar em processos de legitimação e meios de acesso a determinadas posições dentro da hierarquia dessa instância da sociedade (BOURDIEU, 2007). A partir dessa lógica, são criadores, portadores e transmissores de ideias que, ao dominarem a escrita e deterem canais prestigiosos de circulação de ideias, se reconhecem entre si como pertencentes a essa categoria social e encabeçam os processos de organização da cultura (BOBBIO, 1997; GRAMSCI, 1998). No caso brasileiro, de forma mais específica, têm ocupado essas posições sobretudo no mercado editorial, em órgãos estatais, na imprensa e na academia, além de se engajarem em alguns movimentos artísticos e literários e suas respectivas publicações.

Os homens e mulheres de cultura têm, portanto, uma trajetória individual marcada por sua formação e suas afinidades ideológicas. Nesses caminhos que, em dados momentos e lugares e sob certas circunstâncias, se cruzam, acabam por formar redes de sociabilidade e integram gerações, ou seja, agrupamentos que, a partir de um processo de diferenciação, passam a ser reconhecidos sob uma designação específica pela memória coletiva. Participam, assim, de processos de recrutamento, reconhecimento e estratificação que têm como resultado a formação de um campo estruturado de relações e sociabilidades (SIRINELLI, 1986; 1988; 1998).

Tendo esses pressupostos em vista, então, o presente trabalho se organiza em torno da seguinte questão: como o projeto editorial do *Caderno de Sábado* se configurou como uma rede de relações entre intelectuais de 1967 a 1981?

A partir desse eixo de reflexão, pois, esta tese tem por objetivo geral discutir como o *Caderno de Sábado*, dentro do contexto histórico em que se inseria, se configurou como uma rede de relações entre intelectuais de 1967 a 1981. Ainda, são objetivos específicos: discutir a relação entre a intelectualidade e suplementos semanais de cultura como lugares de um tipo específico de jornalismo cultural; posicionar o *Caderno de Sábado* em perspectiva histórica, dentro dos contextos sul-rio-grandense e brasileiro, como lugar de reunião de intelectuais; levantar indícios que permitam traçar as trajetórias dos dez intelectuais mais frequentes no suplemento do *Correio do Povo*; mapear os temas e as referências temporais e geográficas dos textos produzidos por cada um dos autores escolhidos para, assim, analisar a participação desses indivíduos no CS; buscar indícios de recrutamento, reconhecimento e estratificação desses homens e mulheres de cultura pelo suplemento; identificar as principais instâncias do microclima intelectual da época em relação com o *Caderno de Sábado*; problematizar como o suplemento cultural se configura como espaço de relação entre os campos jornalístico e intelectual.

Para propor tal reflexão, o presente trabalho, então, apresenta alguns elementos das trajetórias dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado*: o poeta e tradutor Mario Quintana; o funcionário público, professor, crítico literário e historiador Guilhermino Cesar; o crítico musical, livreiro e conferencista Herbert Caro; o professor, jornalista e crítico literário e teatral Antonio Hohlfeldt; o jornalista, poeta e teatrólogo Paulo de Gouvêa; a romancista, cronista e jornalista Clarice Lispector; o engenheiro, historiador e professor Francisco Riopardense de Macedo; o advogado, poeta e crítico literário Paulo Hecker Filho; o funcionário público, crítico literário e historiador Moysés Vellinho; e o jornalista e ambientalista Ney Gastal; além dos editores P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich. A partir daí e à luz das teorias propostas, buscou-se estabelecer conexões entre esses sujeitos para compreender a rede formada por eles.

Partindo da ideia de que o objeto de pesquisa se constitui em uma proposição teórica surgida do gesto de construção proposto pelo pesquisador (BRAGA, 2011), esta tese pretende, portanto, conduzir um exercício de análise

dos índices coletados no material documental e estabelecer relações com o arcabouço conceitual previamente definido. Visa-se, assim, tornar a problematização proposta acima operacionalizável e extrapolar seu caráter teórico inicial (MARRE, 1991). Para efetuar a coleta desses elementos advindos da coleção de documentos, optou-se pela Análise de Conteúdo – uma hermenêutica controlada (BARDIN, 2011) –, já que esta permite uma leitura metódica e minuciosa de um *corpus* que, por se estender por um longo período de tempo, é numeroso (KRIPPENDORFF, 1997; BAUER, 2002) – neste caso, 13 anos e quatro meses de suplementos semanais, o que totaliza 646 edições. Foram tomados como amostra, então, os 3.029 textos dos dez autores escolhidos. É relevante ressaltar, porém, que o acesso aos encartes só foi possível em coleções físicas de acervos de Porto Alegre – não há versões digitalizadas – que, em sua maioria, têm acesso restrito ou não estão em bom estado.

Os documentos, aqui, não são encarados como transparentes, pois estão inseridos em um contexto de relações socioculturais (CARDOSO; VAINFAS, 1997). Por essa razão, é fundamental que os dados coletados por meio do processo de categorização sejam contextualizados com elementos que podem vir do próprio documento ou, também, de questões extratextuais. A busca consiste, assim, em um mapeamento das relações entre os textos, as formas como estão materializados e as relações externas historicamente construídas e que têm impacto sobre a sua produção, circulação e consumo. Essa combinação entre aspectos qualitativos e quantitativos, na Análise de Conteúdo, “é um reflexo da guinada no sentido da superação da lógica positivista, que tradicionalmente se centra mais na quantificação e tende a supervalorizar o que é mais frequente, deixando de lado os pormenores” (GOLIN; CARDOSO; SIRENA, 2015).

A intenção é, ao final do percurso de pesquisa, chegar a “inferências abstratas (‘genéricas’) sobre o mundo ‘em que aquele caso pode ocorrer” (BRAGA, 2008, p. 86), ou seja, reelaborar o pensamento acerca de noções e modelos previamente estabelecidos. No caso específico deste trabalho, isso se refere à configuração dos encartes como redes de sociabilidade e lugares de reunião da intelectualidade – visões essas bastante recorrentes na literatura

sobre o tema, mas ainda pouco problematizadas de forma mais específica e sistematizada.

Parte dessas impressões vem do levantamento sobre o assunto feito para esta tese. Ainda que a pesquisa em jornalismo cultural se tenha mostrado bastante profícua em termos nacionais e internacionais, são poucos os trabalhos que discutem mais profunda e demoradamente esses processos de constituição dos suplementos culturais como redes de intelectuais – ainda que esta ideia, de alguma forma, apareça em diversos trabalhos.

Nesse sentido, é interessante observar a produção levantada, em nível mundial, no âmbito núcleo Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD|CNPq) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 2012 e 2013 e publicado sob o título *Jornalismo cultural: pesquisa internacional sobre artigos registrados em bases de dados* (GOLIN *et al.*, 2014). Esse mapeamento permite dimensionar o conhecimento que já circula a respeito do jornalismo cultural de um modo geral. A partir do levantamento realizado nas bases de dados Scopus, Web of Science, Scielo e Dialnet, foi possível chegar a 40 artigos que tratam do tema. Traçou-se, assim, um panorama em nível internacional: são marcantes numericamente as pesquisas realizadas na Espanha, Reino Unido, Países Baixos, Argentina, Venezuela e Brasil, com destaque para a Erasmus University (Roterdã, Países Baixos) e a Universidad Complutense de Madrid (Espanha). Normalmente, são produzidos por pesquisadores vinculados aos estudos em Comunicação e Jornalismo, em sua maioria, mas também às Letras, Literatura, História da Arte, Sociologia, Antropologia e Artes. Análises sobre crítica de arte e jornalismo impresso ganham relevância no conjunto de trabalhos levantados. Em linhas mais gerais, percebem-se também como tendências as pesquisas longitudinais e históricas, as discussões sobre a identidade dos profissionais responsáveis por essa prática, além de proposições de cunho teórico que buscam definir de forma mais precisa esse campo de atuação. A noção de cultura é o articulador central de muitos dos textos, sobretudo por seu caráter hierarquizador e pelo viés marcado pelo consumo.

Para além das bases de dados, no contexto brasileiro, ganham destaque os trabalhos desenvolvidos na Universidade Metodista de São Paulo, em projetos de pesquisa coordenados pelo Prof. Dr. José Salvador Faro: *Inventário da produção acadêmica sobre Jornalismo Cultural (2011-2013)*; *Universo temático e editorial dos cadernos de cultura dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo (2007-2010)*; e *Jornalismo Cultural: espaço público da produção intelectual (2003-2006)*. Dentro do âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação a que estão vinculados esses projetos, e orientados pelo mesmo docente, foram realizadas cinco pesquisas de mestrado e três de doutorado. Em sua maioria, tratam de experiências mais pontuais, como o caso das revistas *Senhor* (BASSO, 2005), *Bravo!* (MEDEIROS, 2008), *Cult* (TSUTSUI, 2006) e *piauí* (SILVA, 2009); do caderno diário de cultura *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo* (ROCHA, 2007); e dos suplementos *Eu & Fim de semana*, do *Valor Econômico* (CORDENOSI, 2009) e *Folhetim*, também da *Folha de S. Paulo* (POLACOW, 2007).

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, encontra-se uma concentração de trabalhos voltados para essa prática específica, ainda que com um enfoque predominantemente mais histórico. Em torno dos projetos *Jornalismo e sistema cultural: estudo da representação da cidade no suplemento Cultura de Zero Hora* – em andamento desde 2012 – e *Jornalismo e representação do sistema artístico-cultural nos anos 80: um estudo do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988)* – realizado entre 2007 e 2012 –, já foram finalizadas sete dissertações de mestrado, que propõem reflexões sobre o jornalismo cultural na revista *Bravo!* (CAVALCANTI, 2016) e nos jornais *O Estado de São Paulo* (MOGENDORFF, 2013; MÜLLER, 2015), *Zero Hora* (KELLER, 2012) e *Correio do Povo* (CARDOSO, 2009; FREITAS, 2011; SIRENA, 2014). Há, também, um estudo sobre o personagem Barão de Itararé (JACOBUS, 2010).

Aproxima-se, especificamente, do objeto de estudo proposto para a presente pesquisa – a relação entre intelectuais e jornalismo no Brasil –, a tese de doutoramento *Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social*, defendida por Fabio Pereira em 2008 no

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e lançada em 2011 em formato de livro pela Summus Editorial (PEREIRA, 2011). Partindo de uma perspectiva interacionista simbólica, o autor discute a definição estatutária de dez profissionais cuja atuação se encontra na fronteira entre o jornalismo, a literatura, a academia e a política – Adísia Sá, Alberto Dines, Antonio Hohlfeldt, Carlos Chagas, Carlos Heitor Cony, Flavio Tavares, Juremir Machado da Silva, Mino Carta, Raimundo Pereira e Zuenir Ventura³.

Mais recentemente, no segundo semestre de 2013, a revista científica *Eco-Pós*, publicada pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dedicou o número 2 de seu volume 16 ao dossiê *Mídia, Intelectuais e Política*. Dentro desse escopo, oito artigos discutiram temas referentes à relação desses sujeitos com o campo jornalístico. Nos textos – como marca a apresentação elaborada pela equipe de editores –, problematiza-se “como as reconfigurações da função e da natureza da atividade intelectual ao longo do século XX e neste novo século foram marcadas por processos midiáticos, por transformações estruturais no espaço e na opinião públicos” (BARBOSA; COUTINHO; SACRAMENTO, 2013). Há, entre os trabalhos publicados, desde discussões sobre como os intelectuais do campo científico têm abordado da temática da comunicação até estudos mais pontuais sobre sujeitos, veículos de mídia e as relações entre ambos.

³ Inicialmente, Pereira (2011) aborda o surgimento da ideia de intelectual a partir do caso Dreyfus, na França, e a seguir passa a uma discussão bastante marcada pela questão do engajamento desses sujeitos no espaço público e por estudos de cunho sociológico que buscam tratar da relação entre os campos intelectual e jornalístico. A partir dessa aproximação, e apropriando-se da noção de Gramsci de que o homem de cultura se define principalmente pelo papel que assume nas relações sociais, o autor estabelece os veículos jornalísticos como lugares privilegiados para a atribuição do estatuto de intelectual. A partir desse referencial, o autor discute diferentes temas presentes nas conversas realizadas com os sujeitos que compõem seu *corpus*. Entre os principais temas, a dimensão ética e social da atuação do jornalista-intelectual, como esses profissionais definem a si mesmos, a relação desses com o campo acadêmico, a reputação e a implicância disso na atuação jornalística e o engajamento político. Ainda, o autor aponta o jornalismo literário, a imprensa alternativa, as ciências sociais e as colunas de opinião como lugares principais onde esses profissionais têm estabelecido sua atuação nas últimas décadas. Ele atenta, também, para o fato de, mais recentemente, os jornais terem perdido espaço como lugar primordial para o debate intelectual, principalmente a partir da nova configuração industrial que esse campo tem assumido. Esses posicionamentos, assim, ocorrem também nos partidos políticos, nas redes de pesquisa, nas sociedades científicas e em outros setores da indústria cultural.

Mais especificamente sobre questões referentes ao *Caderno de Sábado*, vale destacar os trabalhos que tratam de dois dos colaboradores mais frequentes em suas páginas e que, de alguma forma, servem de subsídio para a discussão proposta por este projeto. O primeiro deles – já mencionado acima – é *A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão*, dissertação de mestrado defendida por Ana Laura de Freitas (2011) no PPGCOM/UFRGS. Em sua reflexão, a autora aborda o papel de mediação exercido pelo colunista de música clássica do suplemento porto-alegrense. Também voltada para a análise do trabalho de um autor específico está a tese *Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo: em busca do ouvido certo*, defendida por Vivian Igenes Albertoni da Silva em 2010 no Programa de Pós-graduação em Letras, também na UFRGS. Partindo de uma leitura dos textos de autoria de Cesar publicados no suplemento semanal da Caldas Júnior, o trabalho apresenta uma visão do colunista como divulgador de diversos temas culturais, além de formador dos leitores – este um ideal bastante presente no suplemento. Cesar também é tema de três livros: *Guilhermino Cesar: memória e horizonte* (CAMPOS, 2010) – uma coletânea de artigos de autores de diversas áreas sobre aspectos da vida e da obra do intelectual –; *Caderno de Sábado: páginas escolhidas – Guilhermino Cesar* (CESAR, 2008); e *Notícia do Rio Grande: literatura* (CESAR, 1994) – estes últimos duas coletâneas de textos de autoria do crítico e historiador.

Inserida nos estudos em jornalismo, portanto, esta tese pretende, antes de mais nada, dar continuidade aos trabalhos de pesquisa realizados no âmbito do grupo de Estudos em jornalismo e publicações culturais, vinculado ao Laboratório de Edição, Cultura e Design (Lead/ Fabico/UFRGS) na tentativa de compreender de que forma os suplementos semanais de cultura se configuram como espaço especializado de jornalismo cultural por contrariarem a lógica efêmera das publicações diárias.

Se tomada a ideia de Sirinelli (1998; 2003) de que as publicações culturais têm, historicamente, sido lugares em que é possível se perceber campos magnéticos ao redor dos quais se organizaram estruturas resultantes de adesão a determinado projeto, a perspectiva aqui adotada – a partir de um

estudo dos sujeitos que se vincularam ao suplemento – pode oferecer elementos para que se compreenda outro aspecto relativo ao projeto editorial veiculado pelo *Correio do Povo*. Se, em uma primeira aproximação (CARDOSO, 2009), foi possível vislumbrar alguns sentidos marcados na publicação a partir do viés da noção de cultura nela implícita, por meio desta tese, pretende-se formular inferências a respeito dos critérios editoriais que pautaram a iniciativa.

Tendo surgido uma década depois de seus antecessores pioneiros, no centro do país, o *Caderno de Sábado* parece ter suprido a necessidade local de um “desaguadouro” para a produção intelectual. Assumiu, assim, a função que outros periódicos já haviam desempenhado anteriormente na história da produção cultural no Rio Grande do Sul. Restou, por isso, na memória da intelectualidade sulina, como o lugar de convergência dos homens e mulheres de cultura entre o final dos anos 1960 e o princípio dos 1980. Sucedeu, portanto, espaços que, quando de seu surgimento já tinham esse lugar consagrado no imaginário local e mesmo nacional – caso do Partenon Literário, da Editora Globo e suas publicações e do Grupo Quixote, para citar apenas alguns exemplos.

Em sua época, o *Caderno de Sábado* foi um dos suplementos culturais mais relevantes no Brasil: era veiculado por um diário que tinha prestígio e alcance nacional, em um momento em que os jornais ocupavam um espaço importante na experiência social e no imaginário coletivo; por abrigar em suas páginas nomes de renome nacional e mesmo internacional, o encarte, de forma recíproca, também contribuía para aumentar e reforçar essa posição do *Correio do Povo*. É nesse sentido que esta pesquisa pode contribuir para os estudos voltados para a História do Jornalismo, tanto no Rio Grande do Sul, como no Brasil. Propõe-se, assim, a iluminar as particularidades do Jornalismo Cultural, considerando o segmento específico de suplementos semanais.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, a presente tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro, de cunho mais teórico, apresenta uma proposição sobre intelectuais que, como perspectiva história, sirva para a articulação desse trabalho. Produção, circulação, organização e consumo

cultural emergem, então, como noções ligadas aos homens e mulheres de cultura. São apresentadas e postas em relação com esses conceitos, ideias oriundas do campo de estudos em jornalismo, com relevo para a especialidade dedicada à cultura – e, dentro desta, os suplementos culturais.

O capítulo seguinte pretende pôr o objeto problematizado em perspectiva histórica, marcada temporal e geograficamente. Para tal, traz, a partir da literatura, elementos da história da intelectualidade no Brasil, com ênfase no Rio Grande do Sul. Aparecem com destaque aqueles momentos e circunstâncias em que esses agentes estiveram reunidos ao redor de projetos e causas. Ao final, são apresentados o *Correio do Povo* e o *Caderno de Sábado*, ambos lugares em que convergiram intelectuais e que consistem em objeto de análise para este estudo.

O terceiro capítulo – o de número 4 –, apresenta, a partir da proposta de Sirinelli (1988; 1998; 2003), os itinerários dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado*. Levantam-se elementos de suas biografias e de sua presença no suplemento, sobretudo a partir da análise de conteúdo de seus textos e de elementos editoriais da publicação.

No último capítulo, são propostos cruzamentos entre esses autores escolhidos e os editores do suplemento a fim de buscar elementos referentes à conformação de uma rede de sociabilidade entre eles, também segundo a perspectiva de Sirinelli (1988; 1998; 2003). O objetivo, neste caso, é responder à questão problema a partir da análise de indícios que dizem respeito aos processos de recrutamento, reconhecimento e estratificação dos intelectuais cooptados para fazerem parte do projeto editorial do suplemento do *Correio do Povo*.

2 INTELLECTUAIS, JORNALISMO E SUPLEMENTOS CULTURAIS

Historicamente, o jornalismo tem com frequência sido espaço ocupado pelos indivíduos designados socialmente como intelectuais, ao mesmo tempo em que serve de canal e arena de debates, ou seja, para o processo de constituição e posicionamento social desse grupo. Tendo esse pressuposto em vista, o presente capítulo pretende propor uma noção de intelectual a partir da qual se possa, a seguir, direcionar o olhar sobre o objeto central deste estudo, o *Caderno de Sábado do Correio do Povo*. Ainda, para compor a matriz teórica que permitirá esse gesto interpretativo, são apresentadas ideias referentes ao jornalismo de forma mais geral – vinculadas sobretudo ao paradigma construcionista de estudos da área (TRAQUINA, 2005) – e ao jornalismo cultural, de forma mais específica. Finalmente, essa moldura analítica será direcionada a um recorte bastante específico: os suplementos semanais de cultura tal como têm-se constituído no Brasil a partir da década de 1950.

2.1 Intelectuais e posição social

Os intelectuais⁴, segundo Sirinelli (1998; 2003), são sujeitos que constituem um grupo social de contornos vagos e que durante muito tempo foi considerado pouco significativo em número. Tanto é que ele se apropria de uma expressão usada por Jean-Paul Sartre, em 1960, em um texto que este escrevera após a morte de Albert Camus: o filósofo existencialista falava de um “pequeno mundo estreito”. O estudo dessas elites culturais está situado num campo de encontro de disciplinas que são capazes de diferentes abordagens e de análises de diversas dimensões dessa instância da sociedade, todas elas igualmente legítimas.

Para tentar chegar a uma ideia mais clara de quem são esses sujeitos e, à luz dela, poder pensar sobre o objeto de estudo proposto para este trabalho, é importante que se tenha dimensão de como esses homens e mulheres de

⁴ No decorrer deste trabalho, a fim de evitar o uso excessivo da palavra “intelectual”, os termos “homens e mulheres de cultura”, “homens e mulheres de letras”, “letrados”, “elite cultural” e “cultos” – recorrentes na literatura sobre o tema – serão aplicados sem que essa opção implique em nuances ou alterações de sentido. Quando houver, isso será esclarecido no texto.

letras foram, historicamente, se posicionando na sociedade – sobretudo a partir do Iluminismo e da atuação dos *philosophes*; do emblemático caso Dreyfus e da utilização do vocábulo “intelectuais” como conceito para essa coletividade; e do ideal de intelectual total personificado por Sartre.

A partir desse percurso, começam a emergir questões fundamentais para essa conceituação e que, a partir das ideias de autores como Sirinelli (1986; 1988; 1998; 2003; 2008), Bobbio (1997), Bourdieu (1979; 1993; 2002; 2004; 2005; 2007; 2008), Brunner e Flisfisch (1983), Lipset (1959), Giddens (1991) e Gramsci (1988), permitem uma aproximação com o lugar que esse estrato social tem ocupado. Numa posição que tem estado sempre relacionada à cultura e ao saber convertidos em poder e influência, os intelectuais ocupam no tecido social as funções de produtores, mediadores e organizadores da cultura. Estão, ainda, hierarquizados e dispostos segundo uma estrutura que resulta das disputas internas dentro do campo em que estão inseridos e de cuja formação participam.

2.1.1 Associação entre poder e conhecimento

Historicamente, talvez seja possível apontar para os escribas como as mais remotas formas de intelectuais. Originados na divisão do trabalho, desde o Egito Antigo até a China, eram os portadores da escrita; esta, por sua vez, cumpria as funções de integração, hierarquização e disciplina. Esses homens, portanto, além de serem detentores de um saber específico e pouco disseminado socialmente, participavam de forma bastante particular dos processos de poder dos grupos sociais em que se inseriam (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Na interpretação de Wolff (2006), no entanto, a existência de intelectuais é um fenômeno que pressupõe um conjunto de condições bastante particulares – que teriam convergido por primeira vez na Grécia do século V a.C.⁵.

⁵ Wolff (2006) diz que Sócrates e os sofistas chegaram, por razões distintas, a exercer esse papel. Sócrates o fazia por três principais razões: falava, em vez de agir ou trabalhar; negava e buscava derrubar os valores sociais mais tradicionais; e tratava do que não lhe dizia respeito. Já os sofistas, como coletividade, ocuparam esse espaço na sociedade grega antiga por terem

Inicialmente, o autor aponta que é preciso que haja um alto grau de desenvolvimento econômico, social, cultural e de diferenciação de tarefas. Somente assim é que emergiria um tipo específico de sujeitos sociais que desempenhem ou estejam bastante ligados a atividades de criação – tais como artes, letras e ciências – ou de mediação – informação e educação. Além disso, é preciso que exista um espaço de expressão, ou seja, formas de circulação de informação. Finalmente, é fundamental a existência de um objeto: o universal, sobretudo no que se refere à moral, à sociedade e às visões de mundo (WOLFF, 2006)⁶.

Mais adiante, o corpo eclesiástico católico monopolizou essa posição. Esses sujeitos de formação essencialmente místico-religiosa estavam geralmente ligados de forma orgânica à aristocracia fundiária, pois compartilhavam com esta a possibilidade de posse de terras. Possuíam, pois, o monopólio das superestruturas⁷, este marcado por lutas e limitações. Aos poucos, com a disseminação da leitura e dos sistemas educacionais, formou-se também uma “aristocracia togada” sem vinculação com religião: tinha privilégios próprios e era constituída por cientistas, teóricos e filósofos. Desde sua origem, possuíram um espírito de grupo que lhes chegava pelo contínuo histórico do qual faziam parte como herdeiros e, em uma medida bastante significativa, por sua qualificação. Consideravam-se autônomos e independentes do grupo social dominante, ainda que este estivesse em

formado um grupo reconhecido socialmente por sua atuação intelectual; eram educadores profissionais e viviam do que ganhavam com esse trabalho – o que foi bastante revolucionário para aquele momento.

⁶ A ideia do universal como determinante para o posicionamento intelectual é definida por Rouanet (2006) a partir de três vieses, o que aumenta a perspectiva de atuação desses sujeitos no contexto social. Segundo o ponto de vista cognitivo, as verdades descobertas pela razão valem universalmente, já que homens e mulheres são seres racionais; já sob a perspectiva ética, o universal estaria relacionado à existência de uma consciência moral, de normas que transcendem nacionalidade e cultura; finalmente, o universalismo, no espectro político, concebe o mundo como sociedade única, para além das fronteiras nacionais. Em qualquer dessas três formas, o universalismo serve de meio de legitimação aos sujeitos que o professam, já que esses princípios são encarados como válidos para todo o corpo social.

⁷ Pela perspectiva de Karl Marx, as sociedades estão organizadas, a partir da produção material, em base e superestrutura. Esta última inclui governo, política e ideologia e é uma área de dominação. Nela estariam aparatos que participam da criação de uma consciência coletiva por meio de crenças, valores, normas e atitudes – o Estado e instituições como escolas, organização religiosas e meios de comunicação. Situada sobre a base – o modo de produção material em si –, reflete sua forma (JOHNSON, 1997; OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

constante luta para assimilar e conquistar ideologicamente esses intelectuais tradicionais (GRAMSCI, 1998; BOSI, 1988)⁸.

Mais tarde, já no século XVII, o Iluminismo⁹ se configurou como um momento de significativa afirmação dos homens e mulheres de letras na sociedade: os *philosophes* constituíram um grupo heterogêneo em termos sociais, mas tinham no propósito e no ato de professar o elemento que os unificava como grupo.

Esses homens de letras, precursores (e até hoje arquétipos e parâmetros utópicos) dos intelectuais modernos, não ‘tomaram’ a liderança da opinião pública. Eles se *tornaram* público, *criaram* opinião pública e, por essa criação, adquiriram uma autoridade que os capacitou a negociar ou competir com o poder de outros que “controlavam as rédeas do governo”. É verdade, eles se apropriaram da arma renovada e redesenhada da virtude, que caiu em mãos fatigadas da nobreza hereditária; é verdade, a falência da nobreza preparou um terreno fértil para essa renovação e esse redesenho (BAUMAN, 2010, p. 56, grifos do autor).

Forjou-se, assim, uma visão de mundo coletiva e feita a partir das palavras, construída e governada por ideias e fadada ao poder destas. O verbo estaria, assim, ainda mais, em posição prioritária, se confrontado com o real (BAUMAN, 2010).

Característica desse momento de plena vigência da Modernidade era uma visão de mundo marcada pela ideia de uma totalidade em essência ordenada e que, por isso, permitia a classificação das práticas existentes como

⁸ A noção de intelectual proposta por Gramsci (1998) será desenvolvida mais adiante neste trabalho.

⁹ Durante o período que ficou conhecido como Iluminismo, a figura do autor como profissional ganhou relevo e a sua obra era vista como um meio chegar a um público, ainda que restrito, e servir-lhe como meio de esclarecimento. Também integravam esse circuito de circulação e difusão de conhecimento lugares de socialização como os salões, as academias e os cafés (CARVALHAL, 2009; HOHLFELDT, 2009). De uma maneira geral, a ilustração está bastante associada à autonomia do sujeito, à laicidade, à verdade racional, ao humanismo e à universalidade (BETTIOL; HOHLFELDT, 2009). Havia, ainda, no cerne desse ideário uma intenção de legislar, organizar e administrar com vistas à disciplina. Seria, assim, uma nova forma de a intelectualidade se posicionar no campo da administração social, mas agora com uma preponderância do poder do déspota esclarecido ou dos legisladores sobre os indivíduos, expressando uma coincidência entre o domínio das ideias e a disciplina baseada na vigilância. Dentro dessa lógica marcada pelo poder absoluto e de uma ideia de verdade a ele alinhada, o conhecimento marcado pela universalidade ganhou status superior como traço da práxis intelectual e como forma de superioridade social (BAUMAN, 2010).

superiores ou inferiores, segundo a sua proximidade com o ideal de universalidade. Nessa posição, esses pensadores se viam e se colocavam como legisladores que emitiam afirmações autorizadas e autoritárias que servissem para hierarquizar as ideias e, conseqüentemente, o mundo. A autoridade, pois, estava legitimada pelo conhecimento: a posse de saberes – associada ao poder absoluto do déspota esclarecido – era tida como superior e o acesso a eles era quase que exclusivo desses homens e mulheres de cultura – já que estes conheciam as regras de acesso. Seriam, assim, os únicos capazes de chegar à verdade, ao juízo moral válido e a um gosto artístico apropriado (BAUMAN, 2010)¹⁰.

No correr do século XIX, porém, o termo *philosophes* não dava mais conta de explicar essa posição social e as funções desempenhadas pelos seus ocupantes: a filosofia passou a ter uma posição muito mais circunscrita e especializada do que antes (BAUMAN, 2010). Emergiram, portanto, novas formas de se designar os homens e mulheres de cultura. Ao recuperar esse percurso semântico, Vieira (2008) toma como ponto de partida o vocábulo *inteligencja*¹¹, usado no século XIX, no que atualmente corresponde ao território polonês – então parte integrante do Império Prussiano. A noção designava uma parcela de integrantes mais educados da sociedade que tomavam para si a responsabilidade de defender a afirmação da nação e a educação do povo, mas sempre apoiados no conhecimento e na razão (VIEIRA, 2008).

¹⁰ Nas últimas décadas do século XX, com o advento da Pós-modernidade, o clima intelectual se modificou significativamente: as incertezas e as infinitas possibilidades de formas de vida passaram a fazer parte do ideário, a conviver e a competir entre si. Nesse novo cenário em que Estado e discurso intelectual já não estão ligados, Bauman (2010) aponta uma nova estratégia de posicionamento dos homens e mulheres de cultura, a do intérprete. A atuação assim marcada consiste na mediação entre tradições diversas e baseadas em termos comunais, sem as ambições universalistas presentes na atuação como legislador. A autoridade metaprofissional dos intelectuais, porém, é mantida para momentos em que seja necessário legislar sobre as regras que permitem arbitrar em polêmicas. A dificuldade seria, nesse caso, estabelecer novas fronteiras de tal comunidade, sobretudo no que se refere às reivindicações territoriais dos intelectuais generalistas. Nesse contexto, a autoridade está em questão: a validade de um juízo depende de onde ele é emitido, ou seja, de quem o emite e de que autoridade é atribuída a esse sujeito. Também essa mudança se deve à ascensão da classe média, à desconstrução crescente da oposição polarizada entre nobre e vulgar e à consolidação do mercado como lugar e mecanismo de legitimação.

¹¹ Esse vocábulo teria se popularizado a partir da publicação, em 1844, da obra *Em amor à pátria*, do filósofo Karl Libelt (1807-1875).

Também na literatura russa desse período, o termo *intelligentsia* dizia respeito a uma parcela da sociedade que buscava se diferenciar das elites de sangue e de posição econômica ao se posicionar como possuidora de uma capacidade superior de conviver e de lidar com o conhecimento erudito e a cultura¹². Já na virada do século, durante os períodos de convulsão política e revolucionária na Rússia, o termo passou a se referir a um estrato social cuja origem estava na classe dominante e que tomava posições políticas de fundo conspirativo. Esses sentidos atribuídos à elite cultural na parte mais ao Oriente da Europa podem, pois, ser sintetizados por duas vertentes: por um lado, uma ideia de renovação, modernidade, civilidade e progresso; por outro, um espírito sectário, eslavófilo e carregado de soberba e de uma incapacidade de representar interesses universais e racionais (VIEIRA, 2008).

2.1.2 Caso Dreyfus e o engajamento político

No final do século XIX, a noção de intelectual começara a se configurar também no contexto francês. Diferentemente da forma singular e designativa de um coletivo de *intelligentsia*, a apropriação se dá com um vocábulo no plural – *intellectuels* – que encerrava o sentido de um conjunto de sujeitos cultos possuidores de uma identidade mais definida e que teria um papel protagonista no cenário político nacional. Considerado um marco nesse processo é o caso Dreyfus: Émile Zola se posicionou publicamente por meio do manifesto *J'acuse*¹³ e deu início a um acalorado debate público.

Tal foi a ressonância desse episódio que acabou por criar um novo tipo de conflito no contexto francês. Se, anteriormente, eram as oposições entre revolucionários e restauradores e entre proletários e burgueses que emergiam, a partir desse caso uma nova configuração surgiu e seguiu ressoando durante

¹² Ainda que essa fosse uma corrente dominante, havia divergências quanto aos vieses associados à *intelligentsia*: o escritor russo Fiódor Dostoievski, por exemplo, a ironizava em suas obras, taxando esses sujeitos de limitados no que se referia à ação.

¹³ Carta de Émile Zola (1840-1902) em defesa do militar de origem judaica condenado injustamente por crime de traição foi endereçada ao presidente da França, Félix Faure, e publicada no jornal literário *L'Aurore*, em 1898. Foi um dos principais episódios que marcou o debate público sobre o caso Dreyfus e que, de alguma forma, pautou a divisão entre os acusadores e defensores do réu (ZOLA, 2010).

boa parte do século XX (WINOCK, 1985). Essa teria sido uma primeira ocasião em que o grupo dos chamados intelectuais participou de forma mais numerosa e significativa de um assunto público. Além do aspecto essencialmente político, o acontecimento teve contornos morais – a defesa de um homem injustiçado – e resultou num conflito de ideias e concepções políticas e de mundo¹⁴. Foi a partir dessas manifestações originadas no caso Dreyfus que a ideia de intelectual, então, passou a ser relacionada a posicionamentos ligados aos direitos universais do homem e a ideais herdados do Iluminismo.

Nesse sentido,

[...] a intervenção dos cultos na cena pública não é uma inovação do século XIX, porém as condições materiais de organização da cultura nesse período, particularmente favorecida pela presença de jornais e de revistas de ampla circulação, propiciaram a formação da identidade dos intelectuais como protagonistas políticos. Dispondo, como nunca antes, de meios eficientes para disseminação de ideias, eles mostraram-se capazes de atuar de forma organizada em torno de questões sociais tópicas, porém com grande apelo cívico. Em termos habermasianos¹⁵, o surgimento de uma esfera pública de debates permitiu a plena afirmação da identidade dos intelectuais, de maneira que palavras foram criadas e sentidos construídos para expressar a presença desses protagonistas na cena política, engendrando novas formas de pensar e de agir diante desse fenômeno social (VIEIRA, 2008, p. 71-52, tradução nossa).

Sirinelli (1998) também dá ao caso Dreyfus o peso de ter-se estabelecido como um paradigma: a partir de então, muitos intelectuais se julgaram implicitamente habilitados a se destacar de seus concidadãos e atuar na arena política, mesmo não pertencendo diretamente a esse meio. Esses sujeitos se imbuíam de uma qualidade de peritos e passaram a ter maior presença pública, tanto pela influência e pela ressonância de suas ideias

¹⁴ Winock (1985) sistematiza a oposição a partir de dois sistemas de valores: os *dreyfusards* – posicionados como Zola – defendiam a verdade, a justiça, a razão, o universalismo e os Direitos do Homem; seus opositores, ao invés, pregavam a autoridade, a ordem, as leis naturais, o nacionalismo exclusivista (antissemítico e xenófobo) e a preservação social. Opunham-se, assim, duas vertentes que, daí por diante, serviram de referência para debates ocorridos em décadas posteriores, como aquele sobre a Guerra da Argélia (movimento ocorrido entre 1954 e 1962 pela libertação da então colônia africana do domínio francês).

¹⁵ Na perspectiva de Jürgen Habermas, a ideia de esfera pública diz respeito a uma ideia da opinião pública como uma estrutura intermediária que faria a mediação entre a esfera civil e o Estado. Essa dimensão de visibilidade pública, portanto, teria certo poder de influência sobre decisões políticas (JOHNSON, 1997; OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

quanto pelo número crescente de homens e mulheres de cultura que assumiram essa condição.

O aumento da escolarização e um incremento no número de docentes também foram fatores que fizeram com que, depois do caso Dreyfus, a quantidade de intelectuais se tornasse mais significativa. Esses fatores, porém, teriam sido uma influência indireta: essa evolução também foi decorrência de mudanças na sociedade de maneira geral. “Certos escritores passam mesmo a ser, a este respeito, símbolos das expectativas ou das sensibilidades de uma época” (SIRINELLI, 1998, p. 267). Dentro desse grupo, estariam, então, artistas, pensadores e homens e mulheres de letras que deixaram algum tipo particular de marca na imaginação de seus contemporâneos ou das gerações seguintes¹⁶.

A palavra intelectual, portanto, foi cunhada num momento em que se buscava trazer de novo ao centro da sociedade as preocupações mais globais, tal como acontecera no Iluminismo, quando essas questões estiveram associadas à produção e disseminação do conhecimento. Desde então, essa noção tem carregado consigo a expectativa de que a categoria nela incluída crie seus próprios referenciais por meio do estabelecimento de lealdades e autodefinições. Autoridades parciais de especialistas e artistas derivariam, assim, para uma autoridade política, moral e estética coletiva desses homens e mulheres de saber. Era uma prática de significação social global. É, por isso, impossível se estabelecer delimitações ou definições muito rígidas sobre quem têm sido historicamente os intelectuais: são sempre resultado de um processo que combina mobilização e autorrecrutamento (BAUMAN, 2010).

Esse marco, no final do século XIX, teria sido, nesse sentido, um “toque de reunir” para homens e mulheres de profissões e posições sociais diferentes entre si que, de outra maneira, não se encontrariam. Desde o Iluminismo, os pensadores foram aos poucos se refugiando em seus campos de especialidade dentro de três discursos autônomos: científico, moral e estético. Esse novo

¹⁶ O escritor francês Victor Hugo (1802-1885) teria sido uma referência nesse sentido, assim como o filósofo e escritor Jean-Paul Sartre (1905-1980) o seria mais tarde.

momento se configurava num intento de reavivar a tradição dos “homens de conhecimento” do Século das Luzes como encarnação da verdade, dos valores morais e dos juízos estéticos de forma unitária. Reivindicavam, assim, o direito e o dever de se dirigirem à nação em nome da razão (BAUMAN, 2010).

Toda denominação divide, mas a divisão implicada pela separação dos intelectuais como grupo é tal que atravessa toda a categoria de elite inteligente, pensante, educada, esclarecida. De forma tácita, ela reconhece um século ou mais de divisão inflexível do trabalho. Sobre o campo fragmentado dos especialistas e experts, ergue-se, não obstante, o fantasma e “pensadores como tal”, pessoas que vivem para e pelas ideias, livres de qualquer preocupação vinculada a função ou interesse; pessoas que preservam a capacidade e o direito de dirigir-se ao resto da sociedade (inclusive outras partes da elite educada) em nome da razão e de princípios morais universais (BAUMAN, 2010, p. 41).

Durante as primeiras décadas do século XX, na França, a intelectualidade seguiu intervindo de forma mais ampla em nome de novos valores ou contra adversários que fossem surgindo, mas sempre, de alguma maneira, recorrendo a esse episódio do caso Dreyfus como referência. Tanto é que Sirinelli (1986) destaca o fato de, durante os anos 1930, muitos professores, escritores e artistas terem se engajado na luta política, seja com posicionamentos contrários ou favoráveis ao fascismo e ao comunismo.

2.1.3 Intelectual total e visibilidade pública

Para Sirinelli (1986), o marco seguinte que trouxe o debate sobre o lugar do intelectual para o centro da arena pública foi o lançamento da revista política, literária e filosófica *Les temps modernes*, encabeçada por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. No editorial da primeira edição, o filósofo existencialista¹⁷ discute a função social da literatura e, nesse texto, aponta o

¹⁷ Sob a denominação de Existencialismo, está incluído um conjunto de correntes filosóficas de diversas épocas e vertentes que têm como ênfase comum a existência individual e suas características mais irreduzíveis. Na perspectiva de Sartre, coloca o homem numa posição tal de liberdade que não o exime de suas responsabilidades políticas. Propõe, também, que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana (LALANDE, 1996; MORA, 2001).

quanto abster-se de uma opinião marcada no campo da política também pode ser uma forma de o homem de letras se posicionar.

A publicação traduzia o ponto de vista de seu principal idealizador: o intelectual é um especialista em trabalhos que dependem da inteligência – tal como a ciência ou a literatura – e, abusando do prestígio advindo desse lugar, esse sujeito trata de assuntos que não compõem o seu arsenal de *expertise* – ainda que, normalmente, este sirva de matriz para interpretar o mundo – e que incluem críticas à sociedade e aos poderes estabelecidos. É o ato de rebelar-se – geralmente apontado pelos conservadores como um excesso – que tornaria, segundo esse ponto de vista, o especialista um intelectual (SARTRE, 1994).

Jean-Paul Sartre, a partir de sua atuação, é considerado emblemático: foi um “intelectual total” (BOURDIEU, 2002). Como personagem social de importância histórica, estabeleceu-se como pensador, filósofo, crítico, romancista e homem de teatro que fez convergir em si mesmo diferentes tradições e maneiras de ser intelectual que se haviam sucedido na história da intelectualidade francesa. Possibilitado por uma conjuntura social e política bastante singular – guerras mundiais, ascensão e consolidação do comunismo, entre outros fatos – foi autor de uma obra total, que aboliu as fronteiras entre literatura e filosofia. A partir da consagração adquirida com essa atividade, utilizou o capital adquirido em cada um dos domínios para posicionar-se nos demais. Com ambição totalizante e de poder absoluto,

Sartre exprimiu e realizou, assim, durante sua vida – dividida entre o gabinete de trabalho e o café literário – o manifesto artístico e a manifestação política, o inconsciente cultural dos intelectuais (ou, mais precisamente, dos professores franceses de filosofia) (BOURDIEU, 2002, p. 230, tradução nossa).

A mudança que se operou na constituição da intelectualidade, a partir dos 1960, também foi impulsionada pela crescente influência da mídia: “A ‘glória’ destas novas autoridades corresponderá à explosão dos efetivos universitários no decorrer dos anos sessenta e ao papel concomitante das páginas culturais dos grandes semanários de opinião” (SIRINELLI, 1998, p. 267). A partir desse momento – aos poucos e cada vez mais –, cantores,

atores e outros personagens vinculados ao mundo das celebridades passaram a servir de referência, retirando muito do poder dos letrados e pensadores: “[...] o verbo substituído e ampliado pelos suportes mediáticos tem doravante mais ressonância e impacto que o verbo até então caucionado pela obra artística, literária ou científica” (SIRINELLI, 1998, p. 277).

Isso não quer dizer que os homens e mulheres de cultura tenham desaparecido ou que seus debates tenham sido abolidos, apenas houve uma mudança significativa em seu status. Eles continuaram a constituir um organismo vivo dentro do qual têm acontecido debates de forte conteúdo ideológico e que possuem certa ressonância externa. Ainda que tenha havido crises ideológicas e de identidade, revezam-se gerações que se sucedem na posse e no exercício desse tipo específico de poder e na ocupação desse lugar na sociedade.

2.1.4 Criadores e mediadores culturais

Quando se discute o lugar, o alcance e as limitações da atuação da intelectualidade, emerge a polissemia do termo cultura como um primeiro fator de dificuldade para que se problematize essa elite¹⁸. Ainda que se determine esse conceito, o processo de produção cultural e artística engloba sujeitos que cumprem funções muito diversificadas como criadores e mediadores – estas duas palavras-chave para se pensar sobre esse tema. A noção de cultura – marcada pelo viés da distinção social¹⁹ – emerge no levantamento realizado por Brunner e Flisfisch (1983) de diversos sentidos atribuídos ao vocábulo que designa esse grupo de homens de letras. Em sua origem latina, o substantivo ‘cultura’ tinha o sentido de cultivo ou cuidado, principalmente de animais e

¹⁸ Inicialmente, a palavra elite designava os “escolhidos” – principalmente por Deus – e, depois, por derivação, as pessoas preferidas ou eminentes. A partir do século XVIII, esteve relacionada à distinção advinda da posição social e, no debate sobre relações de classe e de poder, referia-se àqueles poucos integrantes do corpo social que governam e exercem poder. Também foi usada, a partir do século XIX, para referir-se à intelectualidade (WILLIAMS, 2007).

¹⁹ De acordo com Bourdieu (2007), são três as principais formas de distinção social que, associadas ao gosto, traduzem a posição dos sujeitos nas classificações objetivas: apresentação de si, alimentação e consumo cultural – esta última a que está mais diretamente relacionada à discussão aqui proposta por estar relacionada à ideia de competência cultural, ou seja, a capacidade de apreciar obras legítimas de maneira também legítima.

plantas. No século XVII, nas línguas inglesa e francesa, a palavra passou a ser usada em seu sentido metafórico e abstrato, associada ao cultivo da mente. ‘Cultura’ somente se tornou um substantivo abstrato independente mais tarde, no final do século XVIII (WILLIAMS, 2007). Na França, nos anos 1700, a palavra era usada como sinônimo de civilização e representava progresso, educação, evolução e razão, típicos do Iluminismo (WILLIAMS, 1979; 2007; ELIAS, 1991). Nesse mesmo século, na Alemanha, dentro dos ideais do Romantismo, incorporou o sentido de “produtos intelectuais, artísticos e espirituais nos quais se expressavam a individualidade e a criatividade das pessoas” (THOMPSON, 1995, p. 168).

Em oposição à noção francesa, o conceito germânico estava mais ligado a aspectos religiosos, artísticos, intelectuais e realçava as diferenças. Era visto como “uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade” (EAGLETON, 2005, p. 21). A noção de cultura carrega, portanto, a ideia de “espírito formador”, este realçado em manifestações como a estética, a linguagem e o trabalho intelectual (WILLIAMS, 2000). Cultura é, pois, o acúmulo de saberes como objetivo e o processo que pode levar até ele. Ao longo do século XX, quando o tempo de lazer passou a ser associado a consumo, os bens culturais adquiriram conotação de entretenimento (EAGLETON, 2005). Ainda assim, a ideia de ter cultura pressupõe aprendizado e desenvolvimento de competências específicas e inclui em sua amplitude semântica educação, ilustração, refinamento, informação ampla, acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas (CANCLINI, 2007)²⁰.

²⁰ No século XX, o sentido de cultura foi bastante problematizado pelas ciências sociais, principalmente pelos estudos de viés antropológico. A partir da perspectiva advinda desse processo, as diversas culturas passaram a ser percebidas e problematizadas dentro de suas especificidades e em função delas, e não mais a partir de parâmetros previamente estabelecidos por um ideário eurocêntrico marcado por estágios evolutivos – selvageria, barbárie e civilização. Thompson (1995) apresenta três abordagens por meio das quais os estudos antropológicos sobre esse tema passaram: descritiva – faz referência a valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas de uma sociedade específica ou certo momento; simbólica – inclui o conjunto de manifestações simbolicamente marcadas de um grupo humano; estrutural – insere as manifestações simbólicas em seu contexto social e da estrutura que o forma. Cultura, então, hoje é vista como o conjunto da produção humana, ou seja, todas as intervenções que o homem faz no ambiente onde vive a fim de adaptá-lo às suas necessidades ou a seu gosto e que, assim, têm caráter simbólico; caracterizam, pois, a existência humana de forma abrangente e consistem no meio de perpetuação de uma sociedade (MELLO, 2003).

Outra ideia chave, presente com frequência, ao se tratar de intelectuais, é a de poder. Isso deixa transparecer a divisão de classes e do trabalho, além de inserir esses sujeitos nos processos de produção ideológica e nas lutas por hegemonia. A noção tem incluído, portanto, um campo de sentidos carregados de valores e associados a um arquétipo relativo às coisas do espírito: está relacionado a papéis como os de culto, criador, aquele que pensa e comunica, o que se orienta pelas questões do espírito, produtor de ideologia, artista, escriba, *expert* e portador da razão (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Na leitura de Williams (2000), as conceituações de intelectual, por um lado, restringem a categoria a uma especialização dentro do conjunto mais amplo de produtores culturais e, por outro, ampliam demasiado um tipo bastante específico de formação social. Nesse sentido, de uma forma geral, a acepção que engloba alguns tipos de escritores, filósofos e pensadores sociais cuja formação histórica é bastante específica e que não pode ser tomada como a da totalidade dos produtores culturais. Isso porque ela acaba por excluir algumas categorias de produtores que contribuem para a cultura geral, como artistas e atores. Também normalmente ficam fora dessa classificação aqueles agentes que, trabalhadores intelectuais, estão mais ligados a instituições políticas, econômicas, religiosas e sociais e que também atuam na produção e na reprodução da ordem social e da cultural geral, ainda que essa não seja sua prática mais imediata. Este seria o caso de profissionais como médicos, peritos financeiros, funcionários públicos, sacerdotes, advogados, entre outros. Nenhum aspecto da produção cultural, portanto, é especializado ao ponto de permitir que se isolem completamente as funções estritamente intelectuais; as atuações não podem ser compreendidas sem que se considere o campo social no qual estão inseridas.

Nessa mesma linha, Lipset (1959) diz ser possível chegar a uma ideia de quem são os intelectuais a partir das funções que desempenham como criadores, distribuidores e aplicadores de cultura – sendo esta uma visão bastante ampla de tudo aquilo que é simbólico e produzido pelos humanos em sociedade. Estariam, portanto, dentro dessa ideia, aqueles sujeitos que, de alguma maneira se relacionam com as artes, as ciências e as religiões. Ainda assim, dentro desse grupo, é possível identificar dois níveis: um primeiro, em

sentido mais estrito, engloba acadêmicos, artistas, filósofos, autores, alguns editores e jornalistas – são, pois, os criadores de cultura; e um segundo que inclui aqueles que distribuem essa produção de outrem – como os intérpretes, professores e mesmo alguns repórteres e responsáveis por relatos. Ainda, orbitando ao redor desse conjunto, estaria um grupo que inclui profissionais de diversas áreas – como médicos e advogados – e que têm a cultura como parte integrante de sua atuação.

Norteando sua reflexão a partir do vocábulo que define a categoria, Gramsci (1998) diz que é preciso ter sempre presente que qualquer que seja a atividade humana – por mais que esteja ancorada no trabalho físico e estigmatizada como mecânica ou degradada – demanda um mínimo de qualificação técnica, de atividade intelectual criadora: é, pois, impossível falar de “não intelectuais”.

[...] todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1998, p. 7-8).

Seria necessário, a partir dessa perspectiva, reelaborar criticamente o componente intelectual existente em cada atividade para modificar sua relação com o esforço físico. Uma reflexão de tal natureza estabeleceria um novo equilíbrio e inseriria o trabalho muscular-nervoso – elemento constituinte de uma atividade – numa dinâmica de inovação constante do mundo físico social; torná-lo-ia fundamento de uma concepção de mundo nova e integral (GRAMSCI, 1998).

Nessa mesma linha, Bobbio (1997) também busca, na própria ideia de intelectual como adjetivo, ou seja, como qualificativo do que está ligado ao intelecto, uma forma de refletir sobre esses sujeitos. Nesse sentido, o autor ressalva, em linha semelhante à proposta por Gramsci (1998), que o que define um intelectual não é o tipo de trabalho que desenvolve, mas a função que ele desempenha na sociedade. A questão da contraposição entre o trabalho manual e o intelectual seria, segundo essa perspectiva, uma questão de

estratificação social, de desigualdade distributiva. Sendo assim, o posto que ocupam ou deveriam ocupar as ideias em uma certa sociedade é definidor do status que possuem os indivíduos ou grupos cujas imagens estão a elas associadas.

Ao se pensar sobre a noção de intelectual, há duas vertentes predominantes. A primeira delas parte de um viés ligado a questões políticas, é mais estreita e está ancorada no engajamento direto ou indireto na vida urbana. No que se refere a essa participação, o envolvimento do intelectual pode ser mais direto como ator, ao lado de outros agentes, ou mesmo como testemunha que refrata e esclarece as tensões e os desafios de uma época; ou, por outro lado, indireto, como um agente de circulação, como integrante da consciência de uma época, sem necessariamente estar engajado em alguma luta ou debate (SIRINELLI, 2003).

Essa abordagem é definida por Bobbio (1997) como prescritiva e opinativa e está marcada pela interrogação sobre qual o ideal de intelectual daquele que a propõe. É ela que tem estado presente em reflexões como as de Sartre (1994) e Said (1996) e tem levado a conclusões sobre a decadência e a morte dos intelectuais, já que estes deixam de corresponder ao conceito – ou ideal – estabelecido em tempo e lugar determinados. Entre os valores que mais frequentemente emergem nessas discussões estão independência de juízo, coragem das opiniões, amor pela aventura espiritual, gosto pelo paradoxo, ousadia das ideias, espírito crítico e propensão para inovação. Normalmente, o debate não está apenas restrito ao fato de um indivíduo estar ou não engajado, mas, sim, de que lado se engaja. É, pois, uma forma de o próprio autor da definição se legitimar.

A outra abordagem para se pensar sobre a intelectualidade – referenciada frequentemente como sociológica – está mais relacionada à posição da elite intelectual na sociedade, às suas relações com o poder e à cultura. A partir dessa perspectiva, estariam incluídos na categoria sujeitos que, em determinando lugar e tempo, estão envolvidos com processos de produção, difusão e recepção da cultura. Seria uma acepção mais ampla que inclui criadores e mediadores culturais. No primeiro caso, estão abrangidos

jornalistas, escritores e professores, assim como os eruditos. Também estariam incluídos nessa categoria criadores ou mediadores em potencial – normalmente estudantes – e outras categorias de ‘receptores’ da cultura (SIRINELLI, 1986; 2003). Nesse sentido, o intelectual seria um “[...] mediador, cujo método de ação é o diálogo racional, no qual dois interlocutores discutem, apresentando, um ao outro, argumentos raciocinados, e cuja virtude essencial é a tolerância” (BOBBIO, 1997, p. 16).

É necessário, porém, que se ponderem os critérios utilizados para traçar os limites dessas categorias. No caso de produtores, a notoriedade pode ser fugaz ou póstuma. Nem mesmo o tamanho da obra e o reconhecimento dos contemporâneos parecem apropriados, já que estariam embutidas nesses processos outras lógicas que não só aquelas referentes à situação, ao papel ou à atuação do intelectual. No caso dos mediadores, seu poder de influência e sua capacidade de ressonância já permitiriam uma aproximação mais precisa à noção. São, porém, difíceis de mensurar e avaliar, processo esse dificultado ainda mais por mudanças ocasionadas pelas transformações nas comunicações e nas formas possíveis de se fazer circular e de se disseminar ideias (SIRINELLI, 1998).

É pertinente, pois, a reflexão proposta por Bourdieu (2004b) sobre o quanto a possibilidade de se compreender a dinâmica desse campo está na confluência de lutas, interesses e estratégias combinada com a consagração social, com a notoriedade e mesmo com o sucesso comercial. Esses rótulos atribuídos às posições – por serem estigmatizados e vagos – são poderosos e irrefutáveis. Também sob esta ótica, porém, não há muito como se aferir de forma mais objetiva o alcance da atuação dos intelectuais e, assim, estabelecer limites mais claros para a categoria.

Para Bobbio (1997), uma possível delimitação dessa ideia estaria diretamente na função desempenhada por esses sujeitos. O autor diz, ainda, que esse lugar está marcado pela escrita – por isso muitas vezes a referência aos “homens de letras”. Seriam, portanto, sujeitos a quem, em determinado contexto histórico, se atribui, de fato ou de direito, a “[...] tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções

de mundo ou simples opiniões, que acabam por constituir as ideias ou os sistemas de ideias de uma determinada época e de uma determinada sociedade”. (p. 110). Nessa mesma linha, Williams (2000) estabelece o domínio da palavra e dos costumes como condição mínima para que esses sujeitos possam exercer seu papel na produção e na reprodução da cultura, ou seja, para que exerçam sua função social como pensadores.

Ainda que diversas, ambas as abordagens acabam por ser complementares. Da confluência delas, pode-se observar o capital aportado e obtido no combate, a capacidade de expertise, ou seja, elementos ligados a essa ideia de intelectual que carrega a marca política, mas que compõe o processo de legitimação do intelectual como tal – este um processo normalmente observado sob um ponto de vista mais próximo do sociológico (SIRINELLI, 1998).

Tais grupos – mais ilustrados – carregam consigo, ao mesmo tempo que constroem, uma “memória seletiva”: letrados, manejam as palavras de forma a compor um relato marcado pelo seu ponto de vista; como têm espaço de ressonância e acumulam prestígio social advindo da posição que ocupam, a visão por eles disseminada ganha força. Sendo assim, a autoconceituação se torna socialmente aceita, inclusive porque esses mesmos sujeitos são responsáveis, em muitos casos, por elaborar conceitos e por problematizar a realidade (SIRINELLI, 1998).

Vieira (2008), nesse sentido, atenta para o fato de que muitas das abordagens consistem em autoimagens elaboradas por sujeitos que são detentores – se não exclusivos, os principais – de uma determinante competência para o uso da palavra. Elaboram, assim, um discurso que tem uma argumentação suficientemente sólida a ponto de servir de legitimação para o próprio grupo no qual se origina. O fato de esses sujeitos ganharem espaços socialmente valorizados na imprensa, no Estado, nas instituições de ensino e em meios culturais faz com que tenham aí um púlpito que, além de um alcance maior, também lhes confere prestígio para a emissão de ideias que são vistas como um discurso de autoridade. Essas condições fizeram surgir imagens favoráveis e apologéticas dos intelectuais, “[...] instituindo-os como

verdadeiros heróis prometeicos, vocacionados para defender os interesses públicos em nome da razão universal” (VIEIRA, 2008, p. 74).

É possível, então, aproximar a ideia de intelectual da proposta de Giddens (1991) a respeito dos sistemas peritos que teriam surgido durante a Modernidade²¹. Traço próprio desse momento histórico é a aplicação reflexiva do conhecimento, ou seja, “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (p. 39). A reflexividade é, portanto, condição para a reprodução do sistema social, já que o desloca da tradição e seu caráter fixo, e não deixa, de alguma forma, de descrever parte da essência da atividade intelectual – esta relacionada ao saber e a seus avanços. A partir dessa lógica e do processo de desencaixe entre espaço e tempo²², o futuro estaria sempre aberto e, por isso, as instituições modernas se baseiam num mecanismo de confiança em sistemas abstratos sem que isso pressuponha encontros com os indivíduos ou grupos responsáveis por eles. É nesse lugar que estariam, então, os “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (p. 30), ou seja, os sistemas peritos. A partir destes são firmados compromissos que Giddens (1991) denomina de “sem rosto”, ou seja, mantidos pela fé que a pessoa leiga deposita no funcionamento do conhecimento em relação ao qual é ignorante. Existem, ainda, nessa conexão, processos por meio dos quais esses compromissos são mantidos ou transformados por presença de rosto. Aí estaria, então, uma possibilidade de

²¹ Em linhas gerais, Giddens (1997) define a Modernidade como “[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (p. 8). Esse período teria sido substituído pela Pós-Modernidade no final do século XX. Esta discussão, bastante polêmica nas mais diversas áreas, não será aprofundada aqui. Entre os autores escolhidos para este estudo, no entanto, é possível perceber um certo consenso entre Giddens (1997) e Bauman (2010) quanto à série de transformações que acontecem nesse momento de transição dos anos 1900 para os 2000.

²² O desencaixe seria resultante da retirada das atividades sociais de seus contextos localizados temporal e espacialmente e do conseqüente deslocamento delas por extensões indefinidas em ambas as dimensões. Além dos sistemas peritos, o dinheiro – ou fichas simbólicas, como dito por Giddens (1997) – consiste em mecanismo desse processo, já que permite relações dependentes da confiança e que transcendem o tempo e o espaço.

aproximação com o papel do intelectual como depositário dessa credibilidade por parte do público.

2.1.5 Campo intelectual como espaço de lutas e hierarquias

Inseridos no campo da produção cultural, os intelectuais formam parte de um conjunto de agentes, práticas, instituições e organizações que interagem entre si e que, por isso, se determinam reciprocamente. Essa inserção, inclusive, é condição para que sejam reconhecidos e possam atuar (BRUNNER; FLISFISCH, 1983). Nesse campo, que está em posição dominada no campo de poder, essas relações são mediadas pela própria estrutura e pelas relações que constituem essa instância da sociedade. A rede de conexões em si tem, pois, influência bastante marcada sobre as relações estabelecidas – sobretudo entre aqueles que se pretendem autoridades – e, ao incidir sobre os processos de circulação e consumo, determina o sentido público da obra – ou das ideias, se se pensa mais amplamente sobre a atuação dos intelectuais (BOURDIEU, 2004a; 2005).

Os homens e mulheres de cultura estabelecem entre si – de maneira individual ou em grupos – lutas que visam o acúmulo de capital simbólico – neste caso, especificamente, o prestígio, reconhecimento – e a consequente conquista de uma posição dominante, ou seja, como detentores do monopólio da autoridade. Nesse processo, as posições ocupadas no interior do campo e as relações estabelecidas entre esses agentes interferem diretamente sobre as formas de conversão de saber em influência (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Para que ocorra esse processo, o capital cultural tem importância fundamental: inclui esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação e pode ser convertido em capital simbólico válido dentro do campo intelectual (BRUNNER; FLISFISCH, 1983). Recebido no contexto familiar ou por meio do sistema de ensino – o que favorece a formação de intelectuais em determinados grupos e estratos sociais –, pode existir, segundo Bourdieu (1979), sob três formas. Quando incorporado, está ligado ao corpo; é parte da

peessoa, um *habitus*²³ que não pode ser transmitido instantaneamente por transmissão, doação, compra ou troca. É fruto do trabalho do sujeito sobre si mesmo, do ato de cultivar-se e, por possuir alto grau de dissimulação, ou seja, por ser invisível, está bastante propício a ser usado como capital simbólico – é facilmente convertido em fator distintivo. Em seu estado objetivado, o capital cultural consiste em suportes materiais (escritos, pinturas, monumentos) transmissíveis em sua materialidade. A posse destes pode se dar de duas maneiras – combinadas ou não: apropriação material – fruto da posse de capital econômico –; e apropriação simbólica – que pressupõe capital cultural incorporado. Finalmente, quando em estado institucionalizado, o capital cultural toma a forma de diploma, como certidão de competência que confere valor convencional, constante e válido juridicamente. É instituído por uma espécie de magia coletiva que tem o poder de fazer reconhecer e de permitir a comparação entre os possuidores. Ainda que haja taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o econômico por meio do certificado escolar, os benefícios materiais e simbólicos estão diretamente relacionados à sua raridade.

É por esse papel desempenhado no acúmulo de capital cultural – aqui na forma de capital escolar – que o sistema educacional é apontado por Brunner e Flisfisch (1983) como um aparato formativo fundamental na constituição de intelectuais. Isso acontece porque a escola e a universidade dão ao capital cultural um valor de mercado, já que o relacionam ao capital econômico. O capital adquirido na formação escolar – institucionalizado – é a possibilidade de desempenhar papéis acadêmicos, técnicos ou diretivos. É uma forma atestada de capital cultural que permite acesso ao mercado em que diferentes grupos sociais lutam pelo monopólio das condições educacionais e que permitem o acesso às camadas mais cultas e às posições que a elas correspondem.

²³ Intimamente ligada à noção de campo como estrutura estruturante e relação de forças, o conceito de *habitus* diz respeito a um sistema de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural, entre outras). A ideia inclui costumes e julgamentos de diversas ordens. É, também, um meio de ação marcado por estratégias individuais ou coletivas.

De acordo com Bourdieu (2005), o sistema de ensino com frequência se posiciona como instância de conservação do sagrado e de reprodução do que já está estabelecido: “consagra como digna de ser conservada a cultura que tem o mandato de reproduzir” (p. 118), ou seja, interfere nos processos de salvaguarda da ortodoxia cultural. Trata das maneiras legítimas de abordar obras legítimas, ou seja, da competência cultural. Indica, assim, o que pode e deve ser discutido, admirado ou ignorado e de que modo. A partir dessa lógica, objetos de estudo ou de análise mais raros tendem a ser mais distintivos para aqueles que os conhecem. Assim, o agente social – caso também do intelectual –, ao aproximar-se de determinado objeto, procura alinhar-se à posição deste na hierarquia de objetos culturais, ou seja, busca consagração ao mesmo tempo que consagra. Na luta travada por capital simbólico dentro do campo, legitima-se por meio daquilo que faz legitimar.

Também os aparatos de comunicação fazem parte da dinâmica do campo intelectual: são mecanismos, tecnologias e processos que organizam as práticas dos letrados e, assim, transformam as ocupações dos intelectuais, os modos de competir por prestígio e posição e mesmo a relação desses sujeitos com o restante da sociedade. Nesse sentido, universidades, editoras, emissoras de rádio e TV, publicações jornalísticas – como revistas, jornais e suplementos – e outras instâncias são fundamentais para o desempenho das funções que exigem a circulação pública do conhecimento. Como, dentro da estrutura em que consiste o campo, há uma relação direta entre a superioridade na hierarquia e o prestígio acumulado, existe uma tendência de que os meios de circulação mais restrita cooptem aqueles intelectuais com maior capital simbólico. Simultaneamente, a dificuldade de acesso a meios mais prestigiosos oferece mais possibilidades de consagração. A abundância desvaloriza determinadas posições; da mesma forma, a superexposição – sobretudo se nos meios menos legitimados – pode configurar demérito para o indivíduo (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Bourdieu (2005) relativiza o papel desempenhado pelos meios de comunicação e pelas pessoas que neles atuam em razão da legitimidade que esses agentes possuem no processo de consagração no interior do campo da produção erudita. Ainda assim,

[...] embora não contem com os meios para conceder uma consagração cujos princípios estariam em suas mãos, o jornalista e o vulgarizador (que acrescentam a figura do sacerdote na sabatina da cultura média) não fazem outra coisa senão mercadejar a notoriedade que estão em condições de oferecer em troca da caução que lhes podem dar com exclusividade os membros das instâncias mais consagradas da consagração, caução que lhes é indispensável na produção plena do efeito de *allogia*, princípio de poder aparentemente cultural sobre o público” (p. 156)

Percebe-se, portanto, que também nas relações mediadas pelos aparatos comunicativos a estrutura do sistema de relações acaba por interferir nos processos de consagração. As diversas hierarquias, pois, incidem umas sobre as outras. Nesse contexto, da mesma forma que ocorre com os aparatos de comunicação, a posição que os objetos ocupam dentro da estrutura do campo também incide sobre o processo de consagração da intelectualidade e vice-versa. Isso porque os intelectuais, de maneira geral, buscam posições que lhes permitam exercer sua função, e isso em grande medida se deve aos produtos materiais ou simbólicos por meio dos quais o fazem (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Há, porém, algumas ponderações a serem feitas sobre essa relação entre sujeitos e objetos: mesmo que haja divergências sobre o que os intelectuais devem discutir, há certos objetos que, pela posição na hierarquia, são obrigatórios. Como consequência, as obras eruditas²⁴ – e, nesse sentido, os temas complexos –, por sua raridade, têm função distintiva, já que exigem disposição para a interpretação de seus códigos – tanto por parte do público,

²⁴ Bourdieu (1993; 2005) analisa, em sua obra, dois subcampos dentro do campo da produção cultural, a partir de suas dinâmicas e dos modos como se organizam. O primeiro é chamado de campo da produção erudita: está baseado em alto investimento cultural, baixo investimento econômico, baixo retorno econômico, alto retorno cultural e tempo longo; fornece a si mesmo o seu próprio mercado; o sistema de ensino lhe serve como mecanismo de reprodução e instância de legitimação. O outro subcampo é denominado de indústria cultural – aqui não aprofundada a discussão a partir do viés proposto pelos teóricos frankfurtianos: tem por lógica alto investimento econômico, baixo investimento cultural, alto retorno econômico, baixo retorno cultural e tempo curto; se articula segundo uma demanda externa, social e culturalmente inferior. De alguma forma, enquanto este é consagrado pela massa, aquele é consagrado pelos pares produtores – entre eles os intelectuais – e, com frequência pela classe dominante. Para sintetizar essas ideias, o autor diz que, dentro do campo da produção cultural, portanto, é o perdedor quem vence, ou seja, não são a fama e o sucesso instantâneos que consagram, mas o reconhecimento como clássico, canônico e a permanência no tempo. Neste trabalho, de uma maneira geral a maior parte das referências está relacionada à fração erudita do campo, onde estão situados os sujeitos designados como intelectuais.

quanto por parte daqueles que as analisam publicamente. É nesse sentido que “todo ato de produção cultural implica na afirmação de sua pretensão à legitimidade cultural” (BOURDIEU, 2005, p. 108). Como as hierarquias estão inculcadas, são percebidas como naturais, intrínsecas a objetos e, por extensão, a agentes. O dominante, portanto, deve o reconhecimento de si e de suas funções e características sobretudo ao fato de não ser conhecido como tal e de, apesar disso, ser reconhecido como legítimo (BOURDIEU, 2005).

A partir desse processo, os diferentes agentes adquirem maior ou menor legitimidade. Quando acumulam capital simbólico suficiente, podem exercer o poder corresponde a essa posição: nomear e silenciar, e, assim, consagrar ou excluir simbolicamente. Essas estratégias²⁵ consistem em tomadas de posição que podem ser plena ou parcialmente conscientes e têm por objetivo atuar nesse jogo que envolve a produção, reprodução e manipulação legítima de bens simbólicos. Têm, assim, caráter propriamente cultural, científico ou artístico e também político, já que são orientadas por e para os demais agentes do campo e as posições por eles ocupadas. Todas essas tomadas de posição – que excluem um número de outras possíveis – são, na verdade, juízos que, mesmo quando emitidos de forma individual, traduzem a estrutura do campo: são, pois, determinados e determinantes. Acabam, então, por contribuir para a formação do imaginário social ao redor de cada posição (BOURDIEU, 2005; 2008).

Em geral, tudo se passa como se o campo esperasse daqueles aos quais concede a mais alta consagração que assumam o papel quase

²⁵ Na leitura do campo intelectual, Sirinelli (2003) faz uma crítica ao excesso de peso depositado por Bourdieu sobre a ideia de estratégia. Nesse sentido, o historiador francês diz que, apesar dos efeitos micro e macrossociais das tomadas de posição, nem sempre os empreendimentos intelectuais são guiados por argúcia e competência. Muitas vezes são determinados por contingências e por acontecimentos inesperados. Além disso, ele ressalta que a estruturação do microclima intelectual se dá, na maior parte das vezes, a partir de afinidades difusas, mas igualmente determinantes e que, por isso, constituem estruturas de sociabilidade difíceis de aferir. A partir disso, portanto, a ideia de estratégia é tomada neste trabalho de forma ponderada, sem que todo ato do intelectual consista numa ação premeditada e carregada de intenções voltadas para o acúmulo de capital simbólico. Mesmo assim, considera-se impossível desvincular qualquer ação, vínculo ou posicionamento de um efeito sobre a constituição da imagem social e do lugar que ocupam os intelectuais e de uma eventual obtenção ou perda de prestígio em razão disso. Ambos os pontos de vista, do sociólogo e do historiador parecem úteis, portanto, para se pensar sobre as questões propostas para esta tese.

profético do *intelectual total*²⁶, chamado a expressar seu juízo ou sentimento acerca das questões últimas da existência (p. 165, grifo do autor).

Essas estratégias, portanto, são práticas que visam transformar ou manter a posição na estrutura do campo, ou seja, integram os processos que, no final, resultam na própria estrutura. Para os intelectuais, essas ações e atitudes são possibilitadas pelo capital acumulado e pela posição que passam a ocupar em consequência disso. É importante ressaltar, porém, o quanto há uma limitação do acesso a determinados círculos de eleitos, com reduzida disponibilidade de possíveis lugares a serem ocupados: alta qualidade pode ser associada à produção com vistas a um consumo escasso. Têm origem, então, estratégias de interdição social que pretendem eliminar, reduzir ou regular a competência por meio da exclusão. Daí o surgimento dos mecanismos de cooptação e seleção como reguladores desse acesso – muitos deles não explícitos e baseados nas relações pessoais entre os sujeitos envolvidos no processo. Nesse sentido, a conversão do saber em influência – ou seja, na busca pelo status de intelectual na sociedade – ganha relevo. A depender da atribuição de valor de um agente já consagrado, as estratégias daqueles que galgam posições dominantes passam a ser orientadas por isso; da mesma forma, o sujeito consagrado consagra aqueles que se alinham, ainda que parcialmente, com seus posicionamentos. A partir dessa lógica, estratégias coletivas tendem a ser mais frequentes que as individuais, já que há muitas posições que, apesar de escassas, podem ser compartilhadas. Ao invés de buscar tomar a posição dos dominantes, no entanto, os homens e mulheres de letras em processo de consagração adotam estratégias de alinhamento (BRUNNER; FLISFISCH, 1983).

Dentro desse contexto, Gramsci (1998) propõe a ideia de um intelectual como peça integrante dos processos de organização da cultura. Esta seria “[...] o sistema das instituições da sociedade civil²⁷ cuja função dominante é a de

²⁶ Esta é uma noção desenvolvida mais detalhadamente por Bourdieu (2002) a partir do perfil do francês Jean-Paul Sartre, conforme já tratado anteriormente neste texto.

²⁷ Gramsci (1998) ampliou a teoria marxista clássica do Estado, sobretudo a partir do estabelecimento dos regimes estabelecidos com a ascensão da burguesia, e apontou o

concretizar o papel da cultura na reprodução ou na transformação da sociedade como um todo” (COUTINHO, 1990, p. 17). Essas organizações culturais onde atuam e da qual fazem parte os intelectuais abrigam lutas entre diversas concepções político-ideológicas, disputas pela hegemonia cultural de projetos de conservação ou transformação das relações sociais. São, ainda, lugares que servem para a difusão da ideologia, de um modo geral, e possibilitam a existência de uma sociedade autônoma e pluralista de fato. A luta de classes – busca pela hegemonia²⁸ e pelo consenso – se apresenta como batalha de ideias e atravessa a sociedade civil e, por isso, a organização da cultura²⁹.

Por atuarem sobretudo a partir de estratégias de persuasão e educação, os intelectuais desempenham um papel substancial na transformação social e,

surgimento da sociedade civil. Esta seria uma nova esfera social, decorrente dos processos de socialização da política e do desenvolvimento capitalista: ao mesmo tempo, assegura o consenso dos dominados e serve de complemento à dominação estatal. Seria, assim, uma esfera intermediária entre o Estado – ente representante do interesse público – e os indivíduos – atomizados no mundo da produção. É, assim, a arena onde se travam as lutas pelo consenso e pelo direcionamento político-ideológico e consiste num conjunto de objetivações sociais situadas para além do estatal e do econômico. É, pois, uma forma de articulação e afirmação da sociedade e tem nos intelectuais sujeitos capazes de se relacionar com essa esfera de instituições privadas, de lutar pela hegemonia política e ideológica que representam tanto através quanto no seio dessas formas de criação e difusão da cultura (GRAMSCI 1998; COUTINHO, 1990).

²⁸ A partir do sentido discutido por Gramsci, hegemonia consiste no princípio que rege a organização das sociedades a partir da imposição de uma classe sobre as demais não só pela força, mas pela sujeição obtida por meio de reformas e concessões pautadas pelos interesses dos diversos grupos e, também, pela busca da influência sobre os modos de pensar. Dessa forma, o grupo dominante se torna legítimo a partir da aceitação e, muitas vezes, do apoio dos que estão em posição inferior (JOHNSON, 1997; OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

²⁹ De acordo com a análise proposta por Gramsci (1998), haveria, na sociedade, dois tipos de intelectuais. O primeiro seria o *tradicional* e vulgarizado, é tipificado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista, assim como pelos jornalistas – que creem sê-lo. São pré-existentes aos grupos sociais e representam uma continuidade histórica que não fora interrompida por mudanças sociais e políticas radicais. São resultado de um processo que fez com que se formassem categorias especializadas para o exercício da função intelectual. Seriam, pois, sujeitos que desprezam o sentimento popular e se organizam enquanto casta (VIEIRA, 2008). Mesmo que tenham conexão com todos os demais grupos sociais, estão próximos dos mais importantes – relação da qual decorrem as elaborações mais amplas e complexas. No entanto, Gramsci (1998) propõe um olhar direcionado para cada parcela do campo social. Sob essa ótica, o autor diz que os grupos criam camadas de intelectuais próprias que lhes dão homogeneidade e consciência da própria função nos campos econômico, social e político. São, pois, *intelectuais orgânicos* – o segundo tipo analisado pelo autor – “[...] que cada classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz” (p. 4). Ocorre, porém, que nem todo grupo social tem condições de gerar seus próprios intelectuais.

assim, na conformação da hegemonia. É por essa razão que Fernández Buey (2004) enfatiza que, segundo a perspectiva proposta por Gramsci, para além do papel desempenhado por fatores militares, econômicos e políticos,

A batalha cultural, a luta das ideias, a forma de organização dos intelectuais e a conformação coletiva da própria concepção do mundo, das crenças e das ideologias ganham assim uma relevância que não tinham em outros teóricos contemporâneos da hegemonia (FÉRNANDEZ BUEY, 2004, p. 125).

Diferentemente dos poderes econômico, político e coercitivo, esse poder sobre as mentes – ideológico, simbólico – estaria ligado à produção e transmissão de ideias, símbolos, visões de mundo e ensinamentos e que se adaptam de acordo com o contexto (BOBBIO, 1997). Os intelectuais têm, a partir dessa ideia, poder simbólico: atuam sobre a própria construção da realidade e do conhecimento, e estes se tornam elementos que simultaneamente traduzem uma estrutura e são estruturantes; constituem, assim, instrumentos de dominação que, por meio do fazer crer e fazer ver, atuam sobre a visão de mundo. Esse poder, porém, só é possível porque há, dentro do conjunto do corpo social, a crença de que este lugar é ocupado de forma legítima pela intelectualidade e que os sujeitos que exercem essa função têm direito de fazê-lo (BOURDIEU, 2004a).

A partir da memória histórica acima apresentada, então, é possível se aproximar de uma noção de intelectual que possibilita a problematização da relação desses sujeitos com o campo jornalístico por meio dos suplementos semanais de cultura. O percurso aqui trilhado possibilita dizer que a reunião desses sujeitos mais ilustrados numa categoria – expressa por um substantivo plural – denota um tipo de poder que, ainda que dominado num contexto mais amplo, é derivado da posse de conhecimento. Mobilizados e com dinâmicas próprias de autorrecrutamento e cooptação, normalmente carregam consigo as imagens de detentores da cultura e, assim, têm uma posição social que lhes permite atuar nesse campo de diversas formas: em um determinado contexto social e histórico, integram e, com frequência, organizam e dirigem processos de produção, difusão e recepção cultural. São, pois, criadores, mediadores e receptores – de fato ou em potencial.

Situados numa rede e numa estrutura que envolve lutas, interesses e estratégias, estão em permanente processo de acúmulo de capital cultural em suas diversas formas e de disputa por consagração, o que os coloca em uma hierarquia e concede à parcela dominante uma autoridade social amparada em poder simbólico. Tendo no domínio da linguagem, sobretudo escrita, e dos costumes, constroem as imagens de si mesmos como peritos, como autoridades legitimadas, que fazem ressoar suas ideias a partir das posições que ocupam nos meios e instituições que têm, eles também, prestígio para tal. Sendo assim, o sistema de ensino e os meios de comunicação tornam-se lugares privilegiados para a disseminação dessas ideias e para a produção e reprodução dos esquemas culturais. São, pois, organizadores da cultura que têm um tipo de autoridade marcada pela racionalidade e pela posse de determinados saberes.

2.2 Jornalismo cultural como instância de mediação e produção intelectual

A expansão do comércio nos séculos XV e XVI fez com que tabernas, banhos públicos e cafés – estes uma inovação da época – se tornassem lugares de reunião onde se concentrou a discussão de ideias e, portanto, de convergência dos homens e mulheres de cultura. No século seguinte, na Inglaterra, clubes e cafés é que, além de serem palco para o pujante teatro de então passassem a aglutinar os homens e mulheres de cultura daquele período. Foi de dentro de um desses clubes que surgiu *The Spectator*, publicação considerada precursora no jornalismo dedicado à cultura e que tinha o objetivo de “trazer a filosofia para fora das instituições acadêmicas, ‘para ser tratada em clubes e assembleias, em mesas de chá e cafés’” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 79). Assim como outras publicações semelhantes surgidas na Inglaterra e em outros países, carregava consigo o ideal da formação do indivíduo por meio da leitura e do debate; permitia, pois, que os indivíduos mais ilustrados fizessem circular seu pensamento. Ao abordar temas variados como óperas, livros, costumes, moda, política e festivais de música e teatro, dirigiam-se ao sujeito preocupado com as novidades para o corpo e

para a mente e com as mudanças no comportamento e na política: falavam, pois, ao homem urbano e moderno (PIZA, 2003).

A partir dessa perspectiva bastante abrangente, o jornalismo cultural foi aos poucos assumindo uma feição bastante ampla e diversificada: a notícia factual e a reportagem usualmente convivem com o texto literário, o ensaio analítico, a crítica e a resenha. Nesse segmento estão incluídos produtos que cumprem funções diversas e que são variados em termos de forma, conteúdo e suportes (RIVERA, 1995; GADINI, 2009). O adjetivo que delimita esse tipo específico de jornalismo também descreve a gama de temas, abordagens e objetivos nele contidos. Carrega consigo uma polissemia presente no percurso histórico da palavra 'cultura' e discutida anteriormente neste trabalho: enfatiza o "espírito formador" (WILLIAMS, 2000). Nesse sentido, então, pressupõe aprendizado e desenvolvimento de habilidades específicas relativas a refinamento, educação, conhecimento amplo e capacidades intelectuais e estéticas (CANCLINI, 2007).

Como o jornalismo tem, historicamente, se colocado entre as instituições que tomam para si a responsabilidade da formação cultural, posiciona-se como meio para que o indivíduo atinja o objetivo de tornar-se culto. A prática jornalística, ainda que tenha sido sempre marcada por questões ideológicas e econômicas, tem como missão original concretizar o ideal de esclarecimento (MORETZSOHN, 2007). Sendo assim, o jornalismo se coloca como meio pelo qual manifestações julgadas valiosas podem ser conhecidas e compreendidas.

Forma de conhecimento cujo ponto de partida é a imediaticidade do real e que é ao mesmo tempo lugar de reconhecimento e de reforço de consensos (MEDITSCH, 2002), o jornalismo é fortemente influenciado por rotinas produtivas, relações e constrangimentos profissionais, além de crenças e valores específicos desse fazer. A legitimação de seu poder de trazer à tona e fazer crer está, pois, baseada num contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2009) e num consenso que envolve as relações entre os jornalistas, suas fontes e seus leitores (HALL *et al.*, 1999). Nessas condições, o campo jornalístico tem a credibilidade como seu capital simbólico. Procedimentos e regras já institucionalizados, então, buscam conferir a essa prática certa

objetividade e causar um “efeito de verdade” (TUCHMAN, 1993). É, pois, “o discurso da atualidade com recursos estetizantes” (BERGER, 1996, p. 191). Sendo um modo de conhecimento mediado, o jornalismo pode se colocar como uma instância capaz de reprocessar o discurso formal das ciências e os códigos artísticos. Nesse processo de conversão do conhecimento hermético e esotérico em linguagem mais próxima do público, a prática jornalística se propõe a tornar esse conjunto de saberes acessível a um auditório mais amplo (MEDITSCH, 2002).

Como o jornalismo apaga o seu modo de produção e se posiciona como um domínio capaz de reproduzir a realidade, a sensação que o público tem é que no jornal há um retrato do campo da produção cultural em sua totalidade. A agenda de um periódico acaba funcionando como o guia de onde é possível escolher entre todas as possibilidades de atividades culturais – exposições, sessões de cinema, concertos, etc. –, ainda que o parâmetro de consumo seja relativamente restrito ao do leitor de classe média urbana (JANUÁRIO, 2005). Nas últimas décadas, e de forma mais marcante a partir dos anos 1980, com o avanço da industrialização da produção cultural no Brasil, a divulgação, as celebridades e o jornalismo de serviço passaram a ser os principais traços desse segmento – o que foi acentuado pela redução das equipes nas redações e pelo espaço menor para textos de cunho reflexivo.

O jornalismo assume, pelo efeito que causa em seu público e pela confiança que este deposita nele, o caráter de mediador. É nesse sentido que se pode dizer que o jornalismo é um sistema perito que aparentemente está baseado em critérios considerados “naturais” e indiscutíveis que estabelecem o que há de “importante” no mundo – este um processo de violência simbólica (MIGUEL, 1999). Por ser, também, um “foro informal e cotidiano de legitimação ou deslegitimação dos diversos sistemas peritos” (p. 202), o jornalismo se posiciona também como sistema meta-perito, ou seja, fornece ao público informações sobre os demais sistemas existentes. No caso da cobertura realizada pela imprensa sobre o campo de produção cultural, essa atuação tem por consequência a formação do público, já que aí são oferecidas referências de valor para a interpretação da cultura de um determinado local e época.

No campo da produção cultural, a divulgação é essencial para a existência de um produto ou bem. Por essa razão, criação e produção preveem, desde o início, estratégias para levar o pensamento do artista ao público, momento em que o produto cultural se transfere de mãos. Mesmo que nos últimos anos esses processos tenham se modificado bastante em razão das novas formas e meios de comunicação, a mediação jornalística ainda assegura parte significativa da visibilidade do que é oferecido (GOLIN, 2009). O jornalismo, amparado na credibilidade que ainda detém e que lhe concede poder de dizer e silenciar, interfere no processo de consagração de determinados produtos e agentes do campo de produção cultural, causando efeitos até mesmo no processo produtivo. Nessa luta por prestígio, a distinção passa a ser objeto de desejo dos diversos agentes envolvidos no processo.

No interior do campo da produção cultural, são travadas lutas que visam transformar ou conservar as relações de forças estabelecidas. O jornalismo entra nesse processo como um reforço ao já instituído ou mesmo como força propulsora da transformação. Sua tendência, no entanto, é sempre partir do ponto de vista de agentes já reconhecidos no campo da produção cultural, mesmo quando apoiando manifestações inovadoras. Então, quando o jornalismo reconhece um artista iniciante, abre uma brecha para legitimação. A simples menção pelo jornalismo é legitimadora: distingue artistas que julga merecerem ser dados a conhecer.

A rede de relações existente entre produtores, divulgadores e consumidores de bens culturais está atravessada por fatores econômicos, sociais e políticos. Nesse contexto, por meio de “exclusão simbólica” (BOURDIEU, 2004b, p. 173), o jornalismo – entre outras formas de circulação e instâncias do campo da produção cultural – não oferece a determinadas expressões ou artistas o reconhecimento como prática artística legítima e, portanto, os exclui e não permite que sejam conhecidos.

Diferentemente do que geralmente acontece no jornalismo, de uma maneira geral, no jornalismo cultural os acontecimentos são previsíveis e são programados ou suscitados por sujeitos interessados, como ocorre com lançamentos, aberturas, *premières* e outros (GOLIN *et al.*, 2010). Para Gomis

(1991), esses são “pseudoeventos” por seu caráter previsível e por terem sido provocados com o fim de produzirem efeitos no mundo real, momento esse em que se objetivam e dão visibilidade à instituição ou ao agente que os produziu. São geralmente pensados e realizados levando em conta a temporalidade e o ciclo de produção do jornalismo para que estejam revestidos de atualidade.

O número de obras de um artista ou autor, o público de um espetáculo e o dinheiro nele investido, a presença de uma obra na lista de best-sellers, a unanimidade em relação a um artista canônico são alavancas para reforçar a amplitude significativa dos fatos noticiados, deixando implícito que um criador e sua obra são superlativos (GOLIN; CARDOSO, 2009).

A rede de fontes estabelecida pelos meios acaba sendo um reflexo da estrutura social e de poder existente na sociedade e procura dar conta das demandas da produção noticiosa (WOLF, 1999). Os agentes do campo da produção cultural que são responsáveis pela criação dessas informações periódicas e positivas – sobretudo pseudoeventos – submetem-se, então, ao enquadramento jornalístico para ganhar espaço e visibilidade.

Além da constante vontade de figurar como pauta, os agentes envolvidos na produção, promoção e circulação de bens culturais acabam assediando os veículos em busca de espaço também como fontes. Em geral, o jornalismo não foge da dinâmica do campo da produção cultural: os artistas e criadores ocupam um espaço central e usam o espaço jornalístico para falar a um suposto público consumidor de seus produtos. São, pois, tema e fonte de informação simultaneamente; normalmente ganham espaço para explicar sua obra (GOLIN *et al.*, 2010). Por outro lado, especialistas e críticos – normalmente situados numa tensão entre as funções de jornalista e *expert* (TUBAU, 1982) – geralmente são chamados a opinar e interpretar, colocando-se como intermediários privilegiados que cumprem a função de orientação.

2.3 Suplementos culturais, intelectuais e conhecimento especializado

Os suplementos literários e culturais se configuraram no Brasil nos anos 1950 e parecem ter sua origem ligada aos rodapés e folhetins³⁰ dos jornais nas últimas décadas do século XIX, e às revistas ilustradas e cadernos e páginas femininas que foram se estruturando no decorrer do século XX. É possível dizer que o paradigma em termos de encartes semanais de cultura surgiu em 1956: o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo*. (LORENZOTTI, 2007).

A partir da década de 1950, com a implantação de um conjunto de técnicas específicas do jornalismo, as redações haviam começado, aos poucos, a ser tomadas por profissionais cujas carreiras são voltadas especificamente para esse fazer. Nesse contexto, uma nova relação se estabeleceu entre o jornalismo e a atuação dos intelectuais: estes passaram a ser fontes de informação, *experts* ou articulistas; não mais integravam as equipes dos periódicos. O jornalismo permanece, assim, como instância de atribuição do estatuto de intelectual. Perdeu, no entanto, muito de sua preponderância como lugar do debate entre os homens e mulheres de cultura para os partidos políticos, as redes de pesquisa, as sociedades científicas e outros setores, sobretudo a partir da nova abordagem industrial que esse campo tem adotado. Nesse contexto é que os suplementos ganharam espaço como lugares em que se manifestavam, de forma mais marcante, esses sujeitos que transitam pelo jornalismo como vozes referências. São o que Pereira (2011) define como intelectuais-jornalistas, ou seja, “indivíduos que dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção e obras artísticas e literárias, o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais” (p. 17).

Para descrever os suplementos surgidos nesse momento emblemático do jornalismo brasileiro, Sant’Anna (2001) apresenta algumas características que, segundo ele, eram comuns a todos: eram dirigidos por escritores, não por

³⁰ Ainda que os folhetins – romances publicados em capítulos nos jornais – já existissem desde a primeira metade do século XIX, é mais para o final dos anos 1800 que tiveram maior impacto no Brasil e, inclusive, participaram do processo de estabelecimento e consolidação de diversas publicações.

jornalistas; publicavam poemas, contos, críticas e ensaios; davam ênfase à literatura nacional; traziam mais textos que imagens; e normalmente tinham um crítico de renome responsável pela “crítica de rodapé”. Veículos mistos, cujo formato oscilava entre o colunismo e a revista literária (SÜSSEKIND, 2003), os suplementos tiveram como fatores determinantes para sua configuração a periodicidade de publicação, o espaço dado para textos mais longos e elaborados, e o perfil dos autores que ali publicavam (SILVA, 1998).

Abreu (1996), ao analisar os conteúdos publicados pelos encartes semanais de cultura surgidos nos anos 1950, divide-os em dois grupos principais. O primeiro deles era composto por publicações que enfatizavam a cobertura informativa, noticiosa e imediatista, ou seja, davam espaço sobretudo à agenda e à divulgação de produtos culturais. Os suplementos incluídos pela autora nessa categoria são aqueles dos jornais *Folha da Manhã* e *O Globo*. Os demais, por outro lado, direcionavam a atenção à produção artística em si, seja a de vanguardas consagradas, seja aquela tida como inovadora. Este grupo era composto por suplementos cujo objetivo era a divulgação de opiniões. A partir da temporalidade de suas temáticas, essas publicações são subdivididas em dois subgrupos.

O primeiro conjunto inclui aqueles que se detinham mais especificamente na divulgação de ideias e temas do passado, ou seja, estavam vinculados à tradição e ao cânone; davam espaço para reflexões sobre a atualidade política, obviamente com destaque para as artes e letras. Nesse agrupamento, se destacam os suplementos de *Jornal do Commercio*, *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Jornal* e *O Estado de Minas*. No grupo das publicações que tinham o mesmo objetivo de divulgar o pensamento, mas eram voltadas mais para a expressão artística recente e que ainda lutava por sua consagração, estavam os suplementos dos jornais *Correio da Manhã*, *O Estado de S.Paulo*, *Diário Carioca* e *Jornal do Brasil*. Estes tentavam em suas páginas mostrar como se estava dando a renovação no campo da produção cultural. Alinhavam-se, portanto, àqueles artistas ainda em busca da legitimação.

Em geral, esses veículos estabeleciam uma relação quase fetichista com seus leitores, fiéis a ponto de colecionarem as edições. Silva (1998) vê nos folhetins em série a origem desse hábito, quando era comum que as pessoas recortassem os rodapés para guardá-los em sua coleção. O *Caderno de Sábado do Correio do Povo*, surgido em 1967, foi exemplar nesse sentido: editava semestralmente um índice de seus textos e autores que agrupava as edições em volumes. Por essa relação estabelecida com os leitores, os suplementos congregavam os intelectuais da época. Juntamente com cafés, salões, editoras e revistas literárias, formaram redes de sociabilidade e foram cruciais para a formação do campo intelectual brasileiro, já que aí se cruzaram várias gerações de pensadores (ABREU, 1996).

Tal como propõe Santiago (2004), os suplementos culturais representam um espaço de que o jornal prescinde, pois trazem conteúdo sem o qual este continuaria completo. Nessa espécie de “algo a mais” que o leitor recebe com o seu jornal é que está reservado o espaço para o escritor, a literatura e as artes. São leituras para um tempo de lazer aproveitado de maneira “inteligente”. Essa perspectiva, se associada à distinção tal como proposta por Bourdieu (2007), deixa transparecer nos suplementos a tentativa de formar o leitor no que se refere à sua competência artística ou cultural.

Por associarem a cultura à formação do sujeito por meio da leitura e do contato com as letras, artes e humanidades, os suplementos não parecem querer falar a todos os leitores de um jornal. Têm uma especialização proporcional ao seu caráter suplementar dentro do corpo total da publicação. Tanto é que, a partir dos meados da década de 1960, passaram por modificações profundas, que visavam levá-los ao “leitor comum”, diminuir a distância entre o jornalismo de cultura e a maior parte público médio, que estava distante do gosto legítimo e distinto.

A pouca quantidade ou mesmo a ausência completa de publicidade nos suplementos também se deve ao ideário de ilustração dos leitores. Ao analisar encartes culturais no início do século XXI, Travancas (2001) aponta para o fato de não trazerem praticamente retorno financeiro algum para os diários, mesma lógica dos suplementos de outras épocas, já que tampouco tinham espaço para

anúncios. Eles denegam o interesse econômico das empresas jornalísticas e são formas de obtenção de lucro suplementar, que pretendem ser vistas como desinteressadas e, portanto, nobres de espírito (BOURDIEU, 1983; 2008).

Os suplementos semanais de cultura, portanto, consistem em lugar de circulação e visibilidade das ideias dos organizadores da cultura, ou seja, dos intelectuais. Produtores ou mediadores, esses agentes têm nesse espaço a possibilidade de dar ressonância a debates, ideias e visões de mundo ao mesmo tempo em que, por meio dessa atuação, constroem cotidianamente a própria imagem de si mesmos como indivíduos e da categoria que integram. Se lançada uma mirada histórica, pois, esse espaço – que ao mesmo tempo é especializado e restrito dentro do jornalismo, mas que leva o campo intelectual a extrapolar suas fronteiras – traz à tona as relações e os movimentos dessa elite ilustrada ao propor uma discussão da prática jornalística como um todo e pensá-la como lugar de relação com o mundo das ideias.

3 INTELLECTUALIDADE NO BRASIL E NO RS: *CADERNO DE SÁBADO*

No contexto brasileiro, dadas as particularidades da história do país, a intelectualidade começou a se configurar no século XIX e só foi se estabelecer nos anos 1900, quando tem início um processo de organização de um campo cultural. Se inicialmente tinham sido os detentores de uma cultura meramente ornamental, aos poucos passaram a ocupar posições nas universidades e no campo acadêmico que então se organizou, no Estado, no jornalismo, nos partidos políticos e em outras instituições que lhes permitiram não só desenvolverem atividades intelectuais, mas também fazer ressoar suas ideias.

A partir disso, o presente capítulo pretende, então, posicionar o *Caderno de Sábado* em perspectiva histórica, dentro dos contextos sul-rio-grandense e brasileiro, como lugar de reunião de intelectuais. Ao situar esses sujeitos historicamente no contexto brasileiro e sul-rio-grandense, pretende reunir ideias que permitam, mais tarde, refletir sobre quem eram, então, os indivíduos que participavam mais assiduamente do projeto editorial do *Caderno de Sábado*.

3.1 Intelectuais no Brasil: uma perspectiva histórica

No contexto brasileiro, a intelectualidade tem uma história bastante própria e tardou a se posicionar como organizadora da cultura. No período colonial, eram poucos os sujeitos mais educados e, em geral, estavam ligados à administração colonial portuguesa. Somente mais tarde, já no processo de independência, a partir de 1822, é que começou a se formar uma camada que servisse ao recém-formado Estado: foram criadas instituições de ensino superior, principalmente jurídicas. A partir dessas iniciativas, configurou-se um incipiente mercado cultural que expressava primeiros rudimentos de alguma organização com a publicação de livros, a edição de jornais, a montagem de peças de teatro, entre outros (COUTINHO, 1990). Em razão da articulação internacional do modo de produção escravista com o capitalismo, privilegiou-se a importação de um tipo de “cultura decorativa”, isolada de uma parte majoritária da população nacional (COUTINHO, 1990; PÉCAUT, 1990).

Principalmente no Segundo Reinado (1831-1889), o mecenato, a patronagem e as honrarias ganharam força como forma de subvenção para a produção dessa cultura (PÉCAUT, 1990). Ainda, a concessão de empregos públicos aos escritores e seu confinamento entre as elites sociais colaborariam para que a cooptação da intelectualidade para a atuação próxima à esfera estatal adquirisse tom de favor pessoal.

Na década de 1870, as causas republicana e abolicionista foram as primeiras a mobilizar um número mais significativo de intelectuais brasileiros. Esse grupo consistia num círculo relativamente restrito de pessoas ilustradas e incluía advogados, engenheiros, escritores, jornalistas e descendentes de famílias tradicionais que tinham recebido educação na Europa (MARTINS, 1987). Ainda assim, o papel da intelectualidade, nesse período, era bastante limitado: “Certamente, o intelectual era ouvido. Mas muito pouco lido, contentando-se com seu prestígio social, distinção inquestionável num país onde a dificuldade de instrução era enorme e os livros, raros” (COSTA, 2005, p. 230).

No Rio Grande do Sul, o cenário desse período era pouco favorável à produção literária: a civilização era incipiente; os meios de divulgação, escassos; e a maior parte da produção, oriunda do Rio de Janeiro. Nessas condições, os intelectuais da província encontraram nos jornais literários as primeiras possibilidades de fazer circular sua produção e suas ideias (ZILBERMAN, 1980)³¹. É por isso que, somente em 1868, a intelectualidade local começou a se organizar de forma mais concreta: nesse ano foi fundada a Sociedade Partenon Literário. Com influência em todo o Rio Grande do Sul, já que tinha membros correspondentes em cidades do interior, é considerado um marco inicial no que se refere à literatura e à cultura sulina (ZILBERMAN, 1980).

Se bem que [os integrantes da sociedade] tivessem publicado em outros veículos jornalísticos, como o *Jornal do Comércio* ou *A Reforma*, o caráter agregador do movimento justifica por que todo o

³¹ Entradas as publicações do gênero, merece referência *O Guayba* (1856-1858), pioneira entre os 75 periódicos de imprensa literária surgidas em Porto Alegre nos anos 1800 e arroladas por Ferreira (1975). Semanal e inicialmente dirigido por Carlos Jansen e João Vespúcio de Abreu e Silva, abriu espaço, em suas 125 edições, para temas variados – educação, artes, história, religião, imigração, biografias, linguística e filosofia.

período tomou seu nome. Devido a isto, o Partenon Literário designa tanto o grupo frequentado principalmente por Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Múcio Teixeira, Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu, Lobo da Costa, como a época – os anos entre 1868 e 1880 – em que estiveram atuantes; e, enfim, configura ainda a orientação literária que passou a ser a norma dominante da arte poética em seu tempo (p. 13).

O Partenon, nesse período, reuniu pensadores de diversas vertentes e teve uma atuação que extrapolou seu caráter literário inicial: organizou conferências e debates sobre temas variados e de alcance social; engajou-se nas causas abolicionista, feminina e republicana; instituiu aulas noturnas; organizou uma biblioteca e um núcleo de ciências naturais; e realizou saraus e outros eventos de caráter artístico-cultural (FERREIRA, 1975; CHAVES, 1979; TORRES, 1999). Ainda, o grupo do Partenon Literário editou, entre março de 1869 e setembro de 1879 – mesmo que com algumas interrupções e modificações – a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Foi a mais longeva publicação literária no século XIX no Rio Grande do Sul e, além de contribuir para a formação de público leitor em Porto Alegre, fomentou a produção literária e contribuiu para fundar o próprio estado no qual se lançou. Almejou, pois, a fundação de uma literatura regional (MOREIRA, 2009)³².

Nas últimas décadas do século XIX, na transição para a República, a intelectualidade concentrada no Rio de Janeiro, então capital federal, era formada por um contingente restrito de “grandes mandarins”, que se reuniam ao redor das instituições governamentais lá existentes (MICELI, 2001, p. 54). Assemelhavam-se à classe de funcionários letrados de antigos impérios orientais por terem acesso privilegiado a empregos bem remunerados, que exigiam pouco trabalho e que eram distribuídos sobretudo a um grupo que orbitava ao redor do Itamaraty – Ministério das Relações Exteriores – e do

³² De acordo com Ferreira (1975), o periódico não teve aceitação imediata; foi apenas com a sequência das edições que, aos poucos, foi despertando maior interesse e ganhando repercussão na imprensa local. Para Chaves (1979), o tratamento gráfico pobre da publicação contrasta com a importância que alcançou. Ao redor da revista, reuniu-se um número significativo de colaboradores como não se vira até então no Rio Grande do Sul: foram 78 nomes – entre eles oito mulheres. A lista inclui Apolinário, Apeles e Aquiles Porto Alegre, Hilário Ribeiro, José Bernardino dos Santos, Múcio Teixeira, Luciana de Abreu, Carlos Von Koseritz e Caldre e Fião – este eleito presidente honorário. Alguns deles eram considerados de maior prestígio e seguiram pelo caminho da literatura, outros depois tomaram rumos diversos.

Barão de Rio Branco. Detiveram, por muito tempo, poder sobre as principais instâncias de consagração do final do século XIX: as editoras e a Academia Brasileira de Letras (ABL) – esta fundada em 1897 e integrada por um grupo que, em sua maioria, exercia a dupla função de jornalista e escritor³³.

Nessa época, em Porto Alegre, a intelectualidade local seguiu o rumo que já fora tomado em nível nacional e, em 1901, organizou a Academia Rio-grandense de Letras, nos moldes da ABL – inclusive no predomínio de nomes ligados à imprensa entre seus fundadores. Terceira do gênero com caráter regional no Brasil, a instituição teve entre seus 25 fundadores Aurélio Bittencourt, Aquiles Porto Alegre, Alcides Maya, Joaquim Alves Torres e Zeferino Brasil. Desenvolveu atividades intensas nos primeiros anos, mas divergências políticas entre os acadêmicos levaram à desmobilização³⁴ (GOLIN, 1999).

Nesse começo de século, permanecia ainda a ideia de uma cultura ornamental; emergiram, a partir daí, dois tipos de intelectuais. O primeiro grupo era formado por homens ilustrados que carregavam consigo a ideia de uma distinção pelo alinhamento com padrões europeus, o que agradava as elites e as classes médias que se imaginavam cultas – portanto bastante alinhados com a concepção decorativa de cultura. Outra parte era formada por aqueles que se dedicavam à criação literária, ao jornalismo, à discussão de problemas existenciais e às primeiras descobertas científicas (MARTINS, 1987).

A atividade intelectual desse período constituía uma espécie de “cosmopolitismo republicano”, que combinava admiração pela Europa e desprezo pelos Estados Unidos. Na capital, os homens e mulheres de cultura

³³ Esses eram os casos de Machado de Assis, Coelho Neto e Olavo Bilac. Parte significativa do grupo que inicialmente formou a ABL foi arrematada pelo escritor e jornalista José Veríssimo – um dos idealizadores da Academia – entre os jornalistas e os colaboradores da Revista Brasileira, por ele dirigida. Machado, primeiro presidente da nova instituição, não deu ouvidos às críticas que diziam ser ela a instauração de uma aristocracia intelectual e que isso contradizia o espírito republicano então em voga. Ainda, dizia-se ser um modelo meramente importado da Europa e que, por isso, não era compatível com os parâmetros brasileiros daquele momento, quando o índice de alfabetização era ainda bastante baixo (COSTA, 2005).

³⁴ Houve tentativas de reavivar a instituição em 1931 e 1936, mas sem sucesso. Ainda nos anos 1910, no entanto, outro grupo, encabeçado por dissidentes, fundou a Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Mais tarde, em 1942, as duas instituições se fundiram e dariam origem à atual Academia Rio-Grandense de Letras – nome este adotado dois anos depois desse processo (GOLIN, 1999).

se concentravam ao redor de livrarias e de alfarrabistas, ainda que desde a fundação da ABL já houvesse “uma certa solenidade, um pouco postiça e até grotesca”. No caso da criação literária, os mais notórios eram ainda integrantes da “geração da Academia”; consagraram-se nas últimas décadas do século anterior e tinham grande espaço nos jornais (SODRÉ, 1999).

Nesse cenário, os jornais passaram por modificações bastante significativas: o folhetim e o artigo político cederam espaço para o colunismo, a reportagem e a entrevista; a informação tomou espaço da doutrinação; temas policiais, esportivos e mundanos, antes secundários, ganharam destaque. A literatura, então, passou a ocupar os rodapés dos jornais; configurou-se, portanto, um espaço restrito dentro de publicações que não se pretendiam mais literárias como um todo. “Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias” (SODRÉ, 1999, p. 297).

No Rio Grande do Sul, aos poucos desapareciam os pasquins de oposição e linguagem virulenta, e os jornais diretamente ligados a partidos políticos também perdiam espaço para uma imprensa menos doutrinária – ainda que esta tenha persistido até a década de 1930. Já desde os últimos anos do século XIX, porém, se estabelecia no sul um modelo de jornalismo marcado por um regime empresarial com práticas mais profissionalizadas e que se voltava para a venda de anúncios como principal forma de financiamento (RÜDIGER, 2003). O *Correio do Povo* foi pioneiro, nesse sentido: além de ter um serviço telegráfico e correspondentes que o abasteciam de notícias nacionais e internacionais, também trazia textos escritos por intelectuais e escritores, num provável intento de angariar capital simbólico e de aproximar-se do ainda incipiente campo intelectual.

Assim como o *Correio do Povo*, os jornais brasileiros de maior impacto e prestígio, então, empreenderam um conjunto importante de mudanças que os levou a adotar cada vez mais estratégias de cunho comercial e fez surgir um novo perfil de jornalistas profissionais: métodos de impressão mais avançados,

crescimento das tiragens, mais rapidez na distribuição, novas seções de entretenimento e maior uso de imagens.

A expansão da imprensa modifica a relação que os escritores mantêm com suas obras, uma vez que ela expropria os produtores do monopólio que detinham sobre seus instrumentos de produção e, ao mesmo tempo, modifica a própria estrutura das instâncias de consagração e o volume e as espécies de ganho daí derivados. O êxito e a consagração não são mais concedidos às obras “raras” de um autor individual, mas sim aos grupos de escritores associados em empreendimentos intelectuais coletivos (jornais etc.), que tendem a se tornar ao mesmo tempo as principais instâncias de consagração. Ao consagrar escritores que a elas se dedicam, essas instâncias se autoconsagram, vale dizer, pretendem impor o primado da instância em detrimento do produtor. No interior dessa nova hierarquia de legitimidades, os “grandes” cronistas – Paulo Barreto, Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, etc. – tomam o lugar dos “grandes” críticos literários da geração anterior e assumem o encargo de selecionar e consagrar novos pretendentes (MICELI, 2001, p. 56-57).

Nesse cenário, ainda que persistisse uma indefinição a respeito da atividade intelectual e dos meios para acessá-la, o escritor francês Anatole France (1844-1924) foi uma importante referência como símbolo otimista para seus pares brasileiros durante toda a República Velha. Em sua versão nacional, os “anatolianos” – primeiro tipo de intelectual profissional do país – (MICELI, 2001; COSTA, 2005) escreviam sobre assuntos diversos e estavam presentes na imprensa, seguindo o modelo francês daquele momento e produzindo essencialmente crônicas. Essa demanda provinha de jornais e revistas sob o controle dos dirigentes e mandatários políticos das antigas oligarquias; por outro lado, esses escritores aceitavam os postulados a fim de garantir salários, estabilidade profissional na carreira de literato ou cargos burocráticos. No contexto internacional, porém, esses intelectuais brasileiros estavam situados em posição dominada, já que importavam esses modelos estrangeiros para se legitimarem internamente.

Os anatolianos eram polígrafos porque deviam satisfazer às mais diversas demandas da imprensa e dos políticos que os protegiam, mas também porque o grau incipiente de diferenciação do mercado cultural fazia com que apenas a imprensa pudesse garantir a difusão daqueles gêneros literários de baixa rentabilidade quando veiculados no varejo cultural (MICELI, 2001, p. 198).

Ainda que essas posições na grande imprensa, nas instituições legislativas nacionais ou locais e nos partidos republicanos fossem fruto de um sistema de relações oriundo dos apoios oligárquicos, esses intelectuais profissionais prestavam serviços como assessores jurídicos, davam aulas, atuavam em campanhas, colaboravam com a imprensa, entra outras atividades correlatas (MICELE, 2001).

3.1.1 *Modernismo e inovação estética*

Ainda que tenha havido diversos modernismos no país, a Semana de Arte Moderna de 1922 é considerada um marco da modernidade ideológica e irônica nacional ao colocar em debate o nacionalismo e o cosmopolitismo e pensar sobre o lugar da intelectualidade como categoria social integrante da elite dirigente e como herói modernizador (PÉCAUT, 1990; MARTINS, 1987).

A capital do Rio Grande do Sul, nessa década, era uma cidade com intensa vida cultural – principalmente em cafés, bares, cinemas, jornais, confeitarias e livrarias – e já buscava se alinhar a esses parâmetros vigentes no centro do país (AMORIM, 1999). Marca desse momento de efervescência e de busca – ainda que incipiente – por uma organização da cultura em Porto Alegre foi a fundação, em 1920, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Dedicada a estudos de história, geografia e folclore, a instituição é formada por trinta membros efetivos vitalícios e cinquenta correspondentes e já teve em seu quadro Guilhermino Cesar, Carlos Reverbel, Moisés Vellino, Athos Damasceno Ferreira, Aquiles Porto Alegre, João Pinto da Silva e Sergio da Costa Franco³⁵. De 1921 a 1950, publicou revista trimestral. A edição foi retomada a partir de 1975 (TEIXEIRA, 1999).

³⁵ Guilhermino Cesar e Moisés Vellino foram ambos admitidos como sócios efetivos do quadro do IHGRS na mesma data, em 5 de julho de 1949, e tomaram posse no mês seguinte. Em 3 de maio de 1989, Cesar tornou-se sócio benemérito. Francisco Riopardense de Macedo foi eleito sócio efetivo em 23 de setembro de 1971, mas tomou posse dois anos depois disso. Entre os demais colaboradores do *Caderno de Sábado*, também integraram o quadro de sócios efetivos da instituição: Athos Damasceno Ferreira (desde 1957), Augusto Meyer (desde 1960), Mario Gardelin, (desde 1980), Lothar Hessel (desde 1983), Mozart Pereira Soares (desde 1985). Guilhermino Cesar, ainda, fez parte da comissão responsável pela revista do Instituto nas três edições publicadas entre 1974 e 1982. Antonio Hohlfeldt a integra desde 2008.

Ao analisar as memórias de Aquiles Porto Alegre – a partir do livro *A história popular de Porto Alegre*, publicado em 1940 –, Monteiro (2006) destaca que eram, nessas primeiras décadas do século, a Livraria Americana e as redações dos jornais *A Reforma*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta Mercantil* e *Correio do Povo* alguns dos principais lugares de reunião de intelectuais – que o autor chama de “elite letrada”. Ainda, associações literárias, musicais e dramáticas atraíam esses sujeitos.

Segundo as crônicas de Nilo Ruschel, analisadas por Monteiro (2006), no entanto, a maior agitação da cidade, em termos culturais, ocorria entre grupos de estudantes, intelectuais, advogados, políticos e artistas. Aglutinavam-se em espaços públicos situados ao longo da Rua da Praia³⁶: ali, além de comer e beber, escutavam música, liam jornais, escreviam, encontravam seus pares ou observavam o movimento da rua. Entre os grupos que se reuniam, por essa época, houve um que orbitou ao redor da Praça da Harmonia, situada no extremo oeste da Rua da Praia, próximo à orla do Guaíba³⁷.

Reuniram-se, nesse local, poetas, jornalistas, teatrólogos, contistas e cronistas como Zeferino Brasil, Augusto Meyer, Athos Damasceno Ferriera, Ernani Fornari, Roque Callage, Alcides Maya, Isolino Leal e Alceu Wamosy. Entre eles, alguns colaboravam com as revistas ilustradas que circulavam em Porto Alegre na época, como *Kodak* (1912-1920) e *Máscara* (1918-1928). Esse reduto reuniu intelectuais e boêmios até 1924, quando a praça foi extinta (SPALDING, 1969; GOUVÊA, 1976). Por essa mesma época, outro grupo de reunia no Café Colombo, situado também na Rua da Praia: o café era um espaço de sociabilidade da elite intelectual tradicional, com prestígio social e político, formada principalmente por médicos e engenheiros. Os novos grupos, pertencentes às camadas médias urbanas em ascensão, começavam a ganhar espaço e a frequentar esses mesmos lugares, ainda que se mantivesse alguma

³⁶ Denominada oficialmente Rua dos Andradas desde 1865, é a principal via do centro de Porto Alegre, onde tradicionalmente se concentra bastante comércio.

³⁷ Atualmente, a Praça da Harmonia é denominada oficialmente Brigadeiro Sampaio e se encontra na confluência das ruas dos Andradas e Presidente João Goulart, nas imediações da Usina do Gasômetro.

segregação: jornalistas, homens do comércio, pintores, poetas, estudantes e até turfistas e biscateiros reuniam-se no piso inferior (MONTEIRO, 2006).

O grupo mais regular e restrito era formado por Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, João Santana, J. M. de Azevedo Cavalcanti, Sotero Cosme e Paulo de Gouvêa. Outros poetas, intelectuais e artistas também se aproximavam: entre eles, Moysés Vellinho, Vianna Moog, Darcy Azambuja, Ernani Fornari, Athos Damasceno Ferreira, João Santana, João Manuel de Azevedo Cavalcanti, Mario Quintana, Leônidas Garcez, Ruy Cirne Lima, Dámaso Rocha, Major Guerreiro, Vargas Netto, Aluísio Franco, Paulo Correia Lopes, Sérgio de Gouvêa, Raul Bopp e Dante de Laytano. De uma maneira geral, eram indivíduos de formação intelectual de origem tipicamente francesa, marcada por nomes como os do Alfred Jarry, Jean Cocteau, Edmond Jaloux e Paul Verlaine (GOUVÊA, 1976).

A partir dessa efervescência do Modernismo, surgiram em diversos estados brasileiros publicações que serviram de lugar de debate e difusão das ideias dos intelectuais que se vincularam a esse movimento que possuía diversas correntes. A maioria desses títulos era mais efêmera e de menor alcance, mas foi ruidosa e revelou um número importante de nomes que, mais tarde, adquiriram relevância histórica como intelectuais (SODRÉ, 1999). Foi o caso de *Klaxon* (São Paulo, 1922-1923) – que se posicionou como lugar para os embates antes travados em colunas no *Jornal do Commercio* e do *Correio Paulistano* – e *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1926) (COHN, 2011).

Na esteira dessa movimentação, parte do grupo que circulava pelo Café Colombo, em 1926, participou da organização da revista *Madrugada*, que provavelmente foi a mais emblemática das publicações com viés modernista em Porto Alegre. Mesmo sem destoar muito do padrão das revistas ilustradas que então circulavam na cidade, a publicação mesclou crônica social e literatura, informação cosmopolita e cultura regional – para dar visibilidade a escritores e artistas gráficos diante de públicos mais distanciados do circuito literário. Era encabeçada por um grupo de jovens na faixa dos 24 anos, vindos das camadas média e alta da sociedade porto-alegrense. Inseridos no círculo que tinha a Livraria do Globo como centro, possuíam formação universalista e

almejavam uma modernidade social e artística que aproximasse Porto Alegre dos centros cosmopolitas. Depois da experiência com a publicação, o grupo ocupou a *Página Literária* do *Diário de Notícias* – este fundado em março de 1925 (GOLIN, 2006; GOLIN; RAMOS, 2007).

Entre os locais de comércio de livro situados na Rua da Praia que atraíam essa juventude intelectualizada, destacava-se a Livraria do Globo. Desde 1883, vendia livros e artigos de papelaria; em 1909, começara a oferecer serviços tipográficos; e, em 1917, iniciou a publicação de seu primeiro periódico – *Almanaque do Globo*, organizado pelo crítico e historiador João Pinto da Silva e pelo escritor e poeta ítalo-brasileiro Mansueto Bernardi (MOREIRA, 1999). Já um espaço importante da vida social e cultural de Porto Alegre,

A Livraria do Globo da Rua da Praia, na década de 20, foi um espaço em que a crítica escrita cedia a vez para a crítica falada. Na frente da sua cobiçada vitrine, os expoentes literários mantinham um ponto obrigatório, não só aos sábados, mas ao cair de cada tarde, conferindo novidades, polemizando temas, afinando leituras de Anatole France, Renan, Machado de Assis, Eça de Queiroz (GOLIN, 2001, p. 11).

Nessas reuniões, Mansueto servia de anfitrião para a mesma elite intelectual e política que frequentava os cafés, bares e alfaiatarias da região: por lá passavam Athos Damasceno Ferreira, Moysés Vellinho, Carlos Dante de Moraes, Rubens Barcellos, Oswaldo Aranha e Walter Spalding (AMORIM, 1999; MONTEIRO, 2006).

A partir de 1926, a Editora Globo iniciou publicações de traduções de obras estrangeiras. Ainda que pareça haver nessa opção uma tentativa de obter prestígio na cena cultural, a decisão do então gestor da empresa sulina, Henrique Bertaso, se deveu sobretudo à sua pouca experiência como editor: boa parte do trabalho de preparação do livro já teria sido feita pelo seu par estrangeiro – escolha da obra, definição do formato e da tipografia, além de eliminar parte do risco de editar algo inédito. O sistema de tradução montado pela Globo era algo inédito no Brasil e não foi igualado depois disso – possuía espaço interno dedicado às versões, firmava contratos de tempo integral com

os profissionais e nas melhores condições, com remuneração fixa (AMORIM, 1999). O auge dessa experiência, que ficou na memória como a notória Sala de Tradutores da Editora, teve início em 1939 e incluiu Mario Quintana, Herbert Caro e Leonel Vallandro, sob a liderança de Erico Verissimo. Foi dissolvida em 1947 – alguns deles ainda trabalharam para a editora depois disso como tradutores independentes (CANDELORO, 1995).

3.1.2 Vínculo com o poder estatal

Ainda que se visse uma efervescência cultural no Brasil na transição para os anos 1930, o campo cultural se politizou antes mesmo de se estruturar e de criar suas próprias instituições. A produção cultural e a atuação da intelectualidade estavam, ainda nesse momento, bastante ligadas – e, em boa medida subordinadas – ao Estado. Nesse contexto, a administração estatal, ao participar diretamente da estruturação do campo acadêmico nacional, acabou por absorver muito do ímpeto renovador daquele momento³⁸. Foi então que surgiu, no país, um primeiro conjunto de intelectuais que pode ter configurado uma espécie de *intelligentsia*³⁹:

Ela revoluciona os cânones estéticos, contesta a cultura dominante, busca suas raízes, valoriza o que é brasileiro, desespera-se pelo “atraso” cultural do país, interroga-se sobre as estruturas da sociedade, procura sua identidade social e tenta estabelecer uma ponte entre a modernidade e a modernização do país. Ela clama por reformas sociais que não sabe definir muito claramente, mas o que a atrai é a construção de uma *nação moderna*. Ela fala em seu próprio nome, “adverte” a nação, reivindica o direito de “ensinar, pregar e interpretar o mundo” (“teach, preach and interpret the world”), como dizia Mainheim a propósito das *intelligentsias*. E ela fracassa no

³⁸ Como mostra desse esfumaçamento das fronteiras entre o Estado e o campo cultural, Martins (1987) aponta a ação de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde Pública durante o governo Vargas. Intelectuais como Heitor Villa-Lobos, Mário de Andrade, Anísio Teixeira e Sérgio Buarque de Hollanda foram chamados a elaborar políticas e tocar projetos vinculados a essa instância estatal.

³⁹ Partindo da noção original de *intelligentsia*, Martins (1987) aponta uma controvérsia na origem do termo – surgido na Rússia e na Polônia no século XIX em contextos bastante distintos – e mesmo nos desdobramentos posteriores – quando passou a designar tanto o conjunto de intelectuais de um dado país quanto grupos mais restritos de intelectuais que se apoiam em sua capacidade de oferecer uma visão de mundo por meio de suas atividades criativas ou políticas. Ainda que normalmente esses indivíduos estejam ligados por símbolos, linguagem e hábitos compartilhados e se reconheçam ao mesmo tempo que são reconhecidos como tal, não chegariam a formar um estrato social específico – como ocorrera no contexto russo na era czarista – mas podem ser considerados um sujeito coletivo.

momento de estruturar um campo cultural, a partir do qual poderia definir suas relações com a política (MARTINS, 1987, p. 20).

Nessa mesma linha, também, é que se começaram a se disseminar os cursos de formação superior e a se organizar as primeiras universidades. Eram lugares de formação de novas elites, ainda que este processo estivesse relacionado à pretensão de manter a hierarquia social herdada ou adquirida e amparado numa visão de que a política deveria ser norteada por um saber científico. Os intelectuais envolvidos nesse processo se legitimavam a partir de seus títulos, que neste contexto consistiam na posse de um saber sobre o social e que era reconhecido e valorizado por diversos setores sociais. Saberes sociais, culturais e políticos passaram a ser, assim, credenciais de acesso à posição de elite dirigente (PÉCAUT, 1990).

Sendo assim, os intelectuais não dispunham de um princípio de identidade que remetesse a vínculos institucionais. Não se situavam em um campo autônomo, com suas hierarquias e estratégias alicerçadas em critérios relativamente estáveis. Não atuavam, tampouco, no sentido de consolidar as liberdades e os direitos tocantes à condição universitária. [...] o intelectual brasileiro apresentava, comumente, três perfis: o de advogado (eram numerosos os doutrinários de tendência autoritária com formação jurídica); o de engenheiro (frequentemente caracterizado pelo positivismo e inclinado para uma visão técnica do poder) e, é claro, o de homem de cultura (PÉCAUT, 1990, p. 34).

A Revolução de 1930 fez emergir novos modos de inserção do intelectual na construção orgânica da sociedade e do poder⁴⁰. Autoritário, o regime então instituído por Getúlio Vargas tinha como projeto a concepção de um governo “intelectual”: os homens e mulheres de cultura eram vistos como um ator social coletivo que representava a sociedade civil e participava da definição das finalidades da ação política. Esses bacharéis, amantes da cultura, tecnocratas e outros tipos de intelectuais assumiram, assim, tarefas políticas e ideológicas exigidas pelo crescimento do Estado e de sua esfera de

⁴⁰ Nesse sentido, desempenharam papel fundamental as organizações profissionais estabelecidas nessa década: Ordem dos Advogados do Brasil (OAB, 1930); Academia de Medicina (1931); Conselho de Engenharia e Arquitetura (1933); sindicato de escritores; além da regulamentação do exercício do jornalismo (1931) (COUTINHO, 1990; PÉCAUT, 1990).

atuação: o governo se tornou o principal espaço de legitimação do trabalho técnico, cultural e científico ao atuar no recrutamento, seleção, treinamento e promoção dos portadores de diplomas. Nesse contexto, aumentou a concorrência no interior do campo cultural; o capital advindo dos trunfos escolares e culturais ganhava, aos poucos, mais peso (PÉCAUT, 1990; MICELI, 2001).

Para além da vinculação com o Estado, havia outros setores em expansão no mercado de trabalho nos quais concorriam os aspirantes às carreiras intelectuais: organizações partidárias, instituições culturais, frentes de mobilização ideológica, redes de organizações católicas e, principalmente, o mercado editorial (MICELI, 2001). Viu-se, a partir de então, uma maior, mas ainda incipiente, profissionalização de uma parcela significativa dos intelectuais então em ascensão, os escritores. Predominantemente, dedicavam-se a literatura infantil, romances, traduções, poesia, dramaturgia e estudos sobre pedagogia, direito, medicina, ciências e antropologia. Mas é somente já no final dos anos 1930 que alguns desses profissionais conseguem sobreviver apenas dos ganhos provenientes de sua atuação no mercado literário (MARTINS, 1977-1978).

No Rio Grande do Sul, os anos 1940 foram um novo momento de movimentação intensa no campo intelectual, ainda que agora com uma característica diferente. A imprensa, nesse momento já predominantemente empresarial, seguia sendo palco para o debate intelectual mais acalorado. Em 1943, por exemplo, o Pe. Leonardo Fritzen publicou na revista *Echo* no qual criticava a obra *O resto é silêncio*, de Erico Verissimo, por seu conteúdo moral, e proibia a leitura dela por jovens estudantes de escolas católicas. Travou-se, então, uma batalha entre o religioso e o escritor que levou intelectuais locais a publicarem manifestos no *Diário de Notícias* como textos “a pedido”. Em favor de Erico, foram 650 signatários – um grupo mais heterogêneo social e ideologicamente, ligado à Editora Globo, que incluía Cyro Martins, Nilo Ruschel, Dante de Laytano, Mario Quintana, Dyonélio Machado, Pedro Wayne, Lila Ripoll, Olinto Sanmartin, Manoelito de Ornellas e Carlos Reverbel; em favor de Fritzen, 345 assinaram – coletivo mais homogêneo,

monopolizado por católicos conservadores como Aldo Obino, Mansueto Bernardi, Elyseu Paglioli e Bruno Kieffer (MONTEIRO, 2011).

Às revistas surgidas durante toda a movimentação modernista, seguiram-se, durante as duas décadas seguintes, uma série de publicações marcadas pela revisão e pela consolidação de ideário que surgira nos anos 1920 e que reuniram e movimentaram a intelectualidade brasileira. Essas publicações se assemelhavam a livros, continham poucas ilustrações e traziam ensaios longos; o design mais clássico deixava transparecer uma pretensão de seriedade com relação aos assuntos e abordagens (COHN, 2011)⁴¹.

A partir desse cenário movimentado e seguindo a tendência dessas publicações, a Editora Globo lançou, em 1945, aquele que talvez tenha sido seu empreendimento mais marcado por intenções culturais, a *Revista Província de São Pedro*. Dirigida por Moysés Vellinho, a publicação foi uma reação da intelectualidade às novas condições de organização do Brasil por meio da oposição ao centralismo e à padronização cultural (CORADINI, 2003). Com 20 números que circularam entre 1945 e 1957, a publicação contribuiu para uma compreensão mais abrangente do sistema literário local ao aprofundar a reflexão sobre o regionalismo literário. Ainda, por acolher nomes importantes do centro do país, favoreceu o ingresso e a participação do estado no debate que então marcava a cena literária brasileira (BAUMGARTEN, 2009).

Entre os autores publicados no período em que circulou, há nomes internacionais – como Albert Camus, Jean-Paul Sartre – e nomes de ressonância nacional – como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Britto Brocca, Paulo Mendes Campos, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Otto Maria Carpeaux, Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Hollanda, Sérgio Buarque

⁴¹ Com esse intuito, foi editada entre 1941 e 1944, a revista *Clima*, iniciativa de um grupo de egressos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Com uma tiragem de mil exemplares e sem vínculo com nenhuma instituição, teve 16 edições voltadas para a movimentação cultural da capital paulista e para a produção intelectual relacionada a literatura, artes plásticas, música, economia, direito e ciência. Tal foi a repercussão do trabalho desenvolvido pelo grupo de jovens que incluía nomes como Alfredo Mesquita, Antonio Cândido e Décio de Almeida Prado que vários deles foram chamados a trabalhar na grande imprensa, se tornaram professores da USP e passaram a atuar no campo da produção cultural. Em seu trabalho na revista, foram intérpretes do modernismo, inauguraram a moderna crítica das diversas expressões artísticas (LORENZOTTI, 2007).

de Hollanda, Lêdo Ivo, Henriqueta Lisboa, Wilson Martins, Cecília Meirelles, Murillo Mendes, Graciliano Ramos e Nelson Werneck Sodré. Entre os autores sulinos, figuram Mario Quintana, Paulo Hecker Filho, Raul Bopp, Guilhermino Cesar, Oswaldo Aranha, Darcy Azambuja, Mansueto Bernardi, Athos Damasceno Ferreira, Lothar Hessel, Dante de Laytano, Lara de Lemos, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Augusto Meyer, Álvaro Moreyra, Aldo Obino, Manoelito de Ornellas, Apolinário Porto Alegre, Carlos Reverbel, Lila Ripoll, João Pinto da Silva, João Simões Lopes Neto, Walter Spalding, Limeira Tejo, Theodomiro Tostes, Erico Verissimo, Vianna Moog e Carlos Dante de Moraes (VILLAS-BÔAS, 1963)⁴².

Ainda inserido nesse espírito de revisão das ideias então vigentes no Rio Grande do Sul, surgiu, na Faculdade de Direito da UFRGS, em 1946, o Grupo Quixote. Ao núcleo inicial formado por Raymundo Faoro, Wilson Chagas, Silvio Duncan e Fernando Jorge Schneider, juntaram-se, no ano seguinte, Paulo Hecker Filho, Vicente Moliterno e Heitor Saldanha, e, mais tarde, outros membros. Nesse grupo inicial, predominavam ensaístas que pretendiam levar adiante a revolução modernista no estado. As reuniões do grupo ocorriam na própria faculdade, em bares ou nas residências de Paulo Hecker Filho e Guilhermino Cesar – este último, crítico literário e historiador, orientava o grupo de jovens. Entre 1947 e 1952, editaram uma revista que levava o nome do grupo e que pretendia expressar recusa e protesto por meio de ensaios críticos, contos, crônicas, poemas, resenhas de livros e notícias culturais. Foram apenas cinco números, sem muita regularidade, com a presença de 56 autores (BIASOLI, 1994a)⁴³. Na revista, em artigo, Wilson Chagas refletia sobre o papel do intelectual e expressava o ideal que o grupo parecia ter naquele momento:

⁴² Entre os 611 textos listados estão nove poemas de Mario Quintana – sendo seis deles sob a cartola *Do Caderno H* –, quinze textos de Moysés Vellinho, dezesseis textos de Guilhermino Cesar, um de Paulo Hecker Filho, três de Raul Bopp e seis de Paulo Rónai – estes colaboradores frequentes do *Caderno de Sábado* anos mais tarde.

⁴³ Paulo Hecker Filho foi redator-chefe da primeira edição, mas foi substituído por João Francisco Ferreira depois. O grupo não teria ficado satisfeito com o fato de o único artigo publicado na íntegra em páginas sucessivas ter sido o de Hecker. Hecker contribuiu com ensaios nos dois primeiros números da revista e depois se afastou do grupo. Depois disso, fundou a revista *Crucial* (BIASOLI, 1994a).

A função intelectual exige uma isenção, um estado de pureza, de disponibilidade criadora, que a orientação programática, o desejo de influir diretamente sobre os homens e acontecimentos, muitas vezes compromete e restringe (CHAGAS *apud* BIASOLI, 1994a, p. 31).

Mais tarde, os integrantes do Quixote se voltaram para a poesia e editaram, entre 1955 e 1960, uma série de folhas de poesia. Em 1956, a Editora Globo lançou uma antologia denominada *Poesia Quixote*, com a produção de alguns dos integrantes do grupo. Ainda, depois da edição da revista, seguiram fazendo ecoar suas ideias na imprensa local: ganharam espaço, a partir de 1955, na página literária do jornal *A hora*, editada por Vicente Moliterno. O grupo se desfez em 1961.

No mesmo rumo da década de 1940, mas sem um viés tão marcadamente revolucionário, foi a criação do Clube de Cinema de Porto Alegre – uma versão local de uma tendência vista no centro do país e que ganhava força como modo de reunião da intelectualidade a partir de um modelo associativo e como forma de construir, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico, um espaço de fruição do cinema que se contrapusesse à recepção ligeira e descartável. Guilhermino Cesar foi quem presidiu, em 1948, a sessão de fundação do cineclube que teve lugar no auditório da Cia. Jornalística Caldas Junior, um dos lugares mais importantes da vida cultural da cidade e que, naquele momento, era dirigido por Oswaldo Goidanich. Estiveram presentes 53 pessoas, entre jornalistas, artistas, escritores, poetas, intelectuais e professores que assinaram a lista de presença na reunião de fundação: era um “misto de jovens sonhadores, cheios de energia, e veteranos inquietos, profissionais consagrados, empenhados em contribuir para a coletividade” (LUNARDELLI, 2000, p. 34) e incluía o poeta Mario Quintana, o escultor Fernando Corona, a jornalista Gilda Marinho, o poeta e crítico Paulo Hecker Filho, o pesquisador Dante de Laytano e o professor Guilhermino Cesar. O jornalista e crítico P. F. Gastal foi eleito o primeiro presidente; o também jornalista Goidanich, vice; no conselho fiscal, o também crítico de cinema do *Diário de Notícias* Jacob Koutzii.

Em razão da atuação de Gastal – então crítico de cinema e editor ligado à Caldas Junior –, o Clube tinha nos jornais da empresa – *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* – seu principal canal de expressão. A partir de junho de 1950, tiveram um programa na Rádio Farroupilha; chamava-se *Clube de Cinema*. Com notícias, crítica de filmes, enquetes, música de cinema e entrevistas, recebiam semanalmente um convidado – os primeiros foram Erico Verissimo, Guilhermino Cesar e Moysés Vellinho. Existiu, na cidade, um grupo de cineclubistas católicos – assim como no resto do país –, mas

O Clube de Cinema de Porto Alegre era mais antigo e tinha uma legitimidade advinda de seus dirigentes, uma elite intelectual que não poderia aceitar nenhum tipo de restrição moral sobre seu modo de apreciar cinema. Embora não fossem hegemônicos, os católicos faziam parte da cena, eram uma força ativa que impunha uma reação. Organizados, ocupavam espaços que o Clube de Cinema deixava em aberto pelo simples fato de priorizar a assistência de filmes (LUNARDELLI, 2008, p. 46-47).

Os anos 1950 foram de intensas mudanças na economia, na política e na cultura brasileiras⁴⁴. No Rio Grande do Sul, esse foi um momento marcante de organização da cultura, principalmente a partir da esfera estatal. No começo da década, mais uma vez a intelectualidade porto-alegrense se aglutinou ao redor de um projeto para impulsionar a vida cultural da cidade: a criação de uma orquestra sinfônica. Em 1949, fora criado um conjunto encabeçado pelo Orfeão Rio-Grandense, mas logo foi dissolvido, com vistas à criação de um novo. Na reunião de fundação, ocorrida na Biblioteca Pública do Estado, em 1950, estiveram 23 pessoas – entre elas, João Pio de Almeida, Tasso Bolivar Dias Correia e Herbert Caro. Luís Fontoura Júnior foi, então, eleito o primeiro diretor. Sucederam-no, entre outros, Moysés Vellinho (1952-1972) e Oswaldo Goidanich (1975-1981). Os primeiros três anos da organização foram dedicados à contratação de músicos efetivos para a formação do conjunto. Depois de quase uma década e meia de dificuldades financeiras, em 1964, a

⁴⁴ Indícios dessa movimentação foram a criação do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) – instituição de ensino e pesquisa com vínculo oficial –, o Cinema Novo e, mais tarde, a organização dos CPCs (Centros Populares de Cultura).

orquestra se tornou fundação autárquica ligada ao estado do Rio Grande do Sul⁴⁵.

Nessa década, ainda, foi criada, em 1954, a Divisão de Cultura da Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Encampava, inicialmente, o Theatro São Pedro, a Biblioteca Pública e o Museu Júlio de Castilhos. Para criar órgãos especializados em Artes, Ciências e Letras, instalou-se uma comissão formada por intelectuais locais como Moysés Vellinho, Tasso Corrêa – então diretor do Instituto de Belas Artes –, Irmão José Otão – reitor da PUCRS – e Dante de Laytano – diretor do Museu Júlio de Castilhos (GOMES, 2005). Na esteira desse processo é que foram criados o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e o Instituto Estadual do Livro (IEL) – este responsável pela definição da política estadual do livro, pela difusão da literatura produzida no RS e pela preservação da memória cultural do estado, principalmente a literária (STERZI, 1999).

O MARGS assumiu, a partir de sua inauguração, um papel de circulação da produção local e nacional pela cidade. Ainda que de forma incipiente, o circuito porto-alegrense incluía, já desde a década anterior, espaços expositivos adaptados em estabelecimentos comerciais, como era o caso da Casa das Molduras, do Estúdio Haar e do auditório da Caldas Júnior. Era um panorama incipiente e amador que só seria incrementado nos anos 1960, com mais uma dezena de espaços (BOHNS, 2007; BULHÕES, 2007). O MARGS, nesse cenário, tomou o papel de dinamizar o circuito artístico da cidade, ainda que de forma longe de ideal – ocupava foyer do Theatro São Pedro, o que durou até 1973⁴⁶.

⁴⁵ Outro nome importante ligado à orquestra foi de Pablo Komlós, regente húngaro radicado em Porto Alegre em 1950: foi diretor artístico do conjunto sinfônico de sua fundação até 1978. Também, foi assessor musical da UFRGS e, em 1967, foi contratado como professor auxiliar, cargo que ocupou até a aposentadoria. Durante esse período, criou o Coral Sinfônico da UFRGS em 1961 – depois denominado Coral Universitário do Rio Grande do Sul (CÔRTE REAL, 1984).

⁴⁶ Antonio Hohlfedlt foi diretor do Museu entre fevereiro e junho de 1962 (GOMES; GRECCO, 2005).

3.1.3 Os suplementos culturais como lugar de reunião

No cenário nacional, os periódicos culturais se posicionaram como espaço de divulgação da produção artística de vanguarda que então se desenhava no país (COHN, 2001). Nesse contexto, os suplementos literários dos grandes jornais brasileiros se tornaram emblemáticos:

Aí se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidade e ocorriam cisões. Aí se cruzaram várias gerações, nascidas entre 1880 e 1930 (ABREU, 1996, p. 23).

Entre os coletivos que se articularam em torno dessas publicações – sem necessariamente uma filiação a uma delas em particular, mas orbitando ao redor de todas as existentes – estava um grupo alagoano que se reuniu em Maceió, nos anos 1930, e depois se mudou para o Rio de Janeiro. Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Hollanda, entre outros, formaram um coletivo que se ajudou mutuamente na busca por posições nos periódicos da então capital federal e que teve presença marcante no suplemento literário do *Diário de Notícias*. Mais para o final da década, uma geração de mineiros se reuniu ao redor dessas publicações. Otto Lara Resende, Hélio Pelegriño e Fernando Sabino estavam entre esses. Os encartes semanais de cultura eram, então, o meio de inserção dos jovens no circuito literário (ABREU, 1996).

Abreu (1996), ao pensar sobre homens e mulheres de letras que circulavam por essas publicações, começa por dizer que o fato de escreverem artigos assinados para imprensa, de alguma forma, já os qualificava ao posto de intelectuais na sociedade – ainda que esse fator não fosse definitivo. Eram, predominantemente, “intelectuais criativos” – seguindo a ideia de Lipset (1959): escritores, poetas, cronistas, ensaístas, críticos e historiadores, o que tem uma relação bastante estreita com a temática normalmente apresentada por esses encartes especializados. Essas colaborações representavam, para muitos desses literatos, uma forma de sobrevivência, já que o mercado literário ainda era bastante restrito no país. Reuniam-se, ainda, ao redor desses projetos editoriais, intelectuais que desempenhavam apenas essa função e aqueles que

combinavam essa atuação com o jornalismo – o que parece ser consequência da atuação paralela de muitos desses na imprensa historicamente no Brasil.

Para todos, pois, figurar nessas publicações era uma forma de buscar legitimidade e reconhecimento na atuação como intelectual. Muitas vezes, inclusive, essa relação permitiu acesso a outras instâncias de consagração, como a universidade, a política, o serviço público e editoras. Da mesma forma, buscavam essas publicações aqueles que não obtiveram posições no meio universitário – principalmente folcloristas e estudiosos de história do Brasil –, um significativo grupo de pensadores católicos e mesmo pensadores voltados para a política – eram responsáveis por projetos, programas, ideologias e arte com viés político. De uma maneira geral, os cientistas estavam ausentes por terem uma representação social menos conhecida que a dos letrados, além de normalmente atuarem em áreas cujos temas e linguagens são bastante herméticos e complexos (ABREU, 1996).

É possível dizer que um dos paradigmas desse período em termos de encartes semanais de cultura surgiu em 1956: o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo*. Com projeto visual do artista plástico Ítalo Bianchi e editorial de Antonio Candido, tinha poucos anúncios e servia principalmente para trazer prestígio ao jornal que o veiculava. Por ter abrigado as ideias da intelectualidade paulista daquele período, traduzia uma visão de erudição e ilustração como um ideal a ser alcançado pela parcela mais refinada das classes médias urbanas. Trazia, além da crítica de rodapé feita por Wilson Martins, resenhas, textos sobre literatura estrangeira e de diversos estados brasileiros, tratava das revistas culturais e literárias, enfim, priorizava o tom crítico, diferentemente da cobertura informativa que era produzida para a página *Letras e Artes* do mesmo jornal (LORENZOTTI, 2007).

A publicação concedeu espaço significativo para as artes visuais – reproduzindo obras de artistas como Lívio Abramo, Wesley Duke Lee e Mira Schendel – e teve entre seus colaboradores mais frequentes diversos nomes já consagrados – como o historiador Sérgio Buarque de Holanda e a escritora Lygia Fagundes Telles – e também nomes em ascensão naquele momento –

como Rogério Sganzerla, que, aos 17 anos, publicava suas primeiras críticas de cinema (COHN, 2011).

O texto de apresentação da primeira edição – de autoria dos críticos Décio de Almeida Prado e Antonio Candido – tinha tom de manifesto e demonstrava uma intenção de conceder espaço à literatura de boa qualidade, segundo os parâmetros expostos pelos autores, analisada por críticos de diferentes correntes: “[...] mesmo recusando a função de porta-voz de qualquer grupo, a força da tradição de um estrato cultural ligado à fundação do próprio jornal e também da Universidade de São Paulo se faz ouvir” (WEINHARDT, 2009, p. 219). Nesse sentido, novamente se manifestava o posicionamento já mantido pelo *Estadão* desde o princípio do século XX como centro de atração da intelectualidade paulistana – já perceptível na participação dos proprietários do jornal na criação da USP e da *Revista do Brasil*. Conforme Lorenzotti (2007), a concepção do *Suplemento*, de alguma forma, expressava essa tendência, principalmente por ter sido uma iniciativa bastante ligada ao grupo de egressos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo que fundara, em maio de 1941, a revista *Clima*.

Também em 1956, surgiu o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro. Idealizado pelo poeta Reynaldo Jardim, em parceria com o também poeta Ferreira Gullar, teve projeto gráfico inovador do artista visual Amílcar de Castro – que privilegiava o espaço branco. É considerado o mais ousado projeto de suplemento já veiculado por um diário nacional, pois serviu de base para a construção conceitual do neoconcretismo, movimento de grande importância na segunda metade do século XX (COHN, 2011). Por esse alinhamento com as vanguardas, sobretudo a concretista carioca, o suplemento estava afastado do leitor comum, dos nomes consagrados vinculados à ABL e dos interesses do mercado editorial. Apesar da imagem de inovador – tanto pelo aspecto gráfico quanto editorial –, era tido como difícil, ininteligível e não era consenso entre os proprietários do jornal (COSTA, 2005). Poetas, romancistas, cronistas e historiadores ganhavam espaço: Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, José Lino Grünevald, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Ledo Ivo, José Lins do Rego, Walmir Ayala, Lígia Fagundes Teles e Murilo Mendes foram alguns dos que colaboraram.

Na passagem de seu primeiro aniversário, o SDJB publicou uma série de depoimentos de seus colaboradores. Nela, pretendia apresentar a repercussão da publicação no ambiente cultural carioca e brasileiro. A lista oferece um panorama bastante interessante da rede de intelectuais que se reunia nas páginas do suplemento: entre eles, estavam os escritores e poetas Jorge Amado, Antônio Callado, Anibal Machado, Manuel Bandeira, Geir Campos, José Lins do Rego, Rubem Braga, Cassiano Ricardo e Ruth Maria Chaves; os críticos e ensaístas Antônio Houaiss, José Roberto Teixeira Leite, M. Cavalcanti Proença, Otto Maria Carpeaux, Ledo Ivo, Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, os artistas plásticos Quágua, Poty, Inimá, Vera Bocaiúva e Lygia Clark; o jornalista Herbert Moses; e o editor e livreiro Carlos Ribeiro (VARELA, 2009).

A partir de 1960, muitos desses intelectuais ligados às vanguardas em ascensão passaram também a publicar, aos domingos, na página *Invenção*, do jornal *Correio Paulistano*. A seção era editada pelos poetas Augusto e Haroldo de Campo, Décio Pignatari, Edgard Braga, Pedro Xisto de Carvalho, José Lino Grünewald, Mario Chamie e Cassiano Ricardo. A partir de 1962, uma cisão no grupo deu origem a duas publicações que traduziram a complexidade desses projetos vanguardistas, com seus conflitos internos e diversidades. A primeira revista era homônima à página dominical e reunia a maior parte do grupo. Teve cinco edições até 1967. A outra era liderada por Mario Chamie e se chamava *Instauração Praxis*. Até os anos 1970, reuniu diferentes gerações vinculadas à poesia – estavam ligados a ela, por exemplo, o modernista Cassiano Ricardo, que se afastou dos concretos, e os jovens críticos José Guilherme Merquior e Zulmira Ribeiro Tavares.

3.1.4 Institucionalização e profissionalização

Desde 1945, havia um clima generalizado de democratização da vida brasileira, o que se refletiu na vida cultural sobretudo entre o governo JK e 1964. O golpe civil-militar, assim, representou o desejo de um alinhamento a um novo patamar de acumulação capitalista e teve como consequências o estreitamento de laços de dependência, modernização, racionalização

institucional e autoritarismo e criou condições para a passagem do capitalismo nacional para a etapa dos monopólios (COUTINHO, 1990; PÉCAUT, 1990; HOLLANDA; GONÇALVES, 1995). Essa nova realidade se manifestou também na organização da cultura, como ocorreu nas comunicações. Dessa forma, o capital mínimo para criação de um organismo cultural se tornou tão alto que somente os grupos monopolistas foram capazes de tomar esse tipo de iniciativa, ainda que houvesse brechas em que pequenas e médias empresas conseguiram atuar (COUTINHO, 1990).

Artistas e intelectuais, predominantemente oriundos das camadas médias, passaram da crítica social à crítica política. Mas o poder então instituído não assistiu passivamente à mobilização desses setores expressivos da intelectualidade e da criação artística como oposição política: organizou um aparato repressivo que, por apresentar alguma flexibilidade e contradições, mais constrangeu que sufocou a produção artística (VENTURA, 2000c). Nas universidades, a caça às bruxas foi praticada, inclusive, por iniciativa de alguns professores mais alinhados ideologicamente com o regime. No entanto, a repressão sobre os setores intelectuais foi mais branda do que aquela exercida sobre militantes populares, operários e camponeses – já que esta visava enfraquecer formas de organização surgidas nos anos anteriores. O ISEB, os CPCs e a UNE foram, entre as instituições que congregavam intelectuais, as mais atingidas. Como reação, emergiram manifestações de intelectuais convocando seus pares a exercerem seu “papel social” (PÉCAUT, 1990).

A produção cultural que combinava renovação formal com engajamento político, então, ingressou num circuito de consumo entre os já convertidos estudantes e intelectuais de classe média – sobretudo no cinema, teatro e música – que foram estabelecendo uma cumplicidade necessária à decodificação da produção, já que esta precisava estar preparada para driblar a censura que se tonaria cada vez mais pesada. Surgiu, assim, um rentável mercado para a produção engajada, que terminou por se enquadrar nas estruturas de produção e consumo controladas pelo sistema (HOLLANDA, 1981; HOLLANDA; GONÇALVES, 1995; RIDENTI, 2005).

Ainda que o cenário fosse bastante restritivo à produção artística e intelectual e que também os suplementos culturais e literários já não tivessem o mesmo prestígio e a mesma vitalidade que tiveram na década anterior, surgiu em Minas Gerais o *Suplemento Literário*, editado pelo Governo do Estado e encartado no órgão oficial *Minas Gerais*. É a mais longeva das publicações do gênero editadas no Brasil: criado em setembro de 1966, circula até a atualidade. Teve como primeiro editor o escritor Murilo Rubião, que depois foi sucedido pelo também literato Wander Piroli – que permaneceu até 1975. Esses 11 anos iniciais são tidos como os mais significativos da publicação: Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Antonio Candido, Antonio Houaiss, Silviano Santiago e Osmar Lins foram alguns dos escritores cujos textos figuraram no encarte (COHN, 2011). Privilegiava a produção mineira, mas não se pretendia bairrista; fez cruzar diversas gerações de intelectuais e tratava de temas que transcendiam a literatura. Além de ficção, poemas e ensaios literários, trazia textos sobre cinema, artes visuais e teatro e traduções de textos estrangeiros (WERNECK, 2011).

Nesse mesmo ano, em Porto Alegre, um grupo de intelectuais que buscavam uma instituição que os acolhesse para a troca de ideias sobre seu interesse comum fundou o Círculo de Pesquisas Literárias, o CIPEL. Liderados por Lothar Hessel, reuniram-se Julio H. Petersen, Pedro Leite Villas-Bôas, Ari Martins, Paulo Xavier, Hélio Moro Mariante, Eneidy Rodrigues Till, Fernando Ronna, João B. Marçal, João Palma da Silva, Lourival Vianna, Thiago Samento Leite, Maria Nador Freitas e Nilo Vasconcellos. No ano seguinte, ingressaram Francisco Riopardense de Macedo e Moacyr Flores. Mantinham, ainda, uma rede de correspondentes em outras cidades do RS (HESSEL, 1987; FLORES, 1999)⁴⁷. O grupo se dedicava a estudos sobre literatura, história, arquitetura e música; viajava pelo interior do estado, organizava seminários, cursos e palestras, que depois resultaram em algumas publicações. Em 1967, começaram a editar as *Folhas CIPEL*, que circulavam entre os participantes.

⁴⁷ No interior, eram correspondentes: Hélio Ricciardi, em Alegrete; Itálico Marcon, em Carazinho; Mario Gardelin, em Caxias do Sul; Sérgio da Costa Franco, em Erechim, entre outros. Também fizeram parte Nilo Ruschel, Olinto Sanmartin, Ramiro Frota Barcelos (HESSEL, 1987).

Ainda, realizaram diversos estudos que ganharam visibilidade ao serem publicados no *Caderno de Sábado*.

Em 1968, com o Ato Institucional N.º 5 (AI-5), a tentativa do regime ditatorial foi de destruir o embrião de sociedade civil autônoma que se constituía, e a organização da cultura não foi poupada. Nessa passagem de uma década a outra, também por conta de um momento de crescimento econômico, houve significativa modernização na indústria cultural em consonância com o aumento do público consumidor: cresceram a produção de livros, a indústria cinematográfica, os leilões e bolsas de arte e o teatro empresarial (PÉCAUT, 1990; HOLLANDA, 1981). Produtores culturais, então, tiveram de redefinir-se diante dessas novas condições e exigências:

Muitos artistas e intelectuais, vivendo o clima de 'vazio cultural' que alguns dizem marcar o momento, passam progressivamente a ser cooptados pelas agências estatais ligadas à área da cultura que são redinamizadas ou criadas a partir desse período. E aqui mais uma novidade: o Estado que até então fora incapaz de fornecer opções para a produção artística passa agora a definir uma política cultural de financiamentos às manifestações de caráter nacional, tornando-se, aos poucos, o maior patrocinador da produção cultural viável em termos de novas exigências do mercado (HOLLANDA, 1981, p. 91).

Entre os fatores que colaboraram para que essa ideia de vazio cultural se tornasse descritiva desse momento da cultura brasileira, pode-se dizer que esteve a opção pelo silêncio por uma parte significativa de intelectuais e artistas. Entretanto, uma economia da cultura já em desenvolvimento acabou por apontar três direções que levaram a certa superação desse vazio. Primeiramente, havia uma produção voltada para o entretenimento, com objetivos essencialmente comerciais, com caráter aético, apolítico, aideológico e acrítico. Esse tipo de produção era vista no cinema – com predomínio comédias e melodramas eróticos, por exemplo –, na música popular – marcada pela presença das canções de novelas –, na produção de livros – com os best-sellers – e no teatro – com um número elevado de produções de fácil consumo. Outra via foi a da contracultura, em meios mais artesanais de produção e circulação e com uma atitude que quase se sobrepunha à obra. Finalmente, havia uma produção cultural explicitamente crítica, voltada para a realidade política e social imediata (VENTURA, 2000a).

Fruto dessa cultura alternativa resultante de certo desencanto com a política oficial é a imprensa alternativa. Surgiu como primeiro lugar de informações e discussões que circulam à margem do cenário estabelecido e rompeu os princípios da grande imprensa. Sem a busca pela objetividade e a pretensão de neutralidade, explicitavam sua parcialidade e levavam em conta a impressão e a subjetividade (HOLLANDA, 1981). Tornou-se, portanto, referência histórica em se tratando de cultura dos anos 1970 (HOLLANDA, 2000c)⁴⁸.

As universidades, mesmo submetidas à vigilância política, seguiram sendo espaço de socialização. Corte, expurgo, veto, cassação, expulsão, aposentadoria e prisão foram alguns dos modos como a ditadura impôs sanções que atingiam não só o campo artístico, mas também o científico. Trabalhos de investigação e processos de orientação foram interrompidos e instalou-se um clima de insegurança e intranquilidade que não estimulava a atividade intelectual. Ocorreu, então, uma verdadeira “fuga de cérebros para o estrangeiro” (VENTURA, 2000c, p. 45), ou seja, acadêmicos e intelectuais exilaram-se. Ainda assim, havia um posição contraditória nesse sentido.

Reprimia-se duramente a comunidade acadêmica, mas havia financiamentos generosos sem precedentes para o desenvolvimento das ciências sociais – e isto mesmo durante os anos mais sombrios, de 1970 a 1975. Apesar de muito da censura ser minuciosa e obscurantista, diversos projetos de atividades culturais e artísticas eram apoiados – exceto aqueles tributários do viés “nacional-popular” vigente na década anterior (PÉCAUT, 1990). Se, por um lado, estudantes e professores considerados subversivos eram reprimidos, por outro, havia investimento em ciência e tecnologia – o que

⁴⁸ Três foram os principais veículos desse gênero: *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento* – este uma dissidência do anterior. Juntos, vendiam em torno de 70 mil exemplares semanalmente, pouco menos do que *Veja* e *Isto é* comercializavam em bancas. *O Pasquim* (1969-1991) era pautado pelo humor e pelo pluralismo; trazia entrevistas com personalidades marginalizadas da sociedade, dos costumes e da política; e revolucionou a redação jornalística ao incorporar a gíria carioca. Já *Opinião* (1972-1977) trazia um encarte do *Le Monde* e artigos do *The New York Review of Books*; dirigia-se às classes A e B e a universitários; abria espaço para homossexuais, mulheres e negros; criticava a ortodoxia esquerdista; era cosmopolita e possuía articulistas renomados (HOLLANDA, 1981; HOLLANDA, 2000c).

propiciou, inclusive, um crescimento expressivo da pós-graduação e da pesquisa (RIDENTI, 2005)⁴⁹.

Muitos dos intelectuais antes vinculados à esquerda nacionalista e mesmo comunista passaram a ocupar lugares de destaque em órgãos de comunicação de grande expressão: Paulo Pontes era responsável pelo *Caderno de Cultura do Jornal do Brasil*, Dias Gomes escreveu novelas de sucesso para a Rede Globo, diversos tiveram papel preponderante no surgimento de novas editoras como a Abril. Era, assim, um contexto de transição das antigas formas corporativistas para novas formas adaptadas à modernização do Estado. Os agentes do campo da produção cultural, portanto, passam aos poucos a adotar estratégias que se adaptaram ao avanço da indústria cultural e se desvincularam parcialmente do Estado. Ainda assim, muito da produção cultural tanto erudita quanto popular esteve sob “proteção” do Estado por meio de “fundações”, mesmo já no processo de abertura e apesar de a intelectualidade já ter certa autonomia garantida pelo desenvolvimento da indústria cultural (PÉCAUT, 1990).

Na Universidade de São Paulo, referência nacional, se manteve, durante a década de 1970, a herança elitista de sua criação. A intelectualidade paulista, assim, estava inserida num meio em que o inter-reconhecimento, o apego aos métodos científicos e às regras e hierarquias universitárias serviam de mediação institucional nos processos de legitimação e hierarquização. Pautavam-se por um universalismo e buscavam se situar no campo das ciências sociais internacionais. No Rio de Janeiro, por outro lado, o papel da intelectualidade, provavelmente por herança da tradição vinculada ao ISEB, estaria mais marcado pela intervenção direta no campo político e por uma reivindicação de representatividade popular e nacional (PÉCAUT, 1990). No Rio Grande do Sul, houve crescimento bastante significativo em todo o sistema de ensino superior: as instituições públicas aumentaram duas vezes e meia o

⁴⁹ A Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência é um exemplo de onde essa relação contraditória se expressou: ao mesmo tempo que o regime mostrava indignação com a politização da instituição, subvencionava seus congressos (PÉCAUT, 1990). A partir de 1977, a SBPC se posicionou ainda mais fortemente como espaço de reivindicação de liberalização do regime e de volta à democracia.

número de matrículas; as particulares o multiplicaram por cinco. Já nesse período havia universidades em diversas cidades do interior e uma profusão de estabelecimentos mantidos por instituições religiosas – ambas tendências que já se anunciavam nas décadas anteriores (ROSSATO; MAGDALENA, 1995). Já no final da década, a hierarquização do meio intelectual estava bastante marcada pela ideia de “competência” e pelo reconhecimento dos pares.

3.2 Correio do Povo e Caderno de Sábado

O *Caderno de Sábado* circulou semanalmente entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981, assumindo a função que outros periódicos já haviam desempenhado anteriormente na história da produção cultural no Rio Grande do Sul: reunir a intelectualidade local e dar vazão a suas ideias. Partilhando dessa dupla condição de publicações que o antecederam – divulgar o pensamento intelectual local e atualizar Porto Alegre com a produção intelectual de fora –, o projeto do *Caderno de Sábado* fora idealizado pelo crítico de cinema e editor P. F. Gastal e pelo jornalista Oswaldo Goidanich, mas ficou engavetado por meses antes de ser lançado.

O *Correio do Povo* foi o jornal de maior importância em Porto Alegre no século XX e sua repercussão extrapolava o alcance estadual. A veiculação de um caderno dedicado a temas culturais parece ser um movimento da empresa jornalística para reafirmar seu prestígio no contexto local. No final dos anos 1960, o paradigma predominante no jornalismo brasileiro era o de informação (BRIN; CHARRON; BONVILLE, 2004), e circulavam na cidade os jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, ambos do grupo hegemônico Caldas Júnior; *Diário de Notícias*, do grupo Diários Associados; *Jornal do Comércio*, com foco na economia e no direito; e *Zero Hora*, resultante de um novo empreendimento decorrente da extinção do jornal *Última Hora* (RÜDIGER, 2003). Este último estava em seu terceiro ano e circulação e se posicionava como um diário de contornos populares e sensacionalistas. Em 13 de abril de 1967, o periódico começou a editar o quinzenário *Caderno de Cultura*, este com projeto bastante alinhado com os suplementos que se constituíram como referência havia uma década nos grandes jornais nacionais. O suplemento de *ZH* tinha como marcas

a alternância entre consagrado e emergente, o espaço para a polêmica e o debate, ainda que com preferência pela reiteração do cânone (GOLIN *et al.*, 2013).

Como, naquele momento, o *Correio do Povo* era um jornal que acumulava mais de 70 anos de trajetória e se pretendia referencial no contexto brasileiro, a escolha por veicular um suplemento cinco meses depois de seu jovem concorrente parece, então, uma estratégia para alinhar-se a seus pares do centro do país: entre os principais diários brasileiros, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* já editavam encartes do gênero desde 1956. Além disso, o suplemento *Minas Gerais* já circulava havia um ano. O *Correio do Povo*, então, criava aquele que seria um dos quatro principais suplementos semanais de cultura do país nos anos seguintes e, assim, também se diferenciava de seu concorrente local ao adotar e levar adiante o projeto.

Ainda que semelhantes em suas opções temáticas e afinados na afirmação das expressões estéticas como condição de formação do sujeito culto, os suplementos surgidos em Porto Alegre em 1967 divergiam ao mimetizarem características consonantes com os posicionamentos das publicações que os abrigavam: enquanto o CS tinha à sua frente os experientes Gastal e Goidanich e era graficamente conservador, o seu antecessor era encabeçado por dois jovens jornalistas, Marcos Faerman e Luis Fernando Verissimo, e tinha projeto gráfico arrojado, de autoria de Aníbal Bendati⁵⁰.

O *Correio do Povo*, em sua história, já havia publicado seções, páginas e suplementos dedicados às variedades e aos temas culturais. O primeiro

⁵⁰ O *Caderno de Cultura*, nessa fase, durou até abril de 1970, e somente em outubro de 1981 ZH voltou a contar com um encarte do gênero. Nesse mesmo ano, o *Caderno de Sábado* deixaria de ser publicado e seria substituído pelo *Letras & Livros*. O novo suplemento do *Correio do Povo* era editado por Jayme Copstein. De acordo com relato do jornalista, a publicação era pensada para um público a partir dos 25 anos, com curso secundário completo ou ainda com curso universitário. No sentido de atingir esse público, o encarte adotou um projeto com textos menores, mas em corpo maior, com mais peso para as imagens e espaços em branco. Ainda que *Letras & Livros* tenha mantido algo da variedade de temas típica de seu antecessor, há um incremento no espaço dedicado à literatura e aos livros. Percebe-se, então, uma redução do caráter enciclopédico contido no projeto editorial anterior. A perspectiva dos produtos culturais como objetos de consumo se evidencia no suplemento lançado em 1981: há notas ao final da maior parte dos textos contendo informações típicas de serviço, tais como nome completo do autor, editora, local e data de publicação (CARDOSO, 2015).

rodapé veiculado pelo jornal e que incluía temas culturais foi *Semanário*: de responsabilidade de José Paulino Azurenha, apresentava uma crônica cultural da semana. Nessa coluna é que se divulgavam as primeiras sessões de cinema realizadas no Theatro São Pedro (GALVANI, 1995). Em 1929, o periódico fez circular um tabloide com oito páginas chamado *Suplemento Ilustrado*. O formato do encarte lembra muito as revistas ilustradas de então e foi uma das primeiras providências do novo diretor, Fernando Caldas⁵¹. Nesse formato, circulou por apenas cinco meses, retornando ao seu formato *standard* anterior. Sofreu várias modificações de tamanho em curtos períodos alternados.

Já em 1933 estreou *Feminina*, página que trazia crônicas, riscos de bordado, vestidos, maiôs e poemas e que seguia a tendência do jornalismo produzido para mulheres naquele momento. Dois anos depois, já sob a direção de Breno Caldas, o jornal passava trazer mais dois cadernos em suas edições dominicais. A “2ª seção”, como era chamada pelo diretor, agrupava os textos de cinema, artes, esportes, uma página feminina e pequenos anúncios. Eram variedades que extrapolavam o noticiário sério característico do *Correio* de então. No entanto, a experiência dessa época que durou por mais tempo foi a página semanal dedicada a temas literários. A partir de 1930, nessa seção, eram publicados contos, crônicas, ensaios e poemas. O jornalista Carlos Reverbel esteve à frente da página até 1960. Em depoimento à jornalista Cláudia Laitano, Reverbel narra:

Durante cerca de dez anos, entre os anos 50 e 60, tratei de acomodar naquelas duas páginas sabatinas o máximo possível de texto. Para aproveitar bem o espaço, eu mandava compor as matérias no corpo menor à disposição na oficina. O aspecto final não era muito bonito, a leitura era difícil, mas se o assunto era bom e o autor era importante

⁵¹ Depois do falecimento do fundador do *Correio do Povo*, Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, em 1913, foram diretores Emílio Kempf e Francisco de Leonardo Truda (entre 1913 e 1923) – ambos funcionários da empresa e sem relação de parentesco com a família Caldas. Estes foram sucedidos por José Alexandre Alcaraz (1923-1927) – irmão da viúva de Caldas Júnior, Dolores Alcaraz Caldas. Ao atingir a maioridade, Fernando Caldas (filho do fundador com sua primeira esposa, Arminda Porto Alegre Caldas) reclamou a diretoria, cargo que ocupou até 1929. O médico e jornalista Fábio Barros esteve, então, cerca de um ano à frente do periódico, sucedido por José Alexandre Alcaraz (nos dois primeiros anos dividiu a responsabilidade com André Carazzoni, que anteriormente era o chefe de redação). Em dezembro de 1935, Breno Caldas, filho do fundador do *Correio* com Dolores, sua segunda esposa, assumiu como diretor, cargo que deixou somente quando vendeu a empresa a Renato Ribeiro Bastos, em 1986.

eu não resistia à tentação de encaixá-lo nas páginas do jeito que desse. Quando as matérias eram muito extensas, eu recorria ao expediente para colocar continuações nas páginas finais do jornal, no tempo em que isso ainda podia ser feito. Hoje parece óbvio que aquilo era um transtorno para o leitor, mas naquela época o que contava era a possibilidade de lucrar mais meia página ou até uma página inteira de texto. Se o aspecto gráfico deixava a desejar, o time de colaboradores era simplesmente notável: Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Herbert Caro, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, Carlos Dante de Laytano, Athos Damasceno Ferreira, Paulo Gouvêa, Dyonélio Machado, Walter Spalding, Mario Quintana, só para citar os que eu me lembro sem precisar pensar muito. Era um trabalho fascinante. Além disso, não havia nada neste estilo sendo feito nos outros jornais da cidade na época. Antes de eu assumir essa responsabilidade, havia no *Correio* uma página literária organizada pelo Manoelito de Ornellas, mas durou pouco tempo. Mais tarde, no final dos anos 60, as páginas que eu organizava deram origem ao *Caderno de Sábado*, do P. F. Gastal, um suplemento de excelente qualidade que marcou época no *Correio* (REVERBEL; LAITANO, 1993, p. 153).

A partir de 1966, Oswaldo Goidanich – que estava retornando ao *Correio* depois de um período de afastamento – assumiu a coordenação dessas páginas e, mais tarde, as ampliou para dar origem ao *Caderno de Sábado*, numa parceria com o já renomado crítico de cinema P. F. Gastal. Em suas narrativas sobre como teria acontecido uma conversa em que Breno Caldas, então diretor do jornal, autorizou a publicação do novo suplemento a partir de setembro de 1967, os editores relembram que foi em encontros nos corredores do prédio do jornal e de última hora. Já havia algum tempo propuseram ao diretor a veiculação de um suplemento sabatino que fosse mais abrangente em sua temática e que servisse de espaço para a circulação e revelação dos valores das artes e das letras sul-rio-grandenses. Breno Caldas, no entanto, não concordou com a ideia, pois, segundo ele, a oficina do jornal era totalmente ocupada a partir de quinta-feira pela preparação da edição dominical. Tomados de surpresa pela mudança na decisão de Caldas, Gastal e Goidanich⁵² organizaram, então, uma edição que reunia seções que já eram veiculadas pelo jornal – a série de textos sobre política internacional de A. R. Schneider é exemplo disso –, material recebido por meio da assinatura de agências de notícias – por meio de uma delas viriam as crônicas de Clarice

⁵² Oswaldo Goidanich participou do processo de edição até 1974.

Lispector – e material recebido de colaboradores – visto que o suplemento não possuía uma equipe própria de trabalho (GASTAL, 1996; GALVANI, 1995; DILLENBURG, 1997).

Provavelmente o momento da criação do suplemento também se deveu ao fato de os 1960 terem sido, para a Companhia Jornalística Caldas Júnior, o período em que atingiu seu auge: o *Correio do Povo*, principal publicação do grupo, aumentou sua circulação, como a maioria dos grandes jornais do Brasil daquele período – resultado do processo de urbanização e de expansão das indústrias culturais nacionais. Desde 1936, a empresa também editava a *Folha da Tarde* (1936) – vespertino que fazia um jornalismo mais moderno e que ultrapassou a marca dos 100 mil exemplares na edição que anunciou a morte de Robert Kennedy, em 1968 (GALVANI, 1995). Neste mesmo ano, a companhia lançou a *Folha da Manhã*, um diário que se opôs abertamente ao governo ditatorial então vigente no Brasil. Com três jornais e sua Rádio Guaíba (em atividade desde 1957), a Caldas Júnior se colocava entre as maiores empresas jornalísticas do Brasil.

O então recém-criado *Caderno de Sábado* circulava com uma média de 16 páginas de tamanho tabloide – em raras ocasiões o número era reduzido a 12, e em números especiais podia passar de 20. Quando os textos extrapolavam a costumeira uma página, eram distribuídos em páginas duplas – normalmente as centrais – ou mesmo em séries em diversas edições consecutivas.

O dia da semana escolhido para a publicação deveu-se a dois fatores: um primeiro, era a tradição de, no Brasil, suplementos culturais e literários serem editados no fim de semana; outro era a própria rotina produtiva do *Correio do Povo*. Na época, o sistema de impressão exigia o fechamento das oficinas gráficas para limpeza, o que ocorria aos domingos e impedia que o jornal circulasse às segundas – quando era elaborada e impressa a primeira edição da semana, a de terça-feira. Às sextas-feiras, o jornal publicava um suplemento rural que tinha muito impacto e abrangência no interior do Rio Grande do Sul. Aos domingos, trazia um *Caderno Especial*, com 16 páginas standard, como o resto do periódico, dedicadas a grandes reportagens. A partir

disso, o sábado acabou por ser um dia em que não havia nenhum encarte e em que havia possibilidade de impressão.

Segundo o jornalista P.F. Gastal, editor, a produção do suplemento era feita “no peito e na raça” (GASTAL, 1996, p. 259). De acordo com ele, “foi uma experiência única, que além de publicar contistas, poetas, historiadores, ensaístas e por aí afora, trazia, toda semana, na capa, uma obra de artista plástico gaúcho, servindo para divulgar e lançar muita gente”. E lamentou: “O *Caderno* foi morto, por inveja, por ciúme, sei lá” (GASTAL, 1996, p. 254).

Mesmo sem ter uma equipe fixa e sem pagar pela maior parte das colaborações, o suplemento do *Correio do Povo* era preparado criteriosamente por seus editores, como recorda o então repórter do jornal Renato Gianuca:

Havia coisas que o Gastal simplesmente descartava. E não era pouca coisa. Havia uma ambição de qualidade. Então o texto tinha que ser de alguém conhecido, de alguém com importância, e que realmente contribuísse para tornar aquele *Caderno de Sábado* uma espécie de “ilha efervescente” (GIANUCA, 2008 *apud* CARDOSO, 2009, p. 53).

A capa em geral trazia uma ilustração de artistas diversos (Figura 1 acima). A escolha se dava quase que de forma aleatória, segundo as preferências dos editores e de seus colaboradores mais próximos. A preferência por gravuras e desenhos tinha uma motivação técnica: ficavam visualmente melhores ao serem impressas em papel jornal. A imagem era acompanhada de uma legenda descritiva. Com frequência, eram obras em exposição na cidade e, nestes casos, a descrição incluía informações sobre a mostra em que estavam incluídos os trabalhos. Neste caso, além de seu caráter estético e gráfico, as imagens adquiriam um viés informativo. Sobre esse processo, é interessante a memória de Gianuca:

As imagens basicamente eram gravuras. Eu várias vezes colaborei, uma vez que também fazia cobertura do setor de artes plásticas na época. Então, quando aparecia uma gravura do Waldeny Elias, por exemplo, eu perguntava: “Elias, dá para colocar no *Caderno*?” “Dá, não tem problema, só cita o meu nome.” Então eu trazia a gravura, fazia uma foto e devolvia para o artista. O Goidanich analisava e dizia: “Olha, neste número não dá, vamos deixar para outro número...” Era assim. E também se usavam muitas gravuras de livros. Por exemplo, nas páginas de história da literatura – que era o Guilhermino Cesar, basicamente, que escrevia no *Caderno de Sábado* – se procurava uma ilustração que correspondesse mais ou menos ao texto que estava sendo analisado. E, no meu caso, quando escrevia sobre teatro de Brecht, por exemplo, uma foto do dramaturgo naquela página já ilustrava (GIANUCA, 2008 *apud* CARDOSO, 2009, p. 49).

Era muito diferente de hoje em dia, porque a gente trabalhava com máquinas de escrever antigas e havia um contato muito grande com as oficinas na hora de fechar o *Caderno de Sábado*. Porque, como era um sistema de composição a chumbo, a gente mandava os originais para a oficina e eles imprimiam uma prova. A prova voltava para a redação, a gente fazia as correções e devolvia para a oficina. Inclusive a própria oficina dava muitas orientações na hora de diagramar o *Caderno*: “aqui está faltando”, “esta ilustração está muito grande, tem que diminuir o tamanho...”. Era uma diagramação por aproximação. E a parte de arte era com o Goidanich. Ele desenhava o layout da capa e submetia ao Gastal (GIANUCA, 2008 *apud* CARDOSO, 2009, p. 52).

No alto da página de abertura aparecia o nome do jornal: *Correio do Povo*, escrito em letras maiúsculas. No que seria a linha abaixo dele, da esquerda para a direita, figuravam sempre uma epígrafe de duas ou três linhas retirada de algum dos textos da edição, o nome do suplemento e um *box* com sombra contendo a data. Abaixo desse conjunto, um fio triplo, separando o cabeçalho do restante da página.

Nas páginas internas, os fios eram usados para emoldurar alguns poemas – e, em poucos casos, notas de redação. As imagens, em sua maioria, tinham mais uma função de dar ao suplemento com textos longos e pesados um tom mais arejado, ainda que muito discreto. Embora em muitos casos as imagens tivessem relação direta com o texto, às vezes eram meramente decorativas.

Nos textos editoriais, sem autoria explicitada – quando muito identificados como “Notas da Redação” – transparecia, por parte do *Caderno de Sábado*, uma tentativa de criar uma imagem de si mesmo como suplemento de qualidade: seu bom gosto é evidenciado pela qualidade que atribui aos seus temas, abordagens e colaboradores; parece buscar criar, ainda, uma imagem como mediador entre as letras, humanidades e artes e o público leitor e como incentivador do campo artístico, tanto de novos talentos como de debates. Enunciava-se, assim, por meio desse espaço, como um suplemento de prestígio e, assim, posicionava-se como um lugar de distinção – esta rateada entre os agentes envolvidos na produção do suplemento e com consequências para a imagem do *Correio do Povo* (CARDOSO, 2010)⁵³.

⁵³ Estas ideias estão baseadas no estudo que deu origem ao artigo *Bom gosto e prestígio em um suplemento cultural: a lógica do Caderno de Sábado do Correio do Povo em seu próprio discurso (Porto Alegre, 1967-1981)* (CARDOSO, 2010). A partir do estudo do suplemento sul-rio-grandense, o texto problematiza a imagem que os encartes semanais de cultura criam de si mesmos e como esse processo contribui para a construção da identidade do periódico que os abriga. A pesquisa foi realizada a partir da aplicação da Análise de Discurso de linha francesa em 41 textos editoriais encontrados na coleção de *Cadernos de Sábado*. Esses textos podem ser divididos em grupos, segundo suas características e propósitos: a) textos comemorativos ao primeiro e segundo aniversários do *Caderno de Sábado*, em 1968 e 1969; b) textos das capas de algumas edições cujo objetivo é apresentar e justificar a escolha da obra de arte ali reproduzida; c) pequenas notas que falam diretamente ao leitor; d) textos de apresentação de novas sessões e séries de artigos ou ensaios. A partir do estudo, chegou-se a 49 trechos nos quais o *Caderno de Sábado* era mencionado e que, agrupados, formaram núcleos de sentido: *Caderno de bom gosto*; com bons temas; assuntos tratados de maneira adequada; suplemento de qualidade; textos escritos por colaboradores consagrados no campo de produção cultural;

Semestralmente, o suplemento trazia aos leitores um índice de todos os textos publicados no *Caderno de Sábado*. Pode-se, a partir disso, perceber um posicionamento como enciclopédia de saberes a serem acessados no futuro. Na classificação elaborada por Fernando G. Sampaio a partir do sistema decimal usado em bibliotecas, o material publicado é categorizado por temáticas e por autores (Figura 2 abaixo).



Figura 2: Capa do índice do Volume I do *Caderno de Sábado*, que inclui as edições publicadas entre setembro de 1967 e março de 1968.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Os índices demonstram que havia, por parte do suplemento, um compromisso com seus leitores: segundo texto publicado no próximo volume, a indexação pretende atender a pedidos de leitores que colecionam as edições

suplemento mediador entre as letras, humanidades e artes e o público leitor; e encarte incentivador do campo artístico, tanto de novos talentos como de debates.

veiculadas semanalmente. Essa mesma ideia é reforçada na edição de junho de 1968, quando o *Caderno* começa a trazer um pequeno expediente que aparece junto ao número da edição no pé da página 2: por causa do “elevado número de leitores que estão colecionando”.

Colecionar o *Caderno de Sádado*, então, era uma maneira de objetivar o gosto pela cultura por meio da posse dessa enciclopédia de saberes (CARDOSO, 2009). Como recorda Armindo Trevisan,

Era a atualização cultural da pessoa culta, porque era muito variado. Além do mais, ele tinha também notícias, em uma quantidade até relativamente pequena, mas eram notícias interessantes. Naquela época, uma pessoa que lesse aquilo no Rio Grande do Sul sem dúvida tinha uma visão panorâmica do que estava acontecendo no estado, no Brasil e até fora. Era realmente um suplemento necessário (TREVISAN, 2008 *apud* CARDOSO, 2009, p. 112).

O nome do encarte deixa muito clara a posição do suplemento: é um caderno à parte do corpo principal do jornal que o abriga e circula aos sábados, dia livre da semana que pode ser ocupado pela leitura mais extensa e aprofundada. Em algo tão explícito como seu nome, é possível deduzir o ideal formativo do suplemento, destinado à ocupação do tempo livre com leitura inteligente. Nesse sentido, o *Caderno* carrega consigo uma noção de cultura que inclui os ideais de progresso, educação, evolução e razão – típicos do Iluminismo – e a perspectiva de uma formação do homem a partir da elevação do espírito por meio das artes, letras e humanidades – esta típica do Romantismo. Traduz, portanto, a ênfase na formação do sujeito culto, evidenciado em manifestações como a estética, a linguagem e o trabalho intelectual. Posiciona-se como lugar em que o acúmulo de saberes é tanto um objetivo quanto o processo capaz de levar até ele (CARDOSO; GOLIN, 2009).

A partir da conformação do projeto do suplemento, então, é possível inferir um perfil de leitor imaginado que, em seu tempo de leitura, dedica-se a ler sobre temas culturais, debates e análises, e ao contato direto com a produção literária – sobretudo aquela já consagrada. No escopo temático do suplemento, percebe-se um ideal que remete à posse de um conjunto de

saberes que está em uma esfera à parte do cotidiano, ou seja, trata-se de um conhecimento mais próximo das humanidades, artes e letras, e não de habilidades propriamente instrumentais. Esse conhecimento, então, envolve um pouco de tudo; e deve ser conhecido por todos (CARDOSO, 2009).

Dentro do contexto brasileiro, portanto, o suplemento do *Correio do Povo* se posicionou como uma publicação que, além de buscar o estabelecimento de uma relação duradoura com seu público, pretendia oferecer a este uma possibilidade de formação por meio da leitura. Nesse sentido, inserido no processo histórico brasileiro, consistiu em uma experiência regional marcante, mas que, pelo lugar ocupado pelo *Correio do Povo*, ressoava nacionalmente – tanto pelo alcance que obtinha como pela atração de intelectuais do resto do país para publicarem em suas páginas.

4 O CADERNO DE SÁBADO E SEUS INTELLECTUAIS: TRAJETÓRIAS

Em Porto Alegre, o *Caderno de Sábado*, assim como seus antecessores no cenário nacional, foi, entre 1981 e 1967, um importante veículo para a circulação das ideias de produtores, mediadores e consumidores de bens culturais. Quando posto em perspectiva histórica, evidencia-se ainda mais o quanto se configurou como lugar de reunião de homens e mulheres de cultura ao redor de um projeto jornalístico relevante na segunda metade do século XX. Nesse sentido, o presente capítulo pretende apresentar indícios a respeito das trajetórias dos dez intelectuais mais frequentes na coleção do suplemento do *Correio do Povo* para, assim, poder se aproximar de uma ideia de intelectual dentro da publicação. Ainda, apresentará o resultado do mapeamento de temas e as referências temporais e geográficas dos textos produzidos por cada um desses indivíduos de forma a detalhar a sua participação no CS.

A fim de atingir esses objetivos, parte-se de uma abordagem que pretende fazer confluir a especificidade do objeto, o contexto em que ele se insere e a perspectiva teórica escolhida para ancorar a discussão. Esta pesquisa, para tal, articula a Análise de Conteúdo – tanto como abordagem quantificadora quanto como gesto interpretativo – com eixos de observação tomados do campo da pesquisa histórica, especificamente dos estudos de Sirinelli (1986; 1988; 1998; 2003) sobre a intelectualidade. Dessa forma, pretende-se chegar à problematização conceitual da noção de suplemento semanal de cultura no que se refere à posição que historicamente essas publicações têm assumido como projetos editoriais aglutinadores de intelectuais consagrados e emergentes. No caso específico desta tese, o *Caderno de Sábado*, que circulou entre o fim dos anos 1960 e o início dos anos 1980, e o grupo de intelectuais mais frequentes em suas páginas são tomados como objeto empírico para essa articulação.

Para determinar um recorte que serviu de referência para a análise, iniciou-se este trabalho de pesquisa com o mapeamento dos autores dos textos publicados ao longo do período de circulação do suplemento, entre 1967 e 1981. A inclusão, aqui, de todo o conjunto de edições veiculadas no período

pretendia dar conta do critério de exaustividade, ou seja, de inclusão do maior número possível de documentos no conjunto analisado (BARDIN, 2011). A partir desse levantamento, chegou-se a um total de 11.144 textos presentes num total de 646 edições⁵⁴. Elaborou-se, então, a uma lista dos dez autores mais frequentes, conforme a Tabela 1 abaixo, e que constituiu a amostra para o presente estudo.

Autores	No. de textos	Tipos de textos predominantes	Principais temas
Mario Quintana	542	Poemas	
Guilhermino Cesar	482	Ensaaios e artigos; crônicas	Literatura e livros, história
Herbert Caro	467	Ensaaios e artigos	Música
Antonio Hohlfeldt	357	Ensaaios e artigos	Literatura e livros, teatro, artes
Paulo de Gouvêa	309	Crônicas; ensaios e artigos	Literatura e livros
Clarice Lispector	291	Crônicas	
F. Riopardense de Macedo	172	Ensaaios e artigos	História, arquitetura, patrimônio histórico
Paulo Hecker Filho	150	Ensaaios e artigos	Literatura e livros

⁵⁴ A coleção completa do *Caderno de Sábado* está disponível em alguns poucos acervos de acesso gratuito em Porto Alegre – o do jornal *Correio do Povo* tem acesso pago. No Arquivo Histórico Municipal, o acervo é de acesso livre e gratuito, mas não contém os índices; no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a coleção é organizada e bem conservada, mas o Centro de Documentação e Pesquisa, onde fica armazenada, só funciona de terça a sexta e admite um pesquisador por dia – desde que com horário previamente agendado; no Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, o acervo também está ordenado, ainda que em pior estado de conservação, e só há acesso de terça a sexta, à tarde, para um número reduzido de pesquisadores por dia – que tem diminuído em razão de problemas administrativos e de pessoal na instituição. Diante dessas dificuldades de acesso, este projeto foi possibilitado a partir da consulta da coleção particular pertencente ao professor Dr. Antonio Hohlfeldt.

Moysés Vellinho	131	Ensaaios e artigos	História, viagens, literatura e livros
Ney de Araújo Gastal	128	Ensaaios e artigos	Música

Tabela 1: Dez autores mais frequentes na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981); número total de textos categorizados por autor; tipos de textos e temáticas predominantes categorizados por autor⁵⁵.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Se somados os textos dos autores acima listados, chega-se a um total de 3.029, ou seja, 27,2% do total de textos publicados no *Caderno de Sábado* nesse conjunto de edições⁵⁶. Mesmo que o número de autores seja reduzido diante do conjunto – o total aproxima-se de 2.000 –, esse grupo acaba por representar uma percentagem significativa do conteúdo publicado no suplemento. Os textos de autoria desses dez nomes foram, então, tomados como unidades de registro para a Análise de Conteúdo e, depois, categorizados a partir de seus temas e referências temporais e geográficas, conforme categorias detalhadas na Tabela 2 abaixo⁵⁷.

⁵⁵ Para esta tabela resumo, foram considerados todos os dados que ultrapassassem 10% do total de textos categorizados por tipo e, depois, pela temática.

⁵⁶ Categorizados, os dados foram registrados em planilhas de Excel e depois organizados em planilhas, conforme consta no Anexo 1 deste trabalho.

⁵⁷ Com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido no projeto intitulado *Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre 1967-1969)* (CARDOSO, 2009), foram aplicadas no presente estudo as mesmas categorias. Essa opção pretende dar conta do princípio da replicabilidade dos dados produzidos pela Análise de Conteúdo e, assim, possibilitar cruzamentos da informação coletada organizada em estudos futuros. São exemplos de estudos comparativos com esse viés os que traçaram paralelo entre o primeiro ano de circulação do *Caderno de Sábado* e o do *Cultura* – suplemento do jornal *Zero Hora* também surgido em 1967 (GOLIN *et al.*, 2013) – e o do *Letras & Livros* – encarte editado pelo *Correio do Povo* a partir de 1981 em substituição ao suplemento anterior (CARDOSO, 2015).

Tipos de texto	Temas	Referências temporais	Referências geográficas
<ul style="list-style-type: none"> - ensaios e artigos - poemas - crônicas - contos - excertos literários - cartas 	<ul style="list-style-type: none"> - arqueologia - arquitetura, urbanismo e patrimônio histórico - artes plásticas - astronomia - ciências aplicadas e tecnologia - ciências naturais - cinema - comunicação - direito - economia - educação - esportes e lazer - filosofia - folclore - geografia - história - línguas e filologia - literatura e livros - moda - música - política - psicologia - religião - sociologia e antropologia - teatro - viagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Pré-história - século XVIII e anteriores - século XIX - 1900-1909 - 1910-1919 - 1920-1929 - 1930-1939 - 1940-1949 - 1950-1959 - 1960-1966 - ano corrente - ano anterior - futuro - não definido 	<ul style="list-style-type: none"> - internacional - Brasil (exceto Rio Grande do Sul) - Rio Grande do Sul (exceto Porto Alegre) - Porto Alegre - não definido

Tabela 2: Categorias utilizadas na Análise de Conteúdo dos textos dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborada pelo autor.

A fim de tornar possível o manuseio da grande quantidade de dados, a opção foi por utilizar a regra de enumeração no momento da catalogação (BARDIN, 2011), ou seja, as categorias obedeceram o princípio da exclusão mútua (o que pertence a uma das categorias acima não pertence a outra). Em muitos casos, esse tipo de abordagem não deu conta da complexidade dos textos em sua totalidade, já que uma mesma unidade pode apresentar mais de uma temática e referências diversas de tempo e lugar. Optou-se, então, por registrar aquela que fosse a principal dentro daquele universo em particular. Esse gesto, obviamente, encerra uma tentativa arbitrária do pesquisador no sentido de imprimir uma ordem na desordem aparente, ou seja, é um exercício interpretativo que, ao chegar a um resultado ordenado, metódico e panorâmico, permite um olhar sobre a natureza complexa do objeto empírico ao torná-lo uma construção a partir do referencial teórico. Feita essa leitura do material

documental, os dados foram quantificados em termos absolutos e proporcionais, e organizados em tabelas e gráficos.

Com relação aos tipos de texto, dentro da amostra selecionada para o presente estudo, percebe-se um predomínio de textos reflexivos – conforme a Figura 3 abaixo – elaborados pelo conjunto de dez autores aqui estudados. Compõem a amostra, ainda, textos de caráter literário, como crônicas, poemas e contos.

Tipos de texto

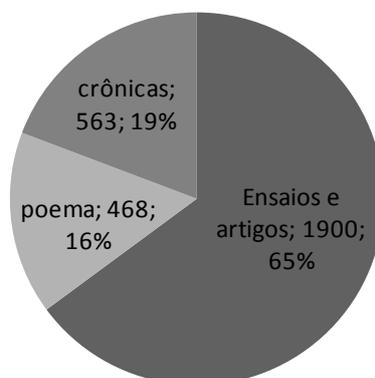


Figura 3: Gráfico com tipos de texto presentes no *Caderno de Sábado* – dentro da amostra dos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no período entre 1967 e 1981⁵⁸.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação às temáticas, destacam-se aquelas relacionadas à literatura e aos livros – conforme a Figura 4 abaixo. Esse predomínio fica ainda mais evidente se somados os textos literários e os ensaísticos que tratem de temas referentes a essa produção criativa em letras. São 1.038 poemas, contos e crônicas e 820 ensaios e artigos sobre literatura e livros, o que totaliza 1.858 textos, ou seja, 63% do total categorizado para este estudo. Música e

⁵⁸ O *corpus* apresenta sete contos, mas como esta categoria totaliza 0,2% do total de textos categorizados, ou seja, resultado inferior a 1%, não está computado no gráfico acima.

história também se destacam no conjunto de temas. Aparecem ainda, mas com menor expressão arquitetura, urbanismo e patrimônio histórico, teatro, viagens, artes plásticas, educação, comunicação, cinema, política, línguas e filologia, sociologia, filosofia, psicologia, religião, folclore, ciências naturais e aplicadas, economia e fotografia.

Temas

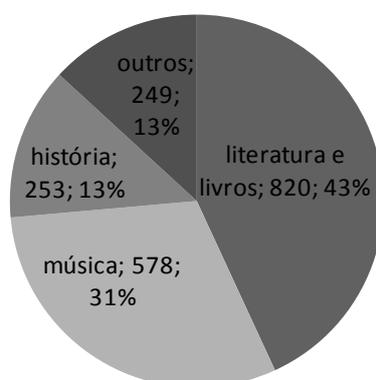


Figura 4: Gráfico com temas identificados na Análise de Conteúdo dos textos presentes no *Caderno de Sábado* – dentro da amostra dos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no período entre 1967 e 1981.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em termos geográficos (conforme a Figura 5 abaixo), é possível perceber uma preferência pelos temas relacionados ao Brasil como um todo, ainda que o local e o internacional também tenham espaço significativo. Em termos temporais (de acordo com a Figura 6 a seguir), o predomínio é do século XX, com destaque para temas atuais – em que coincidem o ano de publicação do texto com o ano da referência categorizada.

Referências geográficas



Figura 5: Gráfico com as referências geográficas identificadas na Análise de Conteúdo dos textos presentes no *Caderno de Sábado* – dentro da amostra dos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no período entre 1967 e 1981.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Referências temporais

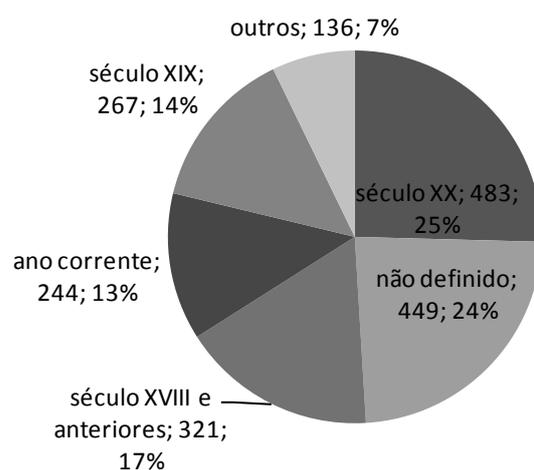


Figura 6: Gráfico com as referências temporais identificadas na Análise de Conteúdo dos textos presentes no *Caderno de Sábado* – dentro da amostra dos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no período entre 1967 e 1981.

Fonte: Elaborada pelo autor.

É possível perceber, a partir da amostra selecionada, que o *Caderno de Sábado* tem uma marca literária bastante forte, ainda que a sua amplitude temática reforce o posicionamento enciclopédico que se vira desde sua gênese (CARDOSO, 2009). Essa diversidade se expressa não somente na escolha dos temas, mas também nos vínculos destes com o tempo e o espaço. Chama atenção, nesse sentido, a preferência pelo conteúdo analítico – este presente em artigos e ensaios – voltado para a produção brasileira do século XX – com concentração nas décadas de 1960 e 1970 –, o que expressa uma tendência típica do jornalismo de trabalhar a partir da lógica da atualidade.

Essa preferência, no entanto, é alternada com a possibilidade da reconstrução da memória, sobretudo daquela ligada ao passado político e militar e à formação do estado de origem do suplemento. Ganha relevo, nesse sentido, a organização das cidades e o patrimônio arquitetônico e urbanístico. Também a proximidade emerge como valor, já que o Rio Grande do Sul, de forma mais geral, e Porto Alegre, de forma mais específica, ganham destaque. Isso, no entanto, não reduz o escopo do periódico: há uma profusão de temas – principalmente os literários – que dizem respeito a outros estados brasileiros; e ainda há uma abertura para os assuntos que extrapolam o alcance nacional – aqui o destaque é para a literatura e para a música erudita, ambas de origem europeia.

Ainda, como forma de qualificar a análise apresentada e de buscar identificar e discutir a hierarquia dos autores construída pelo *Caderno de Sábado* em suas edições, foram observados cinco indícios relacionados às escolhas editoriais: o espaço fixo no suplemento em forma de coluna ou em alguma página específica; a presença de excertos do autor como epígrafe nas capas das edições; a dedicação de uma edição especial aos autores escolhidos – em efemérides ou não; a publicação de séries de textos no suplemento – sejam elas mais longas ou mais curtas; e textos em que cada autor foi tema – este levantamento feito a partir da lista dos 50 autores mais frequentes no suplemento. Próprios da edição jornalística, esses elementos foram tomados, na análise aqui apresentada, como indícios de hierarquização. Isso permitiu extrapolar a quantificação e, assim, chegar a uma interpretação dos lugares oferecidos aos intelectuais nas páginas do *Caderno de Sábado*. A

fim de sistematizar esses dados e de facilitar o seu manuseio, foram organizados na Tabela 3 abaixo.

	Espaço fixo no suplemento	Presença em epígrafes	Tema de edição especial	Séries de textos	Textos em que foi tema ⁵⁹
Mario Quintana	Coluna <i>Do Caderno H</i> (em 535 das 542 ocorrências, 99%)	31 ocorrências (3 ^o na lista, 5% do total)	Edição 427, de 31 jul 1976 (aniversário de 70 anos)	-	9 textos ⁶⁰
Guilhermino Cesar	Está na página 3 em 426 das 482 edições em que aparece (88%) ⁶¹	66 ocorrências (1 ^o na lista, 10% do total)	Edição 517, de 20 maio 1978 (aniversário de 70 anos)	15 séries, que incluem 43 textos.	5 textos
Herbert Caro	Coluna <i>Os melhores discos clássicos</i> (em 465 das 467 ocorrências, 99,6%)	3 ocorrências (0,5% do total)	-	-	1 texto
Antonio Hohlfeldt	-	4 ocorrências (0,6% do total)	-	6 séries, que incluem 18 textos.	-
Paulo de Gouvêa	Está na página 5 em 229 das 309 edições em que aparece (74%)	36 ocorrências (2 ^o na lista, 6% do total)	-	2 séries, que incluem 51 textos. Destaque para a série com 49 textos (1973/1975)	-
Clarice Lispector	Está na página 2 em 271 das 291 edições em que aparece (93%)	19 ocorrências (4 ^a na lista, 3% do total)	-	-	6 textos
F. Riopardense de Macedo	Está na página 16 em 103 das 172 edições em que aparece (60%)	1 ocorrência (0,2% do total)	-	19 séries, que incluem 113 textos. Destaque para séries com 11 textos (1968); 20 (1972); 13 (1973); e 10 (1975).	-
Paulo Hecker Filho	-	9 ocorrências (1,4% do total)	-	11 séries, que incluem 25 textos.	1 texto

⁵⁹ Quantidade de vezes em que o intelectual e sua obra foram tema de texto escrito por um dos 50 autores mais frequentes no período. Nos casos de Mario Quintana, Guilhermino Cesar e Moysés Vellinho, estão excluídos desta cifra os textos que tratam desses intelectuais, mas que estão incluídos nas edições especiais, discriminadas na coluna correspondente nesta tabela.

⁶⁰ Mario Quintana foi, ainda, homenageado por Armindo Trevisan em uma série de cinco poemas que intitula “Cartas a Mario Quintana” – são publicadas no suplemento da segunda à quinta; a primeira não aparece nas edições, é provável que tenha sido publicada no *Correio do Povo* antes do lançamento do *Caderno de Sábado*. Como são textos poéticos, não foram classificados por suas temáticas no processo de Análise de Conteúdo.

⁶¹ Guilhermino Cesar passou a colaborar com regularidade a partir de 15 de maio de 1971; antes disso tivera 9 textos publicados entre 1967 e 1968.

Moysés Vellinho	-	9 ocorrências (1,4% do total)	Edição 550, de 6 jan 1979 (sem efeméride)	7 séries, que incluem 101 textos. Destaque para séries com 28 textos (1967/1968); 17 (1970/1971); 24 (1971); e 16 (1971/1972).	2 textos
Ney de Araújo Gastal	<i>M.P./Discos</i> (75 dos 128 textos, 59%) ⁶²	7 ocorrências (1,1% do total)	-	-	-

Tabela 3: Índícios editoriais de hierarquização no *Caderno de Sábado*.

Fonte: Elaborada pelo autor.

De forma a qualificar as inferências produzidas por meio do processo de interpretação dos dados quanti e qualitativos, colhidos nos documentos, e de lançar luz especificamente sobre o eixo de problematização proposto por este projeto, será utilizada a noção de itinerário, como elaborada por Sirinelli (1986; 1988; 1998; 2003). Ao apresentar um posicionamento sobre essa categoria – que também denomina de trajetória –, o autor diz ser essa uma interpretação do que seriam, de alguma maneira, as posições ocupadas pelos intelectuais no interior do campo durante sua atuação. Ele adverte, no entanto, que é preciso considerar que há uma grande diversidade de situações individuais que tornam pouco possível que se chegue a explicações capazes de dar conta do todo de um grupo, ou seja, é preciso ter cautela ao se formularem generalizações e aproximações. Ainda assim, Sirinelli atenta para a existência de campos magnéticos que, historicamente, têm atraído os intelectuais e feito com que surjam agrupamentos em dados períodos. É exatamente neste ponto que o suplemento semanal de cultura se configuraria como esse campo magnético que reúne um conjunto de sujeitos ao redor de um projeto editorial que acaba por se tornar o amálgama entre eles, ou seja, uma rede de relações.

Especificamente sobre a reconstituição de trajetórias, o autor aponta ainda duas matrizes que devem servir de referência ao pesquisador: política – vinculação ideológica, engajamento – e institucional – formação escolar dos indivíduos, ou seja, por quais instituições passaram, em que época, se estiveram vinculados a algum mestre em comum, entre outros aspectos. Ainda

⁶² O antetítulo *M.P.* aparece, ainda, combinado com *Beatles* (3 ocorrências), *Festivais* (1) e *Textos* (1).

que seja possível aproximar ambos os aspectos, no presente trabalho são priorizadas as questões institucionais.

Tendo isso em vista, Sirinelli (1998) afirma ser importante buscar elementos para se entender a morfologia das elites a partir das modalidades de acesso a esse meio: de uma maneira muito geral, o diploma seria garantia e instrumento de legitimação. Essa discussão pautaria um debate inclusive sobre a própria arquitetura das sociedades e que incluiria uma visada sobre a “alquimia complexa que engendra a criação e alimenta o talento” (p. 272). Consistiria, pois, num intento de se chegar a uma compreensão mais aproximada dos modos de produção, do capital social e das estratégias presentes no campo intelectual.

Para se aproximar do *Caderno de Sábado*, a partir dessa perspectiva, esta investigação toma como referência o modelo adotado por Monteiro (2011) em seu estudo sobre a dinâmica do campo intelectual porto-alegrense nos anos 1940. A autora revisita a polêmica levantada pelo Padre Leonardo Fritzen por ocasião da publicação do livro *O resto é silêncio*, tratada no capítulo anterior deste trabalho. A partir de um levantamento bibliográfico, mapeou os itinerários daqueles que manifestaram solidariedade em relação a algum dos pontos de vista⁶³. Para conduzir o estudo dos 950 signatários dos manifestos publicados no *Diário de Notícias*, a autora se apoiou na obra *Escritores do Rio-Grande do Sul*, de Ari Martins. Ela ressalva, no entanto, que o autor do livro referenciado considera escritores os professores de ensino superior, os jornalistas, os escritores de gêneros literários variados e graus distintos de notoriedade, os políticos, os juristas, entre outros agentes. Percebe-se, então, uma sobreposição entre as ideias de intelectual e escritor, típicas da própria constituição do a intelectualidade brasileira⁶⁴.

⁶³ A partir da análise das trajetórias pessoais e sociais, a autora chega a um conjunto de aproximações à configuração da esfera intelectual no período: de um lado, predominavam os católicos das Congregações Marianas e, de outro, o grupo da Editora Globo, mais heterogêneo social e ideologicamente.

⁶⁴ É o que se percebe, também, no panorama histórico traçado por Martins (1977-1978): constam escritores, acadêmicos, ensaístas e outros; e estes são, em boa medida, referidos a partir da publicação de suas obras, ou seja, toma por referência sua produção escrita como meio de acesso à posição de intelectual.

Apenas 93 dos nomes indexados pela autora foram localizados entre os verbetes que trazem dados como data e local de nascimento e morte, filiação, formação acadêmica em diversos níveis, atuação profissional, pertencimento a entidades culturais, publicações, entre outras informações. É importante ressaltar que o estudo de Monteiro (2011) é oriundo do campo de estudos em Ciência Política, o que lhe confere um caráter bastante específico e que pretende olhar mais detalhadamente para os sujeitos sociais e suas relações de poder num contexto bastante delimitado. O jornal seria, neste caso, apenas o suporte para o texto. No presente estudo, a visada recai sobre o *Caderno de Sábado* como o articulador desses sujeitos. Os dados levantados, portanto, consistem em indícios para a formulação de inferências sobre o projeto editorial e sobre o suplemento semanal de cultura como integrante do processo jornalístico, não primordialmente sobre os autores em si.

Para o presente trabalho, então, no sentido de compreender melhor as trajetórias dos autores escolhidos para este estudo, como propõe Sirinelli (1986), estes serão classificados segundo suas áreas e lugares de atuação profissional, formação acadêmica, inserção em instituições culturais e publicações. Para tal levantamento de informações, serão usadas obras referenciais sobre o campo intelectual, literário e artístico do Rio Grande do Sul e do Brasil: *Escritores do Rio Grande do Sul*, de Ari Martins (1978); *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*, de Pedro Villas-Bôas (1974); *Quem é quem nas letras rio-grandenses*, de Sérgio Faraco e Blasio Hickman (1983); *Pequeno dicionário da literatura no RS*, organizado por Luis Antonio Assis Brasil, Maria Eunice Moreira e Regina Zilberman (1999); *História da Inteligência Brasileira – v. VII (1933-1960)*, de Wilson Martins (1977-1978); *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*, de Walter Galvani (1995); *Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul*, de Renato Rosa e Decio Presser (2000); *Dicionário prático de literatura brasileira*, de Assis Brasil (1979); *Enciclopédia de literatura brasileira*, organizada pela Oficina Literária Afrânio Coutinho (ENCICLOPÉDIA, 1990); o site da *Enciclopédia Itaú Cultural*⁶⁵; a série *Autores*

⁶⁵ Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>.

Gaúchos, editada pelo Instituto Estadual do Livro (RS)⁶⁶; e o site do projeto *Delfos – Espaço de documentação e memória cultural*, da PUCRS⁶⁷. Na Tabela 4 abaixo, a indicação de quais autores foram localizados em cada uma das fontes citadas.

	Martins (1978)	Villas-Bôas (1974)	Faraco; Hickman (1983)	Assis Brasil et al (1999)	Martins (1977)	Galvani (1995)	Rosa; Presser (2000)	Brasil (1979)	Enciclopédia (1990)	Itaú Cultural	Autores Gaúchos (IEL)	Delfos
Mario Quintana												
Guilhermino Cesar												
Herbert Caro												
Antonio C. Hohlfeldt												
Paulo de Gouvêa												
Clarice Lispector												
F.Riopardense de Macedo												
Paulo Hecker Filho												
Moyisés Vellinho												
Ney de Araújo Gastal												

Tabela 4: Fontes bibliográficas utilizadas, de forma generalizada, para a recuperação das trajetórias dos dez autores que compõem a amostra selecionada para este estudo.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Foram utilizados, ainda, livros, teses, dissertações e outros trabalhos que, monográficos, pudessem oferecer elementos que permitissem o levantamento de informações e indícios para a elaboração de relatos biográficos referentes aos itinerários desses indivíduos.

Finalmente, foram elaboradas tabelas em que constam os textos publicados por esses articulistas, escritores e poetas em cada um dos 161 meses em que o suplemento foi editado. Para cada mês foi atribuída uma cor indicativa da presença proporcional do autor no conjunto de edições daquele

⁶⁶ A coleção *Autores Gaúchos* foi editada a partir de 1983 em formato de fascículos que contêm entrevistas, estudos críticos, depoimentos e textos literários de autores sul-rio-grandenses. Os escritores eram selecionados, para serem tema, por uma Comissão Editorial formada por críticos, professores e associações da área (ZILBERMAN, 1999).

⁶⁷ Disponível em: < <http://www.pucrs.br/delfos/>>.

período: todas as edições do mês (100%); maior parte das edições do mês (de 50% a 99%); e menor parte das edições do mês (de 0% a 49%). Ainda, foi incorporada uma coluna em que constam elementos relevantes das biografias dos autores em cada ano. O objetivo desses quadros é possibilitar, primordialmente, uma leitura ampla da presença desses intelectuais no conjunto das edições, além de permitir cruzamentos com esses acontecimentos representativos das biografias. De alguma forma, essas informações servirão para, além de iluminar o perfil individual dos autores presentes no suplemento, tentar compor um panorama do grupo que aí aparecia. Inserindo-se na perspectiva histórica proposta por Cardoso e Vainfas (1997), esses são elementos que servem para iluminar o dado numérico obtido a partir da catalogação dos autores do período.

Quando – como no caso deste trabalho – se constitui uma “existência narrada” (BOURDIEU, 1996, p. 184), é importante que se pondere o quanto o relato pretende construir a vida como uma sucessão cronológica, ordenada segundo relações inteligíveis de forma a dar uma lógica consistente e constante à existência – sobretudo a partir de relações de causa e efeito como etapas de um desenvolvimento necessário. Nesta tese, portanto, os elementos biográficos trazidos para uma aproximação com os itinerários – ou seja, o conjunto de posições ocupadas no espaço social por esses sujeitos – são selecionados a partir de um recorte específico e que serve à problematização aqui proposta.

Esse processo está baseado em fontes bibliográficas que, secundárias, permitem construir um relato apenas parcial da vida desses sujeitos. Portanto, os aspectos aqui tomados não são encarados como a totalidade da existência desses sujeitos ou como uma verdade opaca, que não carrega consigo um sentido principal associado à construção dessa história nas fontes consultadas. Obviamente, tanto nesse momento de construção quanto na seleção de informações para o trabalho de reconstituição de itinerários há um inerente processo de escolha e hierarquização de fatos, acontecimentos, pensamentos e ações. O resultado desse conjunto, portanto, carrega consigo marcas do biografado, de quem registrou essas informações em fontes bibliográficas e, ainda, da leitura proposta para esta tese.

4.1 Mario Quintana (1906-1994)

Autor mais frequente no *Caderno de Sábado*, entre 1967 e 1981, Mario Quintana foi, entre os poetas modernistas, dos que mais conseguiram estabelecer comunicação emocional com o público, já que sua produção poética combinava legibilidade e complexidade (BORDINI, 1997). Ainda assim, demorou para que estudiosos e críticos do Modernismo lhe dessem a devida importância. O reconhecimento nacional começou a aparecer, de forma mais concreta, quando o poeta completou 60 anos, em 1966: Rubem Braga (1913-1990) e Paulo Mendes Campos (1922-1991) reuniram 60 poemas inéditos do gaúcho na obra *Antologia poética*, e esta recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia como melhor livro do ano. Depois disso, Quintana ainda recebeu prêmios literários de grande importância nacional – Prêmio Pen Clube de Poesia do Brasil (1977), Prêmio Machado de Assis (1980) e Prêmio Jabuti (1981). No contexto local, no entanto, já era um nome de relativo prestígio. Muito disso está ligado ao fato de, em Porto Alegre, particularmente, ter-se tornado um personagem presente no cotidiano local: as ruas, as redações de jornais, os bares, cafés e hotéis, além de serem seus lugares habituais, passaram a ser incorporados à sua poesia (SCHMIDT, 1997).

Sem estudos universitários, mas com uma formação bastante marcada pela influência francesa – principalmente um conjunto de referências de natureza enciclopédica –, o poeta é ainda hoje considerado o maior tradutor de Marcel Proust no Brasil, além de ser uma referência no que se refere à divulgação das obras de Voltaire, Pierre-Augustin de Beaumarchais, Honoré de Balzac, Prosper Mérimée, Guy de Maupassant, André Maurois e André Gide (SCAPARI, 1997). Para se dimensionar o trabalho de Quintana como tradutor, basta citar que ele verteu 32 títulos lançados pela Editora Globo entre 1934 e 1955. Entre 1939 e 1945, o fez como integrante da Sala de Tradutores que a empresa mantinha sob a liderança da Erico Verissimo; depois, como freelancer (VIÉGAS-FARIA, 1997).

Quintana, também, partilhava da realidade mais frequente para os escritores da primeira metade do século XX no Brasil: o trabalho jornalístico

permitia que jovens sem diploma ou renda pudessem viver do próprio trabalho intelectual e angariassem notoriedade e dinheiro; impedia, entretanto, a dedicação total à literatura (COSTA, 2005). No caso específico do poeta alegreense, essa relação com o jornalismo teve início ainda nos tempos em que frequentava o Colégio Militar de Porto Alegre, entre 1919 e 1924: publicou sonetos, sob o pseudônimo de Cândido Manuel de Santa Bárbara, na revista *Hyloea*, da Sociedade Cívica e Literária da escola. Voltou à terra natal, em 1927, quando trabalhou na farmácia do pai e, dois anos depois, retornou definitivamente a Porto Alegre. Foi então que começou a trabalhar no jornal *O Estado do Rio Grande*, onde traduzia telegramas e fazia a seção *O jornal dos jornais* – um resumo dos principais diários de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Nessa época, conheceu escritores e intelectuais como Augusto Meyer e Erico Verissimo e começou a estabelecer sua rede de sociabilidade na capital. Essa atuação durou até princípios dos anos 1930, quando começou a colaborar com a *Revista do Globo* e o *Correio do Povo* – em 4 de fevereiro de 1934, a página literária do periódico publicou o poema de autoria do modernista, *Madrugada* (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1986).

Foi, porém, com a coluna *Do Caderno H* que Quintana estabeleceu a relação mais duradoura com as publicações periódicas. Nas seis primeiras edições da revista *Província de São Pedro*, entre 1945 e 1946, essa reunião de poemas bastante diversificados entre si fora assim intitulada por ser sempre escrita na última hora. Quando o poeta passou a integrar a equipe do *Correio do Povo*, em 1953, ganhou espaço cativo semanal no periódico para essa coluna. A partir de novembro 1967, migrou para o *Caderno de Sábado*, onde ocupou, na maioria das edições, a página 2 – muitas vezes dividindo espaço com Clarice Lispector durante o período em que a escritora teve suas crônicas publicadas no suplemento (Figura 7 abaixo).



Figura 7: Página dois da edição 454, de 12 de fevereiro de 1977, do Caderno de Sábado contendo a coluna semanal Do Caderno H, de Mario Quintana.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

A coluna *Do Caderno H* foi publicada em 542 edições do *Caderno de Sábado*, uma média de 41 textos por ano – se tomados apenas os anos em que o suplemento circulou durante o ano todo (Tabela 5 abaixo). Considerando-se o número total de 646 edições, essa presença se torna marcante: poemas de Mario Quintana estiveram presentes em 84% das edições. Ainda que haja alguns períodos de exceção – provavelmente quando estava de férias –, o poeta publicou regularmente: dos 161 meses em que o suplemento circulou, em 123 deles *Do Caderno H* foi veiculado em todas as edições. Em todo o período, foram apenas 17 meses sem nenhuma participação do poeta. Também é indício da posição ocupada por Quintana dentro do corpo de colaboradores do suplemento, além de sua presença constante e em espaço fixo e conhecido, o fato de ele ter sido tema de nove textos escritos por seus pares. Dedicaram-lhe uma edição especial por ocasião de seus 70 anos, em 1976.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	
1967											3	1	4	Título de cidadão honorário de Porto Alegre
1968			1	3	4	5	4	5	4	4	4	3	37	Homenagem em Alegrete
1969		3	5	3	5	4	4	5	3	4	5	4	45	
1970		1	3	4	4	4	4	5	4	5	4	3	41	
1971		3	4	3	4	3	5	4	4	5	4	3	42	
1972		3	4	3	3	4	5	3	5	4	4	4	42	
1973		2	5	3	4	5	4	3	4	3	3	4	40	Livro <i>Do Caderno H</i>
1974			5	3	4	5	4	4	3	4	4	4	40	
1975			4	4	4	5	2	3	4	4	4	5	40	
1976	3	4	4	3	5	4	5	3	4	5	4	3	47	70 anos. Medalha do Governo do RS. Edição Especial CS. Livro <i>Apontamentos de História Sobrenatural</i>
1977		4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	3	45	Prêmio Pen Clube de Poesia. Livro <i>A vaca e o hipogrifo</i>
1978	2	4	3	4	4	4	5		5	4	2	4	41	
1979		3	4	3	4	5	4	4	4	4	3	1	39	
1980	4	4	4	3	5	4	3	5	4	2	1		39	Prêmio Machado de Assis (ABL). Concorre a uma vaga na ABL, mas não é eleito.
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 5: Textos de Mario Quintana publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Detentor de um capital cultural incorporado obtido pela formação familiar e escolar, Quintana tornou-se, assim, um nome importante vinculado ao *Correio do Povo*: permaneceu na publicação até 1984, quando ela deixou de circular temporariamente, em razão da falência da Companhia Jornalística Caldas Junior. Quando o *Caderno de Sábado* foi substituído pelo *Letras & Livros*, em 1981, a coluna *Do Caderno H* foi transferida para o novo suplemento – este, aliás, dedicou sua primeira edição ao poeta. Entre os indícios da ressonância desse espaço que Quintana ocupava já havia algumas décadas, em diferentes espaços da imprensa sulina, pode-se citar o fato de esses poemas terem sido reunidos, em 1973, em uma coletânea homônima editada pela Globo.

Mario Quintana recebeu, nas décadas de 1970 e 1980, a maior parte das honrarias de sua carreira: além dos três prêmios oriundos de instituições do campo literário brasileiro, concederam-lhe homenagens os municípios de Porto Alegre e Alegrete e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Mais adiante, ainda, recebeu mais duas homenagens importantes em Porto Alegre: a partir de 1983 passou a dar nome ao principal centro de cultura da cidade; e, em 1985, foi eleito patrono da Feira do Livro da cidade. Ficou, ainda, bastante marcada sua relação com a Academia Brasileira de Letras: em três ocasiões foi candidato a uma cadeira, mas não alcançou os votos necessários; quando convidado a se candidatar novamente, com promessa de votação unânime, recusou. Na ocasião, o tema, inclusive, foi tratado no CS por Paulo de Gouvêa no texto *Malaquias anjo e acadêmico*, publicado em novembro de 1980: “Será a culminância, o vértice glorioso do triângulo em que se perpetuará *ad imortalitem* o tributo, não de duas cidades de um Estado, mas do país inteiro, a um dos seus grandes, dos seus maiores poetas. Entre os vivos e os mortos”.

Esses elementos permitem, de alguma forma, compreender o lugar referencial ocupado pelo intelectual na cena local. É, assim, um agente que, presente no *Caderno de Sábado*, estabelece com o suplemento uma relação de mútuo benefício: poeta já possuidor de capital simbólico, no final dos anos 1960, angaria prestígio para a publicação; intelectual em permanente processo de reafirmação de sua posição, tem no espaço da imprensa uma forma de visibilidade e um meio de acúmulo de capital simbólico – como se pode

perceber pela coincidência entre sua presença e o recebimento de prêmios e honrarias.

Para o suplemento, por outro lado, a presença de um nome como o de Quintana, em suas páginas, é uma forma de, ao vincular-se a um criador, mobilizar energia simbólica para afirmar-se como publicação detentora de uma posição prestigiosa no contexto local e nacional. Isso se acentua, principalmente, pelo fato de o poeta ter uma aceitação tanto entre seus pares literatos quanto junto ao público – que estabeleceu com ele uma relação afetiva ao vê-lo como presença constante no Centro Histórico de Porto Alegre.

Esse movimento de o suplemento vincular-se a Quintana fica claro, inclusive, em três escolhas editoriais: primeiramente, pelo espaço cativo e nobre ocupado pelo poeta na página dois do *CS – Do Caderno H* (em 535 edições), que, aliás, remete à antecessora e consagrada *Revista Província de São Pedro*; pela edição de um caderno especial alusivo aos 70 anos de Quintana em 1976; e também pela presença de excertos de poemas de sua autoria como epígrafes nas capas de 31 edições – que perfazem 5% do total de edições e o colocam na terceira posição como o mais destacado nesse sentido.

Quintana também é presença ilustre em diferentes momentos de reunião da intelectualidade porto-alegrense, como a fundação do Clube de Cinema, o que o aproxima mais ainda, mesmo que sem um papel de liderança propriamente dita, da figura do organizador da cultura. Ainda, a ligação com o erudito grupo de tradutores da Livraria do Globo o posiciona em lugar privilegiado na memória ao redor da intelectualidade local, inclusive por estar alinhado a um conjunto de produtores já consagrados e aos quais se vinculou ao traduzi-los para o português – caso de Virginia Woolf e Marcel Proust, para apenas citar dois exemplos. Nesse sentido, é um perito que afiança a tradução pelo capital acumulado como escritor e homem de erudição. Na relação com o periódico, também esse capital está em negociação, e este é potencializado, ainda, pelo perfil acessível do poeta e pela a popularidade que esse traço lhe trouxe. Atrai para o suplemento, então, a atenção de leitores de diversas camadas e grupos sociais, principalmente porque esse era um momento

histórico em que a poesia e os seus autores ainda tinham espaço de destaque na imprensa e na sociedade.

4.2 Guilhermino Cesar (1908-1993)

Na segunda posição como autor mais frequente no suplemento do *Correio do Povo*, está o que se pode chamar de um homem de letras com sólida formação de raiz clássica (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1986): Guilhermino Cesar. Mineiro de nascimento, encontrou na então efervescente cena cultural da capital do Rio Grande do Sul uma possibilidade de “espraiamento tanto de sua imensa curiosidade intelectual quanto de sua disposição para a construção do pensamento”, como afirma Silva (2010, p. 192) na tese de doutoramento intitulada *Guilhermino Cesar e o Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo: em busca do ouvido certo*. Em seu estado natal, antes de mudar-se para o Rio Grande do Sul, integrara o grupo Verde, coletivo modernista que teve repercussão além de Minas Gerais na década de 1920, inclusive com a edição de uma revista⁶⁸. Nela, Cesar publicou alguns de seus primeiros textos e, inclusive, assinou o manifesto de lançamento (COHN, 2011).

Na mesma linha daqueles que almejavam carreiras intelectualizadas nas primeiras décadas do século, Cesar transitou pelas formações superiores mais prestigiosas, Medicina – que abandonou – e Direito, que concluiu em 1932. Enquanto desenvolvia seus estudos em Belo Horizonte, atuou como redator, secretário e diretor em diversos jornais e revistas e, em 1929, fundou com dois companheiros o tabloide *Leite Crioulo* – mais tarde integrado ao jornal *Estado de Minas* como página especial. Ainda seguindo um caminho bastante comum no cenário brasileiro dos anos 1930 para os aspirantes à condição de intelectual, ingressou em 1930 no serviço público – primeiramente como auxiliar de gabinete do diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais e, depois, na Chefia de Gabinete do então chefe de polícia de Belo Horizonte, Ernesto Dornelles.

⁶⁸ A revista *Verde* teve seis edições entre 1927 e 1929. Propunha-se a debater uma nova estética brasileira de modo alegre e irônico, mas de forma menos reflexiva e moderada que outras publicações semelhantes editadas no período (COHN, 2011).

Além de ter-se graduado, de já atuar como jornalista e de ter sido cooptado para o serviço no Estado, Guilhermino também já iniciara uma trajetória como docente: primeiro em escolas e, depois, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e na Escola de Ciências Econômicas. Em 1943, portanto já um intelectual de certo prestígio em Belo Horizonte, mudou-se para Porto Alegre para atuar novamente com Dornelles quando este foi nomeado interventor federal do Governo Vargas no RS. Na capital sulina, seguiu atuando em cargos públicos e, em 1954, ingressou como docente da UFRGS, onde participou da organização dos cursos de Economia, Letras e Arte Dramática. Decorrente dessa atuação foi o lançamento, em 1956, de sua obra intitulada *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, fundamental para os estudos do gênero. Parte importante dessa carreira como docente foi também a relação com a Universidade de Coimbra, Portugal: lá ministrou a cadeira de Literatura Brasileira e daquela instituição recebeu o título de Doutor Honoris Causa. Exerceu o magistério superior até 1978, quando, aos 70 anos de idade, se aposentou como professor titular (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1986).

Em Porto Alegre, Guilhermino Cesar estabeleceu já desde o princípio uma relação bastante próxima com a intelectualidade local, para além de sua atuação na universidade: foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul entre 1950 e 1958, colaborou com a Revista Província de São Pedro entre 1946 e 1952, publicou na *Revista do Globo* entre 1960 e 1961; e, em 1967, foi supervisor editorial das primeiras edições do *Caderno de Cultura*, do jornal *Zero Hora*. No *Caderno de Sábado*, conquistou seu espaço mais longo e de maior visibilidade: depois de algumas colaborações mais esporádicas nos primeiros anos da publicação, por dez anos ocupou semanalmente a página três (Tabela 6 abaixo).

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967											2		2	Supervisor do Cultura (ZH)
1968								3	3	1			7	
1969														
1970														
1971					3	3	5	4	4	5	4	3	31	
1972	4	3	4	3	4	4	5	3	5	4	4	4	47	
1973	4	3	5	3	4	5	3	3	4	4	3	4	45	
1974	4	3	5	3	4	5	4	4	4	4	4	4	48	
1975	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	5	4	50	
1976	5	4	4	3	5	4	5	3	4	5	4	6	52	
1977	5	4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	5	52	
1978	4	4	3	4	4	4	5	4	5	4	5	4	50	Aposenta-se como professor titular da UFRGS. Faz 70 anos. Edição especial do CS.
1979	4	3	5	3	4	5	4	4	4	4	3	5	48	
1980	4	4	5	3	5	4	3	5	4	2	5	4	48	
1981	2												2	

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 6: Textos de Guilhermino Cesar publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda que não seja o autor com o maior número de textos publicados – são 60 ocorrências a menos que Mario Quintana –, Cesar é o colaborador mais constante: entre maio de 1971 e janeiro de 1981 apenas quatro edições circularam sem textos seus. Emblemática também é sua presença nas

epígrafes destacadas nas capas das edições em que seus textos foram veiculados: são 66 vezes, ou seja, em 10% do total de edições (Figura 8 abaixo). É, pois, o autor mais destacado por meio desse recurso bastante significativo de edição – Paulo de Gouvêa e Mario Quintana o seguem, com 36 e 31 ocorrências, respectivamente.



Figura 8: Excerto de texto de autoria de Guilhermino Cesar destacado como epígrafe na parte superior esquerda da capa da edição 445, de 11 de dezembro de 1976, do *Caderno de Sábado*.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Também é indício da posição que o professor e pesquisador ocupa dentro do projeto editorial do suplemento o fato de ter um espaço fixo, na página três, durante a maior parte do período: semanalmente, em 426 edições – ou seja, 88% das vezes em que teve textos publicados. Ainda, seu trabalho ganhava relevância, com frequência com a publicação de séries de textos em números consecutivos. Foram, no total, quinze séries em que estavam agrupados 43 textos – as mais longas foram *Minha participação no caso Qorpo*

Santo (1968) e *Para o estudo do conto gauchesco* (1973), cada uma com seis textos. Também é importante destacar que o poeta, romancista e crítico foi tema de uma edição especial em maio de 1978, na passagem de seus 70 anos.

Ainda que haja crônicas e poemas, Guilhermino Cesar publicou essencialmente ensaios e artigos no *Caderno de Sábado* – 405 do textos veiculados, ou 84% do total. Destes, 70% tratou de literatura e livros – 282, em número absoluto; 20% desses textos analíticos, ou seja, 82 deles, trata de temas históricos, sobretudo referentes ao Rio Grande do Sul. Entre os demais assuntos abordados estão educação, teatro, línguas, política, música, economia e cinema.

Guilhermino César: temas

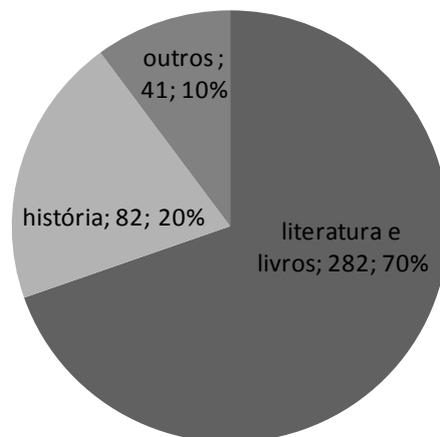


Figura 9: Gráfico com temas identificados nos textos de autoria de Guilhermino Cesar na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse conjunto, entre os autores que mais recebem atenção está Erico Verissimo – quando do lançamento de suas memórias e de suas obras *Incidente em Antares* e *Um certo Henrique Bertaso*. O romancista gaúcho

ainda protagoniza uma série de sete textos entre dezembro de 1975 e janeiro de 1976, uma análise e homenagem ao escritor logo depois de sua morte, ocorrida em novembro de 1975. Além de Erico, outros escritores sul-riograndenses são temas de ensaios, ainda que sem tanta frequência: Mario Quintana, Raul Bopp, Vianna Moog, Assis Brasil, Caldre e Fião, Cyro Martins, entre outros. Entre os oriundos de outros estados brasileiros, Henriqueta Lisboa, Sílvio Romero, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Augusto dos Anjos e Machado de Assis. Entre os internacionais, figuram escritores de estilos, épocas e origens tão diversificadas quanto os portugueses Fernando Pessoa, Luís de Camões e Eça de Queiroz, o americano T. S. Elliot, o russo Fiódor Dostoiévksi, o francês Julien Benda e o colombiano Gabriel García Márquez.

Quanto às referências geográficas dos assuntos, há um predomínio daquelas referentes ao Brasil – 73%, sendo que dentro deste conjunto 26% têm o Rio Grande do Sul como referência e 8% são mais específicas ao abordarem temas relativos a Porto Alegre. Do total de 405 textos, 200 referem-se temporalmente ao século XX, com destaque para referências ao ano em que o texto foi publicado. Nesse sentido, na mesma linha de análise proposta por Silva (2010), percebe-se uma intenção de atualizar as temáticas, de tratá-las a partir de seu assunto imediato – como é o caso dos lançamentos de obras literárias. O presente também aparece num tipo de texto cronístico tipicamente brasileiro com traços literários marcantes, mas que não abandona o tom historiográfico (SILVA, 2010).

Saltam aos olhos, pois, a precisão do historiador e o humor do cronista pontuados por um lirismo e uma melancolia do poeta (CAMPOS, 2008), sintetizando o perfil do intelectual que, mesmo tendo seguido sólida carreira como mediador e perito, não abandonou a veia literária que desenvolvera desde a juventude. Trilhou, assim, um rumo muito semelhante ao dos polígrafos que escreviam para a imprensa em tom de crônica para fazerem circular suas ideias nas primeiras décadas do século XX. Cesar carregava traços típicos dos anatolianos: escrevia sobre assuntos diversos e estava presente na imprensa. Acumulou, também, traços da intelectualidade inserida em posições de poder na esfera estatal e, mais tarde ingressou na academia e,

dentro desse campo, buscou e recebeu reconhecimento – como o título de doutor honoris causa, capital cultural institucionalizado.

Quanto à sua consagração depois do vínculo com o *Caderno de Sábado*, há dois elementos indicativos de que ela ocorreu em dois âmbitos distintos: na UFRGS, um núcleo de pesquisa em Literatura Brasileira recebe o nome de Cesar e, a partir desse trabalho, já publicaram uma coletânea com textos seus (CESAR, 2008) e um conjunto de ensaios sobre sua obra (CAMPOS, 2010), realizaram trabalhos de pesquisa (SILVA, 2010); ainda, o professor, crítico e poeta foi eleito patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em sua edição de 1990.

4.3 Herbert Caro (1906-1991)

Imigrante alemão que chegou a Porto Alegre em 1935 como decorrência da perseguição aos judeus pouco antes da Primeira Guerra Mundial, Herbert Caro atuou no Brasil por seis décadas e se configurou como intelectual diletante⁶⁹ em sua relação com a música erudita, as artes visuais e a literatura. Tendo aportado no Brasil em 1935, apesar de já possuir um alto capital cultural sob as formas incorporada e institucionalizada – doutorou-se em Direito pela Universidade de Heidelberg, em sua Alemanha natal –, atuou no comércio por três anos e, somente depois, foi contratado pela Editora Globo como tradutor,

⁶⁹ Em seu sentido mais literal, o vocábulo 'diletante' diz respeito a alguém que é aficionado por música; por extensão de sentido, refere-se a amantes das artes e da literatura ou a quem as pratique não como meio de vida, mas apenas por prazer. Carrega, pois, a ideia de amadorismo, não no sentido qualitativo, mas em oposição ao exercício de uma atividade como forma prioritária de obter retorno financeiro. No caso dos críticos, a ideia tem sido relacionada – como define Freitas (2011) – como um posicionamento entre a crítica e a crônica, marcado pelas impressões pessoais do autor. Historicamente, essa posição era ocupada, no Brasil, desde o século XIX por sujeitos notórios – principalmente escritores e poetas – que expunham, na imprensa, suas opiniões, impressões e convicções sobre a produção cultural. Herbert Caro, em sua trajetória, exerceu atividade diletante tanto como amante da cultura de um modo geral quanto como crítico. Ainda que, no *Caderno de Sábado*, esse modelo de crítica tivesse espaço, esse gênero começou a perder lugar na imprensa nos anos 1970: nos jornais, os profissionais graduados em jornalismo passaram a produzir resenhas voltadas para a apresentação e para o consumo de produtos e bens culturais; a crítica especializada, mais aprofundada, reflexiva e que visa retroalimentar a produção artística, se refugiou em publicações acadêmicas (SÜSSEKIND, 2003).

dicionarista e pesquisador. A partir de 1939, passou a integrar, juntamente com Erico Verissimo, Leonel Vallandro, Mario Quintana e outros, um núcleo de tradução que perdurou até 1948 na empresa.

A sala de tradutores era constituída de enciclopedistas, inseridos na mais requintada tradição humanista, que ficavam confinados, em permanente estado de hipnose, dentro de baias envidraçadas. Também havia uma biblioteca e uma cozinha para os intelectuais conversarem nos momentos de intervalos do trabalho e exercitarem suas preferências gastronômicas (CANDELORO, 1995, p. 12)

Caro, que aprendeu português antes de viajar ao Brasil, era “[...]um *homme de lettres* à antiga – na sua versão alemã” (NAUMANN, 1995, p. 18). Tivera, na infância e na adolescência, aulas de música e uma educação laica, com vistas à ascensão social de um judeu no contexto alemão de princípios do século XX.

Além da atuação na Editora Globo, Caro relacionou-se com a Literatura quando trabalhou, entre 1949 e 1957, como balconista e gerente da seção de livros importados da já tradicional Livraria America. A partir dessa experiência, começou a redigir a coluna *Balcão de Livraria*, publicada no *Correio do Povo*. Tal foi a repercussão desse trabalho que o Instituto Nacional do Livro lançou, em 1960, uma antologia desses textos. Nas artes visuais, sua atuação iniciara a partir de 1943, quando, na *Revista do Globo* publicou a série *As maravilhas da arte universal*. Nessas páginas, explicava obras antigas, medievais e modernas de diversas origens (BOHNS, 1995)⁷⁰. Mais tarde, esse envolvimento se prolongou em conferências realizadas no Instituto Cultural Brasileiro-Alemão – atual Instituto Goethe – de Porto Alegre.

A atuação na área musical, sempre sob a forma de textos para jornais, foi, no começo, uma forma que Caro encontrou para ganhar discos, já que não tinha dinheiro para comprá-los. Primeiramente, atuou no *Diário de Notícias*, quando acumulou 3 mil LPs. Depois, migrou para o *Correio do Povo*, com o qual colaborou por 20 anos (BRUM, 1990). Foi, portanto, um mediador cultural

⁷⁰ Antes da *Revista do Globo*, Herbert Caro escrevera críticas de cinema para um jornal teuto-brasileiro antinazista em troca de ingressos para as estreias na cidade (FREITAS, 2011).

importante na vida da cidade, já que transitou pelas letras, pela música e pelas artes plásticas. Nesse sentido, mesmo que sem um posto acadêmico ou oficial que o estabelecesse como tal, Caro foi, por meio de aparatos comunicativos – imprensa – e formativos – Instituto Cultural Brasileiro-Alemão –, uma referência como perito.

Já com um envolvimento com o jornal da Caldas Júnior, em 1967, passou a figurar no *Caderno de Sábado*, desde a primeira edição. A coluna *Os melhores discos clássicos* foi publicada em 467 edições e essencialmente tratou de discos de música de concerto, ainda que em alguns momentos o autor se permitisse abordar discos de música popular e mesmo folclórica – caso dos lançamentos do folclorista e intérprete gaúcho João Carlos Paixão Côrtes⁷¹.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967									1	3	3	2	9	
1968			2	3	4	5	4	5	4	3	4	1	35	
1969	2		3	3	5	4	2	5	2	4	4	3	37	
1970	1	1	3	4	4	4	4	5	4	3	2	3	38	
1971	1	1	4	2	4	3	5	3	4	5	4	3	39	
1972	1		4	3	3	3	4	3	5	4	4	4	38	
1973	1		3	3	4	5	4	3	4	4	3	4	38	
1974			3	3	4	5	4	4	4	4	4	3	38	Cruz do Mérito (República Federal da Alemanha)
1975					4	4	4	4	4	3	5	4	32	
1976	1		2	3	5	4	3	3	4	6	4	4	39	
1977	1		2	3	4	5	3	3	4	4	4	4	37	
1978			1	4	1	2	3	3	3	4	2	3	26	

⁷¹ O único texto de autoria de Herbert Caro publicado no *Caderno de Sábado*, que não tratava de música e que não foi publicado dentro de *Os melhores discos clássicos* foi um ensaio de duas páginas intitulado *A mãe brasileira de Thomas Mann* (24 de janeiro de 1976). No texto, o autor narra a sua experiência como tradutor de *Os Buddenbrook*, de autoria do escritor alemão, e apresenta elementos biográficos do autor. Caro se especializou na obra de Mann, com quem manteve correspondência (CANDELORO, 1995).

1979			2	3	3	3	3	4	3	2	3	5	31	
1980			2	1	5	3	2	4	3	1	5	4	30	
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 7: Textos de Herbert Caro publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; fato da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

A regularidade das colaborações de Caro no *Caderno de Sábado* pode ser aferida, primeiramente, por ser o terceiro autor mais que mais publicou no período de circulação do suplemento (Tabela 7 acima). É marcante que nenhum ou poucos textos seus circularam nos meses de janeiro e fevereiro. Isso se deve, certamente, a fato de, a partir de 1961, ter feito viagens anuais à Europa, ocasiões em que realizava conferências sobre arte brasileira nas universidades de Berlim, Stuttgart e Bonn, na Alemanha, e de Oxford, Cambridge, Colchester e Liverpool, no Reino Unido (FREITAS, 2011)

O vínculo com a tradição musical europeia se traduz na preferência por compositores alemães e austríacos que viveram e atuaram entre os séculos XVI e XIX e estiveram ligados aos movimentos Barroco, Classicismo e Romantismo – Bach, Mozart, Schubert, Beethoven e Brahms estavam entre seus favoritos (FREITAS, 2011). Esse gosto transparece, inclusive, em sua coluna semanal: 314 textos (67%) têm referências geográficas internacionais, com predomínio da Europa; e, em termos temporais, metade das colunas se refere aos séculos XIX e anteriores – 236 textos. Nesse sentido, percebe-se um movimento de alinhamento com a produção musical já plenamente consagrada, o que pode simultaneamente denotar uma intenção de atrair para

si o prestígio desse tipo de música e dos compositores escolhidos e uma finalidade de formação erudita de seus leitores.

Ainda que tivesse um vínculo de longa data com *Correio do Povo*, o maior indício da importância editorial de Caro no suplemento é a sua coluna semanal, constante e com espaço bem demarcado, inclusive graficamente por meio de um fio, conforme se pode ver na Figura 10 abaixo.



Figura 10: Coluna Os melhores discos clássicos, de Herbert Caro, na extremidade direita – junto à borda externa – da página 15 da edição 412 do Caderno de Sábado (10 de abril de 1976).

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Se analisados os demais recursos editoriais aqui analisados, Caro recebe pouco destaque. Primeiramente, porque em apenas três ocasiões trechos de seus textos são destacados como epígrafes. Além disso, em apenas uma ocasião o intelectual é tema de um texto: Paulo de Gouvêa, em novembro de 1974, o inclui no que chama de “um trio da pesada” – juntamente com Guilhermino Cesar e Paulo Moritz – quando estes preparavam uma obra sobre

a história do Theatro São Pedro. Caro não foi autor de nenhuma série e tampouco foi homenageado com alguma edição especial – apesar de ter completado 70 anos em outubro de 1976 – três meses depois de o suplemento ter dedicado uma edição completa ao poeta Mario Quintana. Percebe-se, portanto, que, apesar de um lugar cativo e prestigioso – inclusive pela temática que aborda –, Caro não é figura destacada dentro do conjunto de edições. Talvez isso possa ser explicado pelo lugar secundário que a música ocupa no corpo total de textos do suplemento e mesmo pelo perfil diletante, não criativo – aqui no sentido proposto por Lipset (1959) – e não atuante como organizador da cultura em cargos de gestão. Normalmente o fazia como conferencista ou como mediador entre a produção e o público.

4.4 Antonio Hohlfeldt (1948-)

Quando o *Caderno de Sábado* começou a ser editado, Antonio Hohlfeldt tinha 19 anos e havia ingressado, naquele ano de 1967, no curso de Letras da UFRGS; formou-se em 1973. Simultaneamente, estudava jornalismo na PUCRS, mas abandonou. Estava, portanto, apenas ingressando na vida profissional, ainda que já tivesse experiência com jornalismo desde 1963, no *Correio do Povo*. A partir de 1968, começou a atuar profissionalmente, sempre ligado ao jornalismo cultural: primeiramente no jornal da Caldas Júnior e, depois, com passagens pela *Gazeta Mercantil Sul*, pelo *Diário do Sul*, ambos também de Porto Alegre, e pela revista *IstoÉ*; atuou também como responsável pelo Theatro São Pedro, pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul e, depois, pelo Departamento de Assuntos Culturais da Estado no início da década de 1970; e foi, ainda, assessor de imprensa de diversos órgãos estatais – entre eles a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Entre julho de 1974 e o começo de 1975, atuou na seção latino-americana da Rádio Canadá Internacional, em Montreal. Neste período, seus textos saíam no suplemento acompanhados de seu endereço no estrangeiro – conforme se pode ver na Figura 11 abaixo –, para que livros lhe fossem enviados; foi dessa maneira que seguiu sua atuação como crítico literário dedicado à produção nacional mesmo estando afastado do Brasil.



Figura 11: Texto de autoria de Antonio Hohlfeldt, na edição 334 do *Caderno de Sábado* (21 de setembro de 1974) e acompanhado de endereço ao final – no canto inferior direito – para envio de livros enquanto o crítico residia no Canadá.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Hohlfeldt empreendeu, a partir da metade da década de 1970, uma carreira acadêmica: iniciou mestrado em Linguística e Letras na PUCRS (que concluiu em 1991) e começou a atuar como docente de ensino superior em cursos de Comunicação Social (Unisinos, UCS e, na década seguinte, Ulbra e PUCRS). Inseria-se, dessa forma, numa nova lógica de recrutamento e formação de intelectuais no Brasil pelo posicionamento como docente e pesquisador – já que também deu início à formação em nível de pós-graduação. Sua atuação acadêmica, ainda, reflete duas características do período, quando o ensino superior já se espalhou para o interior do Rio Grande do Sul e quando se disseminavam as universidades mantidas por entidades religiosas (ROSSATO; MAGDALENA, 1995). A inserção profissional como pesquisador e teórico também pode ser percebida a partir da publicação de sua

primeira obra individual, o livro de viés teórico *Mudanças: quatro ensaios de sociologia da arte*.

Na movimentação dos indivíduos que optaram por esse caminho, nos anos 1970, a academia aos poucos passou a ser cada vez mais uma tribuna de onde os intelectuais se dirigem a seus pares por meio de um discurso especializado e legitimado por essa instância da sociedade. Essa mudança é tida como um sinal de amadurecimento da produção literária e intelectual no Brasil (PÉCAUT, 1990). No caso de Hohlfeldt, entretanto, esse caminho não se restringiu ao âmbito universitário como pesquisador e docente.

É possível dizer, portanto, que o jornalista buscou acumular capital cultural em sua forma incorporada por meio da atuação no jornal da maior importância do Rio Grande do Sul e que tinha naqueles anos trânsito nacional ao mesmo tempo em que, inserido na graduação como estudante, já se buscava a obtenção de um diploma universitário, capital cultural institucionalizado que, mais tarde, permitiria que buscasse novos posicionamentos dentro do campo acadêmico e mesmo no jornalístico – já que atuaria na formação de novos profissionais para a área. Tanto é que atua na imprensa até a atualidade: é o único crítico de teatro com coluna semanal em Porto Alegre; escreve para o *Jornal do Comércio*.

Com uma presença constante nas edições do *Caderno de Sábado* entre 1969 e 1981, Hohlfeldt teve um total de 357 textos publicados, ou uma média de 29,7 textos por ano – excetuados o anos em que não publicou nada (1967 e 1968) e o ano em que o suplemento parou de circular (1981). A partir do levantamento, é possível perceber que na maior parte do tempo publicou em todas ou pelo menos em mais da metade das edições publicadas num mês, o que estabelece uma regularidade dentro do conjunto das edições⁷² – conforme a Tabela 8 abaixo.

⁷² Durante sua atuação no *Caderno de Sábado*, Antonio Hohlfeldt também publicou sob o pseudônimo de Antonio de Campuoco. Foram 22 textos sobre literatura e livros, teatro e artes plásticas. Em dez ocasiões, a ocorrência de ambos os nomes se dá numa mesma edição, ou seja, como forma de publicar dois textos de um mesmo autor sem que isso ficasse explícito para os leitores. Sem essa coincidência, o pseudônimo só foi utilizado – ainda que intercalado com Hohlfeldt – entre setembro de 1970 e junho de 1971. Se somados os totais publicados sob ambas assinaturas, o autor chega a um total de 379 textos, o que não chega a alterar a sua

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967														Inicia estudos em Letras (UFRGS)
1968														Início da trajetória como jornalista
1969						1			3	1			5	
1970		1	2		3	3	2	3	2			1	17	
1971	2			1	3		2	2	2	5	2	2	21	
1972	4	3	3	2	3	2	4	1	2	3	2	2	31	Diretor do MARGS
1973	4	2	4	3	1	2	3	2	4	3	3	3	34	Forma-se em Letras (UFRGS)
1974	4	2	4	3	4	5	4	3	3	2	2	2	38	Atuou na Rádio Canadá Internacional
1975	3	3	4	4	4	4	2	3	3	1	4	3	38	Atuou na Rádio Canadá Internacional. Começa a dar aulas na Unisinos. Inicia estudos de mestrado em Letras na PUCRS
1976	4	4	3	3	4	4	1	3	3	4	3	4	40	
1977	4	3	3	3	4	5	4	3	3	2	2	4	40	Primeiro livro teórico: <i>Mudanças: quatro ensaios de sociologia da arte</i>
1978	1	4	2	3	4	3	2	3	3	3	1	3	32	Começa a dar aulas da Universidade de Caxias do Sul
1979	3	2	4	3	3	3	4	4	2	2	3	3	36	
1980	2	2	4	1	3	2	1	3	1	1	2	2	24	Primeiro livro infantil: <i>Porã</i>
1981	1												1	

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 8: Textos de Antonio Hohlfeldt publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Entre os 354 textos categorizados a partir de suas temáticas, 87% tratou de literatura e livros; entre os demais temas, teatro, artes plásticas, sociologia, história, comunicação, educação e cinema (Figura 12 abaixo).

posição como quarto autor mais frequente na coleção – já que Herbert Caro tem um total de 467.

Antonio Hohlfeldt: temas

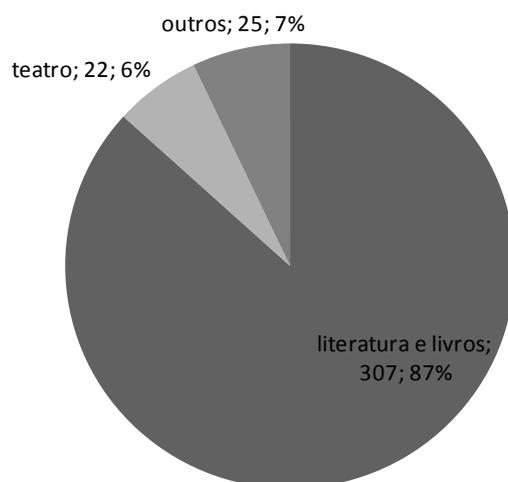


Figura 12: Gráfico com os temas identificados nos textos de autoria de Antonio Hohlfeldt na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com relação às referências geográficas, o predomínio é daquelas que dizem respeito ao Brasil – 82% (289) –, sendo que dentre essas 10% (35) referiam-se ao RS de forma mais ampla e 21% (73) a Porto Alegre. Com relação ao tempo, é evidente uma preocupação do autor com os lançamentos literários mais recentes: 40% das referências dizia respeito ao ano corrente; e 17% tratava do ano anterior à publicação do texto. Em apenas quatro ocasiões trechos de seus textos são destacados como epígrafes – em vigésimo quinto lugar na lista de autores com maior destaque nesse sentido. À sua frente estão, principalmente, nomes mais consagrados – com destaque para Erico Verissimo, que tem poucos textos publicados na coleção, mas que, ainda assim, figura cinco vezes como autor de epígrafe. Seus textos não possuíam um espaço fixo no CS, mas dezoito deles chegaram a compor seis séries. Provavelmente pela idade e por ainda estar em início de carreira, não recebeu edição especial e não foi tema de nenhum texto dentro da amostra aqui analisada.

No cruzamento de sua biografia com a participação no *Caderno de Sábado*, é possível perceber que Antonio Hohlfeldt se encontrava num momento de sua carreira em que suas tomadas de posição e sua atuação buscavam o acúmulo de capital simbólico com vistas à atuação que, depois, teria. Essa era uma época em que a graduação e a pós-graduação se abriam como possibilidade de afirmação e de profissionalização de uma parcela bastante significativa da intelectualidade brasileira. A partir dos anos 1980, Hohlfeldt seguiu carreira política e foi eleito vereador de Porto Alegre (1982) e vice-governador do RS (2003) e se estabeleceu como docente e pesquisador na área da Comunicação e das Letras, com diversas obras publicadas sobre esses assuntos. Em 2007, foi eleito patrono da Feira do Livro de Porto Alegre e, a partir de 2008, passou a integrar o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – inclusive publicando artigos na revista da instituição. No contexto sulino e mesmo nacional, portanto, posicionou-se como um jornalista intelectual, já com uma atuação que se marcava por espaços e práticas institucionalizadas dentro do jornalismo e não mais pelo espaço diletante das gerações anteriores (PEREIRA, 2011).

4.5 Paulo de Gouvêa (1901-1988)

Paulo de Gouvêa, integrante dos grupos modernistas que se reuniam na região central de Porto Alegre na primeira metade do século XX, começou a atuação como jornalista em 1926. Passou por veículos tão diversos quanto *Pinguim* e *Pasquino* (revistas humorísticas, Porto Alegre), *Diário de Notícias* (1926) e *Diário da Noite* (1938). Foi, porém, no *Correio do Povo*, que desenvolveu a maior parte de sua atuação profissional como secretário de redação. Também poeta, humorista, teatrólogo e crítico teatral, foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras, da Associação Brasileira de Imprensa e da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Inseriu-se, portanto, em entidades de reconhecimento e de congregação de intelectuais e profissionais.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967														
1968		1											1	
1969				1									1	
1970										1			1	
1971														
1972														
1973										4	3	4	11	
1974	4	3	5	3	4	5	2			2	4	3	35	
1975	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	5	4	48	
1976	5	4	4	3	5	4	4	3	4	5	4	4	49	Livro <i>O grupo</i> , pelo IEL e pela Movimento
1977	5	4	4	3	4	5	4	4	4	5	4	5	51	
1978	4	1		4	3	4	5	4	2	4	3	4	38	
1979	1			3	3	4	3	2	4	4	3	5	32	
1980	4	3	5	2	3	2	3	4	3	2	5	4	40	
1981	2												2	

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 9: Textos de Paulo de Gouvêa publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

A colaboração de Gouvêa com o *Caderno de Sábado* aconteceu a partir de outubro de 1973 (conforme a Tabela 9 acima). A partir desse momento, se tomados os anos completos, tem-se uma média de 41,9 textos ao ano. Desse total de 309 textos, 181 são crônicas, perfazem 59%; 217 são ensaios e

artigos, num total de 41%; e há, ainda, um poema (segundo a Figura 13 abaixo).

Paulo de Gouvêa: tipos de texto

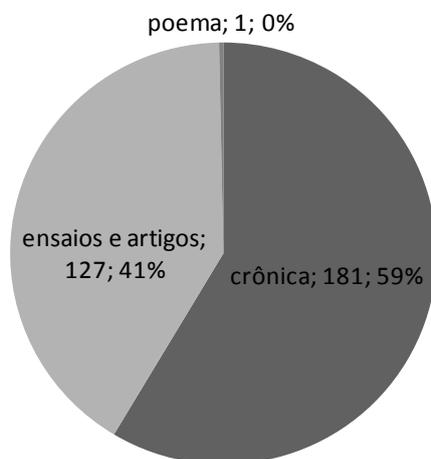


Figura 13: Gráfico com tipos de textos de autoria de Paulo de Gouvêa na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre as temáticas dos textos analíticos, a literatura é a mais frequente, já que está em 71% do total, ou seja, em 90 textos (Figura 14 abaixo). Nos 29% restantes, os temas são teatro, comunicação, história, artes plásticas, música, línguas, educação, arquitetura, política e cinema. Geograficamente, os textos têm o Brasil por referência dominante: 70%, 88 textos; dentre estes, 34 tratam do Rio Grande do Sul (27%). As referências temporais ao século XX são predominantes: somam 53%, 67 textos.

Paulo de Gouvêa: temas

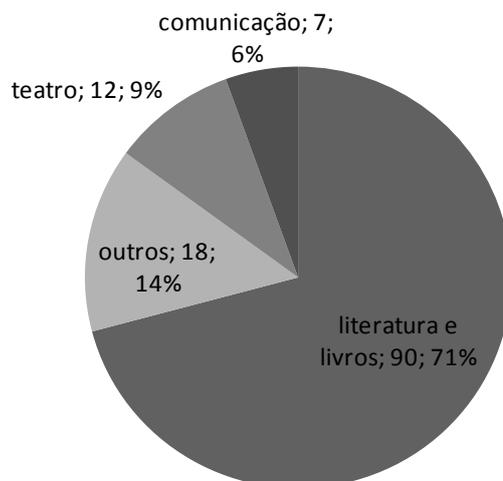


Figura 14: Gráfico com temas identificados nos textos de autoria de Paulo de Gouvêa na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Chama atenção a série de 49 textos publicados entre 6 de outubro de 1973 e 18 de janeiro de 1975 sob a cartola *Memórias de uma geração* (figura 15 abaixo). São ensaios em que o jornalista narra suas lembranças da juventude e do grupo de amigos que se reunia no Café Colombo, no centro da cidade. Entre os aspectos abordados, o jornalismo do começo do século, as relações pessoais e a rotina do grupo de amigos e a vida cultural e artística da cidade. Em 1976, foram reunidos no livro intitulado *O Grupo: outras figuras, outras paisagens* (GOUVÊA, 1976). A partir desse trabalho, portanto, é possível vislumbrar um espaço relativamente privilegiado para o escritor e jornalista, afinal a série se estendeu de outubro de 1973 a janeiro de 1975 – com uma interrupção de onze semanas em 1974. Nesse sentido, é possível inferir que, sobretudo pelo tom memorialístico, Gouvêa se torna, dentro do suplemento, uma importante testemunha de um momento relevante da história da vida literária em Porto Alegre. É, pois, narrador e personagem dessa reconstituição pelo viés de suas lembranças dentro do suplemento.



Figura 15: Primeiro texto da série *Memórias de uma geração*, de autoria de Paulo de Gouvêa e publicado na edição 289, de 6 de outubro de 1973, do *Caderno de Sábado*.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Ao narrar publicamente a própria memória, liga-se a um grupo pleno de nomes de relevância para a cena cultural porto-alegrense do século: Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, João Santana, J. M. de Azevedo Cavalcanti, Sotero Cosme e Raul Bopp. Ao delinear uma amizade pautada por interesses intelectuais, ao designar esse conjunto de jovens por um nome específico – “o grupo” – e ao situá-los em um lugar específico – o Café Colombo –, parece haver uma clara intenção de fixar uma geração, um coletivo que tenha deixado uma marca na memória da história intelectual da cidade.

Depois disso, os demais textos publicados pelo *Caderno de Sábado* tratavam de outros episódios, fatos e pessoas, sem que tivessem entre si uma maior continuidade. É importante destacar que Paulo de Gouvêa é o segundo autor com maior número de epígrafes nas capas das edições, apenas atrás de Guilhermino Cesar: são 36 ocorrências, ou 6% do total, o que também deixa transparecer o quanto é, para os editores, um sujeito prestigioso. Também é

indício dessa posição o fato de, na maior parte de suas aparições, ocupar a página 5 – o que ocorreu em 74% dos casos. No entanto, mesmo pertencendo à geração mais velha e sendo um veterano no jornalismo, também não recebeu homenagem por ocasião de seus 70 anos, completados em 1971. Tampouco foi tema de textos dentro da amostra aqui analisada.

4.6 Clarice Lispector (1925-1977)

Em 1967, Clarice Lispector já era uma escritora de prestígio no cenário brasileiro. Formada em Direito e com atuação como redatora na *Agência Nacional* e nos jornais *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, ficou bastante conhecida por suas crônicas e artigos sobre moda, beleza e comportamento para o público feminino. Como romancista, já em 1944 se posicionara e lugar de destaque: *Perto do coração selvagem* rompeu com o romance nordestino em voga na época e iniciou um novo ciclo nas letras brasileiras, o dos romances introspectivos. Tal foi a notoriedade alcançada por Clarice em sua carreira que ela é possuidora da maior fortuna crítica entre as escritoras brasileiras modernas (ENCICLOPÉDIA, 1990).

Sua presença no *Caderno de Sábado* se deve principalmente ao fato de ela, em 19 de agosto de 1967, ter iniciado a produção de uma coluna semanal para o *Jornal do Brasil*. Como o *Correio do Povo* era assinante da Agência JB, pertencente ao periódico carioca, os textos da escritora eram incluídos no pacote⁷³. A colaboração durou até dezembro de 1973, quando Alberto Dines, o editor que a convidara para o trabalho, foi demitido. Como ela não tinha nenhum vínculo empregatício com o jornal, também foi dispensada.

⁷³ Nesse momento, o *Correio do Povo* era um jornal de relevância e trânsito nacional. Para manter tal posição, recebia e publicava muito material das mais prestigiosas agências brasileiras e estrangeiras – neste caso, principalmente da americana Associated Press, da alemã Reuters, da italiana ANSA (Agenzia Nazionale Stampa Associata) e da francesa France Presse.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967									1	4	4	4	13	19 de agosto: começa a escrever semanalmente para o <i>Jornal do Brasil</i> (RJ)
1968	4	3	5	3	3	5	3	4	4	3	4	3	44	Ordem do Calunga (Campanha Nacional da Criança). Participa da Passeata dos 100 mil
1969	4	4	5	3	5	4	4	5	3	1	5	4	47	Golfinho de Ouro (Museu da Imagem e do Som RJ)
1970	5	4	3	4	4	4	4	5	3	4	4	3	47	
1971	4	4	4	3	4	4	5	4	4	5	4	3	48	
1972	4	3	4	3	4	4	5	3	5	3	4	4	46	
1973	4	3	5	3	4	5	4	3	4	4	3	4	46	6 de dezembro: demissão de Alberto Dines do <i>Jornal do Brasil</i> ; saída de Clarice
1974														
1975														
1976														Prêmio do 10º Concurso Literário Nacional (1976)
1977														Morre
1978														Prêmio Jabuti
1979														
1980														
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 10: Textos de Clarice Lispector publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

No período de 72 meses em que teve crônicas publicadas no *Caderno de Sábado*, Clarice Lispector apareceu em 100% das edições da maior parte dos meses (conforme Tabela 10 acima). Foram apenas nove os meses em que isso não aconteceu. Provavelmente, essa regularidade se deve ao fato de ela ter uma coluna fixa no jornal carioca, que fornecia os textos ao *Correio do*

Povo. Durante a maior parte do tempo em que seus textos foram publicados pelo suplemento, dividiam a página dois com a coluna de Mario Quintana. Os textos assinados pela cronista estiveram nesse espaço em 93% das edições em que apareceram, ou seja, 271 textos. É interessante destacar, ainda, que o texto *Para os ricos que também são bons* foi escolhido para a capa da primeira edição do suplemento (Figura 16 abaixo), o que denota uma tentativa de associar o suplemento já desde seu princípio a uma das escritoras em maior evidência no Brasil naquele momento.



Figura 16: Capa da primeira edição do *Caderno de Sábado* (30 de setembro de 1967) com o texto *Para os ricos que também são bons*, de Clarice Lispector.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

A escolha de 19 epígrafes da escritora para figurar em capas de edições do *Caderno* também é marcante: ela é a quarta na lista de autores que aparecem mais vezes nesse espaço, com um total de 3% das epígrafes. Mesmo que não tenha recebido uma edição especial e não tenha publicado

nenhuma série de textos, Clarice foi tema de seis textos na amostra analisada para esta pesquisa. Antonio Hohlfeldt, por exemplo, escreveu por ocasião dos lançamentos das obras *Felicidade Clandestina*, em 1972, e *Água viva*, em 1973. Guilhermino Cesar, por sua vez, prestou-lhe tributo, em dezembro de 1978, quando completou-se um ano da morte da escritora. No texto intitulado *Para não esquecer*, lamenta a ausência:

Clarice Lispector teve coluna cativa durante muito tempo na segunda página deste caderno, mas os leitores jamais se cansaram. Escrevia para si mesma, sem nenhuma inflexão oratória. A imagem me agrada. Essa extraordinária vocação literária, fosse no romance ou no conto, nas novelas ou nas crônicas aparentemente mais frívolas, jamais assumia a completa impessoalidade do narrador.

É importante destacar que Clarice é a única mulher no grupo dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado*. Num cenário de domínio quase absoluto de autores masculinos, é interessante perceber que uma escritora estrangeira, residente na capital da capital cultural do país tem presença cativa no suplemento sulino. Ainda que provavelmente não fosse um objetivo da cronista, esse espaço acabou por representar uma possibilidade de angariar notoriedade e reconhecimento num estado distante daquele em que atuava.

Para o suplemento, a assinatura da escritora presente semanalmente na página dois – com raros deslocamentos para outros espaços – denota uma intenção de tomar para a publicação a energia simbólica que a escritora, então já consagrada, carrega consigo. Ainda, para o jornal *Correio do Povo*, ter em suas páginas uma cronista vinculada a uma dos mais importantes jornais brasileiros daquele período – *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro – traduz um alinhamento com a imprensa de alcance nacional.

4.7 Francisco Riopardense de Macedo (1921-2007)

Francisco Riopardense de Macedo era formado em Engenharia e Urbanismo pela UFRGS, em cuja Faculdade de Arquitetura atuou como docente. Foi, ainda, membro da Comissão Permanente de Estudo e Defesa do Patrimônio Cultural da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul a

partir de 1956. Em Porto Alegre, integrou a Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas, o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Entre os trabalhos de pesquisa que realizou na área de história, destacam-se *A Arquitetura Açoriana e sua Relação com o Rio Grande do Sul* – como bolsista da Fundação Calouste Gulbekian, Portugal, em 1968 e 1969 – e *Aspectos da História do Rio Grande do Sul* – como convidado do Governo Português, em 1974. Integrou também entidades internacionais, como a Historical Association, do Reino Unido, e o Instituto Açoriano de Cultura, de Portugal. Entre as obras que publicou, destacam-se aquelas que tratam da cidade de Porto Alegre, sua história e seu patrimônio arquitetônico.

Em *História e vida da cidade*, publicado em 1973, foi reunida uma coletânea dos textos publicados até então no *Caderno de Sábado*. Entre os artigos publicados⁷⁴ no suplemento, predominam as temáticas relacionadas à história (em 81 textos, 47% do total) e à arquitetura, ao urbanismo e ao patrimônio histórico (73 textos, 43%) – conforme a Figura 17 abaixo. Entre esses, predominam as abordagens relacionadas ao Rio Grande do Sul (54% dos textos), sendo a cidade de Porto Alegre responsável por mais da metade desse percentual. Em razão das temáticas, justifica-se o predomínio absoluto das referências temporais relativas ao século XIX e anteriores (78% do total de textos).

⁷⁴ Do total de textos, apenas um foi classificado como crônica; os demais são artigos e ensaios.

F. Riopardense de Macedo: temas

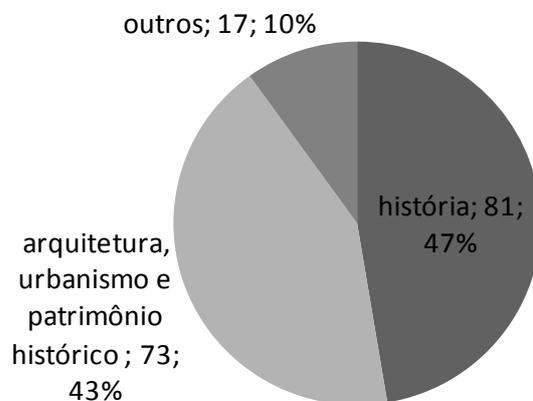


Figura 17: Gráfico com os temas identificados nos textos de autoria de Francisco Riopardense de Macedo na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Característica das colaborações de Riopardense de Macedo eram as séries de textos publicados em sequências semanais: foram 19 artigos seriados – é o autor com o maior número – e algumas dessas sequências são relativamente longas, chegando a aparecer em duas dezenas de edições. Nesses espaços, em se tratando de patrimônio histórico, escreveu sobre a cidade de Rio Pardo (três textos publicados em 1968), o Parque Farroupilha – também conhecido como Parque da Redenção – (onze textos, em 1968), algumas praças de Porto Alegre (seis textos, em 1968) e a urbanização no Rio Grande do Sul (treze textos, 1973); no âmbito da história, abordou a chegada dos portugueses no RS (quatro textos, 1971), os primórdios da economia gaúcha (seis textos, 1971), fatos acontecidos em Porto Alegre no ano da independência do Brasil (20 textos, 1972) – Figura 18 abaixo – e o imperador D. Pedro II (dez textos, 1975).



Figura 18: Vigésimo texto da série *Porto Alegre no ano da Independência do Brasil*, de autoria de Francisco Riopardense de Macedo e publicado na edição 232, de 22 de julho de 1972.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Em apenas uma ocasião, texto de sua autoria tem excerto destacado como epígrafe na capa do suplemento e não é exatamente uma passagem sua: é a reprodução de uma frase de Hipólito José da Costa, citada por Macedo em seu texto, na edição 290. É marcante o fato de ter um espaço praticamente cativo na contracapa do suplemento: 60% de seus textos – que perfazem um total de 103 – aparecem na última página do CS.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967										4	2	3	9	
1968	1	3	1	2	4	5		4	1	2	4	1	28	Bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian (1968/1969)
1969			2		2		4	3		3	1		15	
1970				1		4	1	1		1	2		10	
1971						1	3				2	3	9	Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RS
1972	1	1	4	3	4	4	4		1	1	1		24	
1973		3	4	3	2	3	4	2		2	1	3	27	
1974	1		1						1	1	1	1	6	Representante da ARI e ABI em homenagem a Hipólito José da Costa no Reino Unido. Pesquisas como convidado do Governo Português. Membro da Historical Association (Reino Unido)
1975							4	4	2				10	
1976		1		1		2		3	3	2	1		13	
1977	1		3		2		2	1				2	11	
1978	3	1				1					1		6	Membro do Instituto Açoriano de Cultura
1979	1		1						1			1	4	
1980														
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 11: Textos de Francisco Riopardense de Macedo publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na trajetória de Riopardense de Macedo, portanto, sobressaem-se o pertencimento a entidades de congregação de intelectuais e a concessão de algumas honrarias em âmbito internacional. Ele, no entanto, se posicionava, nos anos 1970, como um intelectual já inserido no contexto da

profissionalização dessa função: atuava como docente e pesquisador dentro da UFRGS. A trajetória, portanto, está relacionada ao incremento importante no efetivo das universidades que já se desenhava nas décadas anteriores, quando começara a atuar na docência.

Se tomada a intenção por trás da reforma universitária levada a cabo em 1968 – que, com a departamentalização, pretendia aproximar a pesquisa e o ensino (PÉCAUT, 1990) – também é possível perceber esse lugar marcado entre o ensino e a investigação bastante presente na carreira de Riopardense de Macedo. Vinculado à principal instituição de ensino superior do estado, a UFRGS, teve no suplemento o lugar do perito, do sujeito especializado, detentor de um conhecimento aprofundado.

Esse lugar do saber especializado, porém, não lhe confere destaque no nobre espaço da capa: em apenas uma edição um excerto de texto seu é destacado como epígrafe. Ainda numa lógica mais próxima da ciência que da literatura, o autor possui um capital cultural institucionalizado e um capital simbólico que não lhe dão, dentro do suplemento – mais marcado pela lógica do campo literário e de suas dinâmicas e processos de consagração entre pares produtores – o mesmo destaque conferido aos escritores e poetas: não é tema de nenhum texto na amostra, nem recebe homenagem em edição especial.

Oriundo de um campo menos próximo do jornalismo do que o literário, Riopardense de Macedo é um agente para quem o espaço ocupado no suplemento serve, de forma mais imediata, como lugar de vazão de sua produção e de circulação dos resultados de seu trabalho de investigação. Essa posição é fruto de um momento em que se estreitam os laços entre a imprensa local e a principal instituição de ensino superior do estado – esta já em pleno processo de consolidação do formato e da posição que nas décadas seguintes lhe serviriam como maneira de afirmação no cenário nacional. Ainda que pertencente ao grupo mais velho, já representava um modelo mais recente de intelectual profissionalizado e especialista num determinado campo do conhecimento, ou seja, um perito.

4.8 Paulo Hecker Filho (1926-2005)

Contista, dramaturgo, poeta, ensaísta, tradutor e crítico literário, Paulo Hecker Filho ficou conhecido na cena cultural como um intelectual bastante polêmico e declarou, em uma entrevista para a série *Autores Gaúchos*, do Instituto Estadual do Livro do RS, que toda imagem pública também surge a partir de mal entendidos. Na coleção do *Caderno de Sábado*, travou embates em algumas ocasiões, como quando tratou da obra do poeta Carlos Nejar e este lhe respondeu – o único texto que trata de Hecker Filho na amostra. Nesse sentido, o crítico ocupou, no contexto sul-rio-grandense, a posição de um mediador autorizado e de um analista qualificado dos temas culturais. Leitor de Fiódor Dostoiévski, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre e Jorge Luis Borges, dizia considerar o cinema uma literatura mundial da qual ele e sua geração seriam tributários.

É da passagem pela Faculdade de Direito, entre 1945 e 1949, que emerge um momento importante na afirmação intelectual de Hecker Filho: com um grupo de colegas fundou o grupo e a revista *Quixote*. O coletivo era orientado por Guilhermino Cesar, tanto que foram sugestão dele o nome e o slogan do grupo – “Vamos fazer uma barbaridade”, frase do escritor espanhol Miguel de Unamuno. Essa remissão à cultura hispânica reflete um posicionamento do grupo contrário à tendência predominante naquele momento e defendida pelos intelectuais vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico e à *Revista Província de São Pedro*. Estes associavam a formação sócio-cultural do Rio Grande do Sul essencialmente à herança lusitana, em detrimento das influências oriundas do Prata (BIASOLI, 1994a). Com um mentor tipicamente modernista – Cesar –, esses jovens se alinhavam a um perfil de intelectuais que se fixara entre os produtores culturais brasileiros a partir da década de 1920 e que tomava para si o papel de um herói modernizador bastante diferente daquele engajado, tipificado no caso Dreyfus (MARTINS, 1987).

Hecker Filho foi editor da primeira edição da publicação do agrupamento, mas uma desavença em razão do espaço que dera a um texto de sua própria autoria fez com que se afastasse dessa iniciativa. No ano do

desligamento do grupo e de sua formatura em Direito – carreira que nunca chegou a seguir –, publicou o livro *Diário*, que reunia observações e críticas não acadêmicas de literatura. Por essa obra, ganhou o Prêmio Parks em 1949. Ainda nesse período, fundou duas publicações de relativa repercussão no cenário local: a revista *Fronteira* (1950-1951), com João Francisco Ferreira; e a revista *Crucial* (1951-1954), com José Paulo Bisol, Lineu Dias, Vera Mogilka. De acordo com Wilson Martins (1977-78, p. 280), em sua *História da Inteligência Brasileira*,

Com o aparecimento do *Jornal de Letras*, no Rio, sob a direção de Elísio, João e José Condé, e de *Fronteira*, revista fundada em Porto Alegre por Paulo Hecker Filho e João Francisco Ferreira, a literatura ganhava organização intelectual e os instrumentos de trabalho correspondentes à sua idade crítica [...].

Depois, atuou como jornalista em São Paulo por dois anos, mas acabou desistindo da carreira e se dedicou ao ramo imobiliário. Seguiu, entretanto, como colaborador dos periódicos *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Suplemento Literário Minas Gerais* e *O Estado de São Paulo* nas décadas seguintes. Mantinha, assim, sua relação com os aparatos comunicativos que lhe permitiam manter a posição como intelectual, ainda que, profissionalmente, tivesse mudado o rumo de sua vida.

No ano de 1967, quando começou a circular o *Caderno de Sábado*, voltou a colaborar de maneira mais regular com o *Correio do Povo* e, aos poucos, essa se tornou a principal atividade literária do intelectual: entre outubro de 1967 e maio de 1977, publicou uma média de 1,2 textos por mês no suplemento, o que mostra certa regularidade nessa atividade, ainda que tenha havido 22 meses em que não houve nenhum texto de Paulo Hecker Filho (conforme Tabela 12 abaixo). Depois desse período mais constante, aparece mais três vezes, em anos distintos. Deixou de colaborar definitivamente com o *Correio do Povo* no final de 1980⁷⁵; passou, então, a colaborar com *Zero Hora*.

⁷⁵ De acordo com depoimento concedido por Paulo Hecker Filho para o fascículo que trata de sua obra e publicado na série Autores Gaúchos, do IEL, esse rompimento teria se dado porque o *Correio do Povo* não publicou um texto seu com o que ele chamou de um “desabono pessoal”, sem explicar mais detalhadamente o que queria dizer com tal expressão.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967										1	1	1	3	
1968	1	1	2		1	2	1	2	1	1	1	1	14	
1969	1	1	3		2	1	3	2	2	2	1	1	19	
1970	2	2		1	1			1	2	2	1	2	14	
1971	1	2	1			1	1	1	1	2		1	11	
1972				2		1	3	1	2	1	2	2	14	
1973	2	2	2	1		1	1		1	1		1	12	
1974	1	1	1		1	1		1	1		1	1	9	
1975	1	1	1	3	4	1	1	1		1	2	1	17	
1976	3	3	3		1	1	1		1	2	1	3	20	
1977	2	1	2		1								6	
1978														
1979			1						1				2	
1980														
1981	1												1	

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 12: Textos de Paulo Hecker Filho publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Hecker Filho tem trechos de seus textos como epígrafes em nove edições, o que o coloca na décima posição da lista de autores mais frequentemente destacados na capa do suplemento. Seus textos não possuíam um espaço fixo no CS, mas recebiam um espaço ampliado – tanto que 25 de seus textos consistem, na verdade, em 11 artigos publicados de forma partida e seriada, em edições seguidas. Não recebeu homenagem em edição especial.

Apesar de a maioria das colaborações de Paulo Hecker Filho para o CS terem sido artigos e ensaios (87% dos 150 textos categorizados), também ele produziu dez poemas, seis crônicas e quatro contos (Figura 19 abaixo).

Paulo Hecker Filho: tipos de texto

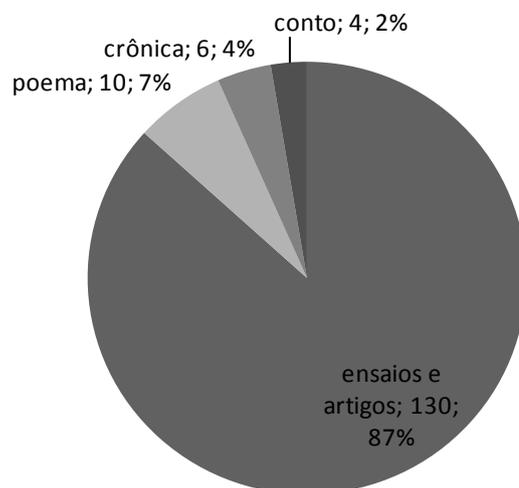


Figura 19: Gráfico com textos de autoria de Paulo Hecker Filho na coleção do *Caderno de Sábado* (1967-1981) classificados segundo o tipo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre as temáticas dos textos analíticos, a predominância absoluta é de literatura e livros (87%, ou 113 textos). Entre os demais temas, cinema, teatro, religião, psicologia, história, filosofia, educação e comunicação. Com relação às referências geográficas, percebe-se um predomínio das nacionais (52% do total, sendo que 8% destas foram categorizadas como Rio Grande do Sul e 11% como Porto Alegre). Temporalmente, a predominância é do século XX, com um total de 84 ocorrências, ou seja, 67%; ganham destaque as referências próximas à data e publicação dos textos – ano corrente e ano anterior –, que perfazem 22% e denotam uma marca temporal típica do jornalismo cultural, ancorado na agenda de lançamentos literários.



Figura 20: Poemas da série *Cinquenta anos*, de Paulo Hecker Filho, publicada na edição 425 do *Caderno de Sábado* (17 de julho de 1976).

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Em 1976, Paulo Hecker Filho por primeira vez publicou poemas no CS: foi uma série apresentada sob a cartola *Cinquenta anos* (Figura 19 acima), veiculada em julho daquele ano, quando ele chegava exatamente a essa idade. Depois disso, no entanto, ele não voltou à poesia até a década de 1980; não considerava sua produção plenamente satisfatória, de acordo com a biografia do autor publicada no site do projeto Delfos, da PUCRS⁷⁶. Somente nos anos 1980 é que ele publicou sua primeira obra poética em livro.

4.9 Moysés Vellinho (1902-1980)

Tal como uma parte significativa dos intelectuais atuantes na primeira metade do século XX, no Brasil, Moysés Vellinho se graduou em Direito e seguiu carreira vinculada ao Estado: foi advogado, promotor público, deputado

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=hecker>>. Acesso em: 10 mar 2016.

estadual, inspetor de ensino, atuou no gabinete de Oswaldo Aranha – quando este foi secretário do interior do Rio Grande do Sul e ministro da Justiça –, no Conselho Administrativo e no Tribunal de Contas do RS – durante o governo do interventor Ernesto Dornelles. Atuante na cena sulina, integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (a partir de 1949), presidiu a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA, 1952-1972), o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (1963-1964) e a Aliança Francesa (1965-1969). Foi, portanto, um gestor de instituições culturais de relativa importância no Rio Grande do Sul e que se posicionava, por isso, como mentor de projetos desenvolvidos de forma coletiva (RODRIGUES, 2006).

A atuação junto ao Estado e às instituições culturais da cidade em que residia, porém, não foi a única estratégia usada por Vellinho para ocupar o lugar de intelectual na sociedade sul-rio-grandense. Percebia-se como um intérprete qualificado e que deveria exercitar a observação de seu lugar de origem e de seus conterrâneos (RODRIGUES, 2006). Nesse sentido, posicionou-se, durante sua atuação, como a principal referência dentro da vertente historiográfica que associava a formação do gaúcho brasileiro às raízes lusas, e não à influência platina (GOLIN, 2001).

Nos anos 1920, iniciou sua atuação como crítico literário, primeiro no *Diário de Notícias*, depois no *Correio do Povo*, ambos de Porto Alegre. Foi neste último, porém, que estabeleceu uma trajetória mais constante e duradoura: respondeu pela coluna *Livros e autores* sob o pseudônimo de Paulo Arinos de 1921 a 1939 (GOLIN, 2001). Nesse espaço, analisou a literatura brasileira – com foco na produção gaúcha – e portuguesa. Desse período é também um embate que o deixou conhecido como um “crítico afeito ao debate e à polêmica” (BAUMGARTEN, 2001, p. 36): polemizou com Rubens de Barcellos sobre uma obra do escritor e membro da ABL Alcides Maya. Essa tendência se repetiria, nas décadas seguintes, quando debateu com o escritor Mansueto Bernardi sobre o índio Sepé Tiaraju e o legado das missões jesuíticas, e com Manoelito de Ornellas sobre a influência hispânica na formação do RS.

Num momento em que faz convergir seu apreço pela ideia do escritor como um homem de ideias e sua liderança, Moysés Vellinho encabeçou um importante projeto da Editora Globo, então uma das maiores do Brasil: em 1945 fundou e dirigiu a revista cultural *Província de São Pedro*; foram editados 21 números até 1957. Com colaboradores de renome nacional e internacional, a publicação chegou a ter prestígio em todo o Brasil e pretendia, mais do que ser objeto de comércio e lucro, trazer prestígio à empresa que a fazia circular (GOLIN, 2001). Como a Globo era, naquele momento, uma das maiores editoras do Brasil – tanto pela quantidade e qualidade dos títulos publicados quanto pelo capital simbólico que reunira ao trazer para o Brasil autores estrangeiros consagrados –, aqueles que se vincularam à publicação, como é o caso do então diretor da revista, também obtiveram lucro simbólico.

Com um total de 123 textos publicados entre 1967 e 1980, Moysés Vellinho teve uma participação não muito constante durante o período de circulação do *Caderno de Sábado* (Tabela 13 abaixo). Pode-se dizer que, essencialmente, teve um pico de participação entre 1968 e 1973 – tendo sido 1971 o ano com a maior ocorrência de textos, 41 – e, depois disso, rareou suas colaborações. É interessante notar que essa alta produtividade coincide com uma época em que atuou de maneira marcante em diversas instituições culturais porto-alegrenses – com destaque para a presidência da Fundação que mantinha a Ospa.

De dezembro de 1967 a julho de 1968 publicou semanalmente – e com a interrupção de apenas uma semana – uma série de 28 narrativas da viagem à Europa que realizara nos meses anteriores do primeiro ano de circulação do CS. Posteriormente, esses trabalhos foram publicados no livro *Recortes do velho mundo* (1970). Por essa razão, também são 28 as referências geográficas internacionais em seus textos.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967												3	3	Presidente da Fundação OSPA (1952-1972). Presidente da Aliança Francesa (1965-1969). Indicado para integrar o Conselho Federal de Cultura.
1968	4	3	5	2	4	5	2				2		27	
1969			1	3	2								6	
1970	1	1					1	1	1	2	3	3	13	
1971	4	4	3	1	3	4	5	4	4	4	2	3	41	
1972	4	3	4	1								1	13	
1973	1	3	3			1					1	1	10	
1974								1					1	
1975					1							1	2	
1976	1		1			1	1	1		1		1	7	
1977			1							1			2	
1978				1	1	1							3	
1979	1							1					2	Edição Especial CS. Doutor Honoris Causa pela UFRGS. Correspondente da Academia Portuguesa de História
1980								1					1	Morreu em 27 de agosto. Patrono da 26ª Feira do Livro de Porto Alegre
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 13: Textos de Moysés Vellinho publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nos demais textos, tratou primordialmente de literatura e livros (14 ocorrências, 11%) e de história, com foco nos temas brasileiros (76% das

ocorrências, 94 textos) – sendo destes 22, ou 18%, referentes ao Rio Grande do Sul. Entre as referências geográficas, predominam aquelas que dizem respeito aos séculos XVIII e anteriores – 59% do total. O segundo governador do Rio Grande do Sul, André Ribeiro Coutinho, o tropeiro e militar Francisco Pinto Bandeira e o general Gomes Freire estão entre os personagens históricos do Rio Grande do Sul que mereceram a atenção de Vellinho em séries de textos. Também a história do Continente de São Pedro – nome dado ao atual território do Rio Grande do Sul no século XVIII – e da Guerra dos Farrapos foram abordados. Nos textos sobre literatura e livros, Guilhermino Cesar e Mario Quintana estiveram entre os autores analisados.

Ainda que não tivesse um espaço fixo no suplemento, Moysés Vellinho tinha, pelo que se pode observar a partir das escolhas dos editores, um lugar privilegiado dentro do *Caderno*: 101 textos de sua autoria estão reunidos em sete séries, que podem ultrapassar 20 textos cada, caso de *Notas a lápis* (Figura 21 abaixo). Também, o crítico e historiador recebe espaço na capa, ainda que de forma não muito significativa: em nove edições excertos de seus textos foram escolhidos para figurar como epígrafes, ou seja, 1,4% do total de destacados. Foi homenageado com uma edição especial dedicada a sua vida e obra, em janeiro de 1979 – sem que houvesse uma efeméride específica para tal – e foi tema de dois textos.



Figura 21: Texto número 27 da série *Notas a Lápis* de autoria de Moysés Vellinho e publicado na edição 39 do *Caderno de Sábado* (13 de julho de 1968).

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Organizador da cultura em Porto Alegre, Moysés Vellinho não atuou só nos processos de institucionalização da produção local. Alcançou relevância também ao participar da recuperação da memória sul-rio-grandense em literatura e história. Tão importante foi a sua atuação que se tornou membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e da Academia Portuguesa de História. Em 1979, recebeu reconhecimento acadêmico com o título de Doutor Honoris Causa pela UFRGS. No ano seguinte, já falecido, foi eleito o patrono da Feira do Livro de Porto Alegre de 1980. Percebe-se, assim, que foi dos intelectuais mais atuantes e prestigiosos da cidade durante o século XX e, portanto, teve posição de destaque no *Caderno de Sábado*. Se, como membro de diversos grupos, levava consigo um capital simbólico importante para os projetos que encampava, no suplemento mobiliza esse mesmo capital ao redor de sua assinatura.

4.10 Ney de Araújo Gastal (1951-)

Ney de Araújo Gastal é jornalista formado pela PUCRS e tem atuação no *Correio do Povo*, na *Folha da Tarde* e na *Folha de S.Paulo*. É filho do editor do *Caderno de Sábado*, P. F. Gastal, o que mostra o peso que as relações pessoais geralmente têm na organização do jornalismo – fator importante de transmissão de conhecimentos e de abertura de espaços na redação para a formação por meio da prática. Nesse sentido, destoa do grupo aqui analisado não só por ser o mais jovem, mas também pela sua trajetória: extrapola o jornal em que iniciou já na década de 1980, o que mostra o quanto o capital simbólico acumulado em sua atuação no jornalismo lhe serve para atuar em outras áreas. Tanto é que foi diretor técnico do Theatro São Pedro, de Porto Alegre, e assessor de imprensa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Aos poucos, no entanto, foi centrando sua atuação nas questões ambientais: foi assessor de José Lutzenberger na Secretaria Especial de Meio Ambiente da Presidência da República (Semam) entre 1990 e 1992, no governo de Fernando Collor de Mello; atuou na Fundação Estadual de Meio Ambiente (Fepam); dirigiu o Museu de Ciências Naturais – estes órgãos do governo do RS –; e presidiu a Associação Brasileira para a Preservação Ambiental (Abrapa).

Tem seus primeiros textos publicados no *Caderno de Sábado* em 1971, quando tinha 20 anos. Entre 1972 e 1974 é que vai ter maior frequência e publica na maior parte das edições (conforme Tabela 14 abaixo). Em 1973, chega a figurar em 44 das edições daquele ano, ou seja, somente em setembro e outubro é que não publica em todas as edições. Era, naquele momento, um jornalista em início de carreira, o que explica a ausência de seu nome em parte da bibliografia consultada para coletar dados biográficos dos autores. Pode-se dizer, assim, que sua ausência também se deve ao fato de não ter aliado à atuação no jornalismo nenhuma outra carreira mais marcadamente ligada à noção mais tradicional de intelectual, o que não o colocou em posição de destaque como ocorrera com seus pares que ingressaram, antes, na vida acadêmica ou literária. Depois de atuar no CS, no entanto, exerceu uma atividade de mitância em favor de causas ambientais ao ocupar posições em

órgãos da área e ao escrever e publicar sobre temas relacionados ao assunto. Atuou, de certa forma, como intelectual nesse período.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	BIOGRAFIA
1967														
1968														
1969														
1970														
1971											1	1	2	
1972				1		1	5	3	5	4	4	4	27	
1973	4	3	5	3	4	5	4	3	3	3	3	4	44	
1974	3	1	5	2	4	5	2	2	2	3	4	3	36	
1975	2	4	1	3	1			1		3			15	
1976							1			1			2	
1977														
1978										1		1	2	
1979														
1980														
1981														

Legenda

todas as edições do mês	100%
maior parte das edições do mês	de 50% a 99%
menor parte das edições do mês	de 0% a 49%

Tabela 14: Textos de Ney de Araújo Gastal publicados no *Caderno de Sábado* em cada mês; elementos da vida do autor em cada ano durante o período de circulação do suplemento.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos textos de autoria de Ney Gastal, publicados no *Caderno de Sábado*, a maioria são ensaios e artigos, 96%. Dentre esses, destaca-se a música como tema da maioria – 87%, ainda que em menor proporção apareçam a literatura,

a história, o cinema, a educação e a política. Se cruzados esses dados com o predomínio da referência geográfica ao Brasil (45%) e da referência temporal ao ano corrente (26%), pode-se perceber uma preferência pela música brasileira lançada pouco antes da publicação do texto. Tanto é que do total de 128 textos de sua autoria, 82 aparecem na coluna *M.P./Discos*, ou seja, vêm com a temática da música popular anunciada previamente à leitura do texto (Figura 22 abaixo).



Figura 22: Coluna *M.P./Discos*, de autoria de Ney Gatal na edição 301 de 12 de janeiro de 1974 do *Caderno de Sábado*.

Fonte: Foto tirada pelo autor.

Dentro do conjunto de edições que compõem a amostra deste estudo, não há nenhuma homenagem dedicada a Ney Gatal e nenhum texto sobre ele, o mais jovem do grupo e, na década de 1970, um jornalista formado pela universidade havia pouco tempo. Nesse sentido, já é fruto de uma geração de jornalistas que então surgia e que já trazia consigo o diploma como capital cultural institucionalizado que se configurava como forma de acesso à

profissão. Excertos de textos de sua autoria são destacados em sete capas do suplemento – 1,1% do total, e não possui nenhuma série de artigos ou ensaios.

A partir das trajetórias dos dez intelectuais mais frequentes, então, o presente capítulo trouxe à luz elementos que permitem compreender quem são os dez intelectuais mais presentes na coleção do *Caderno de Sábado* e de que forma essa presença se configurava. Emerge, assim, um conjunto de sujeitos que, já nos anos 1970, eram consagrados como organizadores e incentivadores da produção cultural no Rio Grande do Sul – casos principalmente de Moysés Vellinho e Guilhermino Cesar. Surgem, também, escritores que – intelectuais criativos – mobilizavam capital simbólico para a o encarte por meio de suas assinaturas ao mesmo tempo que atraíam a atenção de um público mais diversificado em razão de sua circulação mais ampla e de sua popularidade naquele momento – Mario Quintana e Clarice Lispector como principais exemplos.

Entre os homens de imprensa, vê-se o cruzamento de duas gerações: daqueles forjados na própria prática da redação e que ainda traziam consigo muito da relação estreita que o jornalismo tivera no começo do século XX – Paulo de Gouvêa –; e daqueles que, jovens, já traziam consigo o capital cultural institucionalizado que, nos anos 1970, já era considerado meio de acesso à prática profissional nessa área – Antonio Hohlfeldt e Ney Gastal. Ainda, representados por Francisco Riopardense de Macedo, ganham espaço os docentes e pesquisadores que, num contexto já mais estruturado, empreenderam carreira acadêmica de forma mais sistemática e usaram esse espaço do jornal como forma de ampliar o público leitor de sua produção. Finalmente, também estão presentes sujeitos que, diletantes e por seus perfis e formações específicos, atuam como mediadores entre a produção literária e cultural e o público – papel este exercido com ênfase por Herbert Caro e Paulo Hecker Filho.

É claro que esses papéis e essas funções foram, durante o período aqui analisado, se mesclando e se intercalando entre esses sujeitos, o que mostra o quanto o lugar do intelectual na imprensa é marcado por posições que, voláteis e fluidas, permitem – e ao mesmo tempo exigem – que o sujeito atue em

diferentes frentes. Para o *Caderno de Sábado*, essa confluência de trajetórias distintas serviu, nesses 14 anos, como forma de atrair para si a atenção de um público mais restrito e ilustrado ao mesmo tempo que se posicionava como lugar de formação desse mesmo conjunto de leitores. Nessa relação, esses homens e mulheres de cultura recebiam do suplemento um espaço que lhes permitia disseminarem suas ideias e, por isso e pelo ato da escrita pública, ocupar a posição social de intelectual. Ao tomarem esse essa publicação como púlpito e ao se construírem publicamente como intelectuais, também reforçavam, de forma concretizada a cada fim de semana, a imagem do *Correio do Povo* como um reduto de intelectuais.

5 O CADERNO DE SÁBADO COMO REDE DE INTELLECTUAIS

Ao propor a ideia do suplemento semanal de cultura como um lugar de reunião, articulação e hierarquização da intelectualidade, o presente trabalho tem buscado debater a relação desse tipo de publicação com a dinâmica do campo intelectual. No *Caderno de Sábado*, de maneira mais específica, as trajetórias dos autores mais representativos na coleção do suplemento já permitem antever indícios para a compreensão do papel desempenhado pelo encarte e pelo jornal que o veiculava, não só no contexto local como também nacional. Nesse sentido, faz-se necessário, agora, discutir de que forma e com que efeitos o suplemento participou dos processos de recrutamento, reconhecimento e estratificação desses intelectuais; e como se configurava numa rede de relações e, assim, angariava para si capital simbólico ao associar-se à imagem daqueles cujas ideias fazia circular.

Já desde o século XIX, homens e mulheres de posições sociais e profissões diversificadas têm-se juntado ao redor de projetos intelectuais, sobretudo quando estes incluem o ato de ensinar como elemento de união. Têm gerado visões de mundo coletivas forjadas a partir das palavras e que expressam uma relação próxima entre ideias e poder. Nesse sentido, o projeto do *Caderno de Sábado* pode ser visto como resposta ao anseio da intelectualidade sul-rio-grandense por um lugar de reunião e de circulação de seu pensamento de maneira mais institucionalizada, habitual e socialmente difundida e reconhecida. Nesse sentido, o espaço dentro de um jornal de grande alcance e prestígio parece ter sido a oportunidade ideal para os homens e mulheres de letras em atividade na capital sulina.

Na memória de Armino Trevisan (*apud* CARDOSO, 2009), o suplemento exerceu para a intelectualidade local um papel aglutinador:

Era uma certa convergência cultural. Ou seja, os intelectuais da época falavam as mesmas coisas. Não só sobre literatura, mas sobre filosofia, sociologia, política, romance, poesia, cinema, música, artes plásticas etc. Havia ainda uma espécie de satelitização em torno de temas culturais. Naquela época tu podias estar certo de que havia essa convergência ali [no *Caderno de Sábado*] (TREVISAN, 2008 *apud* CARDOSO, 2009).

Partindo dessa perspectiva, o suplemento se configurou como núcleo desse agrupamento que se estruturou ao redor dos editores e de um projeto de formação cultural do público leitor por meio das páginas do jornal. Nesse processo, se estabeleceram relações que, hierarquizadas, permitem entrever alguns traços da organização da intelectualidade ao longo do século XX no Rio Grande do Sul. O jornal *Correio do Povo*, ao lançar e abrigar o projeto intelectual e editorial, se posicionou no epicentro do processo histórico da produção, organização e circulação de cultura em Porto Alegre entre 1967 e 1981 e, a partir disso, colheu o lucro simbólico advindo dessa relação.

5.1 Os editores como mentores do recrutamento⁷⁷

Ao pensar sobre as relações estabelecidas pela intelectualidade, como é o caso do que tem ocorrido ao redor dos projetos dos suplementos culturais, Sirinelli (2003) trata de redes de sociabilidade. Para elaborar essa noção, o autor parte da ideia de que todo grupo de homens e mulheres de cultura se organiza ao redor do que ele chama de “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 248). Ainda que essas sejam estruturas difíceis de serem apreendidas, não podem ser ignoradas ou subestimadas pelo pesquisador.

As ‘redes’ secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao

⁷⁷ Os termos recrutamento, cooptação e arregimentação – usados em forma de verbo ou substantivo – são frequentes na literatura sobre intelectuais, principalmente na obra de Sirinelli (1986; 1988; 1998; 2003). Em seus sentidos literais, dicionarizados, carregam os sentidos de reunir, formar um todo, juntar, agregar, atrair, aliciar e convocar. Neste trabalho, em consonância com o referencial teórico aqui utilizado, são aplicados para descrever a atuação dos editores do *Caderno de Sábado*, P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich. É importante ressaltar, porém, que todos os relatos sobre os bastidores de produção do suplemento dizem que os colaboradores é que procuravam os jornalistas para terem seus textos publicados no encarte do *Correio do Povo*. Sendo assim, as ideias de recrutar, cooptar e arregimentar, nesta tese, são tomadas em sentido mais aproximado dos sentidos de agregação, atração, reunião e formação de um todo. Colocam o CS, assim, numa posição de receptação e de lugar de confluência – mais passivo, portanto –, e não num lugar de busca. Isso porque, para a intelectualidade, o suplemento era um lugar importante de prestígio e visibilidade.

mesmo tempo 'redes' que estruturam e 'microclima' que caracteriza um microcosmo intelectual particular (SIRINELLI, 2003, p. 252-253).

Essas estruturas constituem, pois, um agrupamento permanente ou temporário, seja qual for seu grau de institucionalização, do qual se opta participar⁷⁸. No caso dos intelectuais, tratar-se-ia de um coletivo relativamente restrito, como seria o caso de um grupo reunido ao redor da redação de uma revista ou do comitê de leitura de uma casa editorial. No caso específico das revistas,

[...] conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, a revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão” (SIRINELLI, 2003, p. 249)

De alguma forma, essas publicações, assim como os manifestos, acabaram por assumir o papel que fora desempenhado pelos salões e os cafés. São centros de atração particulares de onde se pode, de alguma forma, obter elementos para se interpretar uma época no que concerne à movimentação dos homens e mulheres de ideias. Esses projetos editoriais seriam “cimentos ideológicos”, como foram também os suplementos semanais de cultura, no Brasil, a partir da década de 1950.

Essas publicações encartadas nos jornais eram lugares onde se aglutinavam grupos que, nesse espaço editorial, encontravam uma forma de exercer sua influência e de manifestar antagonismos e afinidades⁷⁹. Na maior

⁷⁸ Seguindo as ideias propostas por Maurice Agulhon, Sirinelli (1986) diz serem as redes estruturas intermediárias entre a família e o contexto comunitário obrigatório – talvez o político, indaga-se o autor.

⁷⁹ Abreu (1995), ao tratar do tema, salienta que publicar na imprensa, por si só, não faz de um indivíduo um intelectual. Ela, então, parte de um conceito bastante marcado pelas ideias de Lipset (1959): estariam incluídos nessa categoria sujeitos que criam, distribuem e fazem cultura. No caso dos suplementos estudados por Abreu (1995), predominavam “intelectuais criativos” vinculados ao processo de distribuição de cultura.

parte dos casos, posições políticas não foram impedimento para o pertencimento a determinado agrupamento (ABREU, 1996). Assim como aconteceu durante todo o século XX com as revistas de cultura, os suplementos jornalísticos atraíam intelectuais, mais frequentemente, por afinidade com o projeto editorial e com seu idealizador ou organizador (COHN, 2011). Representavam, assim, a possibilidade de alinhamento a determinado grupo e, portanto, a um ideário objetivado pela publicação: associar-se a esses projetos coletivos tornava-se uma estratégia importante com vistas à consagração – ainda que, em muitos casos, o resultado dessa aposta ainda fosse completamente imprevisível.

Se intelectuais são criadores e mediadores culturais que, a partir do domínio da escrita, têm suas ideias disseminadas de forma amplificada, há uma primeira pergunta a ser feita: quem lhes concede a palavra? Nesse sentido, tal como Sirinelli (1998) propõe em seu estudo sobre a organização de grupos intelectuais, também no caso do *Caderno de Sábado* se faz necessário entender quem foram os mentores principais da publicação em seus quase 14 anos de circulação, já que estes representam, de alguma forma, o pensamento ao redor o qual se articulou o campo magnético que atraiu colaboradores para o suplemento.

Ganham relevo, assim, as modalidades de acesso ao suplemento cultural, marcadas pelas escolhas de seus editores e pelo espaço concedido por eles. Estaria, nessa espécie de comporta, o mecanismo que vai ter por resultado o encarte semanal em suas edições isoladas e, depois, na coleção, um conjunto que se constitui como registro da rede que se articulou a partir da publicação e em função dela. A publicação, por isso, participou do registro da história da intelectualidade em Porto Alegre. Estiveram, nesse sistema articulado pelos editores, aqueles agentes que se identificaram, de alguma maneira, com o projeto por eles coordenado e que remanesceu como um modelo de engajamento cultural que adquiriu relevância no contexto porto-alegrense da década de 1970.

É possível, então, dizer que parte significativa desse alinhamento está relacionada às afinidades existentes entre os colaboradores e Paulo Fontoura

Gastal e Oswaldo Goidanich⁸⁰, os editores da publicação. Em seus relatos memorialísticos, Gastal (1996) conta que entrou para o *Correio do Povo*, no princípio dos anos 1950, como colaborador – *free lancer* – por intermédio de Oswaldo Goidanich, a quem chama de grande amigo. Ambos mantinham uma relação de proximidade desde a fundação do Clube de Cinema de Porto Alegre, em 1948. Naquela ocasião, é importante lembrar, saíram como presidente e vice da entidade. Na década de 1960, estiveram envolvidos em mais dois projetos: os festivais de coros do Rio Grande do Sul e a construção do novo Auditório Araújo Vianna⁸¹. Gastal, apesar de ter protestado contra a demolição do espaço anterior, administrou o novo em seus primeiros anos. Nos anos 1970, já editores do *Caderno de Sábado*, foram parceiros na criação e organização do Festival de Cinema de Gramado – cuja primeira edição ocorreu em 1972, e integraram a Comissão Especial de Estudos de Levantamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande do Sul. Goidanich era o coordenador do grupo também integrado por Francisco Riopardense de Macedo, Ado Malagoli, Dante Barone e, claro, P. F. Gastal. Ocupantes de posições importantes na articulação, na organização e na administração da cena cultural porto-alegrense e de posições privilegiadas no jornal de maior importância do Rio Grande do Sul, ambos os jornalistas contribuíram para a imagem do suplemento que coordenaram a partir de 1967. Para compreender, então, esse lugar ocupado pelos editores, é importante examinar alguns aspectos mais específicos de suas trajetórias.

⁸⁰ Gastal coordenou o *Caderno de Sábado* durante todo o período compreendido neste estudo (1967-1981). Goidanich atuou de maneira mais próxima entre 1967 e 1974; depois disso, relacionou-se com a publicação de maneira informal.

⁸¹ O Auditório Araújo Vianna originalmente estava situado às margens da Praça Marechal Deodoro, no Centro Histórico de Porto Alegre. Inaugurado em 1927, consistia em uma concha acústica a céu aberto, que contava com vários bancos rodeados por caramanchões. Comportava 1.200 pessoas. Em 1964, para dar lugar à construção do novo edifício da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi transferido para o Parque Farroupilha – conhecido também como Parque da Redenção. Teve a capacidade aumentada para mais de três mil pessoas (CARNEIRO, 2012).

5.1.1 Oswaldo Goidanich (1917-1995)

O porto-alegrense Oswaldo Goidanich⁸², desde cedo, era atraído pela música, pelas artes plásticas e pelo turismo. O envolvimento com este último se deu, sobretudo, a partir de sua atuação, entre 1935 e 1979, no Touring Club em sua seção sul-rio-grandense – instituição esta que teve o diretor do *Correio do Povo*, Breno Caldas, entre seus fundadores. Também na entidade dedicada ao turismo foi a primeira experiência como jornalista: editou e escreveu a *Revista do Touring*. Nesse âmbito, também atuou no Serviço Estadual de Turismo (1959-1963), na Embratur (1981-1984) e coordenou as atividades do Biênio da Colonização, em 1974 e 1975 – evento comemorativo alusivo a várias efemérides relacionadas às chegadas de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul.

Nos anos 1940, Goidanich chegou a participar de exposições como artista plástico e também desempenhou funções de organização e administração do setor. Foi diretor da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Mais adiante, nas décadas de 1960 e 1970, aproximou-se da gestão de iniciativas estatais e independentes, ligadas à organização do campo cultural local. No jornalismo, depois de uma rápida passagem de quatro meses como cronista esportivo de *O Estado do Rio Grande*, começou a trabalhar, em 1940, como redator de *A Nação*; no ano seguinte, migrou para o *Diário de Notícias*; e, em 1943, foi para o *Correio do Povo*, onde chegou a ser chefe de reportagem e secretário de redação. Entre 1960 e 1967, trabalhou na área de promoções desta última publicação e coordenou as atividades no auditório da Caldas Junior durante os dez anos em que o espaço existiu⁸³. Voltou à redação em 1967, quando substituiu Carlos

⁸² As informações utilizadas para compor este relato biográfico foram obtidas na obra *Dois pioneiros da Comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier* (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

⁸³ Obino (2002) conta que o espaço situado no primeiro andar do prédio da empresa (recém-comprado no Centro de Porto Alegre) funcionava como galeria de arte. Segundo o relato, Breno Caldas, então presidente da companhia, encarregou Oswaldo Goidanich de coordenar o espaço, que funcionou a partir de 1946. Em 1947, o pintor gaúcho Carlos Alberto Petrucci teve no local uma exposição individual. No mesmo ano, realizou-se uma coletiva de artistas brasileiros que incluía, entre outros, Marques Rebello, Guignard, Pancetti, Cândido Portinari, Iberê Camargo, Di Cavalcanti e Lasar Segall. Além de artistas de renome nacional, o espaço também abrigava mostras de artistas jovens, tais como a do Grupo de Bagé (1948) e outra de treze novos talentos procedentes, em sua maioria, do Instituto de Belas Artes (1949). Em texto

Reverbel como editor e redator da seção literária. Tinha intenção de editar um suplemento, mas conseguiu apenas dobrar o espaço da seção para duas páginas aos sábados.

Enquanto dividiu a editoria do *Caderno de Sábado* com Gastal, entre 1967 e 1974, também coordenou as atividades culturais da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Sobre a relação que Goidanich manteve com o *Caderno de Sábado*, depois de seu afastamento da Caldas Júnior, o jornalista Ney Gastal diz:

Ele saiu na realidade do jornal, ele não saiu do “Caderno”. Ele nunca saiu, ele parou de diagramar, mas ele passava lá uma vez por semana e dava palpites, levava textos, sugeria coisas. Ele se demitiu, mas não *desgrudou*... o Goida tinha ideias e tocava ideias (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

A partir dessa época, afastado do *Correio do Povo*, Goidanich se dedicou à direção do Touring, à coordenação do Biênio da Colonização e Imigração e à Presidência da OSPA – cargo este que ocupou até 1981.

5.1.2 P. F. Gastal (1922-1996)

Figura central na vida cultural de Porto Alegre no século XX, Paulo Fontoura Gastal⁸⁴ nasceu em Pelotas e já desde muito cedo teve apreço pelo cinema: trabalhava como “ajudante” no Cine Capitólio, de sua cidade natal, para poder ter acesso livre às exibições de filmes. Por essa mesma época envolveu-se, também, com política estudantil e logo começou a produzir textos para o jornal *Diário Popular*. Chegou a Porto Alegre em 1946 e, depois de atuar no comércio, logo iniciou uma colaboração de três anos com a *Revista do Globo*.

publicado em 1953, falando sobre o 4.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Obino (2002, p. 80) diz que, nos sete anos anteriores, a galeria do *Correio do Povo* fora o “principal centro de gravitação das artes plásticas, da pintura, escultura, arquitetura e suas correlatas gravura, cerâmica e urbanismo” – papel então assumido pelo Instituto de Belas Artes em sua sede recém-inaugurada.

⁸⁴ As informações aqui utilizadas para compor a biografia de P. F. Gastal foram obtidas no *site* do projeto Delfos (<<http://www.pucrs.br/delfos/?p=gastal>>) e a partir das obras de Dillemburg (1997), Gastal (1996) e Lunardelli (2000; 2008).

Nos anos 1950, depois de uma rápida passagem pelo *Correio do Povo*, atuou no Rio de Janeiro e em São Paulo por um breve período, em iniciativas ligadas à produção cinematográfica. De volta a Porto Alegre, em 1951, estabeleceu com o campo da produção cultural uma relação próxima e esteve envolvido com diversas iniciativas no Rio Grande do Sul, como já detalhado na abertura deste capítulo, várias delas em parceria com Oswaldo Goidanich.

A fundação do Clube de Cinema, porém, é provavelmente dos momentos mais emblemáticos de sua trajetória. Começara a escrever para a *Revista do Globo* aos 25 anos e essa era, naquele momento, uma publicação de alcance nacional. O nome do crítico, portanto, já estava bastante ligado à produção cinematográfica. Tanto é que, na associação de cinéfilos, sempre foi figura referencial para os participantes pelas próximas décadas.

Foi, no entanto, na Caldas Júnior, que atuou por mais tempo: mais de 30 anos. Contava ter recebido ‘carta branca’ de Breno Caldas quando, em 1951, retomou a atividade no *Correio do Povo*: editava as páginas sociais e de cultura do periódico. Assinou a coluna de crítica na *Folha da Tarde* e teve programa da Rádio Guaíba. Só não teve influência sobre a *Folha da Manhã*, que era gerida por um grupo a que ele não pertencia (LUNARDELLI, 2008). Durante todo esse período, aproveitou o lugar hegemônico ocupado pelos veículos da Caldas Junior em Porto Alegre para divulgar o que considerava bom cinema e, de alguma forma, o Clube de Cinema (LUNARDELLI, 2000).

Como jornalista, foi na *Folha da Tarde*⁸⁵ que Gastal teve sua experiência inicial como um incentivador da produção cultural: na virada dos anos 1960 para os 1970, criou e manteve, às terças-feiras, uma página semanal em que jovens – principalmente estudantes universitários – publicavam resenhas das

⁸⁵ Tuio Becker, em 1996, organizou uma coletânea dos textos produzidos por P. F. Gastal e publicados na imprensa: no *Diário Popular* (Pelotas, 1941-1949), na *Revista do Globo* (Porto Alegre, 1946-1949), no *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1949-1979), no *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, 1948-1972) e na *Folha da Tarde* (Porto Alegre, 1948-1972). Durante os anos 1980, ainda, colaborou com os jornais *Diário do Sul* e *RS* (Porto Alegre). Ao propor esse mapeamento, Becker chama atenção para as abordagens a partir do caráter social, político e estético do filme utilizadas pelo crítico. Com preferência pelo cinema de autor, Gastal escrevia textos que, ainda que plenos de informação, tinham caráter didático e estabeleciam relações da linguagem cinematográfica com a literatura e o teatro (GASTAL, 1996).

estreias cinematográficas na semana. Em entrevista concedida a seu filho Ney Gastal, o editor do *Caderno de Sábado* e crítico de cinema rememora:

Eram sete ou oito pequenas resenhas, que traçavam o perfil dos principais lançamentos da semana. Muita gente boa começou escrevendo na coluna. Não gosto de citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas só para dar exemplo da diversidade de interesse dos jovens que por ela passaram, citarei três: Enéas de Souza, Antonio Hohlfeldt e Jefferson Barros. São apenas exemplos; foram dezenas. Um dia terminaram com a coluna sob a alegação de corte de gastos – todos eram pagos para escrever – mas, na realidade, a gurizada era muito independente para o gosto do diretor da *Folha da Tarde* (GASTAL, 1996, p. 260)

A partir dessa atuação, P. F. Gastal é visto como um “foco difusor e congregador da produção cultural e intelectual do estado” (LUNARDELLI, 2008, p. 71) – papel este que desempenhou por quase meio século. Tal era a atração exercida pelo crítico e editor da Caldas Júnior, que sua mesa, na redação do *Correio do Povo*, era uma referência no panorama cultural de Porto Alegre. A partir da atuação como editor do *Caderno de Sábado*, a imagem de Paulo Fontoura ficou ainda mais associada ao fomento da produção em jornalismo cultural, sobretudo de jovens. Por meio dessa espécie de diletantismo, então, se posicionou em um lugar de destaque no contexto local, mas com alcance no cenário brasileiro. Permaneceu, assim, no imaginário sobre a movimentação no jornalismo e na cultura gaúcha durante o século XX.

Em depoimento concedido a Dillemburg (1997), Oswaldo Goidanich – que também exercera papel semelhante com sua atuação nas artes, no turismo e na administração de instituições culturais – rememora o quanto ele e o colega de redação estavam preocupados com a quantidade de trabalhos recebidos na redação do *Correio do Povo* e que, por falta de espaço, não podiam publicar. O jornalista conta:

Paulo Fontoura Gastal, crítico de cinema e editor da página diária de notícias culturais, sofria junto comigo. Gastal, apesar do seu temperamento irascível, escondia um coração de ouro e os moços intelectuais confiavam nele. Ele os atraía como o mel atrai a abelha operária. Ambos sonhávamos em substituir as páginas literárias por um verdadeiro suplemento que fosse mais abrangente no enfoque dos fatos culturais e servisse, sobretudo, à revelação de novos valores para as letras e as artes do Rio Grande do Sul (p. 134-135).

Na memória do então professor universitário e crítico literário Carlos Jorge Appel⁸⁶,

Ele era um incentivador [...]. Ele não se agitava muito, era muito calmo e tranquilo. Ele passava o dia dentro do jornal e criava um centro de convivência muito grande, porque a mesa dele era um “inferno astral”, de tanta coisa que havia sobre ela. E nós ríamos muito, porque não sabíamos como ele conseguia discernir onde estavam os artigos e tudo o mais (APPEL, 2008 apud CARDOSO, 2009, p. 155)⁸⁷.

Também nas lembranças do folclorista João Carlos Paixão Côrtes (2008 apud CARDOSO, 2009)⁸⁸, o editor do suplemento permanece com um estimulador, pois o convenceu a “atrever-se” a escrever sobre os temas de suas pesquisas. Para o contista Sergio Faraco⁸⁹ (apud LOPES, 2014a), o editor acabava concedendo uma espécie de chancela e estímulo para que os autores então iniciantes dessem rumos às suas carreiras.

O então jornalista e depois professor universitário José Hildebrando Dacanal⁹⁰ (2008 apud CARDOSO, 2009) descreve Gastal como um promotor

⁸⁶ Na coleção do *Caderno de Sábado* usada para este estudo, Carlos Jorge Appel teve 33 textos publicados. Não figurava entre os 50 mais frequentes, corte este usado para elaborar a lista dos mais presentes na coleção durante o estudo exploratório que antecedeu a análise mais detalhada daqueles cuja presença era numericamente mais significativa. Seus textos eram essencialmente sobre literatura e estiveram mais concentrados nos primeiros anos de circulação do suplemento.

⁸⁷ Os depoimentos do poeta e professor Armindo Trevisan, do crítico literário Carlos Jorge Appel, do folclorista João Carlos Paixão Côrtes, do crítico e professor José Hildebrando Dacanal e do jornalista Renato Gianuca aqui utilizados foram todos coletados para a dissertação de mestrado que produzi e que também tratava do *Caderno de Sábado* (CARDOSO, 2009). Naquela ocasião, serviram para dar suporte às inferências formuladas a partir da AC. Foram coletados a partir técnicas de história oral temática e, ainda que relatos marcados pela passagem do tempo e ancorados na relação entre passado e presente, serviram para iluminar os indícios encontrados nos documentos.

⁸⁸ Com 40 textos publicados, João Carlos Paixão Côrtes é o número 41 na lista dos autores mais frequentes na coleção do *Caderno de Sábado*; suas colaborações estão concentradas no período entre 1968 e 1973 e tratam do folclore do Rio Grande do Sul.

⁸⁹ A declaração de Sergio Faraco aqui referenciada é parte de uma entrevista concedida a Luiz Gonzaga Lopes para uma matéria sobre o *Caderno de Sábado* publicado nas décadas de 1960 e 1980. O texto foi veiculado na edição inaugural do suplemento homônimo, lançado em 1º de março de 2014. Faraco, no período estudado para esta pesquisa, publicou 120 textos, o que o coloca na décima segunda posição na lista de autores mais frequentes. Eram, em sua maioria, contos e textos reflexivos sobre literatura e história.

⁹⁰ José Hildebrando Dacanal publicou 76 textos no período entre 1967 e 1981; foi o vigésimo oitavo mais frequente na lista de autores. Ainda que predominem os ensaios e artigos sobre

cultural, uma pessoa intelectualmente brilhante e visionária – sobretudo pela proposta do projeto do *Caderno de Sábado*: “E a melhor definição para o P.F. Gastal é o grande animador cultural da época. Ele intuiu e percebeu a união do velho e do novo cultural no Rio Grande do Sul” (DACANAL, 2008 apud CARDOSO, 2009, p. 173).

Os editores de suplementos semanais de cultura, no Brasil, operavam um processo de cooptação de intelectuais para figurarem na páginas dos veículos que coordenam. Nesse sentido, é marcante o relato de P. F. Gastal a seu filho Ney Gastal, quando trata do processo de seleção de textos para o suplemento e que, de alguma forma, permitia o estabelecimento de vínculos com o *Caderno de Sábado*.

Ney Gastal: Sair em suas páginas era uma disputa concorridíssima, e havia toda uma mitologia sobre a composição da *comissão de seleção* que escolhia quem seria e quem não seria publicado. Já se pode falar nisto?

P. F. Gastal: Acho que sim. Eu procurava ouvir as pessoas. Em termos de poesia, por exemplo, tinha na redação um cara muito bom, que era o Pio de Almeida. Tinha também o Paulo de Gouvêa, que era ótimo para ajudar a selecionar os poetas. Mario Quintana, coitado, levava a fama, ouvia broncas dos poetas não publicados, mas não participou nunca do processo. No máximo e poucas vezes, trazia um recomendado, que, é claro, era publicado. Guilhermino Cesar participava mais. Mas não havia uma comissão formalmente constituída. No fundo a edição toda era feita no peito e na raça, até porque não havia muito tempo para digressões. Dezesseis páginas por semana, em tabloide, não é pouca coisa. E houve vezes, em edições especiais, que foram muito mais. O *Caderno* chegou a sair com trinta e duas páginas. Foi uma experiência única, que além de publicar contistas, poetas, historiadores, ensaístas e por aí afora, ainda trazia, toda semana, na capa, uma obra de artista plástico gaúcho, servindo para divulgar e lançar muita gente (GASTAL, 1996, p. 259).

Em entrevista do crítico de cinema Jefferson Barros a Lunardelli (2000), ele declara que P. F. Gastal representava, nessa época, o espírito iluminista, democratizador da cultura. Segundo o relato de Manoel Mathias, presidente do Clube de Cinema de Porto Alegre nos anos 1970, a influência de P. F. Gastal

literatura, tratou de temas tão diversos quanto história, sociologia, política, astronomia, teatro, cinema e artes plásticas.

era tal na capital sulina que as portas se abriam quando o nome do crítico e jornalista era mencionado; o jornalista era um centro ao redor do qual circulavam os sujeitos interessados em temas culturais (LUNARDELLI, 2000). Em sua análise do cenário cultural de Porto Alegre nesse momento, Lunardelli (2008), no entanto, pondera o quanto essa legitimidade de Gastal fazia tudo convergir para sua mesa e, assim, chegava a inibir algumas iniciativas mais independentes.

No ano da morte de P. F. Gastal – 1996 –, o Instituto Estadual do Livro realizou um colóquio internacional intitulado “O Periodismo Cultural no Cone Sul”. Realizado em junho daquele ano, homenageava o jornalista – que morrera em fevereiro. Tania Franco Carvalhal era, naquele momento, diretora da instituição e, em texto elaborado para uma edição especial da revista *Continente Sul Sur* a propósito do evento, afirma que o jornalista imprimiu sua marca na vida cultural do Rio Grande do Sul. Também no âmbito do mesmo evento e da mesma publicação, o jornalista e cronista Jaime Cimenti traz sua memória sobre o editor do *Caderno de Sábado*:

Seu exemplo de jornalista e homem de cultura incansável, ético, humilde, democrático, elegante, competente, sério e sensível deve ser sempre e cada vez mais ressaltado, notadamente por todos aqueles que militam no jornalismo cultural. Trabalhando muitíssimo, sem receber altos salários, sem nunca ter sido proprietário de um automóvel, P. F. Gastal jamais buscou a repercussão a qualquer preço através da crítica impressionista fácil, nunca se envolveu com ataques pessoais mesquinhos e sempre teve atitudes dignas, estudiosas e respeitadas para com as mais diferentes manifestações da cultura (CIMENTI, 1996, p. 65-66).

Dentro do contexto cultural porto-algrense, P. F. Gastal exerceu tal influência que, enquanto editor do *Correio do Povo* e, principalmente do *Caderno de Sábado*, acabou por se tornar uma possibilidade para aqueles que dele se aproximavam e que por ele eram cooptados, de vinculação à então dominante e hegemônica Companhia Jornalística Caldas Júnior. Indício dessa notoriedade e da posição que o jornalista passou a ocupar na memória cultural sul-rio-grandense foi a distinção como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1992. Ainda, a sala de cinema do centro cultural da Usina do

Gasômetro recebeu o nome em sua homenagem e seu acervo pessoal foi depositado na biblioteca da PUCRS, no Delfos⁹¹.

Distribuidores de cultura em sentido estrito (LIPSET, 1959), Goidanich e Gastal, portanto, têm na imprensa um espaço socialmente valorizado a partir de onde podem fazer repercutir as ideias da intelectualidade. Editores, selecionavam autores e textos segundo critérios que – ainda que ponderáveis – estavam marcados por suas preferências e crenças. Inseridos no conjunto do aparatos comunicativos, participaram dos processos de organização das práticas dos letrados e, assim, incidiram sobre os modos de atuação e competição desses sujeitos tanto em seus círculos mais restritos quanto na realidade social mais amplificada. Brunner e Flisfisch (1983) apontam o quanto a dificuldade de acesso ao mesmo tempo pode tornar uma publicação mais prestigiosa e pode torná-la forma de consagração mais valiosa e, por isso, mais almejada. Nesse sentido, o papel desempenhado pelos editores é o de conceder lugar e dimensionar esse espaço. Detêm, nesse sentido, o típico poder do jornalismo de nomear e excluir simbolicamente a partir da concessão de espaço e das dimensões e características deste.

O *Correio do Povo*, desde sua fundação, tentava se posicionar como um núcleo ao redor do qual se articulavam nomes relevantes da intelectualidade local (GALVANI, 1995). A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o suplemento surgido em 1967, marcado pelo prestígio de seus idealizadores e editores, atraía homens e mulheres de cultura que – produtores ou mediadores – nutriam certa admiração intelectual pelo periódico e pelos profissionais a ele associados⁹² (SIRINELLI, 1998). Normalmente ordenados a partir de círculos

⁹¹ O Delfos é um espaço vinculado à PUCRS que tem por objetivo manter acervos documentais, literários, cinematográficos e fotográficos doados por personalidades para conservação. Entre os doadores estão Celso Pedro Luft, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Eduardo Guimaraens, Elvo Clemente, Francisco Fernandes, J. O. Nogueira Leiria, Lila Ripoll, Manoelito de Ornellas, Moisés Vellinho, Oscar Bertholdo, Patrícia Bins, Paulo Hecker Filho, Pedro Geraldo Escosteguy, Reynaldo Moura, Zeferino Brasil, Moacyr Scliar, Henrique Padjem, P. F. Gastal, Júlio Petersen e Oswaldo Goidanich.

⁹² Serve de referência para esta reflexão o estudo desenvolvido por Sirinelli (1998) a respeito do filósofo francês Alain – pseudônimo de Émile-Auguste Chartier (1868-1951) – e da rede que se formou ao redor dele pela resistência aos poderes instituídos e pelo pacifismo. Como o pensador atuava na docência, a sala de aula acabou por ser um lugar de encontro e que estruturou canais de influência ao mesmo tempo simples e complexos. Segundo a análise de Sirinelli, o professor não teria exatamente atuado com um viés de pregação política direta, mas

de fidelidade ao redor de uma figura mentora e fixados por uma visão de mundo compartilhada – ainda que com variações de matizes –, o empreendimento cultural concretizado por meio do projeto editorial do *Caderno de Sábado* adquiriu alcance, abrangência e, por isso, significado histórico tanto mais especificamente no campo intelectual sulino quanto no âmbito social mais amplo.

O suplemento cultural do *Correio do Povo*, então, pelas mãos de seus editores foi um lugar de aglutinação de homens e mulheres de cultura no final da década de 1960. Ainda que a experiência do *Cultura de Zero Hora* também tivesse, poucos meses antes, antecipado essa possibilidade, o capital simbólico acumulado pelo jornal da Caldas Júnior é que assegurou uma melhor posição dentro do contexto local e, assim, pôde atrair uma quantidade maior de intelectuais consagrados e mesmo novatos. A presença dos já proeminentes editores, pois, permitiu arregimentar indivíduos que, vinculados à organização e à produção cultural na cidade, também tinham seu prestígio. Lucro simbólico, portanto, para o suplemento e para o jornal – num processo de atração de portadores de capital simbólico que ao mesmo tempo por aí estarem também almejavam posicionar-se socialmente.

Ao abrirem espaço para iniciantes – traço este bastante marcante principalmente na trajetória de Gastal –, os jornalistas permitiam a emergência de criadores e mediadores culturais em potencial (SIRINELLI, 1986; 2003). Apostavam, assim, em novos talentos que podiam, pela presença no CS e pela consequente associação a letrados que tinham notoriedade, chegar a, no futuro, ocupar posições mais prestigiosas dentro do campo intelectual.

essa relação se estabeleceu a partir de um sentido de admiração intelectual por parte de seus alunos e discípulos – inclusive com certo fervor. Nesse sentido, o autor aponta a revista *Libres propos* como articuladora desse conjunto de admiradores do intelectual. Esse grupo teria se organizado em diferentes círculos de fidelidade e admiração a partir da proximidade que cada indivíduo ou grupo tinha com o mentor. Esses laços são amalgamados por uma visão de mundo compartilhada – ainda que em diferentes nuances. Em termos numéricos, a influência de Alain teria sido limitada, visto que apenas algumas dezenas, talvez centenas de estudantes estabeleceram relações com o professor. No entanto, Sirinelli (1998) relativiza esse viés estatístico da questão ao ponderar a significância dessa rede em razão da posição ocupada por ela mesma e, principalmente, pelo centro ao redor do qual ela orbitava. Isso tanto dentro do campo intelectual, de forma mais específica, quanto em um contexto mais amplo. O alcance e a abrangência, então, podem ser relativizados quando contrapostos ao impacto e à importância histórica que tem tal agrupamento.

A publicação, portanto, serviu de atração para aqueles cuja habilidade para a escrita – seja ela analítica ou literária – os credenciava a ocupar um lugar na imprensa e, mais importante ainda, um lugar reservado ao bom texto – à boa leitura, à boa cultura, por extensão. Indicativa disso é a declaração de Gastal (1996) de que escolhia para o *Caderno de Sábado* as críticas mais sérias e densas, quando essas apareciam.

Goidanich e Gastal, então, consistiram em peritos que, pela posição que ocupavam na imprensa, detinham o poder de selecionar os nomes que comporiam o rol de intelectuais presentes no CS. Autoridades legitimadas, selecionavam os intelectuais cujas palavras fariam ressoar por meio da publicação que coordenavam. O prestígio desses jornalistas, combinado com o capital simbólico acumulado pelo *Correio do Povo* nas décadas que antecederam o lançamento do suplemento, também os credenciava a, pelo menos naquele contexto específico, operar um processo seletivo. Cooptavam, dessa maneira, intelectuais que comporiam a produção dos sujeitos mais habilitados a fornecer uma leitura qualificada para o fim de semana – lógica esta inerente a uma parte significativa dos projetos editoriais dos encartes semanais dedicados à literatura e à cultura no Brasil.

Fizeram do projeto do *Caderno de Sábado*, portanto, uma estratégia coletiva, já que compartilhavam uma posição de prestígio para intelectuais daquele período. Muitos deles, inclusive, tinham a imprensa como lugar de circulação de seu pensamento e de acúmulo de capital simbólico que lhes serviria como forma de posicionamento dentro dos microcosmos específicos de suas profissões e, ainda, no contexto social mais amplo da cidade e do país.

5.2 As instâncias do microclima intelectual

Considerando que o processo de constituição de um suplemento cultural se dá pelo recrutamento de homens e mulheres de cultura por parte dos editores, como no caso do *Caderno de Sábado*, e que estes são, afinal, quem dá espaço aos sujeitos que têm nesse púlpito a possibilidade de ocupar posição de intelectual, surge a pergunta: a quem é concedida a palavra? A

partir dessa indagação, o levantamento de trajetórias – ainda que de forma indiciária – se torna uma maneira de vislumbrar sobreposições nos rumos tomados por esses sujeitos e de, assim, compreender a que projetos e causas se engajaram e que rumos tomaram antes de convergirem todos no suplemento do *Correio do Povo*. Nesse sentido, a partir da análise do *corpus* aqui escolhido, também é possível se aproximar da morfologia dessa elite ligada ao suplemento, compreender que instâncias do campo intelectual estão refletidas dentro desse conjunto e se aproximar das relações de poder existentes dentro da rede conformada por esses sujeitos e instituições.

5.2.1 Agrupamentos e movimentos

Para se compreender a inserção desse grupo de intelectuais na história da intelectualidade sulina e, assim, estabelecer relações entre esses indivíduos, é interessante, antes de mais nada, examinar, como se dividiam a partir dos anos de nascimento⁹³. Nesse levantamento, aparece um primeiro grupo, nascido nas décadas iniciais do século XX – composto por Paulo de Gouvêa (1901), Moysés Vellinho (1901), Herbert Caro (1906), Mario Quintana (1906), Guilhermino Cesar (1908), Francisco Riopardense de Macedo (1921), Clarice Lispector (1925) e Paulo Hecker Filho (1926) – e outro nascido em meados do século – Antonio Hohlfeldt (1948) e Ney Gastal (1951), os mais jovens do conjunto.

Em termos geográficos, predominam os sul-rio-grandenses de nascimento e atuantes em Porto Alegre. As exceções eram o mineiro Guilhermino Cesar, o alemão Herbert Caro – ambos residentes em Porto Alegre – e Clarice Lispector (ucraniana, radicada no Rio de Janeiro). Nove deles, portanto, atuavam na cidade em que o *Caderno de Sábado* era produzido⁹⁴. Nesse sentido, percebe-se o quanto a proximidade geográfica era

⁹³ A tabela que serviu de base para a organização dos dados biográficos dos autores utilizados para este estudo foi elaborada a partir da apresentada por Miceli (2001) e adaptada em função da especificidade do *Caderno de Sábado* e à luz dos objetivos propostos para este trabalho. Está no Anexo 2 do presente trabalho.

⁹⁴ Ainda que haja um predomínio quase absoluto dos intelectuais residentes na capital sulina, se expandida a lista para os 20 mais frequentes, percebe-se a presença de nomes como o do

determinante na escolha dos intelectuais de maior presença no suplemento. É claro que esse predomínio também expressa o quanto a ligação a projetos, movimentos, coletivos e outras formas de reunião de intelectuais está representada nesse conjunto e reforça a ideia de que o suplemento, por meio de seus critérios editoriais, reconstrói em suas páginas um reflexo ou pelo menos uma imagem que guarda certa homologia com o contexto daquele momento histórico.

Se tomadas as trajetórias desses sujeitos atuantes no contexto sulino, é possível perceber, então, a vinculação de seus nomes a diversas iniciativas, projetos e movimentos na área da cultura em Porto Alegre no decorrer do século XX (Tabela 15 abaixo). Entre os agrupamentos que, nos anos 1920, orbitavam ao redor de praças, cafés e livrarias do centro da cidade, estavam Mario Quintana, Paulo de Gouvêa e Moysés Vellinho. De viés modernista e inseridos na dinâmica de renovação estética e cultural que tomou os principais círculos intelectuais nacionais daquele período, esse grupo orbitava ao redor da então já em ascensão Livraria do Globo e de um circuito cultural organizado por outros livreiros e alfarrabistas, redações de jornais, cafés, bares e praças existentes nas imediações da Rua da Praia – hoje situada no Centro Histórico da cidade. Tal foi a repercussão desses agrupamentos que passaram à memória da história cultural. Está entre as iniciativas vinculadas a essa geração, por exemplo, a revista *Madrugada*.

professor e tradutor Paulo Rónai – húngaro que morava no Rio de Janeiro – e o do crítico e professor Almeida Fischer – que desenvolveu carreira em Brasília.

	P. F. Gastal	Oswaldo Goldanich	Mário Quintana	Guilhermino Cesar	Herbert Caro	Antonio Carlos Hohfeldt	Paulo de Gouvêa	Clarice Lispector	F. Riopardense de Macedo	Paulo Hecker Filho	Moyisés Vellinho	Ney de Arapujo Gastal
<i>Almanaque do Globo</i> (1917-1934)												
Instituto Histórico e Geográfico do RS (1920)												
Café Colombo (anos 1920)												
Livraria do Globo (anos 1920)												
<i>Revista do Globo</i> (1929-1967)												
Sala de Tradutores (1939-1947)												
Polêmica Verissimo X Fritzen (1943)												
<i>Revista Província de São Pedro</i> (1945-1957)												
Grupo Quixote (1946-1960)												
Clube de Cinema de Porto Alegre (1948)												
Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (1950)												
Divisão de Cultura do RS (1954)												
Círculo de Pesquisas Literárias (1966)												

Tabela 15: Participação dos editores e dos dez autores mais frequentes do *Caderno de Sábado* (1967-1981) em agrupamentos, publicações, eventos e instituições culturais de Porto Alegre.

Fonte: Elaborada pelo autor.

No *Caderno de Sábado*, além da presença desses integrantes, aparece ainda Raul Bopp – o vigésimo mais frequente, com 85 textos. Em sua maioria, os textos do poeta são relatos de suas viagens – ele é conhecido pelo espírito aventureiro – e memórias. Com esse viés de recuperação e fixação do passado dessa geração também é o conjunto de textos apresentados por Paulo de Gouvêa. Pode-se, portanto, inferir duas intenções do suplemento, nesse sentido: primeiramente, há uma aproximação com essa geração de espírito modernizador, já consagrada como responsável por um momento importante da história cultural brasileira e sulina; o espaço concedido a esses sujeitos para relatarem suas memórias, ademais, dá ao *Caderno de Sábado* um lugar de importância como possibilidade de registro histórico.

Também Guilhermino Cesar é integrante desses movimentos de esse espírito renovador que esteve em voga a partir dos anos 1920 e que ressoou pelas décadas seguintes. A particularidade é que ele não era vinculado a grupos sulinos, já que chegou a Porto Alegre somente em 1943 – mas não sem

antes ter atuado junto ao grupo Verde, em sua Cataguases natal, em Minas Gerais. Poeta e romancista, quando já estabelecido em Porto Alegre, aliás, Cesar foi mentor do Grupo Quixote, que fazia ecoar e pretendia levar adiante, nos anos 1950, esse ímpeto que predominara nas décadas anteriores e que não consideravam plenamente estabelecido no sul. Nesse sentido, a presença de Paulo Hecker Filho – integrante do grupo ligado à Faculdade de Direito em seus primeiros tempos –, de alguma forma, liga o suplemento a essa movimentação dos anos 1920 e que já estava consagrada.

Em meados do século, ainda, assim como já acontecia em outras cidades brasileiras, o Clube de Cinema encabeçado por P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich reuniu parte significativa da intelectualidade local⁹⁵. Além dos mais tarde editores do *Caderno de Sábado*, também integraram o grupo fundador da entidade Mario Quintana, Paulo Hecker Filho e Guilhermino Cesar – que presidiu a reunião de fundação realizada no prédio do *Correio do Povo*. É interessante notar que este é, antes do *Caderno de Sábado*, o momento de reunião de intelectuais em Porto Alegre que mais arregimentou os nomes que, depois, estariam vinculados ao suplemento.

É bastante provável que essa proximidade não tenha se dado ao acaso; como enfatiza Sirinelli (1998), visões de mundo compartilhadas tendem a criar laços de aproximação e afinidade. Emblemática é, nesse sentido, a presença dos futuros editores justamente nos postos de presidente e vice. De alguma maneira, já atuavam juntos em processo de cooptação intelectual antes mesmo de porem em prática a iniciativa editorial jornalística aqui analisada. Chama atenção, porém, o fato de o cinema, apesar dessa presença marcante de nomes vinculados ao Clube, não estar muito representado dentro do conjunto de textos analisados para esta pesquisa: há apenas dez textos sobre essa temática, o que perfaz 1% do total. Talvez isso se explique pelo espaço já concedido por P. F. Gastal em outras seções do *Correio do Povo* e da *Folha da Tarde* para autores que escreviam sobre esse tema.

⁹⁵ Em Porto Alegre, a atividade dos cineclubes teve seu auge nos anos 1960 e o Clube de Cinema foi o principal agregador de intelectuais nessa década. Nas décadas seguintes, com outras formas e recepção como a televisão e o videocassete, os cinemas e as associações dedicadas a ele começaram a perder sua centralidade na cultura brasileira, o que também se percebeu na capital sulina.

5.2.2 Entidades de congregação e reconhecimento

Entre as instituições mais estabelecidas de congregação de intelectuais, destaca-se o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, naquele período um dos principais focos de debate do assunto no contexto sulino. A ele estariam associados Guilhermino Cesar e Moysés Velinho a partir de 1949; e Francisco Riopardense de Macedo a partir de 1971⁹⁶. Sendo a história o terceiro tema mais frequente dentro do *corpus* aqui estudado, é possível que se infira o quanto a aproximação de uma instituição do gênero representa, simultaneamente, um movimento de associação a um lugar consagrado de produção de um saber bastante específico, e o quanto trazer para as páginas esses temas coloca o *Caderno de Sábado* no lugar da escritura compartilhada com esses autores – e, por extensão, com a entidade – da escrita da história.

Também o Círculo de Pesquisas Literárias tem presença dentro do suplemento – ainda que, dentro do conjunto de autores analisado para este trabalho, apenas Francisco Riopardense de Macedo tenha integrado o projeto. A entidade fora fundada em 1966 e era independente de instâncias governamentais ou acadêmicas. É claro que é preciso considerar que Macedo ganhava destaque no CS ao publicar diversas séries de textos, sobretudo sobre história do urbanismo e do patrimônio arquitetônico de Porto Alegre. Significativa em termos numéricos, essa presença se torna mais qualitativamente significativa por ocupar, com frequência, a contracapa.

Além do engenheiro e urbanista, também figuram, entre os colaboradores do *Caderno* ligados ao Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), Lothar Hessel, Ari Martins, Enedy Rodrigues Till, Pedro Leite Villas-Boas e Hélio Moro Mariante. Entre os correspondentes associados no interior do RS, aparecem Hélio Ricciardi dos Santos (Alegrete), Itálico José Marcon (Carazinho), Mario Gardelin (Caxias do Sul), Tarcísio Antônio da Costa Taborda (Bagé) e Sérgio da Costa Franco (Erechim). A interação do grupo como um todo com o *Caderno de Sábado* pode ser, ainda, exemplificada pela publicação de diversos textos do grupo sobre o Partenon Literário e que foram decorrentes de pesquisas e eventos organizados pelo coletivo. O material

⁹⁶ Em 2008, Antonio Hohlfeldt também passou a integrar a instituição.

textual produzido foi depois reunido com outros trabalhos dos integrantes do Círculo, em 1976, e publicado com o título *O Partenon Literário e sua obra* (HESSEL, 1976).

5.2.3 Sistema literário

Quando se analisam os estatutos profissionais dos autores mais frequentes no *Caderno de Sábado* – neste caso os dez primeiros da lista –, é possível perceber a predominância de vínculos com atuações que têm relação com o domínio da escrita, casos da imprensa e da literatura, como demonstrado na Tabela 16 abaixo. Nesse sentido, há uma correspondência entre o perfil geral do suplemento, primordialmente literário, e dos autores mais frequentes. De alguma forma, essa relação se deve a dois principais fatores: já era típico dos suplementos culturais brasileiros a concessão de um espaço maior aos textos literários e às análises de produções desse gênero; e até os anos 1960, a literatura ainda ocupava um lugar central no campo da produção cultural, o que é evidenciado pelo crescimento expressivo do mercado editorial brasileiro a partir dos anos 1920. Para esta análise, de forma a discutir a rede de relações que se pode entrever no projeto do *Caderno de Sábado* como pano de fundo, nesse sentido, optou-se por dividir as categorias referentes ao domínio das letras em três itens: o sistema literário – aqui tomado como o lugar da produção por parte de escritores e poetas –; o mercado editorial – a dimensão de negócio de livros –; e a imprensa, esta de modo amplo.

	Academia	Literatura	Imprensa	Estado	Outro
Mario Quintana		■	■		
Guilhermino Cesar	■	■	■	■	
Herbert Caro		■	■		
Antonio Hohlfeldt	■	■	■	■	
Paulo de Gouvêa		■	■		
Clarice Lispector		■	■		
F. Riopardense de Macedo	■			■	■
Paulo Hecker Filho		■			■
Moysés Vellinho		■	■	■	■
Ney Gastal			■		

Tabela 16: Atuação profissional dos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no *Caderno de Sábado* entre 1967 e 1981. O preenchimento em cinza escuro indica que a experiência profissional se deu ou teve início antes de setembro de 1967; a cor cinza claro indica atuação profissional iniciada já depois da estreia do *Caderno de Sábado*.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda ressoando a relação próxima entre jornalismo e literatura vista na história da intelectualidade brasileira desde o século XIX e avançando pela primeira metade dos anos 1900, escritores, intelectuais jornalistas e jornalistas profissionais ocupavam parte significativa do espaço dos suplementos culturais nacionais – também este o caso do *Caderno de Sábado*. Muitos deles, inclusive, desempenhavam funções na imprensa e na literatura paralelamente. Para muitos, a presença nesses espaços representava a possibilidade de reconhecimento social na função de intelectual e que pudesse ser reconvertido em capital social e cultural que lhes concedesse acesso à universidade, ao serviço público e à política (ABREU, 1996).

É interessante retomar, no sentido de apontar o vínculo do suplemento com o circuito de produção literária, a relação com nomes ligados aos movimentos modernistas – Mario Quintana, Guilhermino Cesar, Paulo de Gouvêa e Paulo Hecker Filho; isso sem mencionar os autores que também

integraram essas gerações, mas não figuram na lista dos dez mais frequentes (Raul Bopp e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo). Também ausente da lista dos dez mais frequentes, mas com presença significativa entre os escritores destacados pelo suplemento está Erico Verissimo. Nome importante na literatura sulina, o romancista, no final dos anos 1960 já tinha reconhecimento e sucesso de público e foi, no suplemento do *Correio do Povo* uma ausência presente: a ele, por exemplo, foram dedicadas três edições consecutivas do *Caderno de Sábado* em dezembro de 1975 – ele morrera em 28 de novembro daquele ano. Ainda, a primeira edição do ano seguinte traz o regulamento de um prêmio nas categorias romance e ensaios literários nomeado em homenagem ao escritor e oferecido pela Editora Globo. Essa ausência do romancista provavelmente se deve ao fato de que, nos anos 1970 ele já não escrevia mais para a imprensa, como fizera em tempos anteriores; dedicava-se à sua produção literária em formato de livro, que lhe rendia notoriedade e lhe servia de meio de vida.

Todos os autores do grupo mais velho tinham já, em 1967, publicado seu primeiro livro, exceto Francisco Riopardense de Macedo (conforme demonstrado na Tabela 17 abaixo). Percebe-se, portanto, o quanto a inserção no sistema literário como autor era um traço importante de qualificação para figurar nas páginas do suplemento. Entre esses autores já inseridos no sistema literário, percebe-se um predomínio de críticos, ensaístas e historiadores literários – Cesar, Caro, Hecker Filho e Vellinho – e de poetas – Quintana, Gouvêa e Cesar.

	Título	Gênero	Data	Editora
Mario Quintana	<i>A rua dos cataventos</i>	Poesia	1940	Globo
Guilhermino Cesar	<i>Meia pataca</i>	Poesia	1928	Verde
Herbert Caro	<i>Balcão de Livraria</i>	Crônicas	1960	MEC
Antonio Hohlfeldt	<i>Mudanças: ensaios de sociologia da arte</i>	Ensaios	1977	UCS; Escola de Teologia São Lourenço
Paulo de Gouvêa	<i>Mansamente</i>	Poesia	1927	Globo
Clarice Lispector	<i>Perto do coração selvagem</i>	Romance	1943	A noite
F. Riopardense de Macedo	<i>Porto Alegre: origem e crescimento</i>	Ensaios	1969	Sulina
Paulo	<i>Diário</i>	Crítica	1949	Globo

Hecker Filho				
Moysés Vellinho	<i>Letras da província</i>	Crítica	1944	Globo
Ney Gastal				

Tabela 17: Primeira obra publicada pelos dez autores selecionados para este estudo, os mais frequentes no *Caderno de Sábado* entre 1967 e 1981.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda que Guilhermino Cesar tivesse também já publicado seu primeiro romance nos anos 1960, a escritora do gênero de maior destaque nacional e com representatividade quantitativa no *corpus* aqui analisado é Clarice Lispector. É importante destacar que ela é a única mulher do grupo de dez autores mais frequentes na coleção do *Caderno de Sábado*, o que demonstra uma clara predominância dos homens no que se refere tanto à atuação como intelectual na sociedade quanto ao trabalho no jornalismo e na literatura, naquele momento. Para se ter uma dimensão mais ampla disso, basta que se tome a lista dos 50 autores com mais textos na coleção do CS: apenas duas outras mulheres aparecem, a poeta Lya Luft e a pianista Maria Abreu, ambas gaúchas. Inclusive, é possível inferir que Clarice só aparece nas páginas do suplemento com o destaque que recebe por ser, nos anos 1960 e 1970, uma das escritoras de maior notoriedade no cenário brasileiro – tanto pelo sucesso de seus romances e crônicas quanto por sua atuação como entrevistadora e repórter. Essa questão da representação das mulheres no lugar de intelectuais, inclusive, é uma realidade que ainda pouco tem-se transformado, mesmo recentemente. Exemplo disso é, no trabalho de Pereira (2011) sobre jornalistas-intelectuais na imprensa brasileira: entre os dez sujeitos escolhidos para o estudo, há apenas uma mulher, a cearense Adísia Sá⁹⁷.

A partir da perspectiva do sistema literário em constituição, mas sob o viés da crítica e do debate de ideias a respeito desse circuito de produção, são significativas as polêmicas dentro do *Caderno de Sábado*. Paulo Hecker Filho

⁹⁷ Em seu trabalho, ao explicar os critérios de representatividade, Pereira (2011, p. 42) justifica a inclusão de Adísia Sá em sua análise “para que a escolha dos entrevistados não se limitasse apenas a pessoas do sexo masculino”. Não fica clara, portanto, nenhuma busca por uma representação, no *corpus* investigado, que traduzisse a presença efetiva e de forma proporcional da mulher na imprensa ou na sociedade.

está envolvido em dois desses conflitos. Num deles, publica, em 30 de abril de 1977, o texto *Não é poesia*, uma crítica à obra *Somos poucos*, de Carlos Nejar. Nele, analisa de forma negativa o então lançamento do poeta e chega a dizer que, em vez de poesia, consiste em “adolescência”, ou seja, é produção de baixa qualidade. Em resposta, já na edição seguinte, Carlos Nejar o retruca com *Não é crítica*. É interessante que ambos os textos são publicados nas contracapas das edições e chegam a se assemelhar na forma de apresentação gráfica, certamente uma estratégia para aproximá-los aos olhos do leitor (Figura 23 abaixo).



Figura 23: Texto de Paulo Hecker Filho e Carlos Nejar – publicados em 30 de abril e 7 de maio de 1977, respectivamente – em que os autores travam debate.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Outro debate travado por Hecker Filho, alguns anos antes, além de chamar atenção pela polêmica e pela divergência em si, deixa transparecer uma hierarquização em termos generacionais dentro do suplemento. Em 1970, Hecker Filho publicou um texto crítico sobre a obra do poeta modernista Raul

Bopp – no *Caderno de Sábado* (em 24 de outubro) e no *Estadão* (em 6 de dezembro). Entre outubro e dezembro de 1972, o escritor teve nove textos publicados em resposta à crítica que lhe fora dedicada dois anos antes. No primeiro texto da série, relata que leu o material do ensaísta apenas quando o encontrou guardado em uma caixa de recortes e, como Nejar, desmerece o exercício analítico e diz que não é uma crítica. Na sequência, o autor fala de seu trabalho, corrigindo afirmações do autor do texto anterior. Depois dessa abertura, Bopp tem mais sete na mesma série – todos publicados nas edições subsequentes. Na edição 244 (21 de outubro de 1972), em *Cartas à redação*, Paulo Hecker Filho teve publicada uma nota sua de resposta: “Foi feito com o objetivo de chamar a atenção para o poeta caído num relativo e a meu ver injusto esquecimento”, diz. Nesse embate, percebe-se uma divergência de um agente já bastante notório do campo literário que, tardiamente, reage a uma impressão sobre seu trabalho. A série de oito textos traduz, em espaço concedido, o quanto o poeta era já um agente consagrado da cena literária com renome nacional. Em termos simbólicos, portanto, vê-se uma maior valorização do sujeito já integrante do seleto grupo de autores consagrados em detrimento do crítico que pertencia a uma geração mais jovem e, por isso, tinha menos capital simbólico.

Ainda, dentro dessa perspectiva da análise, há três edições especiais – 4, 11 e 18 de novembro de 1972 – que trazem para o *Caderno de Sábado*, textos que apresentam as reflexões sobre o romance, o conto, a poesia e a crônica que tiveram lugar no I Seminário de Literatura do Rio Grande do Sul. O evento fora organizado, em setembro daquele ano pelo Instituto Estadual do Livro. Na terceira edição, Myrna Biel Appel, parte da equipe organizadora do evento, apresenta uma síntese do evento. Percebe-se, assim, uma tentativa do suplemento de, ao fazer ecoar os debates realizados naquele âmbito específico, trazê-los a público de forma escrita. Ao registrar esse material, o *Caderno de Sábado* – assim como ocorre com a publicação de ensaios críticos e de polêmicas – se insere no circuito reflexivo sobre a produção literária, configura-se como agente participante desse sistema. Como aparato comunicativo, portanto dedicado a circulação, assume também o lugar de mediação por meio da escrita de seus colaboradores. Faz, assim, convergir em sua rede, de forma bastante explícita, jornalismo e literatura.

5.2.4 Mercado editorial

No caso do mercado de livros, setor importante ao redor do qual se organizava a intelectualidade brasileira durante o século XX, operou-se uma transformação decorrente, principalmente, do aumento da produção nacional, com a autonomização das atividades especializadas de edição com relação à produção industrial⁹⁸ (MICELI, 2001). Esse mercado estava essencialmente concentrado em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul – juntos responsáveis por 94% do total das tiragens. As três maiores editoras do período eram a Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira (RJ) – com investimentos centrados em ficção e didáticos, gêneros de maior rentabilidade –, a Editora Globo (RS) – que publicava gêneros diversificados e cujas taxas de lucro eram bastantes desiguais – e a José Olympio (SP) – que investia em romances, mais lucrativos, e gozava de uma posição privilegiada junto às instituições que detinham poder nos campos intelectual e político (MICELI, 2001). Nesse sentido, é possível dimensionar o alcance da empresa sul-rio-grandense tanto em termos de poder econômico e circulação quanto de poder simbólico. Para os intelectuais vinculados à Globo e suas publicações, portanto, essa era uma possibilidade de angariar prestígio, além de buscar uma estrutura empresarial que lhes desse a possibilidade de algum êxito editorial.

Elemento significativo para se entender a importância dos livros – aqui objetos que sintetizam o mercado editorial como um todo – é a coluna *Livros da Semana*, publicada semanalmente entre 18 de novembro de 1972 e 1º de dezembro de 1973 (Figura 24 abaixo). Assinadas por Acácio – pseudônimo do editor P. F. Gastal –, traziam semanalmente notas de apresentação de um conjunto de lançamentos recentes de editoras nacionais, como Vozes, Paz e Terra e Melhoramentos. Ao pé da página, apresentava as listas dos livros de autores brasileiros e estrangeiros mais vendidos da semana, o que reforça

⁹⁸ Nos primeiros anos da República, uma parte significativa da produção de escritores brasileiros era impressa na França e em Portugal. Na transição para os anos 1900, algumas editoras europeias começaram a instalar filiais no Rio de Janeiro e em São Paulo, e alguns livreiros com experiência no comércio abriram oficinas gráficas para a impressão de “revistas mundanas e de vulgarização que então se multiplicavam” (MICELI, 2001, p. 142). Livros de aventuras, romances policiais, biografias romanceadas, romances históricos, novelas açucaradas e manuais de viver estiveram entre os gêneros mais populares.

meio século vem dando a sua contribuição incansável ao enriquecimento do panorama editorial brasileiro. O tino e a experiência editoriais de Henrique Bertaso deram à Globo a posição de relevo que ela há muito detém e que tanto honra o Rio Grande do Sul. Os seus cinquenta anos de trabalho pelo livro, motivo de alegria e de reconhecimento, são o assunto principal deste *Caderno*.

Também, o escritor, poeta e político ítalo-brasileiro Mansueto Bernardi – que dirigiu, nos anos 1920 e 1930, o *Almanaque do Globo* e a *Revista do Globo* – recebeu homenagem, na edição 368, de 31 de maio de 1975. Novamente, Erico Verissimo – que fora seu companheiro e trabalho na *Revista do Globo* – é convocado a escrever sobre um de seus companheiros de trabalho nos tempos em que atuava no setor livreiro. Talvez a notoriedade do romancista ou mesmo a sua habilidade para a escrita é que tenham sido, além de seu lugar testemunhal, definidoras para que ele fosse o autor, em cunho pessoal, dessas histórias.

Erico Verissimo, aliás, é nome notório e idealizador de um dos projetos mais ousados e memoráveis da editora: a Sala de Tradutores, que incluía Mario Quintana e Herbert Caro entre seus recrutados. Ao dar espaço a esses nomes, o *Caderno de Sábado* realiza, em suas páginas, um movimento de aproximação com a Globo; ou seja, uma forma de associar a marca do *Correio do Povo*, por meio do suplemento semanal de cultura, àquela que já mobilizava ao redor de si, no imaginário local e nacional, um significativo capital simbólico. Como o catálogo da editora reunia grandes nomes da literatura mundial – com destaque para Virginia Woolf, Thomas Mann e Marcel Proust –, trazer para o *Caderno de Sábado* a assinatura dos tradutores ou profissionais envolvidos com a editora, era como arregimentar, de forma indireta e abstrata, o capital simbólico desses grandes nomes internacionais também. Se, sobretudo no imaginário geográfico da cidade, a Livraria situada na Rua da Praia era emblemática, tê-la representada no suplemento era, de alguma forma, como aproximar jornal e livro.

5.2.5 Imprensa

Ainda em se tratando de notoriedade angariada por meio do domínio da escrita – traço este definidor para a designação como intelectual –, é possível perceber que todos esses, exceto Francisco Riopardense de Macedo já tinham tido passagem pela imprensa antes de colaborar com o *Caderno de Sábado*. Ao redor das publicações periódicas da Editora Globo – *Almanaque*, *Revista do Globo*, *Província de São Pedro* – orbitou um número significativo desses intelectuais que mais tarde teriam presença marcante no *Caderno de Sábado*: a elas se vincularam como colaboradores Moysés Vellinho – idealizador e editor da *Província de São Pedro* –, Guilhermino Cesar, Paulo Hecker Filho, P. F. Gastal, Mario Quintana e Herbert Caro.

Paulo de Gouvêa já atuava como secretário de redação do *Correio do Povo*, onde Mario Quintana também trabalhava; Herbert Caro já era colaborador frequente do periódico. Quintana e Caro, em 1967, tinham colunas fixas no *Correio do Povo* e que, depois, migraram para o suplemento: *Do Caderno H* e *Os melhores discos clássicos*, respectivamente. Os três, portanto, além de aportarem o capital simbólico adquirido por suas atuações na literatura, no mercado de livros e nos espaços de sociabilidade dos intelectuais sulinos, traziam consigo a proximidade com o *Correio do Povo*, publicação esta com a qual seus nomes, em jogo simbólico de mão dupla, já estavam associados historicamente. Se considerados os perfis desses autores coletivamente, são típicos intelectuais diletantes, polígrafos e que se estabeleciam na imprensa como forma de atuação profissional constante e, também, de circulação pública de sua produção – esta uma condição para a posição social como intelectual.

O perfil dos dois intelectuais mais jovens do grupo aqui analisado aponta, no entanto, para a ocupação das redações por indivíduos cuja formação se iniciava nas universidades: Antonio Hohlfeldt é graduado em Letras pela UFRGS e iniciou formação em Jornalismo na PUCRS; e Ney Gastal é formado em Jornalismo pela PUCRS. Nesse sentido, já é possível perceber o quanto entre os mais jovens já não são mais as carreiras tradicionais – principalmente o Direito – a única forma de obtenção de capital cultural

institucionalizado e de acesso às carreiras intelectuais. No ingresso de ambos no curso de Jornalismo percebe-se, ainda, a mudança no perfil daqueles que integrariam as redações, a partir dos anos 1970. Na trajetória de Antonio Hohlfeldt, ainda, aparece um outro elemento interessante: o ingresso no jornalismo e a presença no suplemento iniciam antes de sua incursão pela academia em nível de pós-graduação. Tanto a docência quanto os estudos em nível de mestrado⁹⁹ foram iniciados em meados dos anos 1970, o que permite inferir que esse caminho está relacionado ao capital simbólico já adquirido na atuação como jornalista, que iniciara em 1963.

5.2.6 Estado

Anteriormente às suas atuações no *Caderno de Sábado*, três dos intelectuais tiveram uma vinculação mais direta com o poder estatal em diversos âmbitos e instâncias. Guilhermino Cesar foi secretário da interventoria federal de Ernesto Dornelles e Secretário da Fazenda do RS, e integrou o Tribunal de Contas do Estado (1945-1964). A partir de 1959, ainda, vinculou-se à esfera federal ao se tornar professor da UFRGS. Já Moysés Vellinho foi promotor público (Caxias do Sul, 1926; Jaquarã, 1927), inspetor estadual de ensino (1927), chefe de gabinete do secretário de interior do RS (1928-1930) e juiz do Tribunal de Contas do Estado (1938-1964). Percebe-se, em ambas as carreiras, a presença de posições importantes na administração estatal, tal como fora típico no Brasil a partir dos anos 1930. Nessa época, tornara-se dominante a ideia de um Estado administrado por intelectuais, o que parecia permanecer evidente no Rio Grande do Sul nos anos 1970. Ainda que por uma via diferente da de Cesar e Vellinho, já que não seguiu carreira vinculada do Direito, também Francisco Riopardense de Macedo atuou na esfera estatal: desde 1956, na Secretaria de Obras Públicas do RS, integrou a Comissão Permanente de Estudo e Defesa do Patrimônio Cultural.

Historicamente, no Brasil, essa atuação da intelectualidade no Estado dificultou a constituição de um campo intelectual e outro político propriamente

⁹⁹ Recebeu o título de mestre em Letras pela PUCRS em 1991 e de doutor, na mesma área e universidade, em 1998.

autônomos, já que as estratégias individuais de posicionamento se operavam a partir da mescla – não da justaposição – das estratégias de legitimação típicas de cada uma dessas instâncias. No caso dos intelectuais atuantes em Porto Alegre, entretanto, essa relação parece ter estado muito ligada à própria estruturação do campo da produção cultural local. Tanto é que esses sujeitos, ainda que tenham tomado empregos públicos, estiveram envolvidos em postos-chave da administração estatal, de forma que atuavam como uma elite dirigente (PÉCAUT, 1990; MICELI, 2001).

Ainda que o capital social, as relações pessoais, permanecessem como elemento de cooptação da intelectualidade para esses postos na administração do Estado, o aumento da concorrência no interior do campo cultural deu mais peso ao capital advindo dos trunfos escolares e culturais, tanto em suas formas incorporadas – sobretudo a partir das trajetórias – quanto institucionalizadas – diplomas e títulos acadêmicos. Tanto no cenário local, como no centro do país, ainda que a ampla maioria desses intelectuais estivesse inserida no magistério superior, nas carreiras judiciárias e no corpo diplomático, um pequeno número usou o saber especializado que possuíam para assumir postos de direção em instituições culturais (MICELI, 2001). No caso do Rio Grande do Sul, é provável que Moysés Vellinho seja o exemplo mais evidente, nesse sentido. Ainda por essa mesma época, Herbert Caro e Moysés Vellinho estiveram vinculados aos processos iniciais da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – entidade cuja direção foi assumida por Oswaldo Goidanich. Mais tarde, nos anos 1970, Antonio Hohlfeldt também se vinculou à administração estatal da Cultura.

Essa aproximação com as esferas estatais de promoção e organização da cultura, aliás, são evidentes também em escolhas editoriais. Há, por exemplo, uma edição dedicada ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) em 28 de outubro de 1978 – época em que a instituição ganhou sua sede fixa, na Praça da Alfândega, no Centro Histórico de Porto Alegre. A instituição, naquele momento ainda em processo de consolidação, é esmiuçada em textos de Luis Inácio Medeira, Fernando Corona e Guilhermino Cesar. Um trecho de autoria deste último, aliás, é destacado como epígrafe e parece sintetizar o posicionamento do *Caderno de Sábado* quanto ao museu: “Chegou a hora de pagar à memória do engenhoso Porto-Alegre a dívida que a

Província de São Pedro ainda não resgatou”, escreveu. Duas semanas depois, mais uma instituição do gênero é tematizada, o Centro Municipal de Cultura – numa reunião de textos que incluíam uma análise de Guilhermino Cesar e um conjunto de depoimentos que incluem os de Oswaldo Goidanich, Dante Barone e Eva Sopher, todos agentes que, em algum momento, ocuparam cargos de gestão de entidades de relevância na cena cultural sul-rio-grandense ligada à esfera estatal.

5.2.7 Academia

O meio acadêmico se consolidava no Brasil nos anos 1960 e, nele, se iniciava um processo de profissionalização durante a década seguinte. No grupo de intelectuais mais frequentes no *Caderno de Sábado*, predominam os profissionais formados em nível superior – as exceções eram Mario Quintana e Paulo de Gouvêa. Eram bacharéis em Direito – formação esta a mais comum entre os intelectuais brasileiros até os anos 1960 – Guilhermino Cesar, Herbert Caro, Clarice Lispector, Paulo Hecker Filho e Moysés Vellinho; Francisco Riopardense de Macedo era exceção; graduou-se Engenharia e Urbanismo. Três desses autores – Francisco Riopardense de Macedo, Paulo Hecker Filho e Moysés Vellinho – tinham a Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹⁰⁰ como *alma mater*. Estes dois últimos passaram pela já tradicional Faculdade de Direito da instituição, fundada em 1900. Guilhermino Cesar já havia sido condecorado doutor Honoris Causa, desde 1964, pela Universidade de Coimbra; Moysés Vellinho recebeu o mesmo título pela UFRGS, em 1979¹⁰¹.

¹⁰⁰ A UFRGS tem seus primórdios relacionados à fundação, em 1895, da Escola de Farmácia e Química e da Escola de Engenharia – este o momento inicial do ensino superior no Rio Grande do Sul. Três anos mais tarde foi fundada a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e, em 1900, a Faculdade de Direito. Em 1934, foi fundada a Universidade de Porto Alegre – entre outras unidades de ensino, incluía a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto de Belas Artes. A denominação de Universidade do Rio Grande do Sul foi adotada em 1947. Em dezembro de 1950, a Universidade passou a ser administrada pela União e recebeu seu nome atual. Neste trabalho, para facilitar, é referida sempre por seu nome mais recente.

¹⁰¹ A Mario Quintana também lhe concederiam o mesmo título mais tarde, depois do período abarcado por esta pesquisa, a UFRGS, em 1982, a Unisinos e a PUCRS, em 1986, e a Unicamp e a UFRJ, em 1989.

Dentro desse grupo de intelectuais mais velhos, Guilhermino Cesar e Francisco Riopardense de Macedo já eram docentes quando do início da publicação do *Caderno de Sábado*. Ambos iniciaram a carreira em 1959, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, a partir das formações desses indivíduos e dos vínculos que estabeleciam em suas atuações profissionais, é possível vislumbrar uma aproximação do *Caderno de Sábado* com essa instância social que representa, por meio da atribuição do diploma, o capital cultural institucionalizado por excelência. Percebe-se, assim, a perspectiva de reconversão deste em capital simbólico que permite trânsito em outras áreas que demandam algum tipo de especialização e o desenvolvimento de atividades mentais e baseadas em conhecimentos e saberes aprofundados. É este o caso da imprensa, se tomado o *Caderno de Sábado* aqui como expressão desse traço que já era bastante característico nas décadas mais recentes no Brasil.

Esse movimento de aproximação do suplemento com o meio acadêmico também é perceptível na dedicação de três edições especiais a efemérides ligadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul: os 80 anos das faculdades de Direito, Medicina e Odontologia. Estes dois últimos foram publicados em 1978 – em fevereiro e outubro, respectivamente – e traziam artigos referentes às escolas superiores que homenageavam (Figura 25 abaixo).



Figura 25: Fotos das capas das edições publicadas em 1978 em alusão aos 80 anos das Faculdades de Medicina e Odontologia da UFRGS.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

A edição dedicada à Faculdade de Direito (Figura 26 abaixo), veiculada em 19 de abril de 1980, também pelo octogésimo aniversário da instituição, dedica praticamente toda a edição ao tema, muito mais do que fora dedicado nos casos anteriores. Dos 20 textos presentes nesse *Caderno*, apenas o poema de Mario Quintana não diz respeito ao assunto.

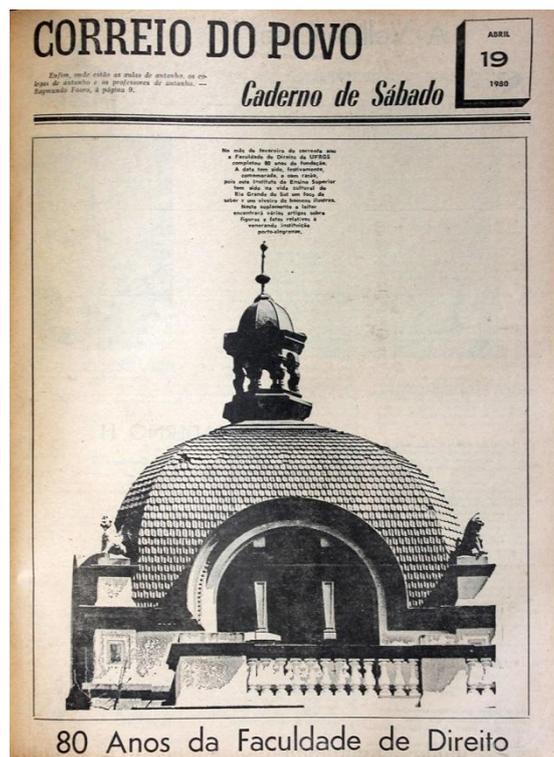


Figura 26: Foto das capa da edição dedicada aos 80 anos da Faculdade de Direito da UFRGS, em 1980.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

O prédio histórico e marcante na paisagem da área central de Porto Alegre, professores e alunos notórios – Alcides Cruz, José Bernardo, Melo Guimarães, Plínio Casado, Armando Azambuja, Anes Dias –, o centro acadêmico, as provas de seleção, outras faculdades congêneres no país e a reforma universitária que acontecera na década anterior são tratados nos artigos e ensaios. Percebe-se, pois, por meio dessas três edições, uma tentativa de se aproximar de uma esfera da sociedade que, por sua posição social, ocupa simultaneamente um lugar de poder e de conhecimento. Nessa tendência, o *Caderno de Sábado* novamente parece buscar um alinhamento a instâncias ao mesmo tempo consagradas e consagratórias; assim, distingue-se.

Percebe-se, portanto, que apesar de mudanças nas trajetórias, a maioria dos integrantes de ambos os grupos teve algum tipo de vínculo com o sistema literário, atuaram no serviço público e trabalharam em jornalismo. Estes, aliás,

já desde o século XIX, caminhos bastante frequentes nas trajetórias da intelectualidade brasileira, normalmente formada nas faculdades de Direito com vistas à formação de uma elite que pudesse tomar frente na organização das instituições e órgãos vinculados à administração estatal. No caso específico do grupo que colaborou com mais frequência no *Caderno de Sábado*, entre os integrantes do grupo mais velho, esse envolvimento se deu em órgãos prestigiosos, mas ainda não diretamente ligados à administração e organização da cultura; mais adiante, já a partir dos anos 1950 é que começariam a exercer funções desse gênero.

No conjunto de autores aqui analisado, então, é possível perceber uma semelhança com o perfil dos colaboradores identificados por Abreu (1996) nos suplementos editados na década de 1950, quando este gênero de publicação atingiu seu auge no Brasil. Se tomado o *Caderno de Sábado* como espaço de circulação da intelectualidade – com predomínio absoluto dos atuantes em Porto Alegre –, pode-se dizer que a cooptação executada pelos editores Gastal e Goidanich, de alguma forma, dava preferência a um tipo de sujeito que, pertencente às gerações mais velhas e, portanto, já consagradas, compartilhava traços típicos da intelectualidade dominante no contexto brasileiro de então.

Nessa rede, estavam incluídos agentes atuantes nos circuitos da escrita – o sistema literário, o mercado editorial, a imprensa e mesmo a academia –, no Estado e com participação anterior em projetos editoriais e movimentos do campo da produção cultural local. Percebe-se, assim, um predomínio de nomes associados a esferas de poder de diversas ordens – sobretudo político e simbólico – do Rio Grande do Sul e mesmo nacionais. Nesse sentido, o *Caderno de Sábado* se constituiu como uma espécie de retrato lacunar do campo intelectual porto-alegrense. Em suas páginas, portanto, aparecem simultaneamente o antes pujante mercado de produção editorial representado sobretudo pela Editora Globo, um conjunto de instituições organizativas e associativas de intelectuais que se estabeleceram na cidade de forma independente e, ainda, um já em consolidação e crescente sistema de organização, gestão e fomento da cultura a partir do Estado, o que já vinha se estabelecendo a partir dos anos 1950.

Nesse sentido, a rede de sociabilidade que, a partir de 1967, se articulou ao redor do *Caderno de Sábado* consistiu em mais um agrupamento temporário – ainda que não transitório ou breve, já que foram quase 14 anos de publicação ininterrupta – de intelectuais no contexto porto-alegrense. É possível inferir, portanto, que parte significativa do prestígio angariado pela publicação seja decorrente dessa projeção do campo de produção intelectual e cultural que se entrevê no projeto editorial encabeçado por Gastal e Goidanich. Nesse sentido, o suplemento e seus editores foram – aparato e agentes individuais – participantes do processo de estabelecimento da intelectualidade sulina durante o período em que o CS circulou.

5.3 O suplemento e seu sistema de reconhecimento e pertencimento à rede

Entre as dinâmicas do campo intelectual, o processo de reconhecimento é aquele que, para além da cooptação, legitima um indivíduo a ocupar, no contexto social mais amplo, essa posição que lhe permite não só a tomada da palavra, como também o uso dela com maior alcance e repercussão. É nesse sentido que as circunstâncias em que a palavra é dada aos homens e mulheres selecionados pelo projeto editorial de um suplemento vai, no final, participar da constituição da imagem desses sujeitos dentro da publicação e, assim, incidir sobre o registro de parte significativa de sua trajetória e de seu pensamento.

Composta pelos editores e pelos intelectuais que orbitam ao redor da publicação, então, surge essa rede que, entre outras instâncias, serve de base ao estabelecimento do próprio estatuto de elite. É, pois, determinante: a presença no seleto grupo denota quem são os cooptados dignos de figurarem nesse lugar. Esse processo, então, consiste num sistema de reconhecimento endógeno a partir da posição ocupada por esses indivíduos nesse espaço que, afinal, é de interseção entre os campos jornalístico e intelectual. É por essa razão que Sirinelli (1998) diz ser importante compreender a constituição da rede, simultaneamente, como uma dinâmica de consagração e como uma estrutura que incide sobre esse mesmo processo.

Partindo dessa lógica que pretende constituir uma arqueologia das redes e de seus processos, as comemorações dos dois primeiros aniversários do *Caderno de Sábado* denotam momentos em que esse conjunto de intelectuais – neste caso especificamente, autores cujos textos são veiculados pelo suplemento – são reconhecidos como integrantes dessa categoria. São, pois, registradas e, de alguma forma, tornadas concretas a partir da reconstrução desses eventos nas páginas do encarte sob a forma de cobertura fotográfica e textual das festividades alusivas à passagem de 30 de setembro de 1968 e 1969 (Figura 27 abaixo). Assim como os acontecimentos do campo da produção cultural tipicamente noticiados pelo jornalismo – lançamentos, aberturas, premièeres e outros – as comemorações organizadas pelo *Correio do Povo* podem ser consideradas meta-acontecimentos: têm sua gênese diretamente ligada à existência do discurso jornalístico (RODRIGUES, 1993). Como define Gomis (1991), são “pseudoeventos” por serem previstos, provocados; produzem efeitos no mundo real, objetivam-se. Ao se tornarem notícias, dão visibilidade à instituição ou ao agente que os produziu, neste caso o próprio suplemento. Reúnem, então, traços que fazem deles tanto deslocamentos – movimentos e agrupamentos significativos de pessoas conhecidas que criam expectativas a respeito de uma significação intencional – quanto aparições – presenças eloquentes, ou seja, personagens conhecidos dizem algo publicamente e sua palavra é difundida amplamente.



Figura 27: Reproduções das páginas com matérias que tratam das comemorações do primeiro e do segundo aniversários do *Caderno de Sábado* realizadas na Associação Rio-grandense de Imprensa em 1968 e 1969.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Os sujeitos apresentados nos textos comemorativos aqui referidos são conhecidos principalmente no contexto local; nas matérias, são nomeados como “intelectuais e artistas do nosso Estado”, “gente dos círculos intelectuais do Estado”, “a velha e a jovem guarda das letras e das artes do Rio Grande do Sul”, “personalidades das letras e artes do Rio Grande do Sul”, entre outras formas. Os textos, ainda, enfatizam o quanto a confluência dessas pessoas só foi possível em razão de sua existência e da realização desse evento: “instantes de grato (e, entre nós, tão raro) convívio literário”. Percebe-se, assim, o quanto o suplemento, por meio de seu próprio discurso, relaciona esses indivíduos que nomeia como intelectuais sobretudo a dois traços típicos desses sujeitos: os vínculos com a escrita e com a produção criativa, sobretudo a de textos literários.

É interessante observar que o texto alusivo ao segundo aniversário ressalta – também por meio de imagem e de forma mais específica – o momento em que o historiador, poeta, jornalista e escritor Walter Spalding transmitia ao diretor do *Correio do Povo*, Breno Caldas, “os cumprimentos da intelectualidade gaúcha, pelo 2º aniversário do nosso Caderno”. Membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e com uma obra significativa como registro da história local (VILLAS-BÔAS, 1974; MARTINS, 1978), recebe destaque provavelmente devido à sua proeminência entre os intelectuais sulinos. Percebe-se, então, uma clara intenção de posicionar ambos – Spalding e Caldas – como representantes dos campos que ali se encontraram em relação, o da produção cultural e o jornalístico. Tomando por base a reflexão de Bourdieu (2005), pode-se perceber a confluência de interesses de agentes dominantes em campos diferentes: o jornalismo no que se refere ao acesso ao público e à disseminação de ideias em larga escala; e o campo especializado na posse de conhecimento, o que torna a relação entre ambos – aqui objetivada pelo encontro – mutuamente lucrativa em termos simbólicos.

Esses textos de cobertura das comemorações, portanto, permitem traçar um paralelo com a existência do suplemento. Tal como as festividades, o próprio *Caderno de Sábado* era, a cada sábado, uma possibilidade de encontro dos intelectuais que nele figuravam e que, ao redor dele, formavam uma rede de sociabilidade. Esse processo se dava não só pela atuação e pela posição social que esses agentes tinham no campo intelectual e na sociedade, mas também pela inclusão deles nessa categoria pelo suplemento – no caso da publicação jornalística talvez este último até seja o processo determinante.

Emergiam, assim, a cada nova edição, o suplemento e o jornal como representantes do campo jornalístico plenos de agentes oriundos do campo intelectual para uma espécie de aparição eloquente conjunta. Por meio dela, os sistemas peritos – jornalismo e intelectuais – vinham a público a fim de fazer circular o pensamento, as ideias, os temas e as abordagens que julgavam ser dignas de se saber. Partindo da premissa do jornalismo como autoridade e como meio de formação cultural, talvez se possa dizer que aí estaria o que se “deveria” conhecer.

Para o público, por outro lado, essas presenças eloquentes representavam uma aproximação com esses sujeitos que, peritos, são conhecidos e reconhecidos. Esse movimento se dá de forma semelhante àquele apontado por Marocco (2013) com relação à entrevista como gênero cristalizado na imprensa e frequentemente usado para dar visibilidade à palavra de intelectuais. Nesses textos, claramente apresentados como um diálogo, aparece um sentido de proximidade potencializado entre o leitor e a figura dos homens e mulheres de cultura colocados na posição de entrevistados, mesmo que submetidos à mediação e à curiosidade do jornalista. A exposição da personalidade ali presente é realçada pelo distanciamento com relação aos textos informativos pela estrutura particular e por recursos gráficos bastante típicos de apresentação de entrevistas. De maneira análoga, o *Caderno de Sábado* trazia semanalmente um conjunto de textos que – embora artigos, ensaios, contos, poemas, crônicas e outros textos autorais – representavam, no âmbito da publicação, a presença de intelectuais produtores e mediadores. Aproximava-os, pois, do público leitor – que também integrava esse sistema de circulação de ideias.

Distanciado o suplemento fisicamente do corpo do jornal pela lógica da separata, se evidencia o lugar destacado desses intelectuais – também eles retirados do tecido social para uma posição específica. Ao mesmo tempo, a publicação se torna um canal de circulação pública de conhecimento que difere daquele de alcance mais amplo: especializado, mais raro e complexo, carrega consigo o viés distintivo de conter autores e textos que merecem destaque. Jornal e suplemento cultural, a partir do trabalho de cooptação executado pelos editores do encarte, então, constituem um “espaço público de produção intelectual” (FARO, 2006), ou seja, é como se nas publicações se pudesse presenciar, de maneira quase testemunhal, o desenvolvimento das ideias por esses letrados. Estaria, nessas páginas, então, uma imagem do campo intelectual que – construída e determinada pelas condições desse meio – chega à percepção do público com um mapa – aqui visto como uma abstração – e assim resta na memória, ainda que marcada pelas percepções individuais inerentes à leitura e pela passagem do tempo.

5.4 O processo de edição como modo de hierarquização

A partir do momento em que se constitui a rede de intelectuais ao redor de uma publicação – estes recrutados e como tal reconhecidos – ainda ocorre um processo que diferencia esses indivíduos entre si. São, pois, estratificados. Esse processo, de alguma maneira, é análogo àquele operado pelo jornalismo como prática cotidiana: da totalidade de acontecimentos do mundo, alguns são selecionados para comporem o noticiário de um período determinado; dentre esses, alguns são escolhidos para, depois de processados, ocuparem um determinado lugar; finalmente, elegem-se aqueles que, no período, recebem maior destaque – as manchetes. Nesse sentido, hierarquizar é parte inerente desse processo. No caso do *Caderno de Sábado*, essa hierarquização se dava, inicialmente pelo processo de seleção para compor o seletivo grupo que nele ganhava espaço. Este, porém, depois era qualificado por recursos editoriais.

Como resultado desse processo de elaboração e organização da publicação, pode-se dizer que se constituiria o que Sirinelli (1998) chama de uma superelite, ou seja, sujeitos que, inseridos dentro da categoria de intelectual, dela se destacam por uma capacidade maior de influência. No suplemento, portanto, esse grupo se evidencia, primordialmente pela própria presença quantitativa no conjunto da coleção, o que já posiciona os dez autores aqui analisados como sujeitos de destaque, segundo os critérios adotados pelos editores. Se a esses dez intelectuais foi concedido o lugar de fala, que efeitos tem essa cessão? Para além da aceitação na rede – um processo binário de inclusão ou não –, surgem as questões referentes às circunstâncias em que esses sujeitos são trazidos a público nas páginas do encarte: onde, quando e como se concede a palavra aos selecionados e reconhecidos como intelectuais?

Entre os indícios de hierarquização dos intelectuais mais frequentes no *corpus* desta pesquisa, ganham destaque as colunas fixas e designadas por um nome específico: *Do Caderno H*, de Mario Quintana; *Os melhores discos clássicos*, de Herbert Caro; e *M.P./Discos*, de Ney Gastal. Ainda, quatro autores de maior prestígio acabaram por ocupar espaços fixos na maior parte de seus textos, caso de Guilhermino Cesar, Paulo de Gouvêa, Clarice Lispector

e Francisco Riopardense de Macedo – vários deles, inclusive organizados em longas séries. A presença desses sujeitos cujo nome seria ligado à constância criava, assim, para o público, uma expectativa de encontro semanal e regular; dessa forma, criava-se um laço de fidelidade. Nesse sentido, já se pode perceber o quanto a esses intelectuais estava vinculada uma ideia de que poderiam associar ao suplemento um tipo de valor: semanalmente aquela assinatura se apresentaria aos leitores. Nesse sentido, transparece um atribuição de valor a esses agentes por parte dos editores e que se reflete nesse processo de valorização do espaço concedido.

Pode-se dizer, ainda, que outro espaço usado pelos editores para distinguir os colaboradores uns dos outros em termos de prestígio eram os trechos de textos destacados como epígrafes no cabeçalho da capa de cada edição. Nesse sentido, conforme Figura 28 abaixo¹⁰², Guilhermino Cesar, Paulo de Gouvêa, Mario Quintana e Clarice Lispector têm destaque, ainda que todos os dez autores aqui estudados apareçam pelo menos uma vez.

¹⁰² Para a elaboração desta estatística, foram categorizadas as epígrafes de todas as 646 edições do *Caderno de Sábado*. É por isso que aparecem, no gráfico, autores não incluídos neste estudo.

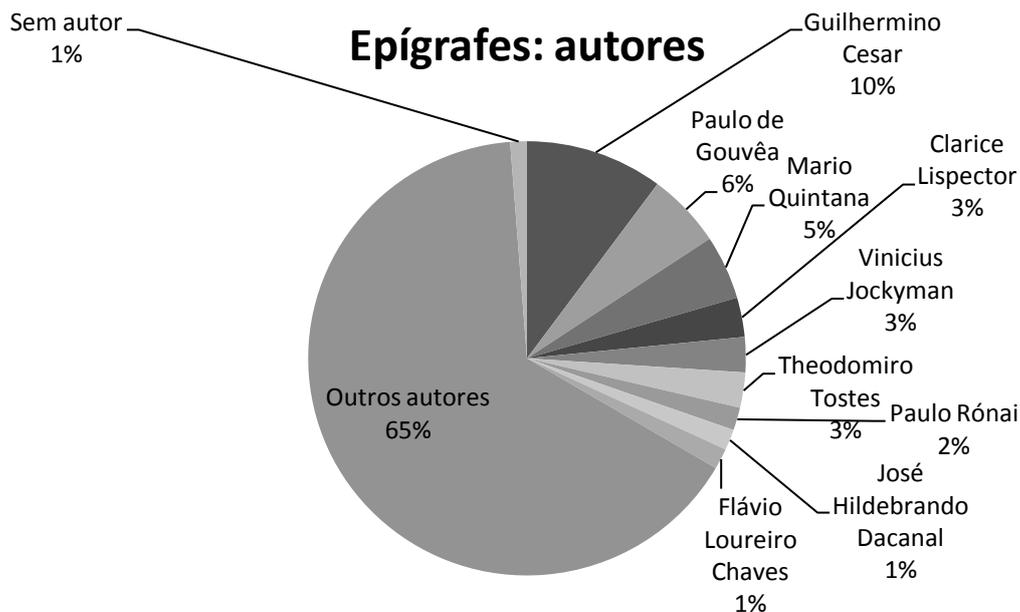


Figura 28: Gráfico com os autores, independentemente de sua posição entre os mais frequentes segundo a quantidade de textos publicados, com maior porcentagem de epígrafes destacadas nas capas do *Caderno de Sábado*.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Graficamente, esse lugar prestigioso está metaforicamente construído nas capas dos suplementos: no cabeçalho figuram os nomes do *Correio do Povo* e do *Caderno de Sábado* e uma frase retirada de um texto publicado no interior do suplemento e escolhida como epígrafe para aparecer em destaque, bem como o respectivo autor. A cada semana, apresentam-se, então, ao público leitor, nesse espaço nobre, o jornal, o suplemento, o texto e o intelectual. No caso do texto, especificamente, há um caráter duplo: como conteúdo, traz para destaque um pensamento tido como relevante e digno de mérito; como forma, denota a associação imediata da intelectualidade à palavra escrita e ao domínio da produção textual qualificada. Juntas, essas ideias representadas pelos elementos gráficos estabelecem entre si um jogo de associações que parece querer intercambiar capital simbólico entre as instituições, agentes e campos que representam. Nesse sentido, a aproximação do *Correio do Povo*, por meio do *Caderno de Sábado*, com intelectuais é uma relação que se estabelece entre as posições ocupadas por

esses sujeitos e agentes dentro de seus campos de origem e, em última instância, expressa uma relação entre os campos (BOURDIEU, 2005).

Segundo Gomis (1991), fontes, jornalistas e audiência coexistem em um mesmo sistema; no caso do suplemento, pode-se inferir que os intelectuais escreviam e publicavam também uns para os outros, já que também entre eles circularia o suplemento; eram, assim, leitores hipotéticos do veículo. Isso coloca o encarte como um intermediário nesse sistema na medida em que contribuía para a visibilidade e o conseqüente acúmulo de poder simbólico dos sujeitos criadores ao dar-lhes voz. No caso específico do *Caderno de Sábado*, nas edições especiais em que esses intelectuais eram homenageados e se homenageavam uns aos outros, há muitos indícios da hierarquização desses sujeitos proposta pelo suplemento. No conjunto da coleção, apenas três dos agentes entre os dez mais frequentes na coleção recebem esse tipo de tributo: Mario Quintana, Guilhermino Cesar, Moysés Vellinho.

Na edição 427, veiculada em 31 de julho de 1976, o *Caderno de Sábado* fez uma homenagem a Mario Quintana na passagem do seu aniversário de 70 anos (Figura 29 abaixo). Das 16 páginas publicadas, todas continham pelo menos algum texto referente ao homenageado. Dos 31 textos publicados na edição, 19 estavam relacionados ao poeta. Além da tradicional coluna *Do Caderno H*, o suplemento também trazia onze poemas inéditos do mesmo autor. Mesmo a epígrafe, de autoria de Paulo de Gouvêa, dizia respeito a Quintana. Dentro do conjunto de textos, Guilhermino Cesar, em *O poeta e o poema*, trata do lirismo da produção de Quintana; Paulo Hecker Filho, em *O mago*, analisa a poesia e seu impacto sobre o leitor; Moysés Vellinho, em *Mario Quintana*, trata da modéstia característica e do reconhecimento nacional obtido pelo poeta; Paulo de Gouvêa, em *Conversinha com Malaquias (o Anjo)* propõe uma conversa imaginária com o poeta. Em entrevista concedida a Ney Gastal – intitulada *Incomodada quando ninguém se preocupa comigo* –, o poeta fala sobre criação, sobre a compreensão de sua poesia pela crítica e sobre as suas referências.



Figura 29: Capa da edição especial do *Caderno de Sábado* publicada em 31 de julho de 1976, por ocasião dos 70 anos do poeta Mario Quintana.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Por ocasião dos 70 anos de Guilhermino Cesar uma edição especial foi totalmente dedicada a homenageá-lo (Figura 30 abaixo). Publicada em 20 de maio de 1978, a edição era totalmente alusiva ao crítico e professor que publicava semanalmente no suplemento – inclusive com poemas de autoria de Mario Quintana e de Carlos Drummond de Andrade consagrados ao homenageado.

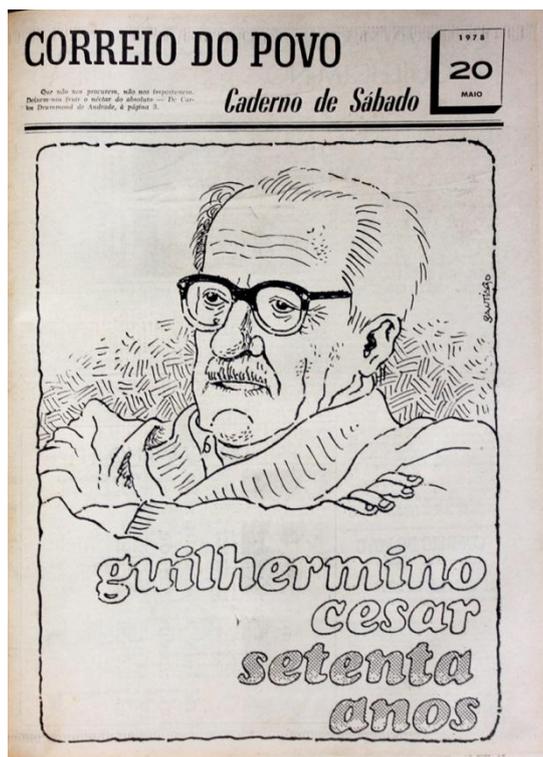


Figura 30: Capa da edição especial do *Caderno de Sábado* publicada em 20 de maio de 1978, por ocasião dos 70 anos do escritor e professor Guilhermino Cesar.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Na página 2, uma nota de redação anunciava a edição especial:

Foi uma data muito especial, a que transcorreu no último dia 15, segunda-feira. Naquele dia, Guilhermino Cesar completou 70 anos de idade. Para o grande número de ex-alunos, discípulos de seus ensinamentos, pra centenas de amigos e para a cultura nacional, um dia de festa. Afinal, Guilhermino é hoje um dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Por isso nós, do *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo*, que o temos como um dos mais antigos colaboradores, não podíamos deixar o acontecimento sem registro especial. Coordenado por **Tânia Carvalhal** e **Lygia Averbuck**, este *Caderno de Sábado* é quase totalmente sobre Guilhermino e sua obra. É nossa homenagem a Guilhermino, que, durante todo esse tempo, muito mais do que um simples colaborador, tem sido um grande amigo.

Em Notas ao pé de um septenário ilustre, Moysés Vellinho compõe um panorama da biografia do amigo com um tom laudatório; em *O trabalho crítico-historiográfico*, Antonio Hohlfeldt trata do trabalho de pesquisa desenvolvido por Guilhermino Cesar na UFRGS. Também escrevem sobre o aniversariante Maria da Glória Bordini, Armindo Trevisan, Tânia Franco Carvalhal, Lygia Averbuck, Sergius Gonzaga, Flávio Loureiro Chaves, Antônio Cândido e Henriqueta Lisboa. A edição se encerra com o texto *O cavalo na poesia culta*, de autoria de Cesar.

Na edição de 6 de janeiro de 1979, quando Moysés Vellinho completava 77 anos, uma edição de 20 páginas foi totalmente dedicada ao crítico e historiador gaúcho (Figura 31 abaixo). Segundo relato de Gouvêa, em seu texto publicado na edição, esta teria sido uma iniciativa de Guilhermino Cesar – este é que teria feito contato para encomendar-lhe a contribuição para a edição. Em *Moysés Vellinho e a Ospa*, Oswaldo Goidanich trata da relação do homenageado com a Orquestra Sinfônica durante as duas décadas em que esta esteve sobre seu comando; em *Moysés Vellinho e o nacionalismo gaúcho*, Guilhermino Cesar recupera a trajetória de do intelectual, principalmente a partir do polêmico debate que travou nas páginas do *Correio do Povo* com Rubens Barcellos a respeito da obra de Alcides Maya; em *Um fidalgo das letras*, Paulo de Gouvêa recupera a trajetória de Vellinho, a quem qualifica como “um dos valores maiores das letras do Rio Grande do Sul e do Brasil”. A Antonio Hohlfeldt, Moysés Vellinho concedeu entrevista. Intitulada *Um velho chefe de Clã lusitano em terras gaúchas*, traz fatos importantes da vida de Vellinho, como o seu envolvimento político e a sua contribuição cultural para o RS. Também escrevem para o suplemento agentes vinculados à academia no contexto local, como Maria da Glória Bordini e Flavio Loureiro Chaves; e nomes importantes da intelectualidade local, como Theodomiro Tostes, Athos Damasceno, Augusto Meyer, Mem de Sá e Carlos Reverbel.

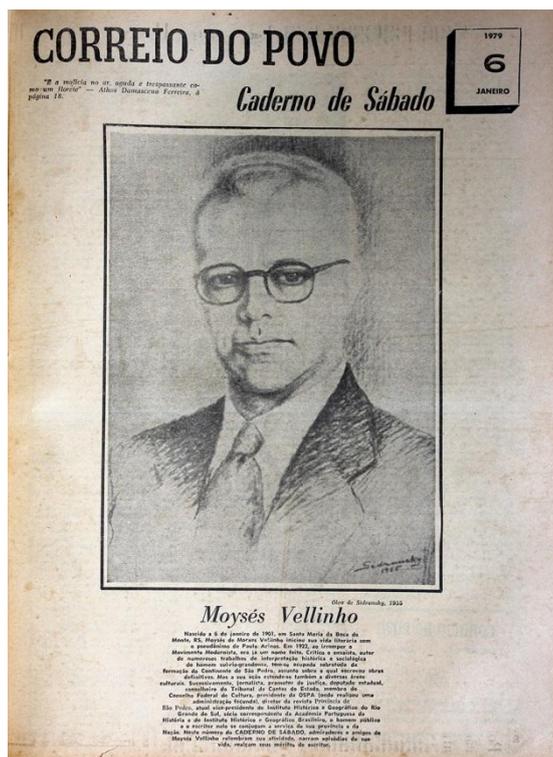


Figura 31: Capa da edição especial do *Caderno de Sábado* publicada em 6 de janeiro de 1979 em homenagem ao historiador e crítico Moysés Vellinho.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

É bastante significativo o fato de que, entre esses homenageados, estão o primeiro, o segundo e o nono autores mais frequentes dentro da coleção do suplemento – ainda que seja importante apontar o quanto esses são sujeitos que já traziam consigo um capital simbólico acumulado, ou seja, ocupavam no campo intelectual sul-rio-grandense uma posição dominante. Nesse sentido, ao evidenciar a presença desses autores entre “os seus”, o *Caderno de Sábado* parece pretender, ao mesmo tempo, recuperar e fixar a memória em torno desses sujeitos que já eram consagrados na cena local e mesmo nacional como intelectuais produtores e intérpretes. Com esse movimento, também, o suplemento denota a intenção de associar-se a esses nomes e, assim, tomar para si o capital simbólico deles. Se tomado o relato de Galvani (1995) de que a Companhia Jornalística Caldas Junior historicamente se pretendia um reduto de intelectuais, essas homenagens fazem ainda mais sentido.

No caso desses três escolhidos – ainda que haja outras edições especiais alusivas a outros intelectuais locais –, tem-se a particularidade de que estão vinculados à construção do cânone literário sul-rio-grandense e brasileiro: Mario Quintana, como poeta, produtor; Guilhermino Cesar – autor de *História da literatura de Rio Grande do Sul* – e Moysés Vellinho – autor de *Letras da Província* – como historiadores dessa produção e, assim, responsáveis pela sua interpretação e registro. É importante destacar, ainda, que Cesar tivera anteriormente uma trajetória que também o consagrou como escritor e poeta integrante do movimento modernista em Minas Gerais. Em se tratando dos autores dos textos de homenagem, portanto, pode-se inferir que enviam suas contribuições como forma de, ao se associarem a esses sujeitos notórios, adquirirem capital simbólico.

Entre os homenageados, destacam-se, até mesmo pela característica do suplemento, os nomes vinculados à produção literária. Entre os internacionais estão o escritor alemão Thomas Mann, o poeta português Luiz de Camões, o escritor tcheco Franz Kafka, o escritor argentino Jorge Luiz Borges e o dramaturgo romeno Eugéne Ionesco. Brasileiros, excetuando os atuantes a partir do Rio Grande do Sul, são o escritor Mário de Andrade, os poetas Castro Alves, Alphonsus de Guimaraens e Carlos Drummond de Andrade, o jornalista José Hipólito da Costa e o teatrólogo Hermilo Borba Filho. Já entre aqueles que atuavam no Rio Grande do Sul, além de Cesar, Vellinho e Quintana, estavam Vianna Moog, Raul Bopp, Cyro Martins, Alcides Maya, Eduardo Guimaraens, Augusto Meyer – em duas ocasiões –, Simões Lopes Neto e Erico Verissimo – este o grande destaque, já que foi homenageado em seis edições consecutivas logo após a sua morte.

Se tomados esses nomes, sobretudo com relação àqueles ligados às letras sul-rio-grandenses, é possível dizer que está constituído, com esses nomes uma espécie de panteão. Ao construir esse lugar de destaque, o suplemento acaba por posicionar-se como instância legitimadora e, assim, participa do processo de estabelecimento do cânone literário sulino. Sendo o jornalismo também uma forma de documentação da realidade – ao mesmo tempo que a constrói –, para o futuro estariam registrados, a partir do que fora publicado no suplemento, os nomes que merecem ser perpetuados. Por isso,

os três colaboradores homenageados em vida ganham destaque no grupo analisado nesta tese. Dignos de efeméride, assim como outros notórios do contexto nacional e mundial, são nomeados de forma diferente de seus pares; são, pois, distintos.

Nesse sentido, historicamente, o *Caderno de Sábado* se posicionou como um aparato de cooptação e de hierarquização de intelectuais. Ligado a um jornal de grande alcance e importância no contexto brasileiro dos anos 1970, recebeu, desde sua criação, o capital simbólico anteriormente acumulado pelo diário que o veiculava. Sendo assim, ao escolher quem figuraria em suas páginas e como, atribuía a si mesmo um poder simbólico como instância de consagração da intelectualidade, sobretudo a sul-rio-grandense.

Ao formar ao redor de si uma rede de intelectuais, o suplemento extrapolou sua configuração como publicação periódica: posicionou-se como documento de uma época e como um sistema de relações que se articulavam e influenciavam. No contexto de Porto Alegre, portanto, juntamente com instituições que então tinham prestígio e participavam do processo de organização da cultura, a publicação refratou essa movimentação ao registrá-la. Nesse sentido, é parte representativa da história da intelectualidade local. Ainda, tal foi o prestígio angariado que se torna praticamente impossível recuperar a história dos homens e mulheres de letras do Rio Grande do Sul no século XX sem tratar do *Caderno de Sábado*. Passou, então, a constituir parte fundamental da memória sulina e brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As publicações culturais podem ser tomadas como símbolos das sensibilidades e das expectativas de uma determinada época. Nesse sentido, o *Caderno de Sábado* – no período entre 1967 e 1981 – representa uma espécie de inventário, de registro detalhado, do legado do pensamento de uma geração de intelectuais no contexto sulino e mesmo brasileiro – seja pelo que eles mesmos pensavam, seja pelo alinhamento às linhas de reflexão de outros pensadores. Nesse sentido, o suplemento do *Correio do Povo*, por meio de seu projeto editorial, fazia orbitar ao redor de si agentes do campo intelectual que se alinhavam ao ideal de oferecer aos leitores possibilidades de formação cultural por meio das letras, artes e ciências.

Para se problematizar como, por meio de seu projeto editorial, o suplemento cultural porto-alegrense se estabeleceu como uma rede de relações entre esses homens e mulheres de letras de setembro 1967 a janeiro 1981, buscou-se uma aproximação com o referencial a respeito das noções associadas aos agentes que compõem uma elite cultural. Situados numa posição dominada do campo de poder – já que normalmente subjugados a poderes como o político e o econômico – esses indivíduos, detentores de saberes específicos associados a uma alta posição na hierarquia social, têm historicamente sido recrutados a partir de grupos de criadores, distribuidores e aplicadores de cultura – além daqueles que, ainda em formação, constituem potenciais integrantes da categoria. Ligados, de forma geral, às produções artísticas, científicas e religiosas, posicionam-se como organizadores da cultura e, por isso, consistem, na trama social, em vetores que as direcionam e impulsionam. Como têm, no domínio da palavra e da escrita, uma condição fundamental para o exercício de sua posição de poder, têm encontrado na imprensa uma possibilidade de posicionamento como sujeitos de destaque no processo de circulação de saberes. Ocupam um lugar decorrente da posse de conhecimento e da voz reverberada e tida como legítima; é, pois, o domínio do código que lhes serve de elemento distintivo e se configura em estratégia com vistas à ocupação dessas posições.

Dentro desse espírito, esses letrados têm, no contexto brasileiro, ocupado espaços restritos já desde os anos 1950, quando modificações no

jornalismo do país fizeram ser reduzido o espaço dado à produção literária e cultural nos jornais. Dedicados a esse tipo de produção, os suplementos culturais – empreendimentos intelectuais coletivos – foram, então, os lugares em que os intelectuais que antes tomavam as páginas dos periódicos do país puderam buscar visibilidade e possibilidades de consagração. É nesse sentido que a elite cultural brasileira, de forma mais específica, tem buscado, historicamente, na imprensa, um lugar para a propagação de suas ideias e para a construção de um campo que a reunisse.

O jornalismo, como forma de conhecimento da realidade, amparado em um contrato de comunicação com o leitor, ocupa uma posição social como sistema pretensamente perito, ou seja, um lugar de curadoria que pretende dizer o que, dentre tudo que a realidade apresenta, deve ser conhecido. Quando esse processo consiste na amplificação do discurso das artes e das ciências, então, tem-se uma associação entre dois lugares de poder – o do jornalismo e o do intelectual – que, ao combinarem capitais simbólicos diferentes – credibilidade e prestígio, respectivamente –, acabam por configurar essa relação, para ambos, como possibilidade de consagração ante o público, a classe dominante e mesmo a elite cultural mais restrita.

Nesse sentido, os suplementos culturais têm-se posicionado como lugares em que a especialização – marcada pelo tempo mais longo, pelas temáticas mais consagradas e pela demanda de uma leitura mais aprofundada – acaba por ter um movimento paradoxal: por um lado, difunde conhecimentos, numa ideia muito amparada nos ideais originais do jornalismo; por outro, ao invés, restringe, já que exatamente se diferencia do corpo principal do jornal por não falar a todos os leitores. Esses encartes seguem, pois, a lógica típica do campo da produção cultural, em que os bens restritos carregam consigo a possibilidade de distinção para quem a eles, de alguma forma, se associa – seja pela produção, pelo consumo ou apenas pela expressão da preferência. São, assim, lugares distintivos, tanto para a publicação que os abriga, quanto para quem os edita, quem neles escreve, quem neles é tematizado ou quem os lê.

Partilhando dessa lógica, o *Caderno de Sábado* se insere na história da intelectualidade sul-rio-grandense como o lugar de reunião dessa elite cultural durante a década de 1970. Ainda que a associação desses agentes em

projetos editoriais não fosse nenhuma novidade em Porto Alegre, a experiência do suplemento do *Correio do Povo* emerge com destaque tanto pela sua longevidade quanto pela sua repercussão. Quando o encarte começou a ser publicado, as experiências como aquelas ligadas à emblemática Editora Globo já não tinham a mesma força. O contexto do final dos anos 1960 e da década seguinte já era marcado por um processo de organização e institucionalização da produção cultural na capital gaúcha, seja em instâncias estatais, no campo acadêmico ou mesmo sob a forma de organizações e associações independentes. Nesse contexto, o suplemento da *Caldas Junior*, ao mesmo tempo formou, ao redor de si, um sistema no correr do tempo; e integrou uma rede de agentes e instituições que transcendia o Rio Grande do Sul. Ganha importância, então, o fato de a publicação estar ligada a um jornal de posição dominante e de ter sido idealizado e executado por jornalistas já de renome e com trânsito pelas esferas intelectuais. Posto em perspectiva histórica, portanto, ganha posição de destaque como aglutinador de intelectuais naquele período e, como documento, resta como registro.

A partir da análise dos dez intelectuais escolhidos para compor o *corpus* de análise deste trabalho, então, é possível perceber o quanto, de dentro do conjunto, emergem alguns traços que aproximam as trajetórias desses sujeitos e, nesse sentido, consistem em nós na rede de relações estabelecida entre eles – em alguns casos já desde décadas anteriores. Primeiramente, é importante destacar os perfis dos editores da publicação – P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich: típicos homens de imprensa daquele período, exerceram dentro da *Caldas Júnior* diferentes posições na cadeia produtiva do jornalismo e, por isso, já tinham prestígio nesse contexto no momento em que iniciaram o novo projeto. Ainda, por suas frequentes e marcantes participações em eventos e instituições do campo da produção cultural da cidade – inclusive em parceria, em alguns casos –, já possuíam trânsito que lhes assegurava uma posição também de destaque ante à intelectualidade local.

Nesse sentido, reuniram, ao redor do projeto, um grupo de participantes ativos e notórios desse processo. Em se tratando dessa ideia, Guilhermino Cesar e Moysés Vellinho são nomes centrais. Vinculados a projetos editoriais, movimentos, organizações culturais e ao poder estatal – estas instâncias típicas por onde a intelectualidade brasileira circulava e se consagrava no

século XX –, já tinham, naquele momento, notoriedade suficiente para, ao mesmo tempo, garantirem recrutamento para a iniciativa e para darem a ela prestígio, já que acumulavam capital simbólico e cultural. Partilhavam, por suas histórias, do ideal dos editores, sobretudo sob o viés da disseminação de um tipo específico de produção cultural, mais alinhada a determinados padrões mais consagrados. Ainda, esses dois agentes já se posicionavam como organizadores do pensamento sulino, principalmente nas áreas da literatura e da história. Já haviam, nesse momento, produzido obras e teses emblemáticas sobre esses temas e, no *Caderno de Sábado*, deram continuidade a essa elaboração.

De maneira semelhante, mas ainda iniciante, também Antonio Hohlfeldt seguiu trilha parecida àquelas desses dois nomes mais consagrados: já presente no suplemento, atuou em órgãos vinculados ao Estado, num momento em que este passava a se ocupar da organização e do fomento de iniciativas culturais. Também, ele participou, sobretudo por meio da crítica literária, da construção da história da literatura brasileira, nas páginas do suplemento, predominantemente a partir de recortes regionais e por gênero – casos da literatura catarinense e do conto brasileiro. Se, para os dois representantes da geração mais velha, a presença no suplemento foi uma consequência de suas atuações anteriores, para o então jovem jornalista e pesquisador em literatura foi o princípio de uma trajetória que, mais tarde, resultaria na ocupação de posições de destaque nos campos jornalístico, político, acadêmico e literário. O suplemento, pois, serviu-lhe para angariar capital simbólico, inclusive pela proximidade com agentes que já tinham uma trajetória semelhante à que ele, depois, viria a desenvolver.

O predomínio de nomes já consagrados, nas páginas do *Caderno de Sábado*, também se evidencia pelas presenças de Mario Quintana e Clarice Lispector. Naqueles últimos anos da década de 1960, já eram ambos autores de destaque em suas áreas de atuação – poesia e prosa, respectivamente. Ainda que com trajetórias diferentes – sobretudo marcadas pelas histórias de vida e pelos contextos e lugares pelos quais passaram – Quintana e Clarice tinham uma relação bastante afetiva com seus públicos: ela, a partir do Rio de Janeiro e de diversos veículos de abrangência nacional; ele, a partir de Porto Alegre e essencialmente no *Correio do Povo*, ainda que tivesse já publicado

em outros periódicos. Eram, assim, ao mesmo tempo, conhecidos e reconhecidos. No encarte, aliás, tal era a aproximação entre eles pelo projeto editorial que dividiam a página dois durante a maior parte do período em que Clarice teve textos publicados.

Nesse sentido, é como se, semanalmente, estivesse presente no *Caderno de Sábado* uma parte do que de melhor se produzia em termos literários no Brasil naquele período. Era, pois, a produção poética e narrativa em curso e pelas mãos de renomados autores; era como se acontecesse aos olhos do leitor. Estava, assim, a imagem do suplemento associada a esse processo. Analogamente, era como se o espaço jornalístico se abrisse para uma espécie de 'ao vivo' da literatura e que, depois, passado o tempo, se tornou documento histórico.

Da mesma forma, a participação de Paulo de Gouvêa representa essa ideia de uma produção em progresso, ainda que fragmentada em uma série de textos, nas páginas do suplemento. Participante de agrupamentos de intelectuais do começo do século, registrou parte significativa suas lembranças e impressões, ou seja, ao mesmo em tempo que construía a memória ao redor daquele período de efervescência literária e cultural, construía sua própria imagem. O espaço por ele ocupado consiste, pois, em um típico caso de autoconstrução pública do intelectual por meio da palavra escrita. O suplemento do *Correio do Povo*, assim, posiciona-se como o espaço para essa construção e, ao participar do registro da história local, nela se insere. E o faz de duas maneiras: como meio para esse processo; e também como integrante, já que Gouvêa era secretário de redação do diário. Por extensão, portanto, era como se o jornal, a partir da trajetória do autor dessas memórias, também delas participasse – aproximação esta evidenciada, inclusive, em um dos textos publicados quando Gouvêa trata de sua relação com o periódico em que trabalhava.

De uma forma diferente, mas também vinculada à memória da cidade, pode-se dizer que Herbert Caro, Mario Quintana, Guilhermino Cesar e Moysés Vellinho traziam, por suas trajetórias, uma ligação com o que fora o empreendimento cultural mais marcante no Rio Grande do Sul e de destaque nacional na primeira metade do século XX: a Editora Globo. Faziam reverberar, na iniciativa cuja gênese se deu no final dos anos 1960, a que se consagrara

nas décadas anteriores. Da mesma forma, a presença de Paulo Hecker Filho ligava o suplemento a uma experiência mais radical, recente e marcante, a do Grupo Quixote. É interessante, inclusive, que estão, no CS, este que é seu membro mais polêmico e o mentor intelectual e incentivador daquele projeto, Guilhermino Cesar. Ao abrigá-los, portanto, o suplemento teria em suas páginas dois momentos dos anseios modernistas brasileiros: um fundador, representado pelo veterano e integrante do Grupo Verde, de Minas Gerais, que atuou na década de 1920; e um seguidor, representado pelo mais jovem e integrante do grupo sulino que teve sua gênese nos anos 1950.

Mesmo que o suplemento tenha sido predominantemente literário, há nele uma diversidade temática consoante com o perfil dileitante de intelectuais com circulação por diversas áreas que compõem o agrupamento aqui analisado. Emblemático nesse sentido, mas não o único, é Herbert Caro: ainda que sua coluna fosse monotemática – dedicada a discos de música erudita –, ele já há muito atuava na literatura – como tradutor de autores consagrados e colunista, sem contar sua experiência como livreiro –, nas artes visuais – como ensaísta e conferencista – e na organização cultural – como na fundação de associações culturais de diferentes tipos.

Dentro do grupo aqui analisado, também, é possível já antever uma mudança importante na produção jornalística do período. Já naquele momento começavam a chegar às redações os primeiros egressos das turmas de jornalistas diplomados pelas universidades. Ney Gastal, filho do editor P. F., é exemplar nesse sentido. Além de bacharel na área, formado pela primeira faculdade de Comunicação Social do Rio Grande do Sul, a da PUCRS, imprimia em seu trabalho traços típicos desse novo modelo de fazer jornalístico que já havia duas décadas começava a se instalar no Brasil. São notórias, por exemplo, as entrevistas que realizava e que eram publicadas no formato de perguntas e respostas já típico dos jornais, mas pouco frequentes no *Caderno de Sábado*. Ainda, em números que editou, Ney redigiu editoriais que ocupavam praticamente uma página inteira e que seguiam o modelo que até hoje é típico de revistas – uma espécie de carta em que o idealizador da publicação se dirige aos leitores para explicar e justificar suas escolhas. Esse modelo de endereçamento público se contrapõe às discretas “notas de

redação” publicadas no rodapé das páginas quando o editor titular, seu pai, estava a cargo da produção.

Sobrevivia, no entanto, uma cultura de certo amadorismo na execução do suplemento: nenhum dos profissionais com vínculo com a Companhia Jornalística Caldas Junior estava plenamente dedicado a essa tarefa – eram seis entre os dez aqui analisados. Todos tinham, na redação do *Correio do Povo*, funções como editores – Gastal e Goidanich –, repórteres – Ney Gastal e Hohlfeldt – ou secretário de redação – Gouvêa. Não eram remunerados, portanto, pelas tarefas ligadas ao encarte semanal. Diferente relação trabalhista com a empresa tinha Mario Quintana: era pago para ser “o poeta do jornal”, ou seja, não tinha nenhuma obrigação fixa, além de sua coluna semanal.

Representativa da importância dada à academia, no suplemento, é a presença de Guilhermino Cesar e de Francisco Riopardense de Macedo – ambos professores e pesquisadores vinculados desde 1959 à já estabelecida UFRGS. Para ambos, o suplemento se configurou como lugar para divulgar os resultados de suas investigações, ainda que de forma muito mais próxima do viés jornalístico do que propriamente acadêmico. Os anos 1970, porém, representaram, na academia um processo de profissionalização – que intensificava o que já vinha acontecendo de forma paulatina desde períodos anteriores. Novamente, a trajetória de Antonio Hohlfeldt é, por isso, divergente daquelas de seus pares mais experientes. Nos anos 1970, sua incursão pela pesquisa acadêmica teve início com um curso de mestrado paralelo à docência.

A partir desse corpo de autores, portanto, é possível entender de que forma o *Caderno de Sábado* se configurou como rede ao operar, pela ação de seus editores, como espaço de recrutamento, reconhecimento e estratificação de intelectuais. De alguma maneira, constitui-se como uma projeção de um circuito da realidade objetivado pelo projeto editorial. Os circuitos da escrita, o Estado e movimentos do campo da produção cultural local emergem, então, como fatores de importância para o jornalismo nesse processo.

Se os aparatos de comunicação consistem em estruturas, meios e processos por meio dos quais as práticas dos homens e mulheres de letras se organizam e se transformam, é possível dizer que os suplementos culturais

acabam por incidir sobre a atuação desses intelectuais e sobre as instituições a que estão vinculados. Direccionam, assim, os modos de competir por prestígio e posição e mesmo a relação desses sujeitos com o restante da sociedade. Ao mesmo tempo, nesse processo de circulação pública de conhecimento – este carregado de poder e capital cultural que pode ser reconvertido em posição social –, as publicações jornalísticas amparam-se no prestígio de produtores, divulgadores e mediadores culturais para reforçarem seu lugar como sistema perito capaz de oferecer à intelectualidade o púlpito necessário à sua condição de existência, o ato de professar.

Dentro desse processo, selecionar, reconhecer e classificar são processos que integram a escrita documental e, portanto, histórica. Ao cooptarem intelectuais para as páginas do *Caderno de Sábado*, então, Gastal e Goidanich, de alguma forma, escreveram a história da intelectualidade. Foram, portanto, intelectuais que, aos atraírem para o projeto editorial que encabeçavam um conjunto de homens e mulheres de cultura que se identificavam com essa iniciativa, formaram uma rede ao seu redor e esta restou como memória, tanto pelo documento que o CS passou a constituir, quanto pelas lembranças ao redor da publicação e de quem a ela se ligou. Dessa maneira, ainda que marcado por um viés do jornalismo e de seus editores, o suplemento representou em seu tempo o desenrolar cronológico de uma época determinada; hoje, passadas mais de três décadas de sua extinção, consiste em recorte datado da sociedade e de seus intelectuais.

Em sentido semelhante àquele que Sirinelli (1998) atribui às gerações, então, o *Caderno de Sábado* representa a união de um grupo de intelectuais sob uma denominação específica. Num jogo de sentidos, o nome do autor passa a ser designado como “do” suplemento; simultaneamente, a publicação passa a ser designada como “do” intelectual. Nesse processo dialético, portanto, associam-se grupo e indivíduo num intercâmbio de capital simbólico que os coloca em posições homólogas tanto no campo intelectual quanto no jornalístico. Nesse sentido, tem-se intelectuais e publicação que, situados entre os dois campos – jornalístico e intelectual –, ocupam posições de destaque e, por isso, dominantes. Resultantes de um processo de diferenciação por meio do qual se fizeram reconhecer, são, pois, referência histórica, o parâmetro para

o que os sucedeu – mesmo que tenham tido vínculos com outros agrupamentos em épocas anteriores.

Na memória seletiva que as elites arrastam consigo – pautada por um designativo que lhes serve de identificação e descrição –, o suplemento consiste num movimento típico da dinâmica das elites culturais: junto com outras iniciativas, é delas espinha dorsal, confere-lhes forma e, simultaneamente, força simbólica que é capaz de sobreviver historicamente. Tanto é que, quando parou de ser editado, em janeiro de 1971, o suplemento do *Correio do Povo* deixou nostalgia para a intelectualidade local. Sintética desse sentimento é a frase do poeta Armindo Trevisan em entrevista dada a Luiz Gonzaga Lopes: “Para mim, o desaparecimento do *Caderno de Sábado* foi um golpe. Tive a impressão de que, com ele, naufragou um projeto cultural. Depois dele vieram outros suplementos, mas nenhum dos ‘substitutos’ o substituiu verdadeiramente” (LOPES, 2014c). A volta do nome em um novo suplemento e a tentativa de ligar a versão mais recente à histórica também é evidência do quanto ficou registrado de forma marcante na memória e no imaginário porto-alegrense.

Nesse sentido, esta tese é um dos intentos de recuperar parte da história do jornalismo e da intelectualidade no Rio Grande do Sul. Pretende, assim, oferecer elementos para a compreensão dos suplementos culturais como articuladores do campo intelectual no Brasil. Documento rico e abordado, neste trabalho, a partir de um recorte bastante específico de investigação, o *Caderno de Sábado* fica, ainda, como documento profícuo para mais análises e mais registros que permitam interpretá-lo como publicação jornalística e, ademais, oferecer elementos para a leitura daquele momento e daquele contexto em que se inseria.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____; MATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. (orgs.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.
- ALMEIDA, Rodrigo Davi. Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais. **Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 2, p. 21-41, jan-jul 2012.
- AMORIM, Sônia Maria de. **Em busca de um tempo perdido**: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp; ComArte; Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.
- AVERBRUCK, Ligia Morrone. **Raul Bopp**: ensaio crítico. Porto Alegre: IEL, 1986.
- BALLERINI, Frantjesco. **Críticos e criticados**: a relação dos críticos de cinema com os diretores da Retomada. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2008.
- BARBOSA, Marialva; COUTINHO, Eduardo; SACRAMENTO, Igor. Editorial. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 1-3, 2013. Disponível em : < http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/issue/view/143/showToc>. Acesso em: 27 fev. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BASSO, Eliane Corti. **Revista Senhor**: modernidade e cultura na imprensa brasileira. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2005.

_____. **Revista Senhor**. modernidade e cultura na imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A Província de São Pedro* e a história da literatura brasileira. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 195-211.

_____. Moysés Vellinho e o ensaio crítico sulino. In: _____ (org.). **Ensaaios literários Moysés Vellinho**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Corag, 2001. p. 25-36.

BELON, Antonio Rodrigues. Intervalos e intercâmbios: Antonio Gramsci e Alfredo Bosi. **Blog convervência**, 25 jul 2015. Disponível em: <<http://blogconvergencia.org/?p=4916>>. Acesso em: 3 nov 2015.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 188-193.

BERTASO, José Otavio. **A Globo da rua da Praia**. São Paulo: Globo, 1993.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antonio. Introdução. In: _____; _____ (orgs.). **O Século das Luzes**: uma herança para todos. Porto Alegre: Tomo; Movimento, 2009. p. 9-14.

BIASOLI, Vítor. **Grupo Quixote**: história e produção poética. Porto Alegre: PUCRS; IEL, 1994a.

_____. Quixotes. **Porto & vírgula**, Porto Alegre, ano III, n. 16, p. 2-11, abr 1994b.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. As maravilhas da arte universal. In: CANDELORO, Rosana (org.). **Herbert Caro**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 31-38.

_____. Década de 50: sopram novos ares. In: GOMES, Paulo (org.). **Artes plásticas no Rio Grande do Sul**: uma panorâmica. Porto Alegre: Lathu Sensu, 2007. p. 96-115.

BORDINI, Maria da Gloria. Imaginação moderna e intimidade com o leitor. In: SCHMIDT, Simone Pereira; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **Mario Quintana**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. p. 7-13.

BOSI, Alfredo. O trabalho dos intelectuais, segundo Gramsci. In: _____. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Atica, 1988. p. 240-249.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. A ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína Amado (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

_____. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

_____. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 30, p. 3-6, nov 1979. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654>. Acesso em: 5 fev 2016.

_____. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Sartre, l'invention de l'intellectuel total. **Agone**, Marseille, n. 26/27, p. 225-232, 2002. Disponível em: <http://atheles.org/lyber_pdf/lyber_401.pdf>. Acesso em: 27 out 2015.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **The field of cultural production**. Nova York: Columbia University Press, 1993.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr 2008.

_____. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.

BRASIL, Assis. **Dicionário prático de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro, 1979.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. São Paulo: Zahar, 2004.

BRIN, Colette; CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Nature e transformation du journalisme**: théorie et recherches empiriques. Québec: Université Laval, 2004.

BRUM, Eliane. Herbert Caro: um saudosista bem humorado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 maio 1990. Caderno D, p.4-5.

BRUNNER, José Joaquín; FLISFISCH, Angel. **Los intelectuales y las instituciones de la cultura**. Santiago: FLACSO, 1983.

BULHÕES, Maria Amelia. A roda da fortuna: o modernismo se consolida e emergem seus primeiros questionamentos. In: GOMES, Paulo (org.). **Artes plásticas no Rio Grande do Sul**: uma panorâmica. Porto Alegre: Lathu Senu, 2007. p. 116-135.

CAIRO, Luiz Roberto. Periódicos brasileiros e instinto de americanidade: projetos entrecruzados. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 45-52.

CAMARGO, Maria Lucia B. Sobre revistas, periódico e qualis tais. **Outra Travessia**, Florianópolis, p. 21-36, 2. sem 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/issue/view/1197/showToc>>. Acesso em: 20 nov 2015.

_____. Resistência e crítica: revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. **Revista Iberoamericana**, Pittsburg, v. LXX, n. 208-209, p. 891-913, jul-dez 2004. Disponível em: < <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/5516/5667>>. Acesso em: 15 nov 2015.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. In: KOHUT, Carl (ed.). **Palavra e poder**: os intelectuais na sociedade brasileira. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 92-111.

CAMPOS, Maria do Carmo (org.). **Guilhermino Cesar**: memória e horizonte. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. O poeta no jornal. In: CESAR, Guilhermino. **Caderno de Sábado**: páginas escolhidas. Caxias do Sul: Educs, 2008. p. 11-14.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CANDELORO, Rosana J. Um intelectual multifacetado. In: _____. **Herbert Caro**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 11-15.

CARDOSO, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo. História e análise de textos. In: _____; _____ (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-400.

CARDOSO, Everton. Bom gosto e prestígio em um suplemento cultural: a lógica o Cardeno de Sábado do Correio do Povo em seu próprio discurso (Porto Alegre, 1967-1981). **Conexão** – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 133-147, jul-dez 2010.

Do projeto enciclopédico ao guia de consumo: os modelos de suplemento semanal de cultura do *Caderno de Sábado* (1967) e do *Letras & Livros* (1981) do jornal *Correio do Povo* (Porto Alegre). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13., 2015, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2015.

_____. **Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo*** (Porto Alegre, 1967-1969). 2009. Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____; GOLIN, Cida. **Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo*** (Porto Alegre, 1967-1969). **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.137-151, dez. 2009.

CARNEIRO, Luiza. Com espírito coletivo, Auditório Araujo Vianna reabre em Porto Alegre. **G1 RS**, Porto Alegre, 20 set 2012. Disponível em: <
<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/09/com-espírito-coletivo-auditorio-araujo-vianna-reabre-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 10 abr 2016.

CARVALHAL, Tania Franco. A crítica literária na França do século XVIII. In: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antonio (orgs.). **O Século das Luzes: uma herança para todos**. Porto Alegre: Tomo; Movimento, 2009. p. 111-117.

_____. Guilhermino Cesar: do efêmero ao permanente. In: CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura**. Porto Alegre: IEL; UFRGS, 1994. p. 9-19.

_____. Periodismo, P. F. Gastal e o *Caderno de Sábado*. **Continente Sul Sur**: revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n. 2, p. 11-16, nov 1996.

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **Jornalismo cultural e personalização: o acionamento do perito nas capas da revista *Bravo!* (1997-2013)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CESAR, Guilhermino. **Caderno de Sábado**: páginas escolhidas. Caxias do Sul: Educs, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHAVES, Flávio Loureiro. O ensaio literário no Rio Grande do Sul. In: _____ (org.). **O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; Brasília: INL, 1979. p. IX-XLIII.

CIMENTI, Jaime. Criação e difusão no periodismo cultural. **Continente Sul Sur**, Porto Alegre, n. 2, p. 65-68, 1996.

CLEMENTE, Ir. Elvo. As revistas da Livraria do Globo. **Continente Sul Sur**: revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n. 2, p. 121-132, nov 1996.

COHN, Sergio. **Revistas de invenção**: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

CORADINI, Odaci Luiz. AS missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 125-144, 2003.

CORDENOSI, Ana Maria. **Jornalismo cultural e sociabilidade moderna**: estudo do caderno *Eu & Fim de Semana* do jornal *Valor Econômico*. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2009.

CORTE REAL, Antônio. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1984.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. **História da literatura brasiliense**. Brasília: Thesaurus, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre formas e ideias. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

_____. Intelectuais, luta política e hegemonia cultural. In: MORAES, Dênis (org.). **Combates e utopias**: os intelectuais num mundo em crise. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 315-337.

COUTO, Cristiano Pinheiro de Paula. **Intelectuais e exílios**: confronto de resistências em revistas culturais – Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia (1978-1984). Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DECCA, Edgar Salvadori de. Os intelectuais e a redemocratização no Brasil. In: KOHUT, Carl (ed.). **Palavra e poder**: os intelectuais na sociedade brasileira. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 43-52.

DELFO – Espaço de documentação e memória cultural. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=capa>>. Acesso em: 10 jan 2016.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo**: história e memórias. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1997.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert. **La civilisation des moeurs**. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

ENCICLOPEDIA de literatura brasileira. Rio de Janeiro: MEC, 1990. 2 v. Organização da Oficina Literária Afrânio Coutinho.

ESTIMA, Vinícius Marques. **A História da literatura do Rio Grande do Sul, de Guilhermino Cesar**: o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

FARACO, Sérgio; Hickman, Blasio. Quem é quem nas letras rio-grandenses. Porto Alegre: SMEC, 1983.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 28, n. 46, p. 143-163, 2006. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3871/3384>>. Acesso em: 10 abr 2016.

FÉRNANDEZ BUEY, Francisco. Da invenção do príncipe moderno à controvérsia sobre o príncipe pós-moderno. In: MORAES, Dênis (org.). **Combates e utopias**: os intelectuais num mundo em crise. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 121-145.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FISCHER, Luís Augusto. **50 anos de Feira do Livro**: vida cultural em Porto Alegre, 1954-2004.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. CIPEL. . In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Novo Século, 1999. p. 54-55.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. **A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no *Correio do Povo* (1968-1980): da torre de marfim ao rés-do-chão.** 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GADINI, Sergio. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Paulus, 2009.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior.** 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo 1940 - 1950.** São Paulo: SENAC São Paulo, 1998.

GASPARI, Helio. Alice e o camaleão. In: _____; HOLLANDA, Heloisa Buarque; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GASTAL, Ney. Uma vida em três amores. In: GASTAL, P. F. **Cadernos de cinema de P. F. Gastal.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996. p. 251-266.

_____. O papel do Cinema. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 77-80, 21 fev. 1948.

GENRO, Tarso. RS, tradição jurídica e relações políticas: um estudo introdutório. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: cultura & ideologia.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 89-112.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991.

GOLIN, Cida. Academias literárias. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Novo Século, 1999. p.11-12.

_____. Em Porto Alegre, a Madrugada literária dos modernistas. In: RAMOS, Paula (org.). **A Madrugada da Modernidade (1926).** Porto Alegre: UniRitter, 2006. p. 32-43.

_____. Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do Caderno de Sábado. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, n. 2, v. 2, p. 133-142, 2005.

_____; RAMOS, Paula Viviane. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista Madrugada (1926). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 33, p. 106-114, ago 2007.

_____. Moysés Vellinho: anotações sobre um homem da Província. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (org.). **Ensaio literários Moysés Vellinho**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Corag, 2001. p. 9-24.

_____; _____. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (orgs.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom, 2010. p. 184-203.

_____; _____. SIRENA, Mariana; LINHARES, Bruna. O arquivo no espaço do efêmero: a consolidação do formato suplemento cultural na imprensa do RS em 1967. **Eco-Pós**, n. 16, p. 108-124, 2013.

_____; _____. Pesquisas sobre jornalismo e sistema de cultura: Análise de Conteúdo como metodologia para construção de panorâmicas, índices e padrões comparativos entre periódicos. In: JORGE, Thaís de Mendonça. **Notícia em fragmentos: o desafio de aplicar a Análise de Conteúdo ao Jornalismo Digital**. 2015.

_____; _____. Jornalismo cultural: pesquisa internacional sobre artigos registrados em base de dados. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em : <
<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/334>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

_____; _____. KELLER, Sara; MUZYKANT, Priscila. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 54, p. 127-147, jul. dez. 2010. Disponível em: <
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2053/2315>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio...: os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.

GOMES, Paulo. A cultura e o ano de 54. In: _____. GRECO, Vera. **Memória do Museu**. Porto Alegre: MARGS, 2005. p. 24-28.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1980.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José Hildebrando; _____ (orgs.). **RS: cultura & ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 113-132.

_____. O registro de uma revolução. **Livros A+**, Porto Alegre, 1 mar 2014. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=354>>. Acesso em 4 abr 2016.

GOUVÊA, Paulo de. **O grupo: outras figuras, outras paisagens**. Porto Alegre: Movimento; Instituto Estadual do Livro, 1976.

GRAMSCI, Antonio. Contribuições pra uma história dos intelectuais. In: _____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 1-23.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1999. P. 224-248.

HERCHMANN, Viviane Viebrantz. **Moysés Vellinho (1901-1980): o intelectual da província**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HESSEL, Lothar. **CIPEL: 20 anos de pesquisas (1966-1986)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

HOFFMANN, Ana Maria Pimenta. **Crítica de arte e Bienais: as contribuições de Geraldo Ferraz**. Tese (Doutorado em Artes Plásticas)– Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **E-Compós**, Brasília, v. 7, dez 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/118/117>>. Acesso em: 23 mar 2016.

_____. **A literatura catarinense em busca de identidade: o conto**. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1985.

_____. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

_____. Do amadorismo à profissionalização. In: GOMES, Paulo; GRECO, Vera. **Memória do Museu**. Porto Alegre: MARGS, 2005. p. 86-87.

_____. Jornalismo cultural: uma perspectiva. **Continente Sul Sur**: revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n. 2, p. 57-64, nov 1996.

_____. O projeto da *Enciclopédia* e seus desdobramentos sobre a liberdade de imprensa. In: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; _____ (orgs.). **O Século das Luzes: uma herança para todos**. Porto Alegre: Tomo; Movimento, 2009. p. 15-34.

_____. Relações entre jornalismo e literatura na década dos 70. In: KOHUT, Carl (ed.). **Palavra e poder**: os intelectuais na sociedade brasileira. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 125-139.

_____; VALLES, Rafael Rosinato. **Dois pioneiros da Comunicação no Rio Grande do Sul**: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A luta dos sufocados e o prazer dos retornados. In: GASPARI, Helio; _____; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000a.

_____. Antônio Callado, profissão escritor. In: GASPARI, Helio; _____; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000b.

_____. Depois do poemão. In: GASPARI, Helio; _____; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000c.

_____. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. O destino dos bons rios. In: GASPARI, Helio; _____; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000d.

_____; GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HORTA, Anderson Braga. A poesia rege Brasília. **Cerrados**, Brasília, n. 5, 1996. p. 76-86. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/12795/pdf_138>. Acesso em: 11 mar 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Guilhermino Cesar**. Porto Alegre: IEL, 1986.

_____. **Mario Quintana**. Porto Alegre: IEL, 1984.

JACOBUS, Rodrigo Maciel. **Um nobre bufão no reino da grande imprensa**: a construção do personagem Barão de Itararé na paródia jornalística do semanário *A Manhã* (1926-1935). 2010. Dissertação (Mestrado Comunicação e Informação) Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KELLER, Sara. **Um mapa da vida cultural no RS**: análise do caderno *Cultura de Zero Hora*. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KOHUT, Carl . Introdução: palavra e poder: reflexões em torno ao intelectual latino-americano. In: _____(ed.). **Palavra e poder**: os intelectuais na sociedade brasileira. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 29-42.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido. Teoría y práctica**. Barcelona: Paidós, 1997.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 8, n. 14-15, p. 57-92, 2001. Disponível em: <
http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/84/85>. Acesso em: 20 nov 2015.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, Zé. **Raul Bopp**. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

LIPSET, Seymour Martin. American intellectuals: their politics and status. *Daedalus*, Massachusetts, v. 88, n. 3, p. 460-486, summer 1959. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20026515?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 fev 2016.

LOPES, Luiz Gonzaga. “A terra prometida dos novos autores. **Livros A+**, Porto Alegre, 1 mar 2014a. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=350>>. Acesso em: 4 abr 2016.

_____. *Caderno de Sábado*. **Livros A+**, Porto Alegre, 1 mar 2014b. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=344>>. Acesso em: 4 abr 2016.

_____. “O *Caderno de Sábado* era uma espécie de fórum literário”. **Livros A+**, Porto Alegre, 2 mar 2014c. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/livrosamais/?p=367>>. Acesso em: 4 abr 2016.

LORENZO-FERNÁNDEZ, Oscar S. O papel do intelectual no Brasil: uma perspectiva recente. In: KOHUT, Carl (ed.). **Palavra e poder**: os intelectuais na sociedade brasileira. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 29-42.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta que ele faz!**: 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; UFRGS, 2008.

_____. **Quando éramos jovens**: história do Clube de Cinema de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS; Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

LUSTOSA, Isabel. Uma imprensa ilustrada: os primeiros jornalistas brasileiros e seu lugar no mundo português. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 13-25.

MADALENA, Antonio. Iluminar as luzes: desdobrar o Iluminismo. In: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antonio (orgs.). **O Século das Luzes**: uma herança para todos. Porto Alegre: Tomo; Movimento, 2009. p. 35-43.

MAROCCO, Beatriz. A palavra dos intelectuais na mídia. In: TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges (orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Polígrafo do Curso de Pós-Graduação em Sociologia Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991. [mimeo]

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa, história e literatura: conjugando discursos. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 27-44.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

_____. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP; Fapesp, 2008.

MARTINS, Cyro. **Escritores gaúchos**. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MARTINS, Luciano. A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil (1920-1940). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 4, v. 2, jul; 1987. Disponível em: <
http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=233:rbc-04&catid=69:rbc&Itemid=399>. Acesso em: 18 nov 2015.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**: volume VII (1933-1960). São Paulo: Cultrix; USP, 1977-1978.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher, 2013.

- MEDEIROS, Rúbia. **Revista Bravo!**: Transição do cultural para o comercial. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2008.
- MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? In: **Media & Jornalismo**, v.1, n.1, 2002, p. 9-22. Disponível em <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 21 jun. 2007.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural**: iniciação, teoria e temas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MELLO, Renato Dias de. **A pintura verbal de Armino Trevisan**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MERQUIOR, José Guilherme. Situación del escritor. In: AMÉRICA Latina em su literatura. 9. ed. México: Siglo Ventiuno, 1984.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. *Tempo social: Revista de Sociologia*, v. 11, n. 1, São Paulo: USP, maio de 1999.
- MOGENDORFF, Janine Regina. **A cidade ofertada pelo jornalismo cultural**: análise da coluna *Seleção da Semana* de *O Estado de São Paulo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: história e memórias da cidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.
- MONTEIRO, Lorena Madruga. O resto não é silêncio: a polêmica de Erico Verissimo com Pe. Leonardo Fritzen, SJ, e a bipolarização do “campo” intelectual na Porto Alegre dos anos 1940. **Perspectivas**, São Paulo, v. 40, p. 121-143, jul-dez 2011.
- MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MOREIRA, Maria Eunice. A Sociedade Partenon Literário e a formação da literatura no Rio Grande do Sul. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 125-138.
- MOREIRA, Alice Therezinha Campos. Livraria e *Revista do Globo*. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Novo Século, 1999. p. 109-110.

_____. Revista *Província de São Pedro*: órgão por excelência da província brasileira. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 37-44, jan 2001.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**. São Paulo: 34, 2008.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal**: da forma ao sentido. Organização: Sérgio Dyrell Porto. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

MÜLLER, Mariana Scalabrin. **O prestígio na capa**: a construção jornalística do editor de livros no suplemento *Sabático* de *O Estado de São Paulo* (2010-2013). 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NAUMANN, Peter. Sete fragmentos para um retrato. In: CANDELORO, Rosana (org.). **Herbert Caro**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 17-22.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais**: a crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.

OBINO, Aldo. **Aldo Obino**: notas de arte. Organização: Cida Golin. Porto Alegre: MARGS; Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

OLIVEIRA, Viviane Critina. **Escritos em prosa e verso de Raul Bopp**: releituras do Modernismo. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (eds.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PAIXÃO, Roseane Cristina da. **Quando a arte imita a vida**: ficção e memória nos diários de Lucio Cardoso e Walmir Ayala. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2011.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PERRUSO, Marco Antonio. Em busca do “novo”: movimentos sociais no pensamento social brasileiro dos anos 1970/80. **Perspectivas**, São Paulo, v. 37, p. 249-268, jan.-jun. 2010.

PINTO, Louis. L'espace public comme construction journalistique: les auteurs de 'tribunes' dans la presse écrite. **Agone**, Marseille, n. 26/27, p. 225-232, 2002. Disponível em: <http://atheles.org/lyber_pdf/lyber_401.pdf>. Acesso em: 27 out 2015.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

POLACOW, Patricia Ozores. **O caderno Folhetim e o jornalismo cultural da Folha de S. Paulo**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2007.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Um projeto para dois mundos: as ilustrações luso-brasileiras. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 53-75.

RAMOS, Paula Viviane. **Artistas ilustradores**: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração. 2007. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2007.

REVERBEL, Carlos; LAITANO, Cláudia. **Arca de Blau**: memórias. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 137-149.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo social**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12455/14232>>. Acesso em: 20 nov 2015.

RIVERA, Jorge. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

ROCHA, Felipe Soares. **Celebração midiática e cultura**: o olhar ilustrado da *Folha de S. Paulo* sobre a SPFW/2006. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: teoria, questões e 'estórias'. Lisboa: Veja, 1993. p. 27-33.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Da crítica à história**: Moysés Vellinho e a trama entre província e a nação. 2006. Tese (Doutorado em História) –

Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. Regionalismo, modernidade e legitimidades intelectuais: Moysés Vellinho e Erico Verissimo (1930 a 1964). **História, ciências, saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, out-dez 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000400009>. Acesso em 24 fev 2016.

RODRIGUES, Sandra Tessler. **A literatura infantil na Revista do Globo**: a que leitor se destina? Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROSA, Renato; PRESSER, Decio. **Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

ROSSATO, Ricardo; MAGDALENA, Beatriz Corso. **Universidades gaúchas: impasses e alternativas: o ensino superior no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: UFSM, 1995.

ROUANET, Sergio Paulo. A crise dos universais. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 69-83.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SALVARO, Geni Panizzon. A revista *Província de São Pedro*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 35-50, jan 1990.

SANGMEISTER, Hartmut. Os intelectuais e o Estado no processo de (re-) democratização: uma relação ambígua. In: KOHUT, Carl (ed.). **Palavra e poder: os intelectuais na sociedade brasileira**. Frankfurt: Vervuert, 1991. p. 53-61.

SARLO, Beatriz. A voz universal que toma partido? In: MORAES, Dênis (org.). **Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 173-184.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SAID, Edward. O papel público de escritores e intelectuais. In: MORAES, Dênis (org.). **Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 25-50.

_____. **Representations of the intellectual**. New York: Vintage Books, 1996.

SANT'ANNA, Affonso Romano. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (org.). **Espaços na mídia: história, cultura e esporte**. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 36-49.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitanismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SCAPARI, Zília Mara Pastorelli. Presença da literatura francesa. In: SCHMIDT, Simone Pereira; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **Mario Quintana**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. p. 72-93.

SCHMIDT, Simone Pereira. A cidade por detrás da vidraça. In: _____; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **Mario Quintana**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. p. 61-64.

SILVA, Francilene de Oliveira. **Protagonistas do cotidiano na revista *piauí***. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2009.

SILVA, Franklin Leopoldo e. O imperativo ético de Sartre. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 151-160.

SILVA, Renata Rufino da. Monteiro Lobato e a *Revista do Brasil* (1916-1925): representações de ciência, literatura, arte e história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de História (ANPUH), 2011. Disponível em: <
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300666284_ARQUIVO_RenataRufinotextoanpuhsp.pdf>. Acesso em: 21 fev 2016.

SILVA, Vivian Ighes Albertoni. **Guilhermino Cesar e o *Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo*: em busca do ouvido certo**. 2010. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em pauta: um estudo sobre o Jornalismo Cultural**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 1998.

SILVESTRE, Elenita Soares. **Ilha e outras insularidades na ficção de Emanuel Medeiros Vieira**. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Literatura, Florianópolis, 1997.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. As resenhas de livros simbolistas no vespertino *A Notícia* (1897-1905). In: _____; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI,

Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009.

SIRENA, Mariana Silva. **O circuito artístico de Porto Alegre na década de 1950 a partir do jornalismo**: análise da coluna *Notas de Arte*, de Aldo Obino, no Correio do Povo. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Alain e les siens: sociabilité du milieu intellectuel e responsabilité du clerc. **Revue française de science politique**, ano 38, n. 2, p. 272-283, 1988.

_____. As elites culturais. In : RIOUX, Jean-Pierre ; _____. **Para uma história cultural**. Lisboa : Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. Génération, générations. **Vingtième siècle**: revue d'histoire, Cairn, n. 98, p. 113-124, 2. sem. 2008. Disponível em: < <http://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2008-2-page-113.htm>>. Acesso em: 29 set 2015.

_____. Le hasard ou la nécessité ? Une histoire en chantier : l'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle** : revue d'histoire, Paris, v. 9, n. 1, p. 97-108, 1986.

_____. Les quatre saisons des clercs. **Vingtième Siècle**: revue d'histoire. n. 60, p. 43-57, out-dez 1998. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_1998_num_60_1_2757>. Acesso em: 24 set 2015.

_____. Os intelectuais. RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande**: volume I. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SPINELLI, Teniza. Respirando arte e cultura. In: GOMES, Paulo; GRECO, Vera. **Memória do Museu**. Porto Alegre: MARGS, 2005. p. 96-100.

SPIRY, Zsuzsanna Filomena. **Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

STERZI, Eduardo. Instituto Estadual do Livro. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário**

da Literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Novo Século, 1999. p. 88-89.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TEIXEIRA, Jerônimo. Instituto Histórico e Geográfico do RGS. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Novo Século, 1999. p. 89-90.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.

TORRES, Fiorina Matilde Macedo. Partenon Literário. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (orgs.). **Pequeno dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Novo Século, 1999. p. 141-142.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40.** São Paulo: USP; Com-Arte; UFRGS, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2005. 2v.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. **Revista Cult: canal de expressão pública da produção intelectual.** 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo, 2006.

TUBAU, Iván. **Teoría y práctica del periodismo cultural.** Barcelona: Asesoría Técnica de Ediciones, 1982.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'.** Lisboa: Vega, 1993. p. 74-90.

VARELA, Elizabeth Catoia. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil e Neoconcretismo: relações e manifestações.* 2009. Dissertação (Mestrado em História e crítica de arte) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VAZQUEZ, Karina. Redes intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920. **Tempo social,** São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12455/14232>>. Acesso em: 20 nov 2015.

VENTURA, Zuenir. A falta de ar. In: GASPARI, Helio; HOLLANDA, Heloisa Buarque; _____. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000a.

_____. Depois de 21 anos, o desacordo. In: GASPARI, Helio; HOLLANDA, Heloisa Buarque; _____. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000b.

_____. Vazio cultural. In: GASPARI, Helio; HOLLANDA, Heloisa Buarque; _____. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000c.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. O tradutor. In: SCHMIDT, Simone Pereira; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **Mario Quintana**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. p. 94-97.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 1, p. 63-85, 2008.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. **Índice dos autores e materiais dos vinte e um números da revista *Província de São Pedro***. Porto Alegre: [s.n.], 1963. Mimeografado.

_____. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974.

WEINHERDT, Marilene. Indexação do *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*: relato de uma experiência. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação**. São Paulo: Nankin, 2009. p. 213-221.

WERNECK, Humberto. Meu suplemento inesquecível. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 1.337, p. 3-6, jul-ago 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WINOCK, Michel. Les affaires Dreyfuss. **Vingtième Siècle: Revue d'histoire**, Paris, n. 5, p. 19-38, jan./mar. 1985. Disponível em: <
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_1985_num_5_1_1113>. Acesso em: 23 fev. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5.ed. Lisboa: Presença, 1999.

WOLFF, Francis. Dilemas dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-68.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. Caro tradutor. In: CANDELORO, Rosana (org.). **Herbert Caro**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995. p. 26-30.

_____. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

ZOLA, Émile. **J'accuse...!** A verdade em marcha. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ANEXOS

Anexo I

Análise de Conteúdo (digital)

Anexo II

Tabela com dados biográficos dos autores analisados

	Mario Quintana	Guilhermino César	Herbert Caro	Antônio Carlos Hohlfeldt	Paulo de Gouvêa	Clarice Lispector	Francisco Riopardense de Macedo	Paulo Hecker Filho	Moyisés Vellinho	Ney de Araújo Gastal	P. F. Gastal	Oswaldo Goldsich
Nascimento	1906	1908	1906	1948	1901	1925	1921	1926	1902	1951	1922	1917
Morte	1994	1993	1981	-	1988	1977	2007	2005	1980	-	1956	1995
Naturalidade	Alegrete	Eugenópolis	Berlim	Porto Alegre	São Vicente do Sul	Tchetchelnyk	Porto Alegre	Porto Alegre	Santa Maria	Pelotas	Pelotas	Porto Alegre
Estado	RS	MG	-	RS	RS	-	RS	RS	RS	RS	RS	RS
País	Brasil	Brasil	Alemanha	Brasil	Brasil	Ucrânia	Brasil	Brasil	Brasil	Brasil	Brasil	Brasil
Chegada a Porto Alegre	1919 (como interno no Colégio Militar)	1943 (como secretário do interventor federal)	1935 (em decorrência da Segunda Guerra Mundial)	Nascido	?	-	Nascido	Nascido	1911	1946	1946	-
Cidade de atuação/residência	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre
Estudos primários	Escola Elementar de Dona Mimi Contino (Alegrete, 1914)	Grupo Escolar Astolfo Dutra (Catsiguases, 1920)		Estudou no Colégio Estadual Júlio de Castilhos (POA)	Cachoieira do Sul	Grupo Escolar João Barbalho, Colégio Hebraico-Idiósch-Brasileiro (Recife)		Escola da profa. Cecida Fontoura e Colégio Paroquial São Luiz (Santa Maria)				
Estudos secundários	Escola Primária do Prof. Antônio Cabral Beirão (Alegrete, 1915-1918)	Colégio de Catsiguases (1921-1926)		Colégio Estadual Júlio de Castilhos (POA)	Anchieta (Porto Alegre)	Colégio Pernambuco (Recife), Colégio Sílvia Leite e Colégio Andrews (RJ)			Anchieta e Julio de Castilhos (Porto Alegre)			Anchieta (Porto Alegre)
Área de formação universitária		Direito	Direito, Filosofia	Letras		Direito	Engenharia, Urbanismo	Direito	Direito	Jornalismo		
Doutorado	Honoris Causa pela UFRGS (1982), pela PUCRS e pela Unisinos (1986), e pela UFRJ e pela Unicamp (1989)	Honoris Causa pela Universidade de Coimbra (1964)		Letras (PUCRS, 1998)		Jornalismo (não concluído)			Honoris Causa pela UFRGS (1979)			

Instituição de formação universitária	Mario Quintana	Guilhermino Cesar	Herbert Caro	Antônio Carlos Hoffelidt UFRGS	Paulo de Gouvêa	Clarice Lispector	Francisco Riopardense de Macedo	Paulo Hecker Filho	Moysés Vellinho	Ney de Araújo Gastal	P. F. Gastal	Oswaldo Goldanich
		Faculdade de Direito de Belo Horizonte	Universidade de Heidelberg (Alemanha) Faculdade de Dijon (França)	Hoffelidt UFRGS		Faculdade Nacional de Direito	Escola de Engenharia de Porto Alegre, Instituto de Artes (UFRGS)	Faculdade de Direito de Porto Alegre (1949)	Faculdade de Direito de Porto Alegre (1926)	PUCRS		
Estatuto profissional	Poeta, tradutor, jornalista, cronista e cronista	Jornalista, poeta, romancista, ensaísta, sociólogo, historiador, crítico literário e pesquisador	Crítico de música e de arte, livreiro, conferencista e cronista	Professor universitário, pesquisador, jornalista, crítico literário e de teatro	Jornalista, poeta, humorista, teatrólogo e crítico teatral	Romancista, contista, cronista, tradutora e jornalista	Engenheiro, urbanista, professor universitário, historiador e artista	Advogado, poeta, teatrólogo, tradutor e crítico literário	Promotor público, burocrata, crítico literário, historiador e ensaísta	Jornalista	Jornalista, crítico de cinema	Jornalista, artista plástico, profissional de turismo, servidor público
Atuação profissional no jornalismo	Estado do Rio Grande (1929-1931) Correio do Povo (1953-1984) - redator	Estado de Minas, A Tribuna, Folha de Minas, Diário de Minas Gerais (Belo Horizonte, 1932-...) - crítico Diário da Tarde (Belo Horizonte, 1931-1932) - fundador e redator O Diário (Belo Horizonte, 1933-1934) - secretário	Correio do Povo	Correio do Povo, Folha da Tarde, Jornal do Comércio (Porto Alegre)	Pinguim, Pasquino (revistas humorísticas), Porto Alegre, Diário de Notícias (1926), Diário da Noite (1938), Correio do Povo	Agência Nacional, A Noite (RJ), Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário da Noite, Última Hora (RJ) - cronista e articulista Jornal Comício Revista Senhor Revistas Manchete e Fatos & Fotos		Revista Crucial (1950, Porto Alegre) Colaborações com Correio do Povo, Zero Hora e O Estado de São Paulo	A Federação, Diário de Notícias (Porto Alegre), Revista Província de São Pedro (Porto Alegre)	Correio do Povo e Folha da Tarde Folha de São Paulo (SP)	Diário Popular (Pelotas, 1941-1949) Revista do globo (Porto Alegre, 1946-1949) Correio do povo (Porto Alegre, 1949-1979) O Estado de São Paulo (São Paulo, 1948-1972) Folha da Tarde (Porto Alegre, 1948-1972). Diário do Sul e RS (Porto Alegre, anos 1980)	O Estado do Rio Grande (1940) A Noção (1941) Diário de Notícias (1942) Correio do povo (1943-1974)

	Mario Quintana	Guilhermino Cesar	Herbert Caro	Antônio Carlos Hohlfeldt	Paulo de Gouvêa	Clarice Lispector	Francisco Riopardense de Macedo	Paulo Hecker Filho	Moysés Vellinho	Ney de Araújo Gastal	P. F. Gastal	Oswaldo Goidanich
Colaborações para periódicos culturais e intelectuais	Revista <i>Hyloea</i> , da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar (1919-1924) <i>Província de São Pedro</i> <i>Cademo de Sábado, Letras & Livros</i>	Revista <i>Verde</i> (Cataguases, 1927) Revista <i>Leite Cebado</i> (1929, Belo Horizonte) Revista <i>Organon</i> (Faculdade de Filosofia, Porto Alegre)		<i>Cultura (Brasil)</i> , <i>A Tribuna da Imprensa (RJ)</i> , <i>Coneto das Artes (PB)</i> , <i>Suplemento Literário (MG)</i> , <i>Diário de Goiás (GO)</i> - crítico			Secretaria de Obras Públicas do RS, Comissão Permanente de Estudo e Defesa do Patrimônio Cultural (Porto Alegre, desde 1956)		Revista <i>do Globo</i> (Porto Alegre, 1946-1949)			
Entidades de Reconhecimento e congregação		Grêmio Literário (Eugêniópolis, 1921-1923) Instituto Histórico e Geográfico do RS (1949)			Academia Rio-Grandense de Letras Associação Brasileira de Imprensa Associação Rio-Grandense de Imprensa		Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL)		Instituto Histórico e Geográfico do RS (1949) OSPA (1952-1972) Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano (1963-1964) Aliança Francesa (1965-1969) Conselho Federal de Cultura (1967)			Associação de Artes Plásticas Chico Lisboa (1940-1953) Associação Riograndense de Imprensa (1992)
Prêmios e honrarias	Prêmio Fernando Chinaglia (1966) Cidadão Honorário de Porto Alegre (1967) Homenagem em Alegrete (1968) Prêmio Pen	Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra (1964) Dá nome ao Núcleo de Letras da UFRGS	Cruz do Mérito, primeira classe (República Federal da Alemanha, 1974) Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (1983, pela tradução)	Intelectual do ano (2010, Prefeitura Municipal de Porto Alegre) Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2008)		Prêmio Graça Aranha (1944) Prêmio Dolores Barbosa (1956) Prêmio Jabuti (1961, por <i>Laços de Família</i>) Ordem do Calunga			Doutor Honoris Causa pela UFRGS (1979) Patrono da 26ª Feira do Livro de Porto Alegre (1980) Dá nome à sala de cinema da Usina do Gasômetro		Patrono da 38ª Feira do Livro de Porto Alegre (1992)	Medalha do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972) Cavaleiro Oficial da República Italiana (1976) Medalha Negrinho do Pastoreio

	Mario Quintana	Guilhermino Cesar	Herbert Caro	Antônio Carlos Hohlfeldt	Paulo de Gouvêa	Clarice Lispector	Francisco Riopardense de Macedo	Paulo Hecker Filho	Moysés Vellinho	Ney de Araujo Gastal	P. F. Gastal	Oswaldo Goldanich
	Clube de Poesia do Brasil (1977) Prêmio Machado de Assis (1980, Academia Brasileira de Letras) Prêmio Jabuti (1981) Dá nome à Casa de Cultura localizada no hotel em que viveu (1983) Doutor Honoris Causa pela UFRGS (1982) Doutor Honoris Causa pela PUCRS (1986)		de <i>A morte de Virgílio</i> , de Hermann Broch Prêmio do Instituto Nacional do Livro (1985, pela tradução de <i>Doutor Fausto</i> , de Thomas Mann) Cidadão emérito de Porto Alegre (1988)	Prêmio Luis Betrán - Maturidade Acadêmica (2007, INTERCOM) Patrono das Feiras do Livro de Porto Alegre, Casapava do Sul e Cidreira (2007) Concurso de reportagem sobre a IV Bienal Internacional do Livro (1976, Câmara Brasileira do Livro)		(1968, Campanha Nacional da Criança, por <i>O mistério do coelho pensante</i>) Golfinho de Ouro (1969, Museu da Imagem e do Som RJ) Prêmio do 10º Concurso Literário Nacional (1976), de Brasília, pelo conjunto da obra Prêmio Jabuti (1978, por <i>A hora da estrela</i>)			Dá nome ao Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre			(1981)